

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – ICH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
(PPGHIS) ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA CULTURAL
LINHA DE PESQUISA – IDENTIDADES, TRADIÇÕES, PROCESSOS.

QUILOMBO DE SÃO DOMINGOS: HISTÓRIA E IDENTIDADE ÉTNICA 1980-2010.

Orientadora: Prof. Dr^a Cléria Botelho da Costa

Vandeir José da Silva

Brasília, setembro de 2010.

Vandeir José da Silva

QUILOMBO DE SÃO DOMINGOS: HISTÓRIA E IDENTIDADE ÉTNICA 1980-2010.

Dissertação apresentada ao Programa de pós -
Graduação em História – PPGHIS – da
Universidade de Brasília – UnB para obtenção do
título de Mestre em História. Sob a orientação da
Professora Dr^a Cléria Botelho da Costa.

BRASÍLIA, 2010

ii

Universidade de Brasília – UnB

QUILOMBO DE SÃO DOMINGOS: HISTÓRIA E IDENTIDADE ÉTNICA 1980-2010.

Vandeir José da Silva

BANCA EXAMINADORA

PROF^a. Dr^a. Cléria Botelho da Costa – UnB

PROF^a. Dr^a. Lucília de Almeida Neves Delgado – UnB

PROF.^o Dr.^o. Christiane Coelho Machado – UnB (SOL)

PROF^a. Dr^a. Nancy Alécio Magalhães – UnB (SUPLENTE)

A meus filhos, Murilo Henrique, Higor Filipe, César Augusto, Vocês que no dia a dia ensinam-me a amar mais e mais. Vocês são a minha inspiração.

A Giselda, pessoa amada e querida. Você que abraçou a vida comigo e me impulsiona a sempre seguir partilhando todos os momentos.

A meus pais, devo a vida e ensinamentos. A você mamãe (in memória) toda gratidão, amor e apreço, você ensinou-me a ser o homem que sou.

Aos meus irmãos que amo.

Aos moradores de São Domingos.

Os povos de matriz africana não foram responsáveis somente pelo povoamento do território brasileiro e pela mão-de-obra escrava. Marcaram e marcam, de forma irreversível, a nossa formação social, tecnológica demográfica e cultural, que, ao longo desses séculos, foi preservada e recriada. São responsáveis pela adequação das técnicas pré-capitalistas brasileiras, aplicadas na mineração, medicina, nutrição, agricultura, arquitetura, pecuária, tecelagem, metalurgia, cerâmica, estratégias militares e construção. Assim como a elaboração do português africanizado, da religião da sua cozinha sagrada e de seus princípios filosóficos.

Rafael Sanzio Araújo dos Anjos

AGRADECIMENTOS

Diante das exigências da elaboração da escrita dessa dissertação e do tempo que se faz necessário para cumpri-lo, posso dizer, depois de finalizá-lo, que é uma grande satisfação! O momento é de alegria e realização, uma vitória. Vitória, que faz refletir acerca dos momentos que também sobrevieram e que são independentes da nossa vontade, como desânimo e algumas vezes desespero, muitas vezes diante da própria limitação. Todavia, a coragem e o otimismo se fizeram mais fortes, transpondo as barreiras pela vontade incondicional de conseguir realizar este grande sonho para alcançar a vitória.

Agradeço em primeiro lugar a Deus por tornar possível a um rapazote que saiu de uma carvoeira para se tornar hoje um mestre pela Universidade de Brasília.

Ao meu pai José Pedro, que com seu jeito simples sempre soube ensinar aos filhos o valor da vida.

A você, mamãe, em cujas mãos eu gostaria poder entregar essa vitória, mas que partiu no ano de 2009, deixando somente a saudade. Quantas orações e pedidos presenciei você fazer, pedindo a Deus para abençoar os 350 Km que separava João Pinheiro de Brasília. Prova de amor nas palavras, nas ações e ensinamentos. Agradeço por ter-me tornado um homem de exemplo e coragem, e não me intimidar diante dos obstáculos. Seus pedidos não ficaram somente na forma simples de sua narrativa: encontrei parte de seu amor também em sua bíblia. Pedacos de papéis rogando a Deus pela segurança na viagem, pelo ingresso no mestrado. Ficou da senhora a imagem, os ensinamentos de amor. Saudade, mamãe...

A Maria José, Maria Cleonice, Vilmar e Alexandre, cunhados e sobrinhos, meu apreço por fazerem parte da minha família.

Aos meus filhos, Murilo Henrique, Higor Filipe e César Augusto, relicário que Deus me concedeu, agradeço o encorajamento e a alegria com que sempre me trataram, mesmo estando muitas vezes ausente. Vocês são o orgulho da minha existência. Amo vocês.

A você, Giselda, esposa querida, que compartilhou de muitas experiências desta dissertação, viajando e ajudando nas anotações sugeridas pela orientadora. Presente em algumas das Festas, superando o limite físico para ficar acordada durante a madrugada fria da noite de São João. Palavras não conseguiriam expressar o sentimento de amor, gratidão e carinho que tenho por você! Você vivenciou comigo todas as etapas deste sonho e se fez presente. Trocamos diálogos acadêmicos e muitas vezes você fez com que eu percebesse, com

colocações sábias, que havia também outras interpretações que enriqueceriam ainda mais o trabalho. Partilho com você o mérito desta conquista. Amo você.

Agradecimento especial a você, Maria Célia, que compartilhou livros e debates comigo e com Giselda. Quantas madrugadas saíamos às quatro e meia da manhã; para despertar, um café forte acompanhado de biscoito de queijo ou bolo. O caminho tornava-se mais ameno, pois você nunca me deixou na mão, vencendo o cansaço sempre que um novo assunto nascia. A companhia sempre foi agradável. Você se tornou minha irmã. Tenho muito orgulho de você.

Manoel Geraldo e Hamilton Moraes, palavras às vezes não conseguem expressar o sentimento de amizade. Que o tempo seja a maior testemunha desse registro. Sejam sempre bem vindos.

Agradeço a todas as pessoas que fazem parte do meu cotidiano: a você, Angélica Alves, meu muito obrigado pela arte da capa, que gentilmente confeccionou; quero vê-la crescer e tornar-se uma grande historiadora. Extensivo esse agradecimento a Merabes, Jeová, Rosângela Braga, exemplos de serenidade. O mundo precisa de pessoas como vocês.

Muito obrigado amigo e pesquisador Monsenhor José Ivan, por tornar possível a pesquisa no arquivo da Diocese de Paracatu.

Agradecimento especial a todos os moradores de São Domingos, que abriram as portas de suas casas, compartilharam suas histórias, acolheram-me sempre com carinho e afetividade.

A você querido mestre professor Dr^o. João Gabriel Lima Cruz Teixeira, agradecer talvez seja pouco. Sua acolhida no grupo de pesquisa como Integrante no Laboratório Transdisciplinar de Estudos sobre a Performance - TRANSE/UNB fez-me hoje o pesquisador que sou. Sua cobrança de leituras, os direcionamentos, o olhar arguto pelos percursos da escrita de trabalhos a serem apresentados em simpósios nacionais e internacional como o de Bogotá trouxe o amadurecimento teórico. Conseqüentemente a experiência trouxe-me o orgulho de dizer que todo esse arcabouço tem muito de você. Enfim, poderia enumerar várias outras qualidades que um grande pesquisador e orientador como você possui, mas com certeza ainda por lapsos de memória ficariam tantas outras sem serem descritas. Por isso fica meu reconhecimento, “amor” e gratidão por tudo. Peço nestas palavras finais, licença para poder chamá-lo com muito orgulho de meu pai intelectual.

Aos professores Dr. Luiz Antonio Pasquetti e Dra. Lucília de Almeida Neves Delgado, agradeço pela valiosa contribuição na banca de qualificação. Os apontamentos foram valiosos para o direcionamento da pesquisa.

De maneira especial, muito obrigado professora Dra Christiane Coêlho Machado por aceitar ler e participar da minha Banca. Sinto-me honrado com sua participação.

A você, professora Dr^a Cléria Botelho da Costa, mais que orientadora, amiga, devo a orientação segura, as críticas, o apoio incondicional e o estímulo durante essa jornada. Agradeço por ter sido minha orientadora. Sua grandeza intelectual e conhecimento foram decisivos para os pontos de reflexão, auxiliando nos possíveis caminhos. Permita chamá-la de minha mãe intelectual. Divido com você os méritos da construção dessa dissertação.

Agradeço de forma especial aos professores, Dra. Márcia Kuyumjian, Dra. Nancy Aléssio Magalhães, Dr. Estevão de Rezende Martins. As leituras para os seminários ajudaram no amadurecimento e no pensar de forma mais madura a pesquisa.

A você, Gabriela Abre Guedes, que com competência e profissionalismo fez a revisão do texto, meus sinceros agradecimentos.

Ao fazer agradecimentos corre-se o risco de deixar pessoas que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização do trabalho, por isto a todos que se fizeram presentes nesta caminhada, meu muito obrigado.

RESUMO

A pesquisa com os moradores remanescentes de quilombo de São Domingos foi balizada nos anos de 1980 – 2010. O objetivo da pesquisa foi analisar as práticas cotidianas com a roça, quintal e a Festa de Caretagem que foram iluminadas com referenciais teóricos e como suporte empírico fontes plurais incluindo entrevistas com narradores locais e documentação em arquivos. O objeto de estudo foi ao longo da pesquisa escrito em quatro capítulos perpassando como fio condutor questões identitárias e cotidiano. No último capítulo o olhar direcionou-se para a Festa de Caretagem. O argumento principal é de que a Festa de Caretagem é uma das maneiras que os remanescentes utilizam para reafirmar a identidade étnica.

PALAVRAS-CHAVE: Remanescente de quilombo, São Domingos, Identidade étnica, Festa de Caretagem.

ABSTRACT

The research with the Quilombo (hiding-place of fugitive Negro slaves) residents remnants of São Domingos was baptism in the years of 1980-2010. The objective of this research was to analyze the daily practice with the farm, back-garden and Caretagem's Party that were shine with theory indications and with empiric support plural sources including interviews with local residents and documentation in archive. The objective of study was for the long of the research writing in four chapters grazing like conducting wire identity questions, daily. In the last chapter the look direction for the Caretagem's Party. Tha principal argument is that the Caretagem's Party is one of the way that the remnants use for reaffirm the ethnic identity.

Key words: remnants of Quilombo, São Domingos, ethnic identity, Caretagem's Party.

LISTAS DE SIGLAS

ABA – Associação Brasileira de Antropologia

KINROSS – Rio Paracatu Mineração

RPM – Rio Paracatu Mineração

FCP – Fundação Cultural Palmares

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

COPO – Comitê Operativo do Programa Fome Zero

SEPPIR – Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

ADCT – Ato das Disposições Constitucionais Transitórias

APMG- PMG – Arquivo Público Michael Gonzaga Paracatu – Minas Gerais

AD - PMG – Arquivo da Diocese de Paracatu - Minas Gerais

APM – Arquivo Público Mineiro

IEFHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas

IPHAN – Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES I

Imagem 01: (Página 33): Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográfica (SIGA), Universidade de Brasília – UnB

Imagem 02: (Página 40): Certidão de Autoreconhecimento como Remanescente de Quilombo da Comunidade de São Domingos, Emitida pela Fundação Cultural Palmares.

Imagem 3 : (Página 42): Município de Paracatu, inserido no Estado de Minas Gerais e no Brasil. Fonte: <http://www.ada.com.br/paracatu/htm/aspfisic.htm>; acesso, 20 de Janeiro de 2009.

Imagem 4: (Página 42): Divisão urbana da cidade de Paracatu em bairros. O mapa permite identificar São Domingos e o Morro do Ouro. Fonte: <http://www.ada.com.br/paracatu/htm/aspfisic.htm>. Acesso, 20 de Janeiro de 2009.

Imagens 5 e 6: (Página 43): Visão da entrada do Arraial de São Domingos sob diferentes ângulos. Local de tradição de garimpeiros, São Domingos possui um relevo acidentado com vegetação, importante para a sobrevivência dos moradores. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 7 e 8: (Página 44): Visão da entrada de São Domingos. As setas amarelas são indicadores de trilhas feitas pelos moradores que saíam para garimpar na parte alta do Morro do Ouro. A seta branca localiza os poços artesianos que abastecem os moradores. Os postes de eletricidades margeiam a estrada e as ruas do povoado. É possível perceber algumas casas com suas pastagem; do lado direito, está o campo de futebol. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 9 e 10: (Página 45): Sede da Associação de Remanescentes. Placa de inauguração da Sede da Associação dos Remanescentes dos Escravos E Quilombolas do São Domingos do Paracatu MG, inaugurada em 26 de maio de 2007. Fonte: arquivo do pesquisador, 2007.

Imagem 11: (Página 46): A imagem possibilita observar parte da frente da propriedade de D. Cristina. Embora haja 5 casas na propriedade da remanescente, neste ângulo podem ser visualizadas apenas três casas que estão marcadas com setas de cores diferentes. A seta amarela é a casas de D. Cristina. Seta vermelha e branca dos filhos. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagem 12: (Página 48): As duas setas brancas sinalizam o espaço do cemitério. O asfalto passa por cima das antigas covas para dar acesso e passagem tanto para pessoas, animais, sendo também o local onde o transporte coletivo faz o contorno no seu percurso a São Domingos. A seta verde é o local da praça onde os moradores se reúnem para as festividades. A preta situa a Igreja Católica. A laranja, o cruzeiro onde é realizada a festa de Santa Cruz e as penitências. A azul sinaliza o grupo escolar. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagem 13: (Página 49): A seta vermelha demonstra a cruz de uma cova no cemitério em meio ao mato. Pode ser observada também a cerca de arame com postes de madeira que separam as casas das covas. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 14 e 15: (Página 53): Alguns moradores à espera do transporte coletivo. Fonte: arquivo do pesquisador. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 16 e 17: (Página 53): Família com conversas informais embaixo da árvore. Fonte: arquivo do pesquisador. Diferentes momentos de comemorações festivas. Pode ser observado também que as imagens marcam as festas comemoradas durante o dia e a noite. As setas localizam o cemitério/prça/igreja. Fonte: arquivo do pesquisador. 2009.

Imagem 18: (Página 57): Localização da Mina do Morro de Ouro em Paracatu. Fonte: Disponível em <http://www.rioparacatumineracao.com.br/site/imagens/localizacao.jpg>. Acesso em 22/11/2009.

Imagens 19 e 20: (Página 68): Casal mais idoso da comunidade de São Domingos na porta da cozinha e janela da sala. Ambos possuem muitos conhecimentos sobre a história local. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagem 21: (Página 78): Mapa do Estado de Minas Gerais demonstrando o Rio Paracatu e afluentes desaguando no Rio São Francisco. Fonte: <http://www.Rio+S%A30+Francisco+%2B+Rio+Paracatu>. Acesso em 19/05/2010

Imagem 22: (Página 79): Mapa com visão mais nítida dos Estados cortados pelo Rio São Francisco. Fonte: <http://www.Rio+S%C3%A3o+Francisco+%2B+Rio+Paracatu>. Acesso em 19/05/2010.

Imagens 23 e 24: (Página 90): Trabalho de capina desenvolvido familiarmente em roças e quintais. Fonte: Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 25 e 26: (Página 92): Plantação de mandioca em frente a casa. Mandioca sendo preparada para consumo. Fonte: Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 27 e 28: (Página 93): Lavoura de milho. Pode ser observado que as espigas estão granadas no ponto de serem colhidas para consumo doméstico. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagem 29 e 30: (Página 94): A presença do pilão é algo comum nas casas de São Domingos, sendo um instrumento utilizado para socar milho, café, arroz com casca e para fazer farofa de carne de sol. Na imagem 28 pode ser visualizado o desintegrador, máquina usada para triturar os grãos de milho para serem usados no alimento dos animais ou fazer fubá Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 31e 32: (Página 95): Cena cotidiana nas casas de São Domingos. Moradores em conversas informais. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 33e 34: (Página 96): Quintal com variedade de espécies plantada. Pode ser observado nesse pequeno foco da imagem a presença de feijão andu, milho, banana e açafraão Área plantada como presença de coco de andaiá. Fonte: arquivo do pesquisador, 2008.

Imagens 35 e 36: (Página 98): Hortas com diferentes produtos plantados. Fonte arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 37 e 38: (Página 98): Abóboras d'água entrelaçadas em laranjeira. Elas são utilizadas de duas maneiras por eles. Quando verde, é feita batidinha em forma de salada. Seca, ela é utilizada como cabaça onde reservam grãos. Nesta imagem, é possível ver o pé de pinha, conhecido pelos moradores como “ada”, entrelaçado por ramas de cabaças sendo que estas ainda estão verdes. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 39 e 40: (Página 101): D. Carmem em sua horta, onde faz o plantio de mudas caseiras acompanhada do marido José Ferreira. O Sr. Aureliano em sua horta cuidando do cultivo de plantas medicinais. Fonte: arquivo do pesquisador, 2007.

Imagens 41 e 42: (Página 103): Trabalho desenvolvido familiarmente com criação de frangos, patos. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 43, 44 e 45: (Página 107): Trabalho de campear o gado feito por adultos e adolescentes. Como pode ser observado na imagem 44, essa ainda é uma forma de lazer praticada em São Domingos Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 46 e 47: (Página 105): Imagens que representam o trabalho cotidiano desenvolvido familiarmente. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 48 e 49: (Página 105): João no seu tanque de criar peixes exibindo com orgulho a criação de peixes. Criação de porcos soltou no “mangueiro”. Foto do arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 50 e 51: (Página 106): Imagens que representam o trabalho cotidiano desenvolvido familiarmente na cerâmica. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 52 e 53: (Página 109): Sistema de trabalho coletivo familiar. Local onde acontece a produção de rapadura. Fonte: arquivo do autor, 2009.

Imagens 54 e 55: (Página 109): Trabalho desenvolvido com charrete. Transporte de madeira para as taxas. Fonte: arquivo do autor, 2009.

Imagens 56 e 57: (Página 110): Engenho de moagem da cana-de-açúcar. Carregamento do bagaço feito por adulto e adolescente, transportando-o para o gado. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 58 e 59: (Página 110): Transporte de bagaço de cana para feitiço de ração. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 60 e 61: (Página 112): Aprendiz mexendo o caldo de cana e um menino observando os trabalhadores. Fonte arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 62 e 63: (Página 112): Momento em que o melado está no ponto, sendo despejado na forma para ser batido. Crianças observando o melado sendo batido, último processo para o preparo da rapadura. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 64 e 65: (Página 112): Processo final do feito de rapadura por Ronaldo e seus ajudantes. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 66 e 67: (Página 119): Momento da embalagem da rapadura com papel fio e saída para vendê-las em Paracatu. Fonte: arquivo do autor, 2009.

Imagens 68, 69: (Página 129): Momentos em que as visitas estavam sendo feitas por Bruno e Roberto nas casas dos remanescentes de São Domingos. Fonte: arquivo do pesquisador, 2007.

Imagens 70 e 71: (Página 164): Cornetinha utilizada pelo comandante. Sua utilidade é reunir os caretas através dos apitos que o comandante emite. Segundo os dois últimos comandantes, Geraldo e João, a cornetinha sempre foi utilizada e eles desconhecem a idade da mesma. Fonte: arquivo do pesquisador, 2008.

Imagens 72, 73 e 74: (Página 166): Pode ser observado nas imagens a presença de jovens tocando junto com os tocadores mais idosos. Fonte: arquivo do pesquisador, 2008.

Imagens 75, 76 e 77: (Página 166): Nas imagens pode ser visualizado um número significativo de adolescentes que ensaiam para a Festa de Caretagem em homenagem a São João Batista. Fonte: arquivo do pesquisador, 2008.

Imagens 78, 79 e 80: (Página 168): Pode ser visualizado durante o ensaio a presença das crianças sempre atentas aos tocadores e dançantes. Dessa maneira elas participam dos rituais praticados pelos adultos. De acordo com moradores, a participação das crianças no ensaio faz com que eles tomem gosto pela tradição, garante boa parte da aprendizagem facilitando o conhecimento final quando esses possuírem idade para tornarem-se membros do grupo. Fonte: arquivo do pesquisador, 2008.

Imagem 81, 82 e 83: (Página 168): Tocadores e dançantes socializando o momento do ensaio com os moradores. Fonte: arquivo do pesquisador, 2008.

Imagens 84 a 86: (Página 169): Ensaio assistido pelos moradores. É comum quando acontecem erros por parte dos dançantes haver comentários e pedidos de atenção pelas pessoas que observam. Fonte: arquivo do pesquisador, 2008.

Imagens 87, 88 e 89: (Página 173): Confecção dos ornamentos. Segundo as floristas, fazer flores de papel crepom e bandeirolas é uma maneira de colorir o ambiente e torná-lo mais harmonioso. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 90 a 92: (Página 174): Preparativos do terreiro para receber Caretas, moradores e visitantes para homenagear São João Batista. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 93, 94 e 95: (Página 175): Momento do preparo e ornamentação do mastro com tiras de fitas coloridas. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens de São João 96 a 98: (Página 176): Momento em que a bandeira é retocada. Ao término, a imagem fosca torna-se colorida, atraindo a atenção das pessoas que se aproximam para admirá-la. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 99, 100 e 101: (Página 175): Momento da chegada da bandeira portada por D. Cristina; a remanescente saindo de sua casa portando a bandeira de São João Batista é recebida por comandante, Caretas, instrumentistas, uma criança com uma vela na mão e os moradores de São Domingos. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 102 a 104: (Página 179): A abertura da Festa em homenagem a São João é feita através de rituais. Nesse momento, os Caretas de par em par direcionam-se para a bandeira e a reverenciam. Pedidos e agradecimentos são feitos, seguidos pelos moradores. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 105, 106 e 107: (Página 181): Saída da bandeira da porta da sala de D. Cristina. Caretas e moradores demonstram diferentes reações emocionais. Alguns não contendo a emoção choram enquanto outros demonstram prazer através de sorrisos. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 108 a 110: (Página 182): Momento em que D. Cristina e João, o comandante da Caretagem, fixam a bandeira no mastro. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 111, 12 e 113: (Página 182): Caretas hasteando a bandeira no mastro. Fonte: arquivo do pesquisador, 2008.

Imagens 114 a 116 : (Página 183): Momentos de alegria, choro e fé. Caretas, tocadores e moradores misturados dando voltas em torno do mastro. A vela é o indício da crença e fé que os moradores têm para com o santo de devoção. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 117 a 119: (Página 187): Caretas interagindo com os moradores no momento da apresentação. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 120 a 122: (Página 188): Peregrinação feita em direção a casa do Sr. Nicolau Antonio, onde acontecerá a última apresentação e o arremate com versos improvisados, Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagem 123, 124 e 125: (Página 189): Caretas em duas filas para o ritual dos versos rimados. Na horizontal, tocadores sentados. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 126 a 128: (Página 190): Cenas finais do ritual dançante. Caretas em pares vão até os tocadores e fazem improvisos de versos para os companheiros. Caretas seguindo em direção aos tocadores para recitar versos. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 129 e 130: (Página 195): Netas e filhas de acordo com a idade sempre auxiliam as cozinheiras em diferentes trabalhos. A ajuda mesmo em tarefas aparentemente simples despertam nas meninas e adolescentes o gosto pela arte de cozinhar. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 131 a 133: (Página 196): Cozinheiras que trabalham em mutirão. A grande quantidade de comida tem por finalidade garantir que todos os presentes possam servir. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 134 a 136: (Página 201): Cozinheiras: diferentes comidas oferecida na noite de São João. Farofa de frango preparado por D. Cristina Coutrim e sua filhas. Caldo do mocotó

preparado por Romida de Fátima. Pão de sal e mortadela. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Imagens 137, 138 e 139: (Página 202): Farofa de feijão andu. Isabel, Mágda, Benedita, filhas do Sr. Aureliano Lopes e D. Luiza. O preparo tem seu início no fogão a lenha e o toque final no fogão a gás. As irmãs de Isabel a ajuda nos preparativos finais. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES II

Simbologia criada para demonstrar o posicionamento dos Caretas e tocadores

Ilustração 1: (Página 167): Posicionamento inicial do grupo de Caretas, tocadores e comandante. A identificação dos atuantes foi disposta em cores para melhor compreensão. Assim, a cor verde musgo representa os tocadores. A cor preta os cavalheiros. A vermelha as damas e a azul o comandante.

Ilustração 2 e 3: (Página 168): A primeira ilustração permite ter uma idéia da formação da fila feita pelos dançarinos para o semicírculo. A mesma formação também é utilizado para a dança em formato de caracol. Na segunda ilustração o posicionamento que o grupo de dançantes assumem para darem as mãos. De mãos dadas eles abrem e fecham a roda simultaneamente.

Ilustrações 4 e 5: (Página 165): As ilustrações demonstram as posições que os dançantes e tocadores ocupam durante a apresentação.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	31
O QUILOMBO DE SÃO DOMINGOS: IDENTIFICAÇÃO HISTÓRIA E LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA.	31
1.1 O quilombo e os remanescentes.....	32
1.2 - Localização geográfica de São Domingos	42
1.3 - Praça/cemitério/igreja: espaço de reafirmação dos laços de pertencimento ..	49
1.4 - Paracatu e São Domingos: relações tensas e assimétricas	57
1.5 – São Domingos nas lembranças	66
1.6 - Paracatu do Príncipe e Arraial de São Domingos.....	77
Negros e forros de Paracatu, 1º e 2º matrículas (1744 – 1749).....	82
CAPÍTULO II	86
O COTIDIANO DOS MORADORES E O REPASSE DAS TRADIÇÕES	86
.....	86
.....	86
2.1 As roças: lugar de ensinamento.....	87
2.2 - Os quintais: espaços de aprendizagem do outrora.....	95
2.3 - A Criação de animais e a fabricação de tijolos: formas de aprendizagem de outrora	104
CAPÍTULO III	118
IDENTIDADE ÉTNICA DOS MORADORES	118
3.1 - Remanescentes Quilombolas: descendentes de escravos	118
3.2 – Descendentes/remanescentes de escravos: identidade partilhada e o conceito que vem de fora	121
CAPÍTULO IV	142
A FESTA DE CARETAGEM: REAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA 142	
4.1 – Etnografando a Festa de Caretagem em São Domingos	142
4.2 - A Festa como espaço de memória	153
4.3 - Momentos de afirmação da identidade étnica : primeiros sinais	162
4.3.1 - Os ensaios de preparação para a Festa de São João	162
4.3.2 - Levantamento do mastro: segundo momento de afirmação e ritualização da identidade étnica	173
4.3.2 - Caretagem e o hasteamento do mastro na casa de D. Cristina.....	178
4.3.3 - Momentos finais da Festa: A reafirmação da identidade étnica no arremate.....	189
4.4 - O papel da mulher na festa de Caretagem e a culinária	196
CONCLUSÃO	206
NARRADORES	211

INTRODUÇÃO

Quando o artista ou o historiador registra em suas obras a fisionomia, os gestos, os feitos e as palavras de um humano, este nunca será esquecido e, por isso, tornando-se memorável, não morrerá jamais.

Marilena Chauí¹

Na proximidade da defesa desta dissertação, ponho-me a refletir sobre esse percurso, que tornou-se tão significativo quanto à realização de um grande sonho: cursar o mestrado² na Universidade de Brasília - UnB.

O fato de morar na cidade de João Pinheiro (MG), situada a 350 km de Brasília, não constituiu um obstáculo para a realização do mestrado na UnB. Embora ela esteja localizada distante do meu universo de vivência cotidiana, ela tornou-se o motivo das lutas incessantes para vencer as fronteiras geográficas e sair do sonho para a realidade presente.

Este trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão a partir do tema “Quilombo de São Domingos: História e Identidade Étnica, 1980-2010”. Dessa maneira procuro compreender de que forma acontece a reconstrução da identidade étnica desses moradores através da história, memória e das práticas culturais. Identidade étnica entendida como na definição de Hall (2000, p. 106), ao escrever que: “a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de ‘efeitos de fronteira’”. Para esta compreensão, analiso cenas do cotidiano e a dinâmica de sua cultura ligada às manifestações religiosas, mas especificamente com o olhar detido na Festa de Caretagem, uma homenagem dançante feita a São João Batista. A Festa, neste trabalho, é compreendida como uma das maneiras com que grupos podem expressar o sentimento de pertencimento, vivendo emoções, revigorando a identidade da qual fazem parte. Comungo com Passos (2002, p. 25), quando afirma que: “na Festa, por causa dela, o

¹CHAUI, Marilena, **Convite À Filosofia**. São Paulo: Ática, 2001.

² No primeiro semestre de 2008 cursei duas disciplinas oferecidas pelo PPGHIS, (Programa de Pós Graduação em História), com a finalidade de cumprir os créditos restantes dos cinco seminários que são exigidos. Mantive sempre contato com a orientadora, que indicou textos relevantes para o amadurecimento teórico-metodológico em relação ao objeto. A partir das orientações da professora D.^{ra} Cléria, pensei numa pesquisa com um viés interdisciplinar, por acreditar que traria maiores contribuições para os estudos no qual o objeto se insere. As leituras foram realizadas com o objetivo de contextualizar o universo de identidade étnica, representações, memória e festas populares.

indivíduo ‘vive o tempo das emoções intensas e da metamorfose de seu ser’. É tal o poder revigorante da festa, que é justo dizer que vivemos ‘na recordação de uma festa e na expectativa de outra’”.

O marco inicial dessa pesquisa são os anos de 1980, período que a Rio Paracatu Mineração – RPM, empresa pertencente à Kinross Gold Corporation, consegue liberação para instalar a empresa e momento que passou a extrair ouro no Morro do Ouro próximo às casas dos remanescentes, interferindo no cotidiano desses. O marco final é o ano de 2010, momento em que foram feitas as análises dos dados coletados, a redação da dissertação e consequentemente sua defesa. Com este estudo, tenho intenção de colaborar com a produção historiográfica local e regional.

Como professor de História há 12 anos nas cidades de João Pinheiro e Paracatu, senti a necessidade de fazer uma pesquisa que trouxesse benefício social e cultural para a referida região, uma vez que a produção historiográfica sobre tema “remanescentes de quilombo e identidade étnica em Minas Gerais” ainda tem sido pouco expressiva. Outro motivo que acredito ser relevante é o fato de que, quando falamos de quilombos, quase sempre as pessoas têm uma idéia equivocada de que essa história foi encerrada nos séculos XVIII e XIX, como se os descendentes de escravos não existissem, fazendo uma tábua rasa dessa história. Por esses fatores, acredito ser esta pesquisa uma contribuição considerável para o âmbito acadêmico ao trazer reflexões acerca das práticas cotidianas e manifestações culturais étnicas dos moradores remanescentes de São Domingos.

Com o término desta pesquisa, farei um documentário que será devolvido para a comunidade, com as gravações em vídeo e as fotos da Festa de Caretagem, juntamente com a dissertação. Acredito que essa é uma forma de reconhecimento, valorização e participação dos homens e mulheres que compartilharam de sua memória com o pesquisador. Nesse sentido, são oportunas as palavras de Costa (2002, p. 147-148), quando escreve que “uma obra literária não se torna literária enquanto uma comunidade não a reconhece como tal, não for por ela naturalizada. Uma obra literária mantida numa gaveta, ou que não for transmitida a seus contemporâneos, não se torna obra literária”.

Acredito que para essa pesquisa ter uma relevância social, ela deverá ser partilhada com os narradores e outros participantes do processo, que partilharam suas experiências e histórias vida, não deixando dessa forma o resultado da obra circunscrito somente aos muros da academia.

Para estudar a História, acredito ser necessário definir alguns conceitos, tais como o próprio conceito de História. Nesse sentido, são esclarecedoras as palavras de Brito (2001, p. 03), segundo as quais “a história é um fazer que se define, sobretudo por formular perguntas”. Perguntas estas que dependem das condições de possibilidades nas quais se inscreve o historiador. Assim, de acordo com Brito:

História para mim é a captação de sentidos. Os sentidos são as formas que encontramos no passado como no presente, de dar significado à realidade vivida e nela, às relações que estabelecemos. Ao historiador (a) cabe, nessa perspectiva, a tarefa de buscar os sentidos que as questões possíveis de formular permitem apreender. Pode parecer pouco. Mas não é. Afinal, sabemos desde sempre (mesmo quando não se quer admiti-lo), nenhuma história conta tudo. (BRITO, op, cit., p. 03)

Para a autora, o passado não determina a abordagem de um estudo histórico, nem mesmo o campo dos paradigmas que lhe adapta. Essas lacunas, devem ser preenchidas pelo historiador. As palavras de Brito são pertinentes ao considerar a produção do conhecimento histórico.

É nessa perspectiva de análise que vejo a História, como um campo de significados e valores que podem ser compartilhados muitas vezes de forma simbólica. Acredito ser do domínio da História Cultural o viés que melhor auxiliou nessa tarefa. Nesse aspecto, concordo com Darnton (1986, p. XIII), em sua definição de História Cultural, quando escreve que esta é uma tentativa de “mostrar não apenas o que as pessoas pensavam, mas como pensavam, como interpretavam o mundo, conferiam-lhe significados e lhe infundiam emoções”.

Assim, foi na tentativa de “ler” e “sentir” os significados do “Quilombo de São Domingos: História e Identidade Étnica, 1980 – 2010”, é que procurei compreender de que forma acontece a reconstrução da identidade étnica dos moradores de São Domingos. É importante refletir, para uma maior compreensão desse esforço histórico, as palavras de Magalhães (2001, p. 47), ao escrever que:

Sujeitos comuns e anônimos, ao serem trazidos para a cena histórica através de suas memórias, mostram que preservam outros poderes, rompem com vários silêncios do passado e do presente. No caso, tratarei aqui de relatos de entrevistados que abrem para uma reflexão de que a pertinência a uma cultura e o direito à memória e à história incluem-se nas relações de sujeitos com a construção histórica de espaços rurais e urbanos, que concebem a experiência como legado imemorial, transcendente, com excesso de significações.

Portanto, para perceber a realidade do discurso, o pesquisador deve buscar a apreensão do passado como forma de representação da realidade vivida; entendo que o historiador não

trabalha com o passado, mas com a representação do mesmo. Roger Chartier (1990) reflete sobre os estudos das *representações sociais*, como um caminho que leva ao entendimento e, conseqüentemente, à elaboração de sentidos que fazem parte da realidade social. Assim, o autor estuda “as representações” concebendo-as como uma representação do vivido. Ainda sobre essas considerações, escreve Pesavento (2004, p.39):

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.

Nas reflexões da autora, a História Cultural volta-se para o estudos dos processos com os quais se constrói um sentido, possibilitando aos pesquisadores ampliar a análise de suas fontes. O historiador trabalha com fragmentos de história e são eles que apontam indícios de representação discursiva na dinâmica da realidade. O passado não muda, o que o diferencia é o modo como os historiadores da cultura escrevem sobre ele. É nesse contexto que a presente pesquisa foi realizada.

Pesquisar o “Quilombo de São Domingos” é oferecer uma colaboração para a saída do “labirinto” do esquecimento, é participar da memória daqueles que viveram e repassaram para outras gerações um modo peculiar de vida e cultura local.

A pesquisa procurou responder aos seguintes questionamentos: de que forma se deu a formação do quilombo de São Domingos? Como a história de São Domingos é representada por seus moradores? Quais práticas estão relacionadas à tradição herdada dos antepassados que mantêm traços culturais da identidade étnica? Como os ensinamentos foram repassados para as novas gerações? Como é o cotidiano dos moradores e de que forma os ambientes e ensinamentos contribuem para o repasse dos saberes locais? Quais as representações dos moradores de São Domingos acerca do preconceito e discriminação sofridos pelos Paracatuenses? A partir dos anos 1980, com a chegada da Mineradora Rio Paracatu Mineração - RPM, ou Kinross, houve interferência na vivência cotidiana dos remanescentes? De que forma? A Festa de Caretagem contribui para a reconstrução da identidade étnica dos remanescentes quilombola de São Domingos? Quais são as formas de repasse da Festa de Caretagem para as novas gerações? Como é a participação da comunidade de São Domingos na Festa de Caretagem? Durante o momento festivo, ocorrem conflitos entre as pessoas mais velhas e as jovens? De que forma? Que significado tem para o dançante ser um Careta? Qual

o papel das mulheres na Festa de Caretagem? Qual significado da titularização para os remanescentes?

O objetivo primordial dessa pesquisa é, portanto, analisar de que forma a reconstrução da identidade étnica dos remanescentes do quilombo de São Domingos acontece através da sua história, cotidiano e da Festa de Caretagem.

A hipótese desse trabalho assenta-se, portanto, na idéia de que as práticas cotidianas com a roça, o quintal e a Festa da Caretagem são expressões que os moradores utilizam como maneira de preservar a manutenção e reconstrução da identidade étnica.

Optei pela pesquisa qualitativa, por compreender que essa possibilita melhor compreensão do objeto de estudo. O método de abordagem qualitativo é utilizado aqui como forma de compreender a pesquisa de campo, pois a mesma está voltada para o comportamento social. Isto leva a crer que as entrevistas e as observações permitiu-me ler os significados que envolveram as práticas cotidianas, a Festa de Caretagem e seus participantes. Como observa Richardson (1999, p.102-103)

O objetivo fundamental da pesquisa qualitativa não reside na produção de opiniões representativas e objetivamente mensuráveis de um grupo; está no aprofundamento da compreensão de um fenômeno social por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenômeno. As anotações de campo e a transcrição de entrevistas são lidas pelo pesquisador como se fosse um texto acadêmico, à procura de novas formas de compreender determinado fenômeno.

A participação no campo de pesquisa e coleta de dados foram feitas no cotidiano e no momento da Festa, na intenção de ver, ouvir e perceber as narrativas dos remanescentes.

Para melhor compreender a pesquisa, adotei a metodologia de história oral concordando com Delgado (2006, p.16) quando escreve que:

Portanto, a história oral é um procedimento, um meio, um caminho para a produção do conhecimento histórico. Traz em si um duplo ensinamento: sobre a época enfocada pelo depoimento – o tempo passado, e sobre a época na qual o depoimento foi produzido – o tempo presente. Trata-se, portanto, de uma produção especializada de documentos e fontes, realizada com a interferência do historiador e na qual se cruzam intersubjetividades.

Compreender o contexto de vivência da história dos homens, mulheres e crianças de São Domingos, seus conhecimentos, práticas do cotidiano e realização da Festa de Caretagem, é ter consciência do valor histórico que isso representa para essas pessoas. Nesse sentido como escreveu Costa (2001, p. 79), “A cada minuto de nossa existência, narramos o que testemunhamos, nossas dúvidas, nossas crenças, amores e desafetos, enfim, nossa experiência pessoal e social – do presente, do passado e do futuro -, e dessa forma construímos nossa vida e a vida dos outros”.

Entendo que a história de vida não é compartilhada com qualquer um, sendo necessário que o pesquisador crie laços de simpatia e amizade, para que o narrador sinta confiança e compartilhe sua intimidade. Neste sentido, Bosi (1998, p. 37) escreve:

O principal esteio do meu método de abordagem foi a formação de um vínculo de amizade e confiança com os recordadores. Esse vínculo não traduz apenas uma simpatia que se foi desenvolvendo durante a pesquisa, mas de um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada do sujeito.

Como escreve a autora, para conseguir confiança de um narrador levam-se meses ou talvez anos. Por isso, a confiança dos meus narradores aconteceu diante de visitas que se estenderam do cotidiano às festas organizadas por eles, mais especificamente para a Festa de Caretagem. Essa escolha não foi feita aleatoriamente e explica-se pelo fato de procurar compreender a manutenção de práticas cotidianas e a Festa de Caretagem como meio de manter a identidade étnica. O repasse da tradição é feito na lida com o quintal, a roça, a Festa de Caretagem, onde as pessoas mais velhas, através da oralidade, histórias, contos e versos, envolvem os jovens, assegurando a tradição. As palavras de Bosi (2003, p. 15) são significativas quando diz que:

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições e que existe a transmissão de valores de conteúdos, de atitudes enfim, os constituintes da cultura.

Ao narrarem suas lembranças, os idosos da comunidade de São Domingos rememoram o passado e contam suas histórias, presentificando-as. Como guardiões da tradição, os idosos são os semeadores da cultura local e ainda grandes responsáveis pela reconstrução da identidade étnica dos remanescentes. Para isso, creio ser necessário um “mergulho” no oceano da memória dos sujeitos sociais de São Domingos. As lembranças dos

narradores, sob autorização dos mesmos, foram gravadas e posteriormente transcritas pelo pesquisador e analisadas como representações. Segundo Hunt (1992, p. 27):

[...] à medida que os historiadores aprendem a analisar as representações de seus universos a partir de seus temas, inevitavelmente começam a refletir sobre a natureza de seus próprios esforços para representar a história; afinal, a prática da História é um processo de criação de texto e de “ver”, ou seja, de dar forma aos temas.

Na perspectiva de construir a dissertação, optei por trabalhar com a história oral sob o eixo temático “Quilombo de São Domingos: História e identidade étnica, 1980 – 2010”. A escolha definitiva do tema aconteceu diante da construção do trabalho; inicialmente pretendia trabalhar com o tema: “a reconstrução da identidade étnica dos moradores remanescentes do quilombo de São Domingos, 1980 – 2009”. Todavia, a partir da definição do corpus documental feito por mim e dos primeiros passos na escrita da dissertação, percebi a necessidade de novos contornos, sendo necessária a redefinição do objeto de pesquisa. Para essa mudança, revi as leituras até então realizadas e, para cada leitura, o olhar se tornava mais atento em função da experiência anterior. O olhar agora era do pesquisador que punha em prática o conhecimento da pesquisa empírica juntamente com a teoria.

A malha teórica utilizada neste trabalho contemplou etnografia, identidade étnica, cotidiano, festas populares, cultura, utilização de documentos e, por fim, registros iconográficos também denominados narrativas imagéticas.

As bases de sustentação do trabalho foram fontes orais, realizadas com 36 entrevistados moradores de São Domingos, as quais foram transcritas de modo fiel. Vale ressaltar que as visitas aconteceram em um período de 6 anos, 2004 a 2010.

Foram feitas 30 entrevistas individuais e seis com grupos de moradores. As gravações equivalem a um total de 45 horas. Cada entrevista durou aproximadamente 60 minutos, algumas um pouco mais. Os temas mais recorrentes nas entrevistas foram a história local, o cotidiano e a Festa de Caretagem bem como sua importância para os moradores.

Participaram desta pesquisa 36 moradores, sendo esses de idade diferenciada; esses falaram da história de São Domingos, cotidiano e a Festa de Caretagem.

Foram realizadas 20 visitas em São Domingos, os primeiros contatos com os moradores foram em conversas informais. Após algumas visitas, pedi permissão para gravar as conversas que aconteciam de forma aberta. Passei, desde então, a utilizar caderno, caneta,

gravador portátil e máquina fotográfica com recursos de gravação e fui direcionando nossas conversas para seu cotidiano e também para a Festa de Caretagem.

Com um diário de campo registrei essas observações que me permitiram compreender com mais clareza o objeto de pesquisa. Os procedimentos das anotações possibilitaram perceber os dados que apareceram com mais relevância durante as narrativas. Também foi utilizada a pesquisa etnográfica, por perceber como Oliveira (2006, p. 28) que “[t]alvez o que torne o texto etnográfico mais singular, quando o comparamos com outros devotados à teoria social, seja a articulação que busca entre o trabalho de campo e a construção do texto”.

Embora não tivesse intenção inicial de trabalhar com gerações, após fazer a seleção e convidar alguns desses a participarem da pesquisa através de suas narrativas, percebi que os entrevistados contemplavam três gerações sendo elas:

- Primeira geração 50 a 98 anos,
- Segunda geração 30 a 45 anos
- Terceira geração 11 a 25 anos.

Os participantes da pesquisa foram avós, avôs, pais, filhos, netos, bisnetos e tataranetos, todos moradores de São Domingos.

Antes das entrevistas com os participantes, fiz mais uma visita com o propósito de conversar a respeito dos procedimentos que seriam adotados na pesquisa. Expliquei com clareza o objetivo das entrevistas, que essas seriam gravadas em aparelho portátil, e marcamos, na sequência, data, local e horário para sua realização. Os participantes foram unânimes em decidir que as entrevistas aconteceriam em suas próprias casas. A partir da decisão, sugeri que no local da entrevista, deveria estar somente o entrevistado e o entrevistador, para não haver interferências nas narrativas.

Desde então, as gravações foram feitas de forma aberta e, posteriormente, transcritas, respeitando, na íntegra, a fala dos narradores. Após a transcrição das narrativas, essas são lidas para os mesmos, momento no qual aproveito para pedir autorização para utilizar as falas na construção da dissertação.

Com relação às histórias narradas sob o fio da memória dos moradores de São Domingos, as palavras de Bosi (1998, p. 37) revelam aquilo que se comprovou na prática desta pesquisa. A autora escreve que “A veracidade do narrador não nos preocupou: com

certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial”.

Para complementar a pesquisa, foram utilizadas fontes documentais acerca da comunidade e da Festa de Caretagem. Nesse sentido, Jacques Le Goff (1984, p. 48) comenta sobre a importância dessas fontes documentais, afirmando que “[o] documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”. Ao fazer uso dessa fonte, o historiador trabalha com vestígios deixados, sendo preciso saber interpretar o sentido do texto examinado; por isso é necessário atentar para quem o escreveu, quando o escreveu e sob quais condições de produção se deu esse processo e, sobretudo, a quem interessava essa escrita.

As fontes documentais mapeadas, as quais foram analisadas como parte desta pesquisa, encontram-se na comunidade de São Domingos e em Paracatu, Minas Gerais nos seguintes locais: Arquivo dos Remanescentes sob cuidados da Presidente da Associação dos Quilombolas; Arquivo Público Michael Gonzaga; livro de tombo da Igreja Católica; livros de batismo e casamento, jornais regionais; laudo antropológico feito pelo Antropólogo Romeu Sabará.

Outras fontes utilizadas são as iconografias: fotos e filmagens feitas pelo pesquisador. As fotografias são fundamentais neste trabalho, pois têm a função de ilustrar as informações sobre as ocasiões que foram observadas durante a pesquisa, aparecendo no decorrer do texto também como instrumento de análise. Sobre a importância das imagens em pesquisas, Paiva (2002, p. 17) ressalta: “[a] iconografia é certamente, uma fonte histórica das mais ricas, que traz embutido as escolhas do produtor e todo o contexto no qual foi concebida, idealizada, forjada inventada”.

Nesse sentido, acredito que o recurso imagético oferece informações que somente podem ser expressas em tais condições de pesquisa, para cada momento oportuno, deixando evidente a transmissão de significados que não aparecem na verbalização ou na explicação.

Dessa maneira, ao longo da pesquisa, procurei, a partir das entrevistas ou corpus oral, entrelaçá-la com teorias apropriadas de forma que um iluminaria o outro. Após esse exercício, passei para a construção da escrita da dissertação, que fora dividida em temas dos capítulos que apresento a seguir. A dissertação foi dividida em quatro capítulos de forma a contemplar as abordagens que foram dialogando com as tematizações.

No primeiro capítulo, intitulado “**O quilombo de São Domingos: identificação histórica e localização geográfica**”, procurei descrever e contextualizar o aspecto histórico e geográfico, bem como trabalhar o conceito de remanescente e a solicitação do título de remanescente feita pelos moradores de São Domingos à Fundação Cultural Palmares – FCP. A seguir, apresento São Domingos contemporaneamente: localização, espaço físico, cotidiano dos moradores; analiso a chegada da multinacional Rio Paracatu Mineração - RPM, em 1985, e de que forma a instalação da mineradora interferiu no cotidiano e na cultura dos moradores. No subitem seguinte, apresento o surgimento de Paracatu, sua relação com a mineração e a formação do quilombo. Finalmente, através das narrativas dos moradores mais idosos, analiso o nome “São Domingos” e a relação do Povoado com Paracatu, buscando perceber como historicamente o quilombo foi se formando a partir da mineração.

O segundo Capítulo, com o título “**O cotidiano dos moradores e o repasse das tradições**”, analisa o cotidiano dos moradores de São Domingos, a organização social, a relação com a terra, quintais e roças, criação de animais e o trabalho. A dinâmica deste trabalho, relaciona-se à questão étnica, cultural e social, onde procuro compreender, no cotidiano dos moradores de São Domingos, as representações dos remanescentes acerca da sua cultura e das experiências partilhadas.

Identidade étnica dos moradores é o terceiro capítulo, no qual procuro analisar as representações dos moradores de São Domingos acerca da percepção de ser negro e remanescente; algumas perguntas nortearam a pesquisa sendo essas: como os moradores de São Domingos se veem? Qual a importância do título de remanescente para eles? Quais as representações que os remanescentes veiculam acerca da sua identidade? Para eles, na concepção de ser negro está incluída a questão da liberdade? Três gerações permearam a escrita deste capítulo. A primeira geração homens e mulheres entre 60 a 96 anos. A segunda, também homens e mulheres de 30 a 50 anos. E a terceira geração balizada entre 11 a 20 anos. Dessa forma, é possível perceber como as diferentes gerações representam a identidade e de que forma ela tem sido construída/reconstruída pelos moradores de São Domingos.

No quarto e último capítulo, “**A Festa de Caretagem: Reafirmação da identidade étnica**”, procuro compreender a Festa de Caretagem, uma homenagem dançante a São João Batista, realizada do dia 23 para 24 de junho. Procuro descrever três momentos que interpreto serem momentos nos quais dançantes, tocadores e moradores reafirmam sua identidade étnica, ligada à história e à memória de seus antepassados. Por fim, faço uma análise do papel das mulheres na Festa de Caretagem. Terminados esses primeiros passos introdutórios na

expectativa de dar uma visão panorâmica desta dissertação que procurou ao longo de sua construção trabalhar com o fio condutor da identidade étnica, penso como Costa (2001, p. 84) ao escrever que: “[a]s narrativas orais, além de se aterem aos quadros sociais, oferecem o cotidiano da vida de seus narradores e ouvintes”.

CAPÍTULO I

O QUILOMBO DE SÃO DOMINGOS: IDENTIFICAÇÃO HISTÓRIA E LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA.

Mesmo passados mais de um século da sanção da Lei Áurea pelo regime imperial, a historiografia e o sistema brasileiro ainda continuam associando à população afro-brasileira a imagem de escravidão, referindo-se aos quilombos como se fizessem parte do passado, como se não constituíssem um fato da historicidade e territorialidade contemporâneas.

Rafael Sanzio Araújo dos Anjos³

O objetivo deste capítulo é descrever e contextualizar o aspecto histórico e geográfico dos remanescentes⁴ de quilombo⁵ de São Domingos, em Paracatu, Minas Gerais. No primeiro momento, apresento São Domingos contemporaneamente: localização, espaço físico, cotidiano dos moradores. No segundo, analiso a chegada da multinacional Rio Paracatu Mineração - RPM⁶, em 1985, e de que forma a instalação da mineradora interferiu no cotidiano e na cultura dos moradores. No subitem seguinte, apresento o surgimento de Paracatu, sua relação com a mineração e a formação do quilombo. Finalmente, através das narrativas dos moradores mais idosos, analiso o nome, “São Domingos”, e a relação do

³ ANJOS, Rafael Sanzio Araújo. **Quilombolas: Tradições e cultura da resistência**. São Paulo: Aori Comunicação, 2.006.

⁴ O termo remanescente de quilombo é aqui entendido conforme deliberado pela ABA – Associação Brasileira de Antropologia, em encontro realizado nos dias 17 e 18 de 1984, no Rio de Janeiro; embora tenha um conteúdo histórico, designa hoje a situação presente dos segmentos negros em diversas regiões e contexto, sendo utilizado para designar um legado, uma herança cultural e material do que lhe confere uma presença essencial no sentido de ser e pertencer a um lugar e a um grupo específico.

⁵ Entendo que hoje não existe quilombo tal como fora em séculos passados. A expressão quilombo vem sofrendo mudanças quanto a sua nomenclatura ao longo do tempo, podendo ser definida como quilombo, mocambo, terra de preto entre outros. Por isso a palavra quilombo neste estudo é entendida como território onde descendentes de escravos permaneceram nas terras de seus antepassados.

⁶ Multinacional subsidiada com capital canadense e americano, sua finalidade é extrair e beneficiar minérios com fins à produção de ouro. Está localizada a menos de 2 km do norte da cidade de Paracatu. Conhecida atualmente como Kinross, iniciou suas atividades em Paracatu em 1987. Hoje considerada o mais importante empreendimento industrial da região. As reservas de minério do Morro do Ouro são estimadas atualmente em 230 milhões de toneladas lavráveis, com um teor de 0,459 g/t. A lavra do minério é a céu aberto, com bancadas de 8m. Disponível em: <http://hp&q=rpm+rio+paracatu+mineração> e <http://www.cetem.gov.br/publicação/CTs/CT2002-184-00.pdf>. Acesso em 11/05/2010.

Povoado com Paracatu, buscando perceber como historicamente o quilombo foi se formando a partir da mineração.

1.1 O quilombo e os remanescentes

Inicialmente esclareço como será apreendido o conceito de quilombo neste trabalho.

O conceito de quilombo atravessa o tempo e designa os territórios onde se organizavam negros africanos que, trazidos com a colonização portuguesa, insurgiram contra a situação de escravidão. Hoje, são territórios de resistência cultural e deles são remanescentes os grupos étnicos raciais que assim se identificam. Com trajetória própria, dotada de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a luta à opressão histórica sofrida, eles se autodeterminam comunidades negras de quilombo, dados os costumes, as tradições e as condições sociais, culturais e econômicas específicas que os distinguem da coletividade nacional (SEPPPIR, 2005, p. 06).

Como hoje não mais existem os quilombos do século XIX, os descendentes de negros escravos no Brasil, a fim de manterem a sua identidade étnica, lutam para permanecer na terra onde vivem. Assim, a conquista do título de remanescente de quilombo foi relevante para São Domingos, o que significa uma retomada e revalorização de sua história e seus bens culturais e, sobretudo, a conservação de suas identidades étnicas. Os negros que formaram esses núcleos de povoamentos e seus descendentes, hoje considerados remanescentes, guardam consigo uma história de luta, persistência e resguardo de suas tradições, saberes e fazeres que contribuem para o fortalecimento de sua identidade cultural.

São Domingos nasceu no sertão⁷ de Minas no período das bandeiras, sob a ação da mineração e tendo como pilar a escravidão. Seus moradores têm mantido ao longo de sua história tradições e costumes, relacionando passado e presente através da manutenção de práticas de resistência e conservação do seu modo de vida. Para compreender os possíveis sentidos da luta dos remanescentes de escravos de São Domingos, penso ser importante elucidar a história desses territórios ocupados e como as autoridades Municipais, Estaduais e Federais têm se posicionado diante dessa luta.

⁷ O sertão estabelecido como espacialmente periférico, é também culturalmente tido como estando fora dos centros dinâmicos do mundo moderno. A origem do termo, possivelmente, expressa a noção presente no expansionista europeu pelo planeta, a constituir-se como centro que irradia civilização para os vários “sertões” a serem conquistados. (RIBEIRO, 2005, p.54)

No período da escravidão, diante do trabalho escravo e da opressão sofrida por senhores e feitores, os escravos resistiram criando diferentes estratégias no dia a dia no cativeiro, faziam “corpo mole no trabalho, quebrava [m] ferramentas, incendiava [m] plantações” (REIS, 2000, p. 9). Eram práticas também dos negros cativos “[o] assassinio dos senhores, dos feitores, dos capitães-do-mato, [o] suicídio, as fugas individuais, as guerrilhas e as insurreições urbanas se alastravam por todo o período” (MOURA, 1993, p. 13). A historiografia aponta ainda as feitiçarias e a capoeira como meio de resistência escrava.

As manifestações de descontentamento dos escravos os levaram a fugir individual ou coletivamente para quilombos. A palavra “quilombo” é de origem banto⁸ e de acordo com Vainfas significa:

acampamento ou fortaleza, foi termo usado pelos portugueses para designar as povoações construídas pelos escravos fugidos do cativeiro. Em 1.757, eram considerados quilombos os grupos acima de seis escravos que estivessem arranchados e fortificados com ânimo de se defenderem. (VAINFAS, 2000, pp. 494 – 495)

Os espaços de fuga no Brasil passaram a ser conhecidos como arranchamentos, mocambos ou quilombos e seus membros eram conhecidos como Callombolas, quilombolas ou mocambeiros. Em outros países, as nomenclaturas variavam. “Na América espanhola, palanques, cumbes etc; na Inglaterra, marrons; na francesa grand morrange (para diferenciar da petit morrange, a fuga individual, em geral temporária)” (REIS, 1996, p. 10).

Esses espaços passaram a ser objeto de desejo de inúmeros escravos, pois eram entendidos como uma oportunidade de se libertar das correntes da escravidão, permitindo-lhes manifestarem suas identidades étnicas, crenças e valores. As fugas de negros e a formação de quilombos aconteceram durante todo período Colonial e Imperial. Os quilombos estavam espalhados de norte a sul das províncias. De acordo com Moura (op.cit., p. 14) “o quilombo foi a unidade básica de resistência do escravo”. Acrescenta o autor que os quilombos aconteceram em “Minas Gerais, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Goiás, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Maranhão, Rio Grande do Sul, São Paulo”. As fugas para quilombos podem ser compreendidas pela aspereza com que homens, mulheres e crianças eram tratados. Os quilombos foram encarados pelos proprietários no período Colonial e Império como ação rebelde de negros, como se eles tivessem juntado forças para desorganizar a ordem instituída

⁸ Para Vainfas, bantu é palavra que designa o tronco lingüístico do amplo leque de idiomas falado na África central e austral, a exemplo do umbundo, quimbundo, bakongo etc. [...] O termo bantu, designativo da relativa unidade lingüística dos africanos de Angola, Congo, Moçambique e adjacência, só foi cunhado no século XIX, concentrando-se na região sudeste, mas espalhados por toda parte (VAINFAS, op. cit., p.66).

pelo Estado, Igreja e respectivos senhores. Os representantes da ordem social vigente entendiam que onde existiam mocambeiros, havia também resistência e era necessário combatê-los.

A historiografia que li sobre quilombos afirma que no século XVIII e XIX houve um crescimento demográfico de negros tanto pela entrada de novos fugitivos como pela procriação das famílias ali existentes. Isso fez com que a população em alguns quilombos atingisse um grande número de pessoas, como por exemplo, os quilombos de Palmares⁹ em (Pernambuco) e Ambrósio¹⁰ (Minas Gerais). A imagem 1 apresenta um mapeamento dos quilombos espalhados no território brasileiro, destacando algumas áreas que tornaram mais intensa os quilombos como em Minas Gerais.



Imagem 1: Quilombos espalhados no Brasil com destaque no território mineiro. Fonte: Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográfica (CIGA), Universidade de Brasília (UnB).

⁹ Localiza-se em Pernambuco, na Serra da Barriga, o quilombo de Palmares tornou-se símbolo de resistência negra. Funari (1996), ao pesquisar Palmares, relata que: “com aproximadamente 1500 pessoas, em 220 casas, o quilombo de Palmares era composto de nove aldeias”. É descrito na historiografia brasileira como o maior quilombo brasileiro, sendo também o que resistiu por mais tempo aos ataques dos exércitos.

¹⁰ Segundo o historiador Tarcísio José Martins (1995) existiram dois quilombos do Ambrósio sendo esses localizados em Minas Gerais. De acordo com o autor, o Quilombo do Ambrósio, que foi atacado pelas autoridades coloniais em 1746, ficava em Cristais-MG. O segundo quilombo do Ambrósio foi o de Ibiá-MG, atacado em 1759.

Nas Minas Gerais a preocupação com os quilombos e a resistência que esses representavam também era vivenciada pelas autoridades provinciais e senhores de escravos. De acordo com Bastide:

Os quilombos de Minas são certamente os mais importantes depois dos Palmares. Eram bem organizados e compreenderam uma população de 20.000 negros que tinham afluído de todos os cantos do Brasil, de São Paulo, da Bahia, aos quais se juntaram mulatos criminosos e bandidos, distribuídos em dezenas de povoações, das quais quatro eram grandes e fortificadas, Ambrósio, Gareca, Zundu, Calaboca, todas situadas perto de Sapucaí (BASTIDE, 1971, pp. 113-114).

Durante o período Colonial e Imperial, houve quilombos espalhados de norte a sul do Brasil. O combate aos quilombos e a captura dos fugitivos revelam o medo que os senhores tinham desses amotinamentos, a exemplo de “Palmares e os quilombos mineiros”.

Os locais que os negros fugitivos estabeleciam suas moradias exigiam deles adaptações. Uma alternativa encontrada pelos fugitivos foi a formação de quilombos nas proximidades das cidades, arraiais, vilas ou áreas de mineração e fazendas. Muitas vezes desafiando o sistema escravista, arranchavam-se, também, próximos às áreas de intenso povoamento. Assim, circulavam nos limites e até passavam-se por livres, buscando de diversas maneiras contatos de socialização para comercializarem seus produtos como forma de sobrevivência. Guimarães, ao analisar as semelhanças entre os quilombos, argumenta que:

As atividades desenvolvidas pelos quilombolas para sua sobrevivência foram muitas: caça, coleta, agricultura, assaltos a tropas de fazendas. Por um lado, os quilombos são semelhantes; por outro, são diferentes. São semelhantes na medida em que, constituídos por escravos fugidos em sua maior parte, todos eles configuram uma modalidade de expressão de rebeldia escrava. São diferentes, já que cada quilombo tem sua época de sua existência, sua região e seus mecanismos de sobrevivência, constituindo assim uma configuração histórico-cultural específica (GUIMARÃES, 1996, p. 143).

De acordo com Guimarães, com a formação dos quilombos, seus moradores desenvolveram organizações sociais próprias e, desde então, os locais onde estabeleceram suas moradias serviram como espaço de transmissão e repasse da história como forma da manutenção da identidade étnica e da sua cultura para as novas gerações.

Com a formação de tantos quilombos, foram organizadas várias expedições de combate. Os proprietários de escravos acusavam que além do prejuízo econômico sofrido quando seus escravos fugiam para quilombos eles estavam a mercê desses negros que faziam

tocaias, atacando-os em viagens e roubando-os. Reclamavam também que suas propriedades eram locais de saque, conforme pode ser observado nos escritos de Souza (1996, p. 194): “os fazendeiros se queixavam de não poderem tocar direito a vida nas suas terras, e a população em geral morria de medo, talvez fantasiando um pouco sobre invasão de quintais, criação roubada, assaltos nos caminhos ou sobre a desonra de uma filha”. As reclamações variavam, o que fez com que as forças provinciais agissem travando guerras contra os quilombolas, destruindo muitos desses acampamentos. Os proprietários de escravos e seus aliados entendiam que onde existiam mocambeiros, havia, também, resistência e era necessário combater esse mal.

A perseguição aos quilombos e a captura dos fugitivos revelavam o medo que os senhores tinham desses amotinamentos, a exemplo de “Palmares e os quilombos mineiros”, que se espalharam por todo o país.

A resistência através da fuga durou até o momento da abolição da escravidão. No entanto, a assinatura da lei Áurea em 1888 não significou a liberdade de fato dos negros e sua inserção na sociedade. Não houve uma política para a emancipação do negro brasileiro. De acordo com Carvalho:

No Brasil, aos libertos não foram dadas nem escolas, nem terras, nem empregos. Passadas a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressaram às suas fazendas vizinhas, para trabalho por baixo salário. Dezenas de anos após a abolição, os descendentes de escravos ainda viviam nas fazendas, uma vida pouco melhor do que a de seus antepassados escravos (CARVALHO, 2003, p.52).

Portanto, não foi feita no país uma política de educação e empregabilidade para o negro neste momento de transição, e o contexto desta situação não poderia ser outro senão o da perpetuação da exclusão dos negros. Ainda hoje o que é apresentado como índices, através da mídia, a respeito da qualidade de vida do negro, representa indicadores para serem repensados. A esse respeito, Carvalho (op.cit., p.53) escreve que “[a] libertação dos escravos não trouxe consigo a igualdade efetiva. Essa igualdade era afirmada nas leis, mas negada na prática. Ainda hoje, apesar das leis, aos privilégios e à arrogância de poucos correspondem o desfavorecimento e a humilhação de muitos”.

Essa desigualdade e exclusão do negro é também refletida por Gomes (2008), quando escreve sobre os quilombos e a construção da cidadania, sendo que o fim da escravidão não minimizou os problemas sociais e as desigualdades dos negros. Para o autor:

Não mais havendo distinção jurídica entre os trabalhadores, a marca étnica – e histórica – da população negra é reinventada como fato social. A sociedade

brasileira mais do que permanecer desigual em termos econômicos, sociais e fundamentalmente raciais, a partir de 1888 (portanto, temos que considerar as experiências desde a colonização) reproduz e aumenta tais desigualdades marcando homens e mulheres etnicamente. A questão não foi somente a falta de políticas públicas com relação aos ex-escravos no pós-abolição. Houve mesmo política pública no período republicano reforçando a intolerância contra a população negra: concentração fundiária nas áreas rurais, marginalização e repressão nas áreas urbanas (GOMES, 2008, p. 462).

O que se pode perceber é que até hoje, em 2010, as políticas de assistência pública voltadas para a população negra têm um déficit grande, uma vez que esses sujeitos¹¹ sociais correspondem à menor parcela da população brasileira educada e, conseqüentemente, estão inseridos nos empregos menos qualificados.

Após 122 anos da abolição da escravidão, a dívida social ainda permanece para com os descendentes de escravos. As conquistas em relação aos direitos adquiridos pelos negros deu-se à custa de muita resistência e luta pela promoção da igualdade racial. De acordo com a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), o Programa Brasil Quilombola¹²:

Marco histórico contemporâneo de extrema relevância, o processo Constituinte de 1988 propiciou uma ampla mobilização da sociedade civil brasileira. No cerne desta mobilização estava entidades do movimento negro urbano, buscando incluir entre os princípios constitucionais a luta quilombola pelo direito a terra e ampliando o debate no campo das políticas públicas acerca da população negra (SEPPIR, 2005, p. 11).

A Constituição Federal de 1988, no artigo 68 do ADCT - Atos das Disposições Transitórias - define *que* “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam

¹¹ Sujeito aqui é entendido como Bezerra (2008, p. 45), que procura perceber a complexidade das relações sociais presentes no cotidiano e na organização social mais ampla; indica indagar qual lugar que o indivíduo ocupa na trama da história e como são construídas as identidades pessoais e sociais em dimensão temporal. O sujeito histórico, que se configura na inter-relação complexa duradoura e contraditória entre as identidades sociais e pessoais, é o verdadeiro construtor da história. Assim, é necessário acentuar que a trama da história não é o resultado apenas da ação de figura de destaque, consagrada pelos interesses explicativos de grupos, mas sim a construção consciente/inconsciente, paulatina e imperceptiva, de todos os agentes sociais, individuais ou coletivos.

¹² Para a assistência da causa remanescente, nasce o “Programa Brasil Quilombola”, ligado diretamente à coordenação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial- SEPPIR. Segundo Matilde Ribeiro (2005, p.5), o programa tem como finalidade “uma metodologia pautada em um conjunto de ações, possibilitando o desenvolvimento sustentável dos quilombolas em consonância com as especificidades históricas e contemporâneas, garantindo os direitos à titulação e à permanência na terra, à documentação básica, alimentação, saúde, esporte, lazer, moradia adequada, trabalho, serviços de infra-estrutura e previdência social, entre outras políticas públicas destinadas à população brasileira”.

ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”, reconhecendo assim os direitos das comunidades que ainda ocupam as antigas terras de quilombos¹³, sendo esta uma conquista importante.

Em relação às suas culturas, essas comunidades também obtiveram garantia do direito a manutenção das suas tradições através do artigo 215 e 216 da Constituição. O Artigo 215 reza que:

O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura Nacional e apoiará e incentivará a valorização dessas manifestações culturais. §1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório Nacional.

O Artigo 216 determina que:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: (EC, nº 42/2003)

I - as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados as manifestações artístico-culturais;

V – os conjuntos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico.

A interpretação conjunta e harmônica destes artigos possibilita uma nova realidade jurídica, que consiste na valorização, reconhecimento e proteção das comunidades remanescentes. Com isso, não quero negar a luta, a conquista dos remanescentes, mas afirmar que houve uma resposta do Estado a tais lutas.

Esta ação realizada pelo Estado, tendo como representante a FCP, Fundação Cultural Palmares, órgão responsável pelo reconhecimento dessas comunidades, assegurando através

¹³ Essa política de valorização e reconhecimento destas áreas tem sido feita no governo Lula; assim, algumas comunidades remanescentes quilombolas têm utilizado dessa ferramenta de poder para serem reconhecidas como descendentes de escravos. Esta ação demonstra que os moradores têm tomado conhecimento de seus direitos, usufruindo da lei e da política de valorização. Demonstrem que o espaço geográfico em que vivem é o local da resistência negra que persiste ao longo dos séculos, pois é o local onde as famílias procuram criar seus filhos dentro de suas tradições e cultura, uma diferença que se restringe a esses negros e a sua trajetória histórica e de ancestralidade.

de leis específicas o direito a terra e o respeito à cultura dos remanescentes. Esses dispositivos podem ser encontrados na Lei nº 7.668/98:

Art. 1º. Fica o Poder Executivo autorizado a constituir a Fundação Cultural Palmares – FCP - vinculada ao Ministério da Cultura, com sede e foro no Distrito Federal, com a finalidade de promover a preservação dos valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira (apud SUNDFELD, 2002, p.26).

A criação da Fundação Cultural Palmares¹⁴ foi importante para a valorização da cultura negra e para a conquista de seus direitos. Pode ser observado que o surgimento de instituições representando o negro é fruto de uma luta travada por eles na procura da valorização e reconhecimento de sua cultura e cidadania na sociedade, conforme pode ser percebido no texto da revista Programa Brasil Quilombola, quando escreve que a luta dos negros pode ser entendida:

Como resultado do processo de mobilização em busca dos direitos, em 1995, houve a realização do I Encontro Nacional de Comunidades Negras Rurais Quilombolas, e foi encaminhado à Presidência da República um documento contendo as reivindicações. Em 20 de novembro de 1995, destaca-se também a Marcha Zumbi dos Palmares, pela vida e cidadania, com a presença de aproximadamente 30.000 pessoas, a mais expressiva manifestação política do movimento negro na agenda nacional. “É neste contexto que quilombola entra no cenário nacional. O reconhecimento legal dos direitos específicos, no que diz respeito ao título de reconhecimento de domínio para as comunidades quilombolas, ensejou uma nova demanda, gerando proposições legislativas em âmbito federal e estadual, promovendo edições de portarias e normas de procedimentos administrativos consoante à formulação de uma política de promoção social para este segmento” (SEPPIR, 2005, p 11).

Após a constituição de 1988, nos anos 90 do século XX e na primeira década do século XXI, continuam as lutas e reivindicações em relação aos direitos das comunidades remanescentes. De acordo com Lima:

As políticas socioeconômicas que o governo brasileiro tem apresentado à nação, após a Constituição Federal de 1988, dialogam com os interesses contidos na aplicação do Art. 68 do Ato das Disposições Constituições Transitórias, que concede o direito de titularização aos remanescentes de quilombos. Nesse sentido, lideranças da comunidade negra brasileira, intelectuais, pesquisadores, estudiosos da questão étnica e da sociedade civil organizada podem muito contribuir para não só a aplicação desta lei, como também a de outros projetos de inserção social, em um aspecto mais amplo (LIMA, 2005, p.81).

¹⁴ Criada pela Lei nº 7668 em 22 de agosto de 1998. A constituição da Fundação só veio a ser viabilizada com a edição do Decreto nº 418, de 10 de janeiro de 1992, que aprovou seu estatuto. De acordo com o estatuto da FCP, esta haveria de constituir-se sob a forma de fundação pública, vinculada à Secretaria da Cultura da Presidência da República, com prazo de duração indeterminada. (SUNDFELD, 2002, pp. 26-27).

Lima (2005) destaca a importância das lutas e reivindicação de diferentes segmentos e lideranças em busca das conquistas e direitos das comunidades remanescentes. A partir da preocupação dessas lutas étnicas, antropólogos, historiadores e geógrafos levam para as academias reflexões sobre a cultura negra, discutindo o termo remanescente de quilombo, procurando atualizar esse conceito e mostrar as lutas e conquistas dos negros. Porém, esses diálogos aparecem muitas vezes como territórios conflituosos, uma vez que há controvérsia entre pesquisadores na definição de remanescentes de quilombo.

Diante de tais prerrogativas, em 1994, o Ministério Público (MP) convocou a Associação Brasileira de Antropologia, ABA, para elaborar um documento que conceituasse o termo “remanescente de quilombo”. A dinâmica do documento compreende que o quilombo deve ser pensado como um local de experiência e trajetória histórica que compreenda a formação social e cultural desses negros. Nesse sentido O’Dwyer (1995, p.3) afirma que:

Contemporaneamente, portanto, o termo quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação territorial ou comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, constituem-se em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um terreno próprio. A identidade destes grupos também não se define pelo tamanho e número de seus membros, mas pela experiência vivida e as versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade enquanto grupo. Neste sentido, grupos étnicos conceitualmente definidos pela antropologia como um tipo organizacional que confere pertencimento através de normas e meios empregados para indicar afiliação ou exclusão.

Essas informações possibilitam compreender que os territórios definidos como remanescentes de quilombo não estão mais ligados aos antigos paradigmas de isolamento ou de população homogênea, mas associadas aos costumes e tradições. É possível perceber também que a ABA contemplou as condições de vivência social e cultural ligados a práticas e manutenção de um modo de vida, o que diferencia esses moradores de outros grupos nacionais. A riqueza das ações produzidas nesses territórios remanescentes são formas de resistência geradas pelos próprios moradores, tornando-se símbolos da sua história e cultura. Assim, os vales, matas, trilhas, casas de adobe, cemitérios, cruzeiros, igrejas, danças, festas, saberes e fazeres contribuem para a construção da identidade do grupo.

O Decreto 4887, de 20 de novembro de 2003, regulamenta o procedimento para identificar, reconhecer, delimitar, demarcar e titular as terras ocupadas pelos remanescentes de quilombos e a Fundação Cultural Palmares define como Procedimentos de Certificação das Comunidades Quilombolas. No art. 2º estipulou que:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para fins deste Decreto, os grupos étnicos raciais, segundo critérios de autoatribuição com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (SEPPPIR, 2005, p. 40).

Através do decreto, ficou estabelecido que a caracterização de remanescentes das comunidades de quilombos será emitida mediante definição da própria comunidade. De acordo com D. Cristina Coutrim dos Reis, 70 anos¹⁵, moradora de São Domingos, em 1995 foi solicitado o pedido de reconhecimento deles como Comunidade Remanescentes de Quilombo na Fundação Cultural Palmares. Todavia, a titularização emitida pela Palmares (FCP) aconteceu somente em 16 de agosto de 2004, com publicação no Diário Oficial da União, nº 43, 04 de março de 2004, seção 1, f. 7. A imagem 2 apresenta a certidão de auto-reconhecimento.

¹⁵ Moradora de São Domingos. Primeira presidente da Associação dos Remanescentes de Escravos do Paracatu, Sua gestão abrange o período de julho de 2003/setembro 2008. Líder comunitária e festeira de São João Batista. A remanescente exerce importante papel na comunidade de São Domingos, além de festeira de São João é catequista.

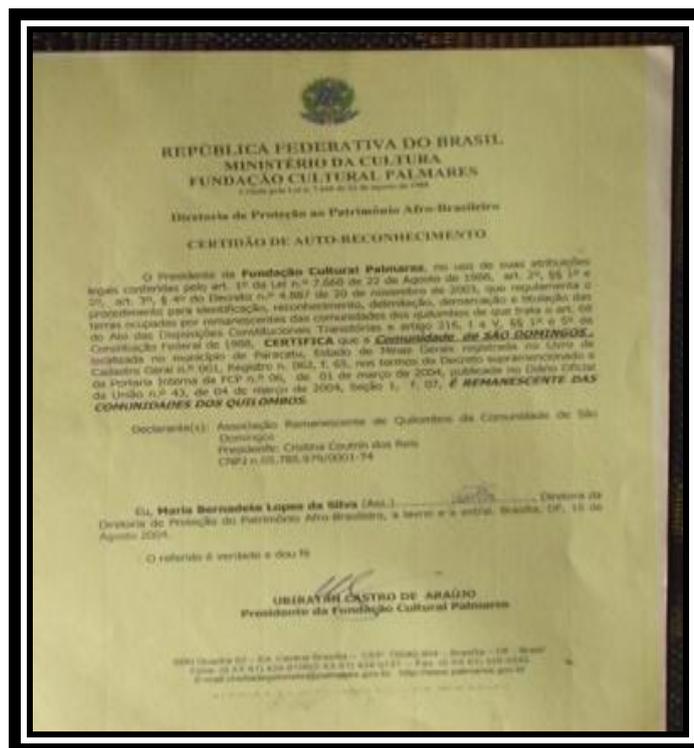


Imagem 2. Certidão de autorreconhecimento como remanescente de quilombo da comunidade de São Domingos, emitida pela Fundação Cultural Palmares (FCP). Fonte: arquivo do pesquisador.

Essa certidão, expedida pela Fundação Cultural Palmares, é o resultado da luta dos moradores de São Domingos, que se mobilizaram e buscaram através desse Órgão Federal o reconhecimento e legalização como remanescentes, embasando-se no artigo segundo do decreto 4287. § 1º “Para fins deste Decreto, a caracterização dos remanescentes das comunidades de quilombo será atestada mediante autodefinição da própria comunidade”. É importante ressaltar que a busca e as reivindicações dos remanescentes pela titularização e reconhecimento demonstram ser um processo de construção e exercício da cidadania, como define Pasquetti “[a] cidadania, antes de ser interpretada por definições jurídicas com enfoques em direitos e deveres, é uma identidade social, formada a partir da luta social” (PASQUETTI, 2007, p. 126).

1.2 - Localização geográfica de São Domingos

São Domingos localiza-se no interior do sertão mineiro, noroeste de Minas Gerais¹⁶, dividindo-se com o Estado de Goiás; município de Paracatu; altitude: 710 metros; latitude

¹⁶ O Noroeste mineiro é composto de 19 municípios divididos em duas microrregiões: microrregião de Paracatu, que corresponde a Paracatu, Brasilândia de Minas, Guarda-Mor, João Pinheiro, Lagamar, Lagoa Grande, São

sul: 17° 13' 01''; longitude oeste: 46° 52' 17''. A extensão territorial de Paracatu é de 8.232 km². Sua população é 83.560 habitantes (IBGE, 2009).

Segundo Anjos (2006, p. 202), Paracatu possui seis comunidades catalogadas como remanescentes de quilombo, sendo essas Machadinho, São Domingos, Família dos Amaros, Comunidade da Lagoa, Cercado e Pontal. Na cidade de Paracatu está a sede do município, a prelazia e a comarca.

Contemporaneamente, São Domingos distancia-se a 3 km do centro da cidade de Paracatu, a 250 quilômetros de Brasília-DF e 506 quilômetros da capital mineira, Belo Horizonte. A imagem 3 a seguir nos possibilita visualizar o mapa e contextualizar geograficamente o município de Paracatu-MG no território nacional.



Imagem 3. Município de Paracatu, inserido no Estado de Minas Gerais e no Brasil. Fonte: <http://www.ada.com.br/paracatu/hm/aspfisic.htm>; acesso, 20 de Janeiro de 2009.

Geopoliticamente, São Domingos é definido como Bairro de Paracatu - MG. A próxima imagem 4 permite a visualização que contextualiza o plano de observação da pesquisa.



Imagem 4. Divisão urbana da cidade de Paracatu em bairros. O mapa permite identificar através das setas, São Domingos, Morro do Ouro e a BR - 040. Fonte: <http://www.ada.com.br/paracatu/htm/aspfisic.htm>. Acesso, 20 de Janeiro de 2009.

A representação cartográfica acima apresenta a divisão urbana de Paracatu em bairros, proporcionando uma leitura geográfica da localização de São Domingos. Para tornar mais clara à descrição da pesquisa, as setas foram inseridas nos principais pontos, localizando a BR 040¹⁷, São Domingos e o Morro do Ouro.

O Povoado localiza-se à margem direita da BR040, sentido Brasília, DF. O principal acesso para moradores e visitantes é no Bairro Alto do Açude, através da Rua Severiano Neiva. A extensão da rua, do início da BR até a entrada do remanescente, é de 1.600 metros, onde começa a estrada para São Domingos. Na entrada, é possível visualizar a paisagem do Morro do Ouro, ainda com farta vegetação de cerrado, e São Domingos na encosta do mesmo, conforme pode ser visualizado nas imagens 5 e 6 a seguir:

¹⁷ Construída no Governo de Juscelino Kubitschek, esta importante rodovia liga Brasília, Belo Horizonte e Rio de Janeiro.



Imagens 5 e 6. Visão da entrada do Arraial de São Domingos sob diferentes ângulos. Local de tradição de garimpeiros, São Domingos possui um relevo acidentado com vegetação, importante para a sobrevivência dos moradores. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Segundo Anjos (op. cit, p. 172), “o equilíbrio ambiental é uma referência ancestral africana, faz parte dos quilombos”. Nas próximas imagens é possível perceber que os moradores procuram manter o equilíbrio do meio ambiente, preservando o cerrado e coqueiros de Andaiá¹⁸; em harmonia com as casas há presença de árvores frutíferas nos quintais; também há plantações de roças e pastagens para o gado. As imagens 7 e 8 permitem observar também marcas de trilhas antigas, feitas pelos moradores de São Domingos que percorriam o local à procura de frutos, madeira seca para queimar ou dirigiam-se para o garimpo no alto do Morro do Ouro.

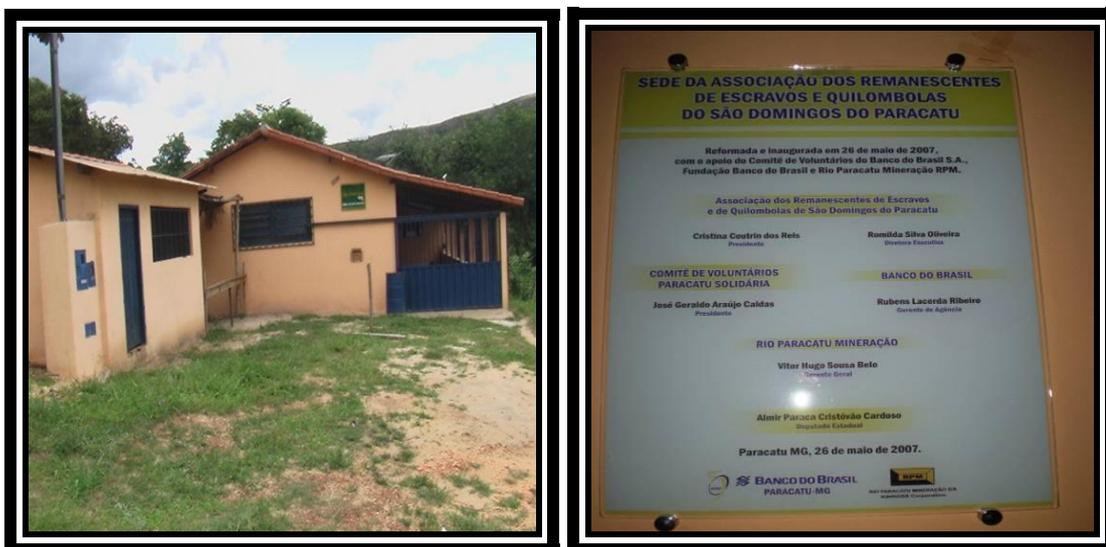


Imagens 7 e 8. Visão da entrada de São Domingos. As setas amarelas são indicadores de trilhas feitas pelos moradores que saíam para garimpar na parte alta do Morro do Ouro. A seta branca localiza os poços artesanais que abastecem os moradores. Os postes de eletricidades margeiam a estrada e as ruas do povoado. É possível perceber algumas casas com suas pastagens; do lado direito, está o campo de futebol. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

¹⁸ Coqueiro nativo e abundante no cerrado de São Domingos. Em algumas propriedades, esses coqueiros são cuidados e incorporados ao quintal. Sua utilização é diversificada. As folhas são usadas para cobertura de galinheiros, casas dos porcos, entre outros. Das folhas são extraídas também fibras de seda para a confecção de chapéus. O fruto é utilizado na culinária para fazer doces, farinha e paçoca.

De acordo com a revista Fundação Palmares (2008), São Domingos possui 72 casas e uma população composta de aproximadamente 400 remanescentes, entre homens, mulheres e crianças, sendo estes unidos por laços consanguíneos e compadrio.

O local possui poucas ruas; a principal delas, intitulada por eles como Rua Principal, é parcialmente asfaltada¹⁹, com a presença de uma ponte de madeira sobre o córrego de São Domingos. Pouco depois da entrada, destaca-se a casa da “Associação de Remanescentes de Escravos e Quilombolas de São Domingos”²⁰. Inaugurada em 2007 possui diversas utilidades de interesses dos moradores. O espaço comunitário é importante para o território remanescente, constituindo-se um local de encontros, reuniões e debates acerca de questões relacionadas à localidade, aos moradores e à Associação. As imagens 9 e 10 seguintes mostram o prédio da Associação e a placa de inauguração da sede.



Imagens 9 e 10. Sede da Associação de Remanescentes. Placa de inauguração da Sede da Associação dos Remanescentes dos Escravos E Quilombolas do São Domingos do Paracatu MG, inaugurada em 26 de maio de 2007. Fonte: arquivo do pesquisador, 2007.

¹⁹Segundo narrativas dos moradores de São Domingos, o asfalto foi construído em uma parte da rua principal, beneficiando somente os eleitores a favor do candidato a prefeito nas eleições de 2002.

²⁰A Associação dos Remanescentes de Escravos e Quilombolas de Paracatu é uma sociedade civil baseada na tradição. Como entidade jurídica, tem por finalidade: zelar pela vida comunitária dos remanescentes de escravos e de quilombolas de São Domingos do Paracatu; proteger o patrimônio material da comunidade já existente; recuperar o patrimônio perdido; ampliar esse patrimônio na medida do possível, seja por doação, compras ou outros meios; proteger o patrimônio imaterial da comunidade; representar a comunidade junto ao poder público tanto em nível municipal, quanto estadual e federal; cooperar com outras comunidades do mesmo gênero. Na mesma oportunidade, ficou constituído seu Conselho Comunitário como órgão máximo de deliberação, composto por todos os remanescentes de escravos e quilombolas de São Domingos de Paracatu, sendo considerados membros natos da entidade. Como primeira presidente do Conselho Comunitário, D. Cristina Coutrim do Reis foi eleita em 30 de junho de 2003 (transcrição fiel da Ata de Assembléia de fundação da Associação dos Remanescentes de Escravos e Quilombolas de Paracatu, datada de 30 de junho de 2003).

Avançando pela rua em direção ao interior do Arraial, pode se notar que neste perímetro concentra-se a maioria das casas, construções feitas de alvenaria²¹. Estas são, em sua maioria, separadas umas das outras por cercas de arame farpado, e a cada divisão feita por esticadores, pode-se notar a presença de 3 a 5 casas dentro da mesma propriedade, pertencentes à mesma família. As casas dentro da propriedade familiar geralmente não possuem cercas. D. Cristina Coutrim dos Reis, 70 anos, conta que:

É um costume antigo que vem dos nossos pais fazer a casa dentro do mesmo lote, vivendo todo mundo próximo. Nós não fazemos cerca porque 'tá tudo em família. A gente vai seguindo essa forma de ficar tudo mundo perto um do outro, porque assim a gente fica mais unido. E é muito bom você poder ver os filhos, os netos, todos bem pertinho. A gente cresceu vendo isso
(entrevista concedida em 12/05/2007).

Nas lembranças da remanescente, essa é uma vivência coletiva seguida pelos seus antepassados. Sendo uma tradição herdada, ela é repassada de forma coletiva e familiar. Essa permanência é uma tradição que eles vivenciaram e continuam vivenciando.

De acordo com D. Cristina, é costume quando um filho contrai matrimônio os pais lhe doarem parte do lote, construindo sua habitação paralela à dos pais, o jovem casal educa os filhos em convivência com os avós, mantendo laços familiares mais estreitos, os saberes e fazeres das gerações mais velhas sendo repassados às mais novas, dando continuidade às tradições da família. Dessa maneira, há um envolvimento afetivo entre pais, filhos e avós. A vivência familiar coletiva em São Domingos é marcada historicamente pela trajetória do trabalho. Esse trabalho se desenvolve no próprio quintal ou nas roças, envolvendo os filhos nas plantações, ou ajudando a cuidar dos animais e aves. Conta D. Cristina que:

Aqui nesse lote da minha casa vivo eu e meus filhos, que casaram e fizeram as casas deles. Tem cinco casas, ao todo, dentro do mesmo lote. Desse jeito a gente ajuda no que for possível. Sempre foi assim. Os pais deixam os filhos construírem sua casa do lado da dele pra ele começar a vida.
(entrevista concedida em 12/08/2007).

²¹ Em São Domingos, atualmente, existem somente duas casas de adobe; as demais foram sendo demolidas a partir da década de 1960, assim como as de pau a pique. Essas foram sendo substituídas por novas moradias construídas de alvenaria. A mudança das casas deu-se em três condições. Na primeira, algumas famílias mudaram para a recém-inaugurada capital, à procura de emprego; porém, mantiveram suas casas em São Domingos e, em época de festas ou de férias, retornam para celebrar as tradições familiares festivas junto dos parentes. Na segunda, as casas foram reconstruídas após o retorno de alguns pais de família, que saíram para trabalhar temporariamente, mas continuaram a mandar para o sustento da família, parte do dinheiro ganho. Na terceira os moradores foram substituindo suas moradias antigas por novas à medida que a renda familiar melhorava.

A proximidade entre a parentela, como mostra a narradora, é uma forma de vivência coletiva, herdada dos antepassados. Permanecer unido significa estar mais forte, partilhar a educação e o trabalho. Na imagem 11 abaixo, pode ser observado o conjunto de casas existentes no lote de Dona Cristina.



Imagem 11: A imagem possibilita observar parte da frente da propriedade de D. Cristina. Embora haja 5 casas na propriedade da remanescente, neste ângulo podem ser visualizadas apenas três casas que estão marcadas com setas de cores diferentes. A seta amarela é a casas de D. Cristina. Seta vermelha e branca dos filhos. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Como um lote agrega muitas famílias, a socialização acontece de forma espontânea. Essa prática pode ser explicada também como uma estratégia para atender à necessidade básica familiar, pois com a proximidade das casas, sempre há um adulto para cuidar das crianças enquanto os pais saem para o trabalho. O trabalho pode ser tanto no dia a dia, nos quintais ou roças, quanto o deslocamento para Paracatu a fim de venderem parte dos produtos cultivados. Isso é relevante, pois fortalece e valoriza os laços familiares e de parentesco, importantes na formação comunitária e na superação dos problemas e dificuldades. Nesse sentido, a ajuda da família, o repasse dos costumes e a construção do espaço e da vivência coletiva permitem entender como a tradição do trabalho familiar, da religião e dos costumes vão sendo repassados e reconstruídos. A organização familiar, dessa maneira, demonstra a forma como os remanescentes reconstróem e definem a própria identidade.

A concentração de casas no Povoado demonstra que houve, ao longo dos anos, um crescimento significativo da população; por isso, as propriedades hoje são menores, em função da divisão que os pais fazem para os filhos, tornando-a coletiva/familiar.

Além da Rua Principal que atravessa todo São Domingos, há também quatro outras menores. Nessas, as propriedades existentes são maiores, o que contribui para o plantio de roças onde são cultivados cana de açúcar, milho, mandioca, banana e feijão. Os proprietários aproveitam também o espaço para criação de gado leiteiro, cavalos, porcos e galinhas.

No final da Rua Principal, há uma pequena praça composta pelo grupo escolar²², o prédio da igreja católica²³ e o cemitério, próximos um do outro, questão que será abordada a seguir e que pode ser observada na imagem 12 abaixo:



Imagem 12: As duas setas brancas sinalizam o espaço do cemitério. O asfalto passa por cima das antigas covas para dar acesso e passagem tanto para pessoas, animais, sendo também o local onde o transporte coletivo faz o contorno no seu percurso a São Domingos. A seta verde é o local da praça onde os moradores se reúnem para as festividades. A preta situa a Igreja Católica. A laranja, o cruzeiro onde é realizada a festa de Santa Cruz e as penitências. A azul sinaliza o grupo escolar. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

1.3 - Praça/cemitério/igreja: espaço de reafirmação dos laços de pertencimento

O cemitério, onde são enterrados somente moradores de São Domingos, data do período da escravidão, segundo a pesquisa de campo, sendo utilizado até hoje. Ele é cercado de um lado apenas por esticadores de arame farpado, fazendo divisa com as terras da multinacional Rio Paracatu Mineração, RPM, e o muro da escola. O restante do cemitério é

²² A escola da comunidade deixou de funcionar em 2009; desde então, os alunos estão sendo levados para Paracatu. Na escola multisseriada, as duas professoras que lecionavam não eram da comunidade.

²³ A igreja católica é a única Instituição Religiosa de São Domingos, ocupando o centro da praça. Segundo o Sr. Aureliano, a construção é recente, pois a antiga caiu por causa do estado de conservação. A igreja nova, segundo ele, é diferente da antiga.

aberto e as covas chegam ao limite das casas²⁴, contornando a igreja, o que Romeu Sabará (2003, pp. 06 - 07) definiu como fatos etnográficos expressivos e contraditórios²⁵. Suponho que Sabará pode ter interpretado como expressivos e contraditórios o fato de um local ocupar tanta importância para os moradores e não ser bem cuidado, assim como o cemitério, que constantemente tem presença de mato conforme se confere na próxima imagem 13.



Imagem 13: A seta vermelha demonstra a cruz de uma cova no cemitério em meio ao mato. Pode ser observada também a cerca de arame com postes de madeira que separam as casas das covas. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Retomando a discussão, a praça/cemitério/igreja dos remanescentes é o local central de encontro. No decorrer da semana, sábado e domingo, é comum as pessoas estarem sentadas socializando conversas informais. Ali acontecem também discussões de interesses

²⁴A localização das últimas casas dos moradores fica atrás do campo santo; os remanescentes transitam entrando e saindo de suas casas, passando por cima das covas antigas, local por onde circula também o coletivo que faz o percurso de São Domingos a Paracatu. Em decorrência do aumento da população e das casas nesse local, os moradores deixaram uma passagem para transitarem. Algumas árvores compõem o cenário, cuja sombra os moradores aproveitam para descanso, bate papo ou brincadeiras.

²⁵ O antropólogo Romeu Sabará foi contratado para desenvolver em 2003 o projeto “quilombo por quilombo”, que consistia na proposta de projeto de desenvolvimento comunitário voltado para comunidade de quilombo em Minas Gerais, que deveria ser implementado no contexto do Programa Fome Zero, com o apoio do COPO (Comitê Operativo do Programa Fome Zero) e da Superintendência Estadual do Banco do Brasil em Minas Gerais. Esse seria um projeto piloto de quatro anos de duração. O trabalho de campo inicial foi dividido em três fases sendo que em cada uma das fases foi feito um relatório de trabalho de campo. Esses relatórios consistem em documentos sobre a localidade. Segundo o antropólogo, “trata-se de um misto de praça-cemitério, ainda que seja um cemitério devassado e uma praça desleixada” revelando “contraste de fatos etnográficos – de um lado, um cemitério e uma praça, que evidenciavam uma certa intimidade dos negros com os seus mortos; de outro, a situação de decadência em que se encontrava o cemitério (SABARÁ, 2003, p. 23; relatório referente à segunda fase de trabalho de campo – junho/julho)”.

comunitários, momentos religiosos²⁶, celebrações festivas para São João, São Domingos, festa de reis, natal, semana santa e dia de finados. Recentemente, os moradores passaram a ter transporte coletivo, sendo esse local também o ponto de espera. Assim, observa-se que esse espaço é freqüentado no dia a dia e também nas festividades.

Nas lembranças dos remanescentes, eles afirmam que para algumas celebrações festivas²⁷ que acontecem desde a época de seus pais e avós, os moradores retiram os bancos da igreja e os colocam na pracinha. De acordo com Isabel Lopes dos Reis, 55 anos²⁸:

Nós damos início à comemoração fazendo pedido pros santos de devoção, pedindo a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia, Nossa Senhora Aparecida, São João, São Domingos. Pedimos também pelos parentes nossos que estão olhando pra nós lá do céu. Pra fazer as orações do terço mariano que nós rezamos, nós usamos uma rosa que é passada de mãos em mãos, passando por todos os presentes. Quando chega nos meninos que ainda não sabem rezar sozinhos, uma pessoa mais velha segura nas mãozinhas dele e reza junto com ele. Depois que acaba a reza, nós servimos biscoitos, chá, café ou refrigerantes. Depois, quando tem tocador com instrumento²⁹, eles tocam e quem quer dançar, dança (entrevista concedida em 03/05/2008).

Para a narradora, as comemorações realizadas reforçam a importância do ato religioso, sendo também uma herança dos seus antepassados. Foi possível perceber em seu relato que o sincretismo acontece também nos pedidos feitos para as divindades consideradas como santos de negros e santos de brancos. Nesse envolvimento e crença, acrescentam os parentes mortos, na certeza de que eles já ganharam a salvação e estão olhando por eles do céu. Outra questão importante levantada na narrativa é o fato de as crianças, desde a mais tenra idade, participarem dos rituais como um ato de imitação, repetindo o que os adultos fazem. Essa imitação é uma tradição e, segundo Isabel, “*se eles participarem vão aprender; e quando eles crescerem, não vão deixar morrer a nossa tradição*”.

Fica evidente que, para os moradores, esses espaços são considerados como um ponto de referência, de compartilhar as experiências e socializar orações, dança e comida com seus antepassados. É possível perceber através das comemorações um sincretismo que apresenta

²⁶ Um desses momentos religiosos seria em outubro, quando a seca e o calor são mais intensos: mulheres e crianças reúnem-se na porta da igreja e saem em direção ao córrego de São Domingos. Ao chegarem, apanham pedras, colocam na cabeça e sobem o morro. A peregrinação tem como objetivo levar as pedras até o cruzeiro. Durante esse trajeto, músicas são entoadas. Acreditam os penitentes que fazendo esse sacrifício, Deus enviará chuva mais rápido.

²⁷ Festa de Santa Cruz, ritual do início da Festa de Reis e missa da sexta-feira santa.

²⁸ Conselheira fiscal da Associação dos Moradores de São Domingos. Cozinheira da Festa de São João. Importante informante sobre a história de São Domingos.

²⁹ Os instrumentos descritos pela narradora são tambor, sanfona, surdo, pandeiro e caixa.

mudanças de acordo com a comemoração dos remanescentes para suas divindades religiosas. Nesse sentido, Bastides (1959, pp. 108-109) escreveu que: “o sincretismo não é uma coisa fixa, cristalizada, mas variável”. Na perspectiva do autor, é possível entender os diferentes momentos e sentidos atribuídos pelos remanescentes a esse lugar. Esses espaços de sociabilidade são assim descritos por Romilda de Fátima Silva Oliveira³⁰, 47 anos:

Comemorar ali na pracinha junto do cemitério e da igreja é uma maneira de honrar nossos antepassados, de lembrar nossa história. Nós fazemos pedidos para os enfermos, pela comunidade, para descanso das almas, falando o nome dos nossos parentes. Minha bisavó morreu com cem anos e ela falava que era um costume desde a época dela. A gente sabe dessas histórias da gente pelos antepassados. Então é passado de geração em geração. A crença na verdade é ver e fazer aquilo que acredita (risos). É fantástico rezar no cemitério!
(Entrevista concedida em 24/05/2007).

A narrativa de Romilda demonstra um forte laço de pertencimento, reforçando que o que fazem é uma continuação da cultura herdada de seus antepassados. O cemitério para ela é uma referência, um local de proximidade com os parentes que faleceram. Considera a narradora que esse espaço é importante para repasse da cultura e da memória entre as gerações.

Pode ser observado através dos relatos que a dinâmica social do encontro dos moradores na praça/cemitério/igreja é uma característica peculiar desse local e revigora a memória coletiva. As covas, túmulos, cruzeiro, praça e a igreja servem sempre para buscar, na memória, as histórias de seus parentes. É possível afirmar que o comportamento dos moradores com relação à praça/cemitério/igreja é algo histórico e tem sido repassado de geração em geração, uma socialização que acontece em diferentes épocas do ano.

Sabará analisa a composição do espaço e observa um cemitério que de fato funciona também como praça. A proximidade entre praça/cemitério/igreja e residências possibilitam perceber que há certa intimidade dos moradores locais com seus mortos. Reflete o antropólogo (2003, p. 24) que esse fato “nos leva a admitir que a Comunidade Negra de São Domingos busca manter uma proximidade tanto física, quanto espiritual com sua comunidade de mortos”. Nesse sentido, a remanescente Valdete de Fátima dos Reis Brandão, 48 anos, conta que:

³⁰ Presidente da Associação de Moradores de São Domingos, líder comunitária, importante personagem na tomada de decisões e grande conhecedora da história local.

Meu pai, Aureliano, que tem 96 anos, fala que aí sempre foi cemitério, sempre foi igreja e praça. Desde menina, eu cresci vendo isso e participei brincando com meus irmãos e primos nesse lugar. Lá sempre foi o ponto de encontro da comunidade, nas horas de enterrar um parente, nas horas das festas, que são preparadas pros santos de devoção, onde a gente canta, toca instrumento e dança - é uma maneira que nós temos de honrar os antepassados. Eu cresci vendo isso. Casei, tenho dois filhos, um rapaz e uma moça, e os dois foram criados do mesmo jeito, participando dessas coisas. Ali também é o lugar onde as pessoas sentam pra conversar, pra jogar conversa fora, pra esperar o coletivo. Isso vai sendo passado de pai pra filho.

(entrevista concedida dia 05/04/2008).

É possível perceber através da narrativa que esse comportamento é uma construção histórica demonstrando que esses locais ocupam importante papel na vida social e cultural dos remanescentes. Dessa maneira, o fluxo das narrativas orais vai formando um tecido social que recria a memória coletiva, demonstrando permanências, a partir das quais ocorrem ressignificações.

As muitas incursões feitas por mim na pesquisa de campo foram fundamentais para ajudar na compreensão da cultura dos remanescentes. A cada vez que eu os ouvia ou participava dos seus rituais, ficava mais fácil de entender o que as ações do sincretismo que ali aconteciam significavam para eles. Em especial, de acordo com os entrevistados, eles procuram através desse comportamento estar em sintonia com seus mortos. Para a narradora:

A praça é o ponto turístico da comunidade, é chegada e saída. É o trevo. Ali é o ponto X da nossa igreja. O turismo da nossa comunidade é aí no cemitério. Eles não fazem mal pra nós, por isso passamos tranquilos no cemitério, e ninguém tem medo. Eles participam junto a nós e olham por nós. Ali está enterrado só parente nosso. Estamos em paz com eles e eles conosco. Nós brincamos junto dos mortos. Aqui é tão engraçado que os mortos brincam com os vivos, você sabia? Você vê de lá, 'tá todo mundo brincando, jogando bola pertinho do cemitério. Ali a meninada se reúne pra jogar bola, queimada, vôlei, brincar de pique esconde, onde os meninos se escondem atrás da catacumba

(entrevista concedida dia 05/04/2008).

De acordo com as entrevistas realizadas, esses locais são importantes para eles, porque reúnem todas as famílias que partilham das comemorações festivas ou do sentimento da perda de um ente querido. Dessa maneira, eles relembram seus antepassados e dão continuidade às tradições. Continuando suas observações, Valdete diz que:

Quando tem um enterro depois do sepultamento, uns ficam andando pelas covas, outros sentam no meio fio, tem gente que senta na pracinha, outros sentam na porta da igreja e vão conversando, lembrando o passado da

pessoa que morreu e dos outros que 'tão ali enterrados. E os vivos 'tão ali também pra ver o modelo de vida de cada um, pra gente sentir orgulho. Por isso nós não temos medo, está tudo em família
(entrevista concedida dia 05/04/2008).

A narradora relatou que, desde criança, os moradores convivem com o cemitério e são educados por seus pais a entenderem que nesse espaço há somente parentes enterrados e que os mesmos não têm intenção de fazer mal. O convívio diário, o afeto e os ensinamentos que os pais e avós passam aos filhos, de respeito aos mortos, não permitem que as crianças o vejam como local de medo. Dessa maneira, os moradores vão interagindo e construindo em sua história, uma memória de recordações coletivas familiares, partilhando e transmitindo essas experiências como valores culturais e sociais pautados na forma como agem, pensam e sentem o mundo do qual fazem parte. As imagens 14 e 15 permitem visualizar diferentes momentos vividos pelos moradores na praça/cemitério/igreja.



Imagens 14 e 15. Alguns moradores à espera do transporte coletivo, enquanto outros aproveitam a sombra da árvore para descanso e conversas informais. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

De acordo com os moradores mais idosos, esse local sempre foi o ponto de encontro das famílias. Nele acontecem conversas informais, reuniões para assuntos de interesse da comunidade, pagamento de promessas, homenagens e as Festas que perpassam todo o calendário festivo católico. As imagens abaixo 16 e 17 estão relacionadas ao mesmo local das imagens anteriores, porém pode ser percebido que em dias diferentes. A primeira é organizada no dia três de maio comemorando Santa Cruz. Durante todo dia são feitos preparativos de enfeites no cruzeiro localizado dentro do cemitério. As mulheres preparam biscoitos, pão de queijo, cachorro quente, bolo entre outros quitandas especialmente para

serem servidos após as orações. A comemoração é feita durante a noite para viabilizar a participação dos moradores.



Imagens 16 e 17. Diferentes momentos de comemorações festivas. Pode ser observado também que as imagens marcam as festas comemoradas durante o dia e a noite. As setas localizam o cemitério/prça/igreja. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009

Em dias especiais, por exemplo em um velório, esse é o local onde os familiares se reúnem para fazerem a última homenagem. Nas narrativas das pessoas entrevistadas, quando acontece um sepultamento, elas permanecem na praça/cemitério ou sentados na calçada da igreja para relembrem os momentos passados e a importância que as pessoas que ali estão enterradas exerceram em São Domingos. A interação envolve os presentes e atribui sentido de pertencimento dos vivos para com os mortos. O que Brandão define como:

O rito da morte, ou melhor, a inteligência lógica de sua sucessão ao longo de um tempo e uma sequência solenizam o reconhecimento coletivo de que o morto deixou seu lugar entre os vivos para continuar mantendo com eles uma ou algumas possibilidades de relacionamento (BRANDÃO, 1989, p. 190).

A valorização desse espaço pelos moradores é uma tradição relacionada à vivência coletiva herdada dos antepassados, sendo repassada de geração em geração. Romilda, relata a forma como se relacionam com os mortos:

Eu acho bacana demais não ter esse medo e sim devoção. É uma forma de estar cultuando as almas também. Fazendo as almas felizes. Porque os mortos são tudo nosso mesmo! Porque morre a matéria, mas os espíritos 'tão com todo mundo ali. Os espíritos estão ali! Eles estão agradecidos por sermos continuadores da história!
(Entrevista concedida dia 05/04/2008).

Através da narrativa de Romilda, é possível perceber como eles reafirmam os laços de pertencimento e de identidade com a cultura ancestral deles. Quando os adultos rememoram e contam a história do falecido para os jovens, perguntas surgem e as histórias de vidas passadas são acionadas, entrecruzando passado e presente. A valorização e reza pelos antepassados é uma tradição presente entre eles, forma de revigorar os laços de família e pertencimento ao grupo de moradores de São Domingos.

Em São Domingos o espaço da cemitério/prça/igreja torna-se um local de expressarem na cultura significados e sentimentos. Nesse sentido, Pesavento escreveu que:

A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto já um significado e uma apreciação valorativa (op. cit., p. 15).

É relevante perceber nas falas dos narradores, que as conversas corriqueiras, as histórias contadas na praça/cemitério/igreja são discursos do cotidiano. No momento que os remanescentes narram suas histórias, fazem-no pela oralidade. Como escreveu Benjamin (1987), a narrativa é uma construção feita por homens e sua utilidade acontece quando há interesse entre narrador e ouvinte, momento em que esses vão intercambiando informações e experiências.

A partir dessas reflexões, acredito que esses momentos do cotidiano, festejos, música, dança e culinária, são espaços que reafirmam a identidade étnica dos moradores de São Domingos. Penso que essas experiências que partilhei com diferentes narradores me remontam a Certeau (2007, p. 202), quando escreveu que os indivíduos de certa forma assimilam os lugares. Afirma o autor que o “espaço é um lugar praticado”. A forma de ver e sentir esses lugares, que é praticada pelos remanescentes, demonstra cumplicidade entre os sujeitos históricos. Neles, os moradores transitam, criam sentidos e intimidades.

Diante dessas questões, pareceu-me ser prudente fazer uma pesquisa de campo em Paracatu e povoados vizinhos para ver se os cemitérios eram próximos das igrejas e das moradias e se ocupavam a mesma importância cultural como em São Domingos. Foi constatado que na cidade de Paracatu há dois cemitérios. O de Santa Cruz, localizado no centro da cidade, datado do século XVIII, é cercado por um muro alto, com acabamento de telhas, que impossibilita as pessoas de verem a paisagem interna pelo lado de fora e o isola das casas; esse cemitério é frequentado somente em dias de sepultamentos e dia de finados. O segundo cemitério, Alto da Colina, localiza-se no bairro Nossa Senhora de Fátima, construído na década de 1990, também cercado por muro. As pessoas o frequentam da

mesma forma que o anterior. Próximo aos dois cemitérios não há construções de praças e igrejas, passando a idéia que há separação entre o mundo dos vivos e o dos mortos.

Nos dois povoados próximos a São Domingos, Lagoa de Santo Antonio a 10 Km e São Sebastião 5 Km, catalogadas como remanescentes de quilombo, os cemitérios situam-se ao lado das igrejas, ficando também próximos às residências, característica que de certa forma aproxima a relação desses moradores com seus mortos. Diante disso, interpreto que essa é uma característica cultural dos escravos que vieram para Paracatu.

1.4 - Paracatu e São Domingos: relações tensas e assimétricas

De acordo com alguns recordadores antes dos anos 80 do século XX, havia muita tranqüilidade em São Domingos, mas essa situação tem mudado dessa data para cá, havendo ofertas para os moradores venderem suas terras. De acordo com Evane Lopes Dias da Silva³¹ 34 anos.

Nós lutamos pelo direito de ficar no que é nosso. Muitos já foram procurados para vender a terra lá de cima, mas por reconhecerem que são quilombolas e saber do nosso valor e do amor que temos pela nossa terra, eles não venderam.

(entrevista concedida em junho de 2010)

No ano de 1987, chega a Paracatu a Rio Paracatu Mineração, RPM, uma multinacional subsidiada por capital canadense e americano. Seu principal objetivo é extrair o ouro nas jazidas existentes no Morro do Ouro. A extração do minério é realizada através do uso de maquinários de alta tecnologia. Atualmente a RPM, passou a ser conhecida como Kinross, sendo considerada como uma das maiores empresas de extração de ouro do país. No jornal Correio Brasiliense³² assim foi noticiado:

Em Paracatu, a Kinross é dona de 10.942 hectares, terras que neste ano prometem gerar 500 mil onças-troy (unidades de medidas para barra de ouro que equivale a quase US\$ 1250 cada); o resultado em um faturamento

³¹ 34 anos. Presidente da Associação dos Remanescentes de Quilombo de São Domingos do Paracatu desde setembro de 2008. de São Domingos que conseguiu aprovação no segundo curso superior.

³² Notícia publicada no jornal Correio Brasiliense em 31/05/2010. Por Victor Martins, enviado especial. “O Brasil se tornou importante importador do metal”, disponível em http://Correio_Brasiliense_www.correio_brasiliense.com.br/cbonline/economia/pri_eco_184.htm?. Acesso em. 22/12/2009.

aproximado de US\$ 1 bilhão. Tais números garantem à pequena cidade mineira o título de dona da maior mina brasileira em área e volume de ouro no país. “Disparadamente somos a maior. Apesar de ter um teor de ouro pequeno no minério que retiramos, movemos uma quantidade enorme de rocha para produzirmos muito”. Explica o presidente da companhia no Brasil, José Roberto Mendes Freire. Em produtividade, a mina retira 0,4 gramas de ouro por tonelada de rochas extraídas – o menor índice do país. Mas, em um único dia, movimenta 120 mil toneladas de pedras para compensar a baixa ocorrência. “Em 2004 começamos estudos para prolongar o tempo e a vida da mina. A princípio era só mais dez anos. Em 2008, porém, começamos a expansão e criamos uma segunda planta, o que aumentou o tempo de exploração para mais 34 anos”, explica Marcos Paulo Dias Gomes, gerente de processo da Rio Paracatu Mineração.

A contextualização territorial da empresa em Paracatu pode ser visualizada na imagem 18 abaixo.

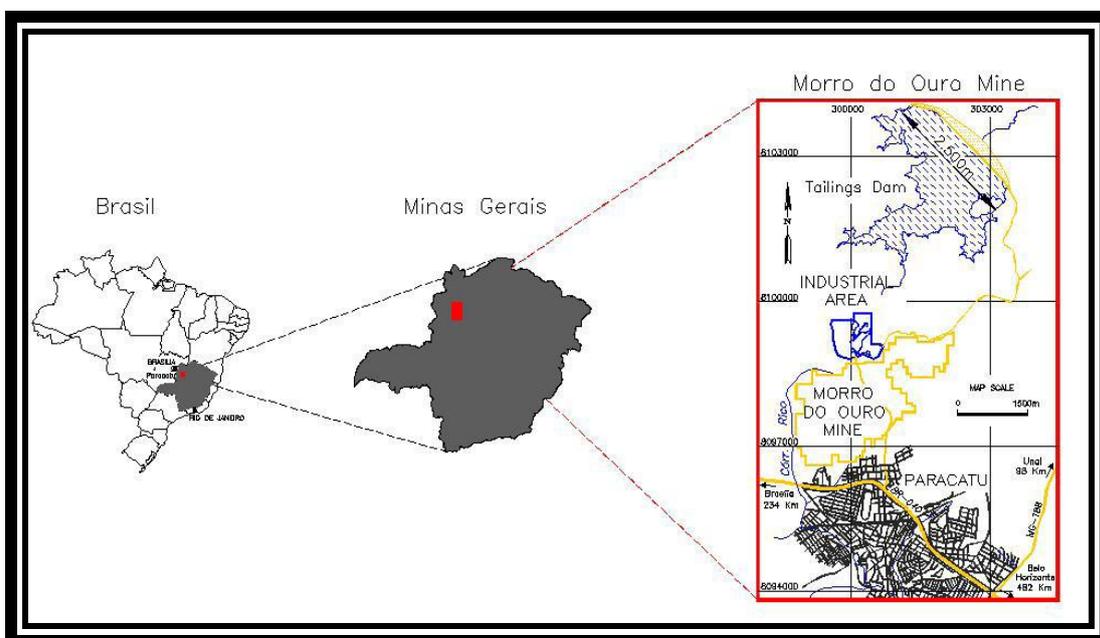


Imagem 18: Localização da Mina do Morro de Ouro em Paracatu. Fonte: Disponível em <http://www.rioparacatumineracao.com.br/site/imagens/localizacao.jpg>. Acesso em 22/11/2009.

A empresa está localizada a aproximadamente 2 km ao norte da cidade de Paracatu, fazendo divisa com São Domingos, tendo adquirido uma parte das terras que foram desses remanescentes e as cercado, impedindo a entrada dos mesmos na antiga propriedade.

Nas lembranças, os moradores afirmam que São Domingos, no passado, era tranquila em relação aos dias atuais; as famílias trabalhavam reunidas plantando, colhendo e garimpando; com raras exceções, um morador saía de São Domingos para empregar-se fora das terras dos remanescentes. Em suas recordações, os remanescentes disseram que o cerrado era explorado para abastecimento de madeira seca; como parte do sustento alimentar,

colhiam gabirola, araticum, cagaiteira, araçá, pitomba, coquinho do serrado, murici, pequi, marmelada de cachorro, cajuzinho do cerrado, milho de grilo, pitomba, saputá ou bacapari, angá, grão de galo, baru, aranhé ou mama-cadela e goiabinha do cerrado. Segundo os sujeitos sociais que a rememoram, essa realidade mudou muito desde os anos 1980 do século XX, pois eles não podem mais explorar a área que hoje, 2010, pertence à empresa.

Em suas memórias, contaram que, quando crianças, brincavam livremente, pois não havia fronteiras entre as casas, o cerrado e o Morro do Ouro. O córrego de São Domingos era o principal ponto de encontro, sendo farto em água, ouro e peixes. A abundância de água era proporcionada por nascentes e cachoeira que vinham do morro do ouro e desaguavam no córrego de São Domingos, que atravessa suas terras. Esse córrego significava local de trabalho e lazer para os moradores. Era costume das famílias, durante a semana, trabalhar no garimpo e pescar. Nos finais de semana, feriados ou dias santos, o córrego era local de socialização e descontração para as famílias. De acordo com Evane Lopes :

Nós tínhamos o costume de fazer os chamados piqueniques. Nós fazíamos os chamados cozinhados no esmerel³³, onde toda a comunidade se reunia. Ali era um local que tinha um lajeado muito lindo. Aos domingos, o ponto de lazer era ir pra lá, fazer esse cozinhado onde todos se reuniam pra poder almoçar juntos, à beira do córrego, e depois até tomava um banho. Ali mesmo passava a tarde e nós brincávamos muito. Nossa vida aqui, quando criança, na década de 80, era maravilhosa. Era só tranquilidade. A gente vivia totalmente em paz. Havia uma quantidade enorme de pássaros! Hoje a gente vê alguns querendo retornar pra esse ambiente natural que a gente tem aqui, o pouco do que ainda resta desse ambiente natural.
(entrevista concedida em 25/06/2010).

Como pode ser percebido na narrativa, o córrego significava para os moradores lazer e entretenimento, momento de compartilharem informações e saberes. A partir da chegada da RPM, esse espaço tornou-se para os moradores lembranças revividas. Ainda nas reminiscências das lembranças do Sr. Geraldo Santana Lopes dos Reis, 58 anos, ele reflete: “quando era menino, aqui era um sossego. A gente andava nesse cerrado todo. Era uma meninada, e a gente bagunçava esse ‘corgo’ aí, pra baixo, pra cima, pra baixo, pra cima - tomava banho, bebia água do ‘corgo’” (entrevista concedida 25/06/2010).

Como pode ser percebido na narrativa do Sr. Geraldo e de Evane, nos anos 1970 e 1980 do século XX, a convivência social e o envolvimento familiar no córrego e no cerrado era intensa. Esses espaços serviam historicamente como local para as famílias

³³ Forma como os moradores se referem ao fogão feito com junção de pedras.

intercambiarem o repasse da cultura local. Entre conversas, brincadeiras, confidências de dificuldades e o mexer as panelas no esmerel, as carnes eram preparadas e assadas; à beira da água; havia uma inteiração entre os presentes e dessa maneira, eles partilhavam suas experiências. Essas práticas foram interrompidas, segundo os moradores, a partir da década de 1980, momento em que a multinacional se instalou. Segundo os narradores, comparado aos anos de 1980, o córrego de São Domingos, que antes lhes impedia de atravessar para sair do remanescente, hoje é apenas um filete. Essa situação acontece porque a Kinross construiu tanques para os quais desviaram as águas. Diante dessa agressão, Evane Lopes Dias, afirma:

Nós encontramos vários impasses, várias dificuldades, mesmo diante da certificação. Um dos maiores conflitos que nós temos hoje é com a mineradora Kinross, que é uma mineradora que está aqui muito próxima a nós, que adquiriu uma parte da área nossa, e ao adquirir essa parte, tornando-se dona, ela acabou matando as nossas nascentes, porque abriram tanques de abastecimento. Logo no início que eles vieram, eles precisavam de água suficiente para poder iniciar seus trabalhos lá; e nisso, como eles tinham comprado uma parte que era da cachoeira, que era o ponto de lazer dos quilombolas aqui, eles acabaram abrindo esses tanques. A água, que vinha para as nossas nascentes aqui, acabou sendo desviada cem por cento para esses tanques. Houve uma diminuição imensa da quantidade de água que corre hoje da cachoeira. Hoje, o que corre lá é um fio de água apenas, que não dá nem para tomar um banho, porque a água que corre de lá é uma água imprópria para o uso, por conter resíduos de metais pesados, que não é o azougue da época como eles teimam em afirmar. Eles fazem questão de afirmar que a contaminação da cachoeira é pelo azougue que era utilizado na época. E aqui quase não se utilizou o azougue, até porque logo que começou a exploração aqui, com os moinhos, a mineradora veio e fechou. E ficou o quê? Ficou três anos a exploração dos moinhos (entrevista concedida em 25/06/2010).

Nas palavras da narradora, desde que a mineradora se instalou, houve interferências no cotidiano dos moradores de São Domingos. A princípio, eles desconheciam que sofreriam tantos impactos sociais, ambientais e culturais. Essa situação foi acontecendo no decorrer do tempo e, quando eles se viram prejudicados, começaram a pressionar os representantes da mineradora pelo fato de haver a diminuição de água. Segundo ela, o medo estava também ligado à contaminação do lençol freático por arsênio, bem como as águas do córrego de São Domingos, que era utilizada pelos moradores. A reação da mineradora segundo a narradora foi afirmar que a contaminação da água foi feita por eles, quando exerciam a mineração. Na forma de ver de Evane, “*isso não é verdade, pois sempre foi tradição dos moradores garimpar de forma artesanal*”.

O impasse vivido pelos remanescentes de São Domingos com a RPM – Rio Paracatu Mineração – Kinross, de acordo com alguns dos entrevistados, acontece desde a ocupação da

área em 1980. Com sua instalação, houve demarcação das terras e o represamento das nascentes. A partir dessa ação da multinacional, muitas interferências aconteceram tanto no espaço geográfico como cultural. Rememoram os narradores que antes a área era aberta e eles transitavam com liberdade, hoje, para afastar intrusos, a multinacional conta com um eficiente monitoramento feito em suas terras por homens a cavalo, com cães da raça Rottweiler, inibindo os moradores de ultrapassarem os limites. Para Pasquetti (Op, Cit, p. 187), “[a] violência também pode ser definida pelos seus aspectos físicos ou psicológicos”.

De acordo com os moradores, a cada ano que passa o córrego fica mais assoreado e a vegetação nativa passar a escassear em decorrência da falta de água. Em suas lembranças, a remanescente Valéria Lopes dos Reis, 42 anos, afirma que:

Desde menina eu ajudava minha tia Filisbina a enfeitar o cruzeiro. A gente ia de casa em casa e depois ia pro cerrado. Começava colhendo flores pelo caminho. Tinha muita flor na beira do ‘corgo’. Colhia muitas flores e voltava com os braços cheios pra enfeitar o cruzeiro que fica no cemitério. Depois minha tia ficou doente e eu continuei a enfeitar o cruzeiro e, com a morte dela, eu continuei no lugar dela. Fazer esse trabalho é muito gratificante; só que, a cada ano, as flores diminuem e isso é um problema. Hoje, depois que a RPM veio e represou a água e o ‘corgo’ diminuiu a água, as flores, que eram muitas nessa época, como a quaresmeira e vassourinha de Santo Antonio, diminuíram muito; a gente tem que andar muito pra conseguir. Eu não acho difícil sair pra procurar as flores, o que eu acho difícil é não encontrar as flores pra enfeitar o cruzeiro, porque eu preciso de muitas flores.

(entrevista concedida em 25/06/2010).

Como é possível perceber nas palavras de Valéria Lopes ao lembrar o tempo de menina, expõe que havia abundância de flores no cerrado. A fartura de flores silvestres nos arredores facilitava o trabalho para sua tia e, conseqüentemente, para as ajudantes. Para a narradora, esse tempo deixou saudade e situando-se no tempo presente como a festeira de Santa Cruz, ela diz que encontra dificuldades para conseguir variedades de espécie de flores, por isso, contemporaneamente, começa a colher as flores nos jardins das casas dos moradores de São Domingos. Afirma ainda que, mesmo tendo mais trabalho do que antes, ela não irá desistir, pois deve dar prosseguimento à tradição deixada pela tia.

Mesmo diante dessas situações, alguns moradores não se posicionam quanto ao assunto e silenciam pelo fato de terem se tornado funcionários da empresa, que contratou a força do trabalho de alguns remanescentes para prestação de serviços que não exigem qualificação profissional, como serventes de pedreiro, motoristas e guardas.

Duas outras posições também podem ser identificadas. Nos relatos feitos pelos narradores, há posicionamentos contrários à presença da multinacional. Nas narrativas das pessoas entrevistadas, elas demonstram que houve uma desagregação, dividindo a opinião dos moradores com relação a RPM.

As entrevistas realizadas deixaram entrever as tensões entre os representantes da Associação³⁴ dos Moradores do Povoado de São Domingos e a Associação³⁵ dos Remanescentes de Escravos de São Domingos de Paracatu. Embora as duas Associações tenham interesses comuns de trabalharem para beneficiar os moradores, seus objetivos se diversificam. Para cada Associação há uma presidente acompanhada de vice e um conselho.

Para alguns membros da Associação dos Moradores, a empresa representa uma parceria, pois em contrapartida, paga metade da energia consumida pelos moradores. Conseqüentemente, diminui o valor a ser pago por cada família. Nas narrativas dos entrevistados, eles se dizem conscientes dos prejuízos causados pela multinacional do ponto de vista geográfico e cultural. Ressaltam ainda que gostariam de ter as terras de volta e de poder transitar livremente nas terras que hoje pertencem à RPM; mas sentem-se desanimados com a morosidade com que a lei trata questões referentes aos remanescentes. Por isso, optaram em tirar proveito do que a empresa pode oferecer. Para Ana Bela³⁶:

A empresa é boa pra nós, ela ajuda a pagar a energia gasta pelas famílias. Se ela não ajudar, fica caro pra nós. Então nós não queremos perder a ajuda dela. Ela deu também a bomba d'água do poço artesiano que nós usamos. Ela doou mil e quinhentos reais no ano passado e, com o dinheiro, foi comprada uma panela grande e também vasilha pra pôr água, prato e espelho

(entrevista concedida em 11/12/2009).

Esse posicionamento demonstrado na entrevista não é o único. Outros moradores compartilham da mesma idéia. Segundo alguns narradores, eles estão sendo beneficiados pela multinacional. Com esse pensamento, começou a haver divergência entre os

³⁴ A Associação de moradores do Povoado de São Domingos foi fundada em 20 de fevereiro de 1989 com a finalidade de atender interesses dentro do povoado. Atualmente a presidente é Romilda de Fátima Silva Oliveira. Os trabalhos desenvolvidos por essa Associação têm por finalidade atender interesses internos como recolher o dinheiro para pagamento de energia e organização das festas dentre outras atribuições.

³⁵ A Associação de Remanescentes de Escravos e Quilombolas de São Domingos do Paracatu, de acordo com a primeira presidente D. Cristina foi fundada em 30 de junho de 2003 compondo uma diretoria conforme descrito anteriormente no início desse trabalho. A diretoria tem como função, representar os moradores de forma civil e jurídica.

³⁶ Moradora de São Domingos. O nome verdadeiro foi resguardado em função da ética na pesquisa. A narradora permitiu que sua entrevista fosse utilizada, porém pediu sigilo quanto ao seu nome.

remanescentes. É importante ressaltar que essa tensão torna-se evidente nos momentos de reuniões ou quando alguém retoma algum assunto referente ao que foi discutido em assembléia. Porém, no cotidiano, os moradores convivem sem maiores problemas.

Contrária ao posicionamento de alguns membros da Associação do Povoado está à nova diretoria da Associação de Remanescentes de Escravos. Segundo Evane Lopes que assumiu a presidência da Associação dos remanescentes em setembro de 2008, enquanto parentes, as lideranças das duas associações se dão muito bem, são compadres, comadres e socializam no dia-a-dia como verdadeira família, mas como membros representantes de uma diretoria, existem divergências quanto à forma de pensar a “Kinros”.

Nas lembranças dos remanescentes, não havia desentendimento entre eles até a chegada da mineradora. Os assuntos eram mais corriqueiros, não havendo necessidade de tomadas de decisões que contrariassem os consanguíneos. Segundo eles, com a instalação da multinacional, houve necessidade de tomadas de decisões quando havia tendência a prejudicar os moradores. Nesse sentido, eles afirmam que a empresa tem se utilizado de meios que trazem conflitos para os eles, o que antes não existia.

Segundo narrativa de alguns remanescentes, as excursões promovidas pela empresa, bem como passeios e seminários dentro da Kinross, torna alienada parte dos moradores. Essa situação pode ser observada na narrativa de uma remanescente que entusiasmada conta que: *“nós fomos convidados para ir à RPM fazer um curso de meio ambiente. Eu falei que nós devemos ter respeito com a natureza. E todo mundo gostou demais! Depois nós fomos servidos, estava tudo muito chique”* (entrevista concedida 12/08/2009). Esse mesmo episódio teve um sentido diferente para outro narrador. Segundo o entrevistado Ricardo Costa e Costa³⁷.

Depois que terminou o seminário, eles chamaram para um lanche. Até aí tudo bem. Mas quando nós chegamos no lugar, o lanche era pizza pra comer com garfo e faca. Você só via gente olhando um pro outro, como quem queria dizer “e agora, eu não sei comer assim...” E quando o meu povo tentou comer, nossa Senhora! Só se via garfo e faca caindo no chão. Foi uma humilhação, uma vergonha pro meu povo. Foi só vergonha pra nós. Porque eles não serviram alguma coisa que nós pudéssemos comer pegando com a mão? Por exemplo, um salgado de coxinha e coisa e tal? (Entrevista concedida 12/08/2009).

Essas questões têm feito com que os representantes da Associação dos quilombolas repensem antes de aceitarem os convites feitos pela mineradora.

³⁷ Pseudônimo utilizado para manter o anonimato do narrador, que não quis ser identificado.

Outra situação de desconforto segundo relatos dos moradores são os impactos causados pelas explosões de bombas que acontecem com frequência nas minas que dividem geograficamente com o povoado. Alegam que suas casas simples não possuem uma estrutura que suporte esses abalos e estão sendo afetadas com rachaduras nas paredes. Isso tem repercutido bastante entre os remanescentes. Os entrevistados cujas casas foram afetadas por essas rachaduras cobram posicionamento dos membros da diretoria da Associação dos Remanescentes, solicitam que providências sejam tomadas para a preservação de seus lares, pois eles estão em suas propriedades resistindo à mineradora e que, se não fossem por eles a empresa estaria dentro da cidade de Paracatu.

Diante da pressão exercida pelos moradores, a multinacional fez um levantamento do ocorrido e criou um grupo de monitoramento junto aos moradores. De acordo com Nik,³⁸ os especialistas disseram que:

Essas rachaduras que saíram nas casas, através do levantamento dos especialistas deles - que vieram, tiraram fotos e tudo - disseram que é simplesmente falta de cimento e falta de mão-de-obra especializada. Então, de certa forma, feriu a integridade do povo aqui, quando falam que o povo aqui não tem capacidade para estar fazendo suas próprias moradias... (...) Na verdade, a gente vê que tudo isso é uma forma que eles tentam de fazer a todo momento uma lavagem cerebral no povo. Pra dizer que eles estão agindo dentro do que realmente compete a eles, dentro das normas que são passadas para eles, para que o povo acabe tomando suas próprias providências e acabe desistindo”

(Entrevista concedida em 12/03/2010).

As narrativas demonstraram resistência por parte de alguns dos moradores com relação à empresa, porém os obstáculos que surgem muitas vezes fazem com que acabem desistindo pela burocracia que enfrentam. Ainda em suas reflexões, Nik narra a forma de a empresa convencer os remanescentes de que as implosões não causam impactos ambientais:

Pessoas daqui da comunidade que não tem nenhuma especialização nessa área são levadas para as proximidades da mina para anotar o grau de impacto que isso está gerando no subsolo. Não desvalorizando as mulheres, mas elas não tem conhecimento para isso, são mulheres simples. São pessoas simples, que não têm um estudo especializado. Até eu mesma, como professora, como educadora, como universitária, nem eu teria capacidade de estar fazendo uma análise dessa, porque eu não sou formada nessa área. Mas o que eles fazem? Eles pagam pra elas. Eles pagam meio salário pra cada pessoa que vai e faz parte e de seis em seis meses eles renovam essas pessoas

(Entrevista concedida em 04/01/2009).

³⁸ Pseudônimo utilizado para manter o anonimato do narrador, que não quis ser identificado.

Através da narrativa, é possível perceber que há uma fomentação de discórdia por parte da empresa, dividindo a opinião dos remanescentes. O fato de os representantes da diretoria da Associação dos Remanescentes não concordarem com a atitude da empresa de contratarem moradores para fazerem parte das análises técnicas traz insatisfação para os contratados. As pessoas que são incluídas no grupo passam a receber pelo serviço prestado, fazendo com que elas sintam segurança no recebimento do salário, que se estende durante o semestre. Segundo informantes, quando as mulheres chegam ao destino com os técnicos, elas dizem que anotam o que eles instruem. Na fala de Pedro Silva Silva³⁹:

As mulheres saem de suas casas pra receber uma migalha de meio salário, que para as mulheres daqui é muito, porque as mulheres daqui não têm um campo aberto de trabalho, até porque muitas não têm escolaridade. E eles pegam justamente essas pessoas que dependem de uma quantidade X pra poder estar comprando um arroz, um feijão, fazendo um complemento. Quando nós dizemos que isso tem que acabar, de certa forma nós somos jogados no fogo, porque eles dizem: vocês vão acabar com a nossa renda (Entrevista concedida em 15/05/2009).

Como pode ser observado na narrativa, muitos remanescentes aderem e defendem a mineradora por em decorrência da remuneração recebida da empresa. Ou seja, está é uma forma da empresa atrair os moradores para concordarem com seus objetivos, que causam danos ao meio ambiente. Essa defesa tem se tornado motivo das divisões e conflitos entre as duas diretorias. Consequentemente, a tensão se estende para os lares dos parentes desses representantes. De acordo com a pesquisa de campo, cada integrante age em defesa da Associação da qual participa, o que enfraquece o movimento. As diferenças tornam-se evidentes, facilitando, segundo Evane, para a Kinross agir, causando discordância entre eles. Em sua narrativa, a Presidente diz que a RPM não trabalha com a diretoria dos quilombolas, mas com a presidente da associação de bairros. Dessa maneira, o trabalho em função dos benefícios para os moradores fica mais difícil. Para Pasquetti (Op, Cit., p. 207) “A diferença é parte integrante do processo de formação do grupo. O afloramento das diferenças ocorre entre o ‘eu’ individual e o ‘outro’ coletivo”. A pesquisa de campo demonstrou através nos relatos dos entrevistados que tem ocorrido uma representação de diferente sentido para os moradores em relação a RPM. Nesse processo, alguns são incluídos, outros excluídos. Nesse sentido, foi possível perceber as fronteiras que estão se estabelecendo entre os

³⁹ Pseudônimo utilizado para manter o anonimato do narrador que não quis ser identificado. É um remanescente de aproximadamente 50 anos.

remanescentes. O confronto de idéias marca o posicionamento do reconhecimento das diferenças entre eles, possibilitando a reconstrução da identidade.

1.5 – São Domingos nas lembranças

Este estudo reflete a história presente nas lembranças dos remanescentes de quilombo de São Domingos, mais especificamente dos mais idosos, nas histórias contadas por seus pais e avós. A memória é fundamental nesse estudo, pois possibilita perceber na história e na reminiscência vetores ligados à ancestralidade e também à construção/reconstrução da identidade étnica. Funes (1996, p. 468) ressalta a importância da memória para a história das comunidades remanescentes.

A memória constitui-se como elemento de significativa importância à reconstrução do processo histórico. Nas comunidades remanescentes de mocambos, ela está viva entre os velhos, netos e bisnetos de mocambeiros, guardiões das histórias que seus antepassados lhes contavam. É a eles que se recorrem para ampliar os horizontes da pesquisa sobre essas organizações sociais (FUNES, 1996, p.468).

Acredito ser relevante escrever o que ouvi contar sobre a história dos remanescentes de São Domingos, alinhando a história da fundação do Arraial e a de Paracatu para melhor compreender o contexto histórico. Ao buscar a história local presente na memória, é possível perceber que, mesmo narrada de forma individual, elas expressam lembranças coletivas.

Segundo os narradores, seus antepassados chegaram na condição de escravos para a mineração na Villa de Paracatu do Príncipe Bispo de Pernambuco e posteriormente foram para São Domingos, onde permaneceram e constituíram família.

O Sr. Aureliano Lopes dos Reis⁴⁰, 98 anos, contou que as primeiras famílias que habitaram São Domingos foram Lopes dos Reis, que fazem parte da sua família, Ferreira Gomes, Ferreira Coutrim e Pinheiro. Esses são os moradores que ele conheceu em 1917, ocasião em que tinha cinco anos de idade. De acordo com o narrador, a mãe e o avô

⁴⁰ Remanescente mais idoso de São Domingos, nascido em 16/06/1912 hoje com 98 anos de idade. Ex-garimpeiro e trabalhador rural, atualmente planta cheiro verde para vender em Paracatu. É tocador na Festa de Caretagem, de um instrumento conhecido por xique-xique.

disseram que foram essas quatro famílias que deram início a São Domingos.⁴¹ Ele afirma que eles têm por tradição casar entre si, “*vai casando parente com parente ficando tudo aqui*” (entrevista concedida em 24/07/2008).

A história de São Domingos se entrelaça com a história de Paracatu. Gonzaga (1910) descreve duas bandeiras na região no início do século XVIII.

Uma certa manhã de outono, o céu colorado de rosa e com belas nuvens dispostas simetricamente coroadando o alto do córrego convidava a um passeio. Alguns mineiros prepararam armas, chamaram os cães e partiram para os solados do morro de São Sebastião. Em breve, a matilha deu sinal e seguiu o rasto de uma caça. Os caçadores correram para as esperas, tomando a sua passagem. Ouviu-se um tiro de arcabuz e o baque de um grande mateiro que caía fulminado. Ligadas as patas do mateiro e atravessado em um pau, seguia os caçadores para casa, quando, do alto daquele morro, ouviram com espanto nas margens do córrego de São Domingos muitas barracas armadas e avultado número de animais pastando nos campos vizinhos, não restava dúvida - ali tinha chegado grande bandeira (GONZAGA, 2010, p.32).

É possível observar na descrição do autor a chegada de uma bandeira para Paracatu no século XVIII e o estabelecimento dela às margens do Córrego de São Domingos; no entanto, a parca documentação acerca do início de São Domingos e seus moradores não me permite afirmar com precisão o início do povoamento. Na memória coletiva dos remanescentes, está presente a história que seus antepassados contam de que vieram para esse local desde o século XIX, quando ainda a escravidão não havia sido abolida.

Ao refletir sobre a história de São Domingos, muitas inquietações surgiram sobre a trajetória dessa comunidade de remanescentes de quilombo, batizada com o nome de um santo de origem européia⁴².

Na memória coletiva, foi possível perceber a atribuição do nome “São Domingos” em decorrência de um milagre realizado por esse santo. Para explicar o nome do local, os moradores recorrem às histórias que foram contadas por seus antepassados. Segundo o

⁴¹ Em suas recordações, o Sr. Aureliano diz que eram seis casas ao todo que ele conheceu quando criança, sendo essas pertencentes às famílias citadas: Pedro Noronha, Firmínio Lopes dos Reis, Rosena, Sabino, Filipa Noronha e José Coutrim. Posteriormente chegaram as famílias dos Ferreira Souto, da Cidade de Paracatu, Moreira e Mendanha, da Lagoa de Santo Antônio, próximo do Povoado, e por último vieram os Lopes e Silva, da comunidade dos Bagres, também titulados como remanescentes do município de Vazante, vizinho de Paracatu.

⁴² De acordo com Alves (1990) São Domingos de Gusmão nasceu em Caleruega, Reino de Castela, no século XII, e morre em Bolonha, no século XIII. Filho de pais da pequena nobreza, fez opção pela vida religiosa, percorrendo parte da Europa e influenciando jovens a se converter e seguir vida simples.

casal⁴³ Sr. Aureliano Lopes dos Reis, 98 anos, e D. Luiza Lopes dos Reis, 92 anos, a localidade recebeu o nome no início de sua formação, quando ocorreram mortes de habitantes contagiados com a varíola, conhecida pelos moradores como doença da bexiga⁴⁴.

Rememora o Sr. Aureliano que:

Quando eu era menino, minha mãe e meu avô contavam que teve uma doença de bexiga na comunidade, uma doença que matou muita gente aqui. A minha mãe ouviu dos pais dela, mas meu avô contou que era muito triste essa época. Era uma doença muito triste, matou muita gente aqui. Meu avô morreu com a idade de 106 anos. A pessoa dava umas mancha e depois ficava cheia de saquinho de pus dentro. A pessoa ficava de cama num febrão doido, dava muita dor no corpo e vomitava. Quando alguém ficava sabendo que tinha gente doente numa casa, ninguém ia na casa daquela pessoa, com medo de pegar o incômodo. As pessoas falavam 'olha, naquela casa tem bixiguento, não vai lá.' Era muito triste, as pessoas tratavam com remédio caseiro ou com oração. Aí minha mãe contou que uma mulher da comunidade fez uma promessa pra São Domingos, que se ele acabasse com a doença do Arraial, esse lugar iria se chamar São Domingos. E não é que a doença sumiu? Depois disso, colocaram o nome daqui em homenagem ao santo. É uma história que a gente não viu, mas que os nossos pais e avós contaram.

(Entrevista concedida em 22/04/ 2004).

O narrador ouviu contar que esse foi um período muito difícil para os moradores, pois as famílias se distanciaram em decorrência do medo de contrair a doença. Embora o Sr. Aureliano tenha a preocupação de explicar que não participou desse episódio, ele narra as informações do acontecimento que ouviu de sua mãe e avô. Dando prosseguimento às reflexões do marido, D. Luiza acrescenta que “*essas histórias que nós ouvimos dos pais, nós contamos pros nossos filhos. Desse jeito eles têm conhecimento do que se passou aqui antigamente*” (entrevista concedida em 22/04/2004). Para Delgado:

Os melhores narradores são aqueles que deixam fluir as palavras na tessitura de um enredo que inclui lembranças, registros, observações, silêncios, análises emoções, reflexões, testemunhos. São eles sujeitos de

⁴³ Moradores mais idosos de São Domingos. O Sr. Aureliano tem 98 anos, ele é ex-garimpeiro e é tocador de xique-xique na festa de Caretagem desde os 15 anos; participa também da folia de reis trabalha com produção de hortaliças. D. Luisa, 86 anos, trabalhou ajudando os pais em casa, na roça e no garimpo. Após casar-se, continuou os mesmos ofícios ajudando o esposo e cuidando dos filhos. Ocupava-se ainda de trançar chapéu para a família e também para vender em Paracatu. Atualmente tem a saúde debilitada por ter sido acometido de AVC – Acidente Vascular Cerebral.

⁴⁴ A primeira referência à varíola feita no Brasil por José de Anchieta, em 1561, e a primeira epidemia registrada data de 1563, na Ilha de Itaparica, atingindo posteriormente Salvador e o interior da Bahia, com mais de 30 mil óbitos entre indígenas e despovoando seis colônias jesuítas. Da Bahia, a doença parece ter se difundido para o norte e sul do país.

visão única, singular, porém integrada às referências sociais da memória e da complexa trama da vida (DELGADO, Op, Cit 2006, p.44).

É na perspectiva como escreveu a historiadora que acredito que o repasse dos acontecimentos dão prosseguimento à história, permitindo que as novas gerações tenham conhecimento do ocorrido. Apesar de os narradores não saberem com exatidão quando a epidemia ocorreu no Arraial, o fato é divulgado para as gerações mais novas por eles e pelos moradores mais idosos. Essas narrativas são seivas que nutrem e informam sobre a história local, tornando-se um exercício de cidadania. Bosi (1998) ressalta a importância dos velhos sendo guardiões da história, possibilitando um entrecruzar entre passado, futuro e presente. Segundo Bosi (1998, p. 18), “A função do velho é lembrar e aconselhar – unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir”. Nas imagens 19 e 20 a seguir, o casal D. Luíza Lopes e Sr. Aureliano Lopes refletindo acerca das histórias de São Domingos.



Imagens 19 e 20. Casal mais idoso da comunidade de São Domingos na porta da cozinha e janela da sala. Ambos possuem muitos conhecimentos sobre a história local. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Os narradores disseram que havia dois cemitérios. O que hoje faz divisa com as casas dos moradores e outro que fica a certa distância do Arraial. A criação desse segundo cemitério deu-se em decorrência da morte de moradores causada pela doença infecto contagiosa varíola que, de acordo com os informantes, matou muita gente em São Domingos.

Por isso, segundo eles, os moradores tomaram precauções para evitar novos contágios. Temendo que alguém pudesse revolver alguma cova para enterrar outra pessoa, após o sepultamento eram feitas laje de cimento por cima. De acordo com o Sr. Aureliano:

Essa doença perigosa assim como a doença da bexiga era enterrada fora. Porque assim arranca, põe outro, torna arrancar. E punha a laje lá e ninguém mexia mais. A laje era feita com cimento pra ninguém arrancar mais, não arrancar o nosso. Não enterrar ali mais ninguém. Porque a febre

era triste. Isso não aconteceu na nossa época, mas era contado quando nós éramos meninos e vimos às lajes. 'Tá lá pro lado do morro
(Entrevista concedida em 16/10/2009).

Outro cuidado foram às instruções dos pais aos filhos para não passar perto desse local. Durante a pesquisa de campo, os moradores mais jovens disseram que não sabem a localização exata do cemitério, somente sua direção. Essas histórias repassadas pelos idosos são repassadas oralmente de geração em geração, sendo um testemunho histórico do tempo da escravidão.

Nas recordações das pessoas mais idosas, São Domingos sempre foi um local cercado por morros e suas casas foram construídas na elevação que dá acesso ao Morro do Ouro. Abaixo das propriedades, o local compunha-se de mata fechada com trilhas⁴⁵ feitas pelos moradores, que permaneciam alagadas a maior parte do ano. O fator que contribuía para esse fenômeno era a combinação entre elevações dos morros, arbustos, capim e grande quantidade de coqueiros de andaiá. Essa vegetação nativa, por ficar muitos meses emersa na água, entrando em decomposição junto aos frutos e folhas, entre outros resíduos, tornava-se uma massa orgânica impermeabilizante, dificultando o escoamento da água. De acordo com o Sr. Aureliano, nos anos de 1917 até 1970, não era fácil essa travessia.

Eu lembro, quando era menino, devido a chover muito no mês de novembro até março, descia muita água que vinha da cocheira que vem lá do Morro do Ouro, do 'corgo' de São Domingos, que nasce também no Morro do Ouro, e do 'corgo' do engenho, que nasce lá em Paracatu. A água da cocheira e do 'corgo' do engenho encontrava com o 'corgo' de São Domingos, que já 'tava cheio, e aí virava aquele aguão! Alagava a parte debaixo tudo... Virava só brejo
(Entrevista concedida em 17/08/2008).

Muitas dificuldades aconteciam diante do alagamento. Recorda Magda Aparecida Lopes⁴⁶, 52 anos, com base no que ouviu de seus pais e avós que “*esse período de cheias trazia não só o alagamento, mas também era a época das doenças e das febres. Aqui era um lugar muito febril*” (entrevista concedida 14/08/2007).

Como pode ser observado nas narrativas, as barreiras naturais tornavam-se um problema. Por isso, doenças mais comuns como gripe, picadas de animais peçonhentos ou dores eram tratadas com o conhecimento das pessoas mais velhas. Somente em caso de urgência o enfermo era transportado de São Domingos para Paracatu. Uma tarefa que se

⁴⁵ Essas trilhas davam acesso a Paracatu e São Sebastião. Esse último é um pequeno povoado localizado nas proximidades de São Domingos. A população desse local também é basicamente negra.

⁴⁶ Membro da Associação dos Moradores de São Domingos, benzedeira e grande conhecedora da história local.

tornava bastante difícil. Quando recorda das primeiras décadas do século XX, Sr. Aureliano diz:

Antigamente, era muito difícil levar alguém doente de São Domingos pra cidade; a família tratava do doente aqui mesmo. Só quando o doente 'tava muito mal é que se levava pra cidade. Mas era um trabalhão. Quando era preciso, juntava dois homens, pegava uma rede e atravessava uma vara comprida nas duas pontas e levava o doente na rede até Paracatu. Com esses dois homens, iam mais dois pra revezar. Quando os dois que começaram a carregar cansavam, os outros substituíam. Era assim que fazia, era uma dificuldade pra quem levava e sofrimento pra pessoa que 'tava doente. Muitas vezes os moradores faziam até promessa pros santos ajudarem. Eu era criança, mas lembro de muita coisa e outras eu ouvi contar

(Entrevista concedida em 21/09/2007).

As dificuldades por que passavam por morarem nesse local de difícil acesso demonstram que os moradores recorriam às práticas coletivas herdadas dos antepassados, mantendo-as como tradição de vivência coletiva, tais como o uso do banguê⁴⁷, ou carregar o enfermo com a própria cama⁴⁸. Relata o Sr. Aureliano que seu avô, nascido no século XIX, contava histórias para ele referentes a essa ajuda solidária com os enfermos. Nessas circunstâncias, a família desesperada e com medo do doente morrer no caminho para Paracatu recorria a promessas. Os pedidos eram feitos pelos próprios necessitados ou por um parente, que prometia um pagamento informando à pessoa que a graça, ao ser alcançada, deveria ser paga em sinal de agradecimento; variavam de acordo com a necessidade e a fé nos santos de devoção - algumas vezes dois santos eram evocados ao mesmo tempo. Os santos mais comuns a que recorriam os moradores eram, para os homens, São Domingos, São João, Santo Antonio, São Benedito, São José, São Joaquim, São Pedro e São Geraldo; para as mulheres, Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário, Santa Isabel, Maria, mãe de Jesus, Nossa Senhora de Fátima, Joana D'arc e, mais contemporaneamente, Nossa Senhora Aparecida.

Diante dos pedidos, os pais, parentes, compadres ou amigos prometiam homenagear as divindades batizando seus filhos(as) com o nome desses⁴⁹. Os pedidos quase sempre estavam relacionados a pedidos de parteiras, quando essas encontravam dificuldades, ou

⁴⁷ O banguê descrito pelo Sr. Aureliano consistia em pau comprido onde era amarrado um pano que ficava igual a uma rede. Nas extremidades do pau, ficavam as pessoas que carregavam o doente.

⁴⁸ Essa situação ocorria quando o doente não conseguia mais levantar-se. Dessa maneira, os moradores recorriam a madeiras fortes do cerrado. Dois paus eram atravessados por baixo da cama, dos pés à cabeceira. Quatro homens iam para carregá-la, seguidos de outros para revezarem.

⁴⁹ Havia pais que batizavam seus filhos seguindo também uma tradição de homenagear o avô ou avó.

doenças que os moradores não conseguiam combater rapidamente, como a varíola, sarampo, coqueluche, ou febres⁵⁰ de naturezas diversas.

Os recursos de que os moradores dispunham de acordo com os relatos eram precários, não havia médicos ou posto de saúde no local, somente na cidade de Paracatu. Diante dessa realidade, os moradores recorriam a antigas práticas aprendidas com seus antepassados, utilizando o conhecimento empírico através da utilização de plantas medicinais cultivadas no quintal e extraídas do cerrado nas proximidades do Arraial. Faziam uso também de benzeções e simpatias. Essas tradições estão presentes contemporaneamente na vivência coletiva. D. Carmem Lopes, 74 anos, diz a esse respeito:

Na comunidade, sempre procuramos usar o que temos. Nós somos pobres e Deus nos deu o recurso da natureza. Pra todos os males, nós usamos de erva ou benzeção, não tem esse negócio de comprar remédio... O que eu sei, eu aprendi com minha mãe, que era parteira. Cada plantinha tem um poder de curar. Aqui no São Domingos, já teve muita dificuldade pra nós; de doença, como o mal de bexiga, que teve na comunidade, e outros males. Por isso que quase todo mundo aqui tem erva no quintal e sabe qual pode utilizar do mato, tudo aprendido com os pais, que aprenderam com os pais deles. Aqui nós sempre usamos isso, pode ser pra criança que nasceu, dor de cabeça, mal do estômago ou outra coisa que a pessoa sente. Tem planta que é de banhar e outras que são de beber. Eu sempre plantei, aprendi com minha mãe e ensinei pras minhas filhas. Aqui tem marcelinha, marcelão, boldo, camomila, poejo, confrei, favaca e outros. No mato tem muita casca e raiz que pode ser usado. Eu mesma faço mudinha dessas plantas e vendo na cidade

(Entrevista concedida em 12/03/2004).

Ribeiro (2006, p. 198-199) destaca a importância desse saber para a manutenção da saúde no sertão ao longo da história:

Benzedores e raizeiros, assim como as parteiras, eram os únicos recursos para as diferentes eventualidades referente à saúde e à doença, para a vida e para a morte, pois no Sertão Mineiro o médico e a medicina oficial são presenças relativamente recentes. Todo acervo de informações sobre plantas medicinais é transmitido, em geral, como parte de processo mais amplo de socialização das famílias e é aperfeiçoado ao longo da vida pelas inúmeras trocas realizadas pelas pessoas em diferentes situações.

Segundo as narrativas dos moradores, a escolha para construção das primeiras casas contemplou uma região de morros com pedreiras, cercada por uma abundante hidrografia, o

⁵⁰ Os narradores não souberam dizer qual a natureza da febre, mas disseram que algumas ocorriam nos períodos em que se formavam os brejos em São Domingos.

que no período das chuvas constituía uma barreira de difícil transposição. A saída ou entrada de pessoas era feita enfrentando as dificuldades da travessia de duas pinguelas⁵¹ construídas em lados opostos: uma com saída para a cidade de Paracatu, outra do lado contrário às casas, com acesso para o Povoado de São Sebastião. Após a travessia, o restante do caminho era feito por trilhas mata adentro.

Esse é o cenário que os primeiros moradores escolheram para se fixar, construindo suas casas afastadas umas das outras. Suas moradias eram construídas pelas próprias famílias, que se reuniam para isso, feitas de pau a pique e adobe, cobertas com palha de coqueiros ou telhas feitas manualmente. Para as casas de adobe eram feitas formas de caixote.

A terra era retirada, misturada com água, capim duro⁵² e fezes de vaca. Em seguida, o material era amassado com os pés. Após ser sovado, era despejado na forma e posto para secar ao sol. Com a quantidade de tijolos suficiente, começava-se a construção. As paredes eram levantadas entre esteios de madeira; ao término, eram cobertas com telhas. Para a confecção das telhas, utilizava-se barro de argila amassado com os pés ou com aranhol, uma ferramenta que batia o barro, desenvolvida pelos remanescentes; após o preparo, a mistura era colocada em forma curva, alisada e em seguida retirada da forma e deixada em barro mole para secar.

O reboco era feito do mesmo material dos tijolos, o que, segundo os moradores, tornava as paredes resistentes ao sol e à chuva. O piso era feito de duas maneiras: compactava-se o chão e aplicava-se o mesmo material dos tijolos, esmerando-se os donos da casa para deixá-lo bem liso. De acordo com o gosto, utilizava-se barro branco para tornar o ambiente mais claro. Outros preferiam forrar o piso com tábuas de jatobá.

As casas de pau a pique, também classificadas como de enchimento, eram construídas somente com madeira e cobertas de palhas de coqueiro. Ao término, as paredes eram barreadas utilizando o mesmo processo do barro de adobe.

Cada família criava animais domésticos e cultura de subsistência. Na busca pela sobrevivência, conciliavam essa atividade com o garimpo de ouro extraído do Córrego de São Domingos, Morro do Ouro, praia dos macacos e Córrego de Santo Antonio.

Essas atividades, de acordo com o Sr. Aureliano, acontecem desde que ele era menino, ou seja, já nos primeiros anos do século XX. Informa o narrador que o cotidiano dessas famílias nos afazeres era marcado por muitas tarefas, algumas divididas de acordo

⁵¹ Travessia feita com dois paus, dando acesso de um lado para o outro do córrego.

⁵² Um capim nativo da localidade. Recebeu esse nome pelos moradores por ser duro e resistente.

com o sexo ou a idade e outras em que toda a família participava. Para tantos afazeres, os pais atribuíam as funções de acordo com tamanho, idade e força dos filhos.

Assim, pescar e caçar, próprio dos homens; trançar e costurar chapéu, somente para as mulheres; lavar roupa e abastecer as casas de água, mulheres e crianças. O trabalho na lavoura envolvia toda a família, com tarefas específicas de acordo também com a idade: pais e filhos mais velhos roçavam e abriam as covas⁵³ no solo; as crianças jogavam sementes, cobriam de terra e olhavam a plantação, protegendo-a de animais. Essa atividade era desenvolvida paralelamente ao garimpo.

O trabalho na mineração era o afazer que perdurava todo o ano e envolvia os diferentes membros da família, sendo uma prática herdada do tempo do cativo. O garimpo era feito em diferentes locais, conforme descrito anteriormente. Esse atrativo criava expectativa nas famílias que saíam para tentar a sorte de encontrar ouro utilizando o caixote e a bateia. Segundo Geraldo Santana Lopes dos Reis⁵⁴, 58 anos:

Aqui, desde que surgiu a escravatura, toda vida teve garimpo. Garimpava com caixote: uns iam lavando, outros catando pedra, outros pondo no caixote... Era desse jeito! Porque é o ramim que a pessoa tem. 'Cê vai trabalhar à hora que quer e à hora que dá na telha, vem embora. Não tem esse negócio de patrão falar assim "você 'tá saindo agora? Então vai ter que descontar". Por exemplo, você pega uma bateia, 'cê vai ali, tira uma pazada ali, 'cê arranja meio vintém, um vintém, corre na rua, o dinheiro 'tá no bolso; trocava e vinha com a mucuta⁵⁵ na cabeça. Ou a cavalo, porque antigamente, aqui, usava a bruaca, que eram dois caixotes de couro quadrado, aí trelava⁵⁶ ele: trela os dois caixotes quadrados, só que é de couro, pega e põe na garupa do cavalo. Daqui antigamente só saía o ouro. Depois passou a sair verdura: era mandioca, batata, banana... Levava tudo pra cidade.

(Entrevista concedida em 18/07/2005).

A narrativa aponta para a historicidade do garimpo feita pelos moradores do Arraial, demonstrando o prosseguimento da atividade de minerar até os dias atuais. O desenvolvimento do trabalho autônomo familiar demonstra também que trabalhar garimpando é uma maneira de estar fora de controle e horário de patrões. Nesse sentido, a

⁵³ Buraco feito para jogar semente ou plantar mudas de frutas ou cana de açúcar.

⁵⁴ Ex-garimpeiro, ex-comandante da Festa de Caretagem de São Domingos. Trabalhou em roças e vendia produtos cultivados pela família e o ouro que bateava (entrevista concedida em 23/03/2007).

⁵⁵ Expressão utilizada para mercadorias que eram compradas em Paracatu e carregadas na cabeça a pé para São Domingos.

⁵⁶ Forma de dizer que amarravam os caixotes um no outro.

maneira como era conduzido o trabalho na mineração significava uma forma de liberdade. O narrador acrescenta a imprevisibilidade no resultado cotidiano do garimpo *“ouro é difícil, não tem como calcular. Hoje tirava um tanto, amanhã menos. Mas o ouro era o mesmo que ter o dinheiro no bolso”* (entrevista concedida 18/07/2005). Garimpar significava saber identificar o metal e separá-lo das pedras comuns, areia e esmeril e ter esperança e confiança na força do trabalho, mesmo que esse fosse árduo.

Esta era uma prática repassada⁵⁷ aos filhos de acordo com a idade; ensinava-se a forma correta de batear e ser um bom garimpeiro. O Sr. Geraldo Santana contou que de segunda a sábado a família levantava por volta de 6hs para a lida diária. Os homens combinavam com suas esposas o local em que iriam garimpar, saindo com os filhos empunhados das ferramentas necessárias para o garimpo, como pá, caixote e bateia. No trabalho, havia uma interação familiar; ele era dividido da seguinte forma: os mais jovens e menos experientes apanhavam terra do barranco com a pá e despejavam no caixote que ficava dentro da água sob cuidado dos pais e irmãos mais velhos. Estes iam, com a força da água do córrego, lavando a terra misturada com cascalho. Dessa maneira, as impurezas iam sendo empurradas pela correnteza da água.

Quando era encontrado o metal, este era separado e, no final da tarde, os pais, que detinham o conhecimento da apuração, passavam o ouro pelo processo de limpeza e, em seguida, comercializava-o em Paracatu. O Sr. Aureliano Lopes dos Reis⁵⁸, de 96 anos, lembra que *“a venda era feita para três ourives: Sr. Tidas, Sr. Homero e Sr. Antônio Caixeta. Eles compravam de pouco em pouco, não compravam muito de uma vez”*.

Como pode ser percebido na narrativa do Sr. Aureliano, o laço comercial dele e dos demais moradores de São Domingos com as pessoas de Paracatu foi estabelecido através do garimpo. Seu primeiro contato com Paracatu ocorreu em companhia de sua mãe, que ao ficar viúva passou a levá-lo para vender chapéu de palha de fibras de coco de andaiá, atividade que já desempenhava em companhia do marido quando ia vender o ouro apurado.

De acordo com o narrador, a época, aproximadamente 1920, a cidade era pequena, com poucas casas, algumas cobertas de telha outras de palha. Os bairros existentes era o

⁵⁷ Contemporaneamente, muitos pais não ensinam o ofício para os filhos, pois temem que esses sejam presos, trazendo complicações para a família.

⁵⁸ Ex-garimpeiro, plantava roças, comercializava ouro e produtos do quintal em Paracatu. É membro do grupo de Caretagem, sendo tocador de xique-xique e também atuante da Associação de Avós (entrevista concedida 22/07/2008).

Arraial D'Angola e Santana. Não havia muitos estabelecimentos comerciais, o que possibilitava a aceitação dos produtos comercializados por eles. Ele conta que:

Mamãe vendia na cidade. Eu já vendia com 8 anos, ia com mamãe para Paracatu. Ali não tinha casa nenhuma. Ali, no Banco do Brasil, tinha um tanque, a gente tratava ali de tanque dos neves. Era aquele tancão grande. A casa era do outro lado. Do lado de cá, onde é o Banco Brasil, eu só olhava assim e ficava com medo. Sapo era de mais! Sapo, ropo⁵⁹... Eu segurava na saia de mamãe, com medo! Não tinha quase casa nenhuma. Mamãe trançava chapéu e nós vendíamos em Paracatu. E no largo tinha juá, daquele juazinho que tem espinho, era demais! Então eu roçava descalço e espinhava todo o pé. Tinha vez que vinha de quatro a cinco pessoas pra cidade vender, porque vendiam outras coisas também.
(Entrevista concedida em 14/09/2006).

Através da narrativa, podemos ter uma imagem da cidade: as formas utilizadas para comercializar, o trabalho dos moradores em mutirão. Os vendedores saíam de São Domingos e, ao chegarem a Paracatu, procuravam vender seus produtos, que eram cultivados no quintal da casa, sendo comum a quase todas as moradias terem árvores frutíferas e hortas.

O abastecimento era variado e passou a ser contínuo. Segundo D. Luísa:

Aqui sempre foi assim, nós saíamos de manhã pra cidade. Era uma dificuldade atravessava o pulador! Colocava o tabuleiro ou bacia na cabeça e subia morro acima. Um poeirão! Nós levávamos mandioca, batata, milho, cará, batata doce, batata, banana, manga, tamarindo, açafraão, abóbora, laranja, caju, goiaba, abacate, cana, garapa, rapadura. Parecia um bando de papagaio... Muitos iam descalços. Tinha gente que chamava nós de pé de pombo, buraco doce e cabelo duro. Então o que nós passamos a fazer: levava pano e quando 'tava chegando na cidade, nós passávamos o pano nas pernas pra entrar na cidade. Hoje, quando alguém vai vender, vai de coletivo
(Entrevista concedida em 14/09/2006).

Acrescenta o Sr. Geraldo: “*Eu estava com 16 anos e ia com o tabuleiro na cabeça. Saía daqui descalço, de pé no chão, e ia pronco, pronco, pronco... Para ajudar os criadores⁶⁰*” (entrevista concedida em 14/09/2006). A pesquisa revelou que a venda dos produtos locais tinha por finalidade ajudar os pais a comprarem o que não produziam, como sal, querosene e roupas. A presença constante dos vendedores circulando descalços pela cidade era fato comum. Segundo os narradores mais velhos, isso fez com que algumas pessoas de Paracatu começassem a provocá-los, chamando-os de “pés de pombo”, devido à

⁵⁹ Segundo o narrador, era o som que o animal fazia causando grande barulho pela quantidade ali existente.

⁶⁰ Maneira usada pela remanescente para referir-se aos pais.

poeira nas pernas e pés. Vale ressaltar que esse comportamento de discriminação não era feito por toda a sociedade, mas era algo constante e permanece até os dias atuais.

Durante a trajetória histórica dos moradores de São Domingos, muitas foram às dificuldades encontradas e diversas as táticas de resistência para vencer os problemas do cotidiano. Nessa perspectiva, desenvolveram atividade econômica baseada na cultura de subsistência, na lida com o quintal, com as roças. Dona Carmem Lopes⁶¹ relatou:

Aqui a gente tinha e tem o costume de ajudar uns aos outros quando era preciso. Como tinha muita dificuldade de chegar na cidade e as famílias tinham muitos filhos, às vezes era difícil cuidar de tanto menino, então geralmente uma pessoa da família pegava um dos filhos mais novos pra criar. Eu mesma, dois dos meus foram criados por outras pessoas da família. Então os meninos eram criados e passavam a ter duas mães. Isso era feito pra ajudar os mais fracos da comunidade.
(Entrevista concedida em 12/03/2004).

Como pode ser percebido pela fala de D. Carmem, o espírito comunitário contribui, no sentimento de ajuda mútua, na família, no laço de pertencimento e no trabalho coletivo, para minimizar as dificuldades encontradas. Segundo Romilda de Fátima da Silva Oliveira⁶², 47 anos:

Durante nossa história, nós tivemos um sentimento de comunidade muito forte, isso é passado de geração em geração. Até hoje, quando um tem dificuldade, a comunidade toda ajuda, seja para uma cesta básica, compra de material escolar, pagar uma conta de luz ou um remédio. É desta maneira que nós vamos levando.
(Entrevista concedida em 14/05/2006).

A rede de solidariedade, os laços de familiaridade e de parentela são também uma característica da religiosidade muito forte na comunidade, segundo os moradores.

1.6 - Paratacu do Príncipe e Arraial de São Domingos.

Nas viagens feitas pelo interior do Brasil, o viajante francês Augusto Saint-Hilaire (1944, p. 258) ao passar em Paracatu descreve o local e sua sociedade deixando grandes contribuições. Suas observações foram descritas através de narrativas que descreveram a

⁶¹ Uma das moradoras mais idosas; benzedeira e conhecedora das propriedades medicinais de raízes e ervas. Esposa do Sr. José Ferreira Lopes, tocador de sanfona na Festa de Caretagem (entrevista concedida em 2008).

⁶² Presidente da Associação de Moradores de São Domingos; líder comunitária e importante personagem na tomada de decisões e grande conhecedora da história local (entrevista concedida em 24/05/2007).

paisagem geográfica no âmbito social, cultural e econômico, tornando-se um guia de consulta indispensável acerca da Paracatu no século XIX. Sob o olhar e a observação desse naturalista botânico, Paracatu assim foi descrita:

Pouco depois de ter deixado o porto de Santa Isabel, a galgar um morro elevado que se chama serra de Paracatu. Das encostas e cume desse morro goza-se de um imenso panorama. Daí descortinei toda a planície que atravessara nos dias anteriores e além, as montanhas que a limitavam. Os pequenos bosques, compostos unicamente de gramíneas e aqueles em que se erguem pequenas árvores formam, quando se vê de longe, compartimentos variados de um efeito muito agradável. Descendo a montanha, percebe-se, a pequena distância, a Vila de Paracatu, situada à direita, ao pé de duas colinas (SAINT-HILAIRE, Op, Cit, p. 258).

Auguste Saint-Hilaire deixou assim registrada sua percepção acerca de Paracatu quando por ali passou em 1819. Paracatu data do começo do século XVIII, sendo conhecido, inicialmente, como Santo Antônio da Manga, Vila do Paracatu do Príncipe Bispo de Pernambuco⁶³. Com relação à data de seu surgimento, há divergência entre memorialistas e historiadores, porém, o domínio da região de Paracatu do Príncipe era algo que vinha sendo planejado e organizado, realidade que fica evidente, quando se sabe que Tomás do Lago Medeiros, em 1722, com a patente de coronel de Paracatu, ganhou o direito de guarda-mor de distribuir datas de terras da região. Mesmo que o ouro não tenha sido oficialmente comunicado para as autoridades da capitania, já havia conhecimento de sua existência através das picadas para Goiás, com expectativa do metal nessa paragem.

Segundo Mello (2002, p. 19), o conhecimento dessa região ocorreu na década de 40 nos anos de 1700: “com as descobertas das minas de Paracatu e arranchamento de duas grandes bandeiras, a de Felisberto Caldeira Brant, proveniente do Sul, e a de José Rodrigues Fróis, oriunda das bandas da Bahia”. Ribeiro acrescenta que:

A abertura desses novos caminhos, além de representar um importante avanço da colonização no cerrado da região Centro-Oeste de Minas, tem um significado especial para a divulgação das minas de Paracatu, pois era nessa localidade que todos eles se fundiam para Goiás. É certo que essa região já era explorada muito antes, sendo trilhada por bandeira do século XVII, bem como que João Jorge Rangel recebeu carta de sesmarias nas ribeiras do rio do mesmo nome, em 1727. É possível que por volta dessa data, quando se

⁶³ Provavelmente Paracatu foi nomeado também com o nome de “Santo Antônio da Manga”, pelo fato de o padroeiro da cidade ser Santo Antonio. Quanto ao nome “Bispado de Pernambuco” deve-se ao fato de que Paracatu era circunscrita ao Bispado de Pernambuco.

descobriram as minas de Goiás, também se tenha iniciado a formação do arraial. O fato de todos os caminhos abertos em 1736 aí se encontrarem é indicativo de presença de população, oferecendo ali pouso e comida aos que iam para Goiás. Naquela época, onde havia o núcleo de colonização, havia gente lavando cascalho dos rios, e é bastante provável que por muito tempo o ouro foi extraído nessa região, antes que as lavras de Paracatu fossem anunciadas às autoridades coloniais em 1744. (RIBEIRO, 2006, p. 183)

Embora a oficialização da descoberta do ouro na área tenha sido feita ao governador da capitania mineira em 24 de junho de 1744, por José Rodrigues Fróis, o caminho já era percorrido desde o século XVII rumo a Goiás⁶⁴, conforme a historiografia mineira aponta. Na escrita do autor, é possível perceber que o local servia como parada para chegar a Goiás, pois ali havia picadas que ligavam Paracatu a Goiás, Pitangui e São Romão. Nesse sentido Barbosa escreveu que:

Não há dúvida que, em 1736, quatro diferentes caminhos para Goiás passaram a fazer junção em Paracatu: a picada de Goiás, cuja construção foi permitida por despacho do governador Gomes Freire de Andrada, dia 8 de maio de 1736; a de Pitangui a Goiás, também autorizada em 1736; a do requerente Domingos de Brito e seus sócios; a que passava por São Romão, onde desembocavam caminhos de Minas, da Bahia e de Pernambuco. (...) Ora, se estes quatro caminhos diferentes iam juntar-se em Paracatu, de onde apenas um continuava para Goiás; é bem possível que aí, nesse entroncamento, houvesse então casas de hospedagem e provavelmente algum povoado com recursos para viajantes (BARBOSA, 1995, p.237).

Também foi importante na entrada para o sertão da navegação fluvial através do Rio Paracatu⁶⁵, importante afluente do São Francisco. O rio era dessa maneira o canal que ligava Minas, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, como se pode ver nos mapas 21 e 22 abaixo:

⁶⁴ A picada de Goiás, aberta pelo coronel Caetano Álvares e seus vinte e cinco sócios, saía de São João Del Rei, atravessava o Rio São Francisco perto da barra do Bambuí, seguia as proximidades de Araxá, Patrocínio, Coromandel, Paracatu e, em seguida, chegava a Goiás. A picada de Pitangui a Paracatu, aberta por Domingos de Brito e sócios, passava pela piraguara (Ribeiro, 2006, p. 182).

⁶⁵ Paracatu é um termo que vem da linguagem indígena, em que “pyrá” significa peixe e “pyrá” “catu”, peixe saboroso de água doce, dando o nome a cidade de Piracatu e mais tarde Paracatu.



Imagem 21: Mapa do Estado de Minas Gerais demonstrando o Rio Paracatu e afluentes desaguando no Rio São Francisco. Fonte: <http://www.Rio+S%A30+Francisco+%2B+Rio+Paracatu>. Acesso em 19/05/2010

A imagem acima nos dá um posicionamento da extensão do percurso do Rio Paracatu desaguando no Rio São Francisco nos domínios do estado em Minas Gerais, enquanto na próxima imagem 22 é possível visualizar os afluentes que deságuam no rio São Francisco e os estados percorrido pelo mesmo.



Imagem 22: Mapa com visão mais nítida dos Estados cortados pelo Rio São Francisco. Fonte: <http://www.Rio+S%C3%A3o+Francisco+%2B+Rio+Paracatu>. Acesso em 19/05/2010.

Enquanto algumas regiões mineradoras entravam em decadência, o encontro de jazidas em Paracatu fez surgir novas esperanças para os homens do sertão e para autoridades

coloniais. De acordo com Pimentel (1992, p. 6): “a última grande descoberta aurífera das Minas Gerais ocorreu no Vale do rio Paracatu, Noroeste de Minas, no início do século XVIII. Surgiu então neste local uma cidade que adquiriu grande importância no cenário nacional neste final do período minerador”. Ribeiro (op. cit., p. 185) escreve que há registros de que nos primeiros anos de mineração retiraram-se de Paracatu 168 arrobas de ouro, equivalentes a 2520 quilos.

Em princípio, os locais de exploração de ouro foram o Córrego Rico, conhecido pela opulência do metal em seu leito e a abundância das jazidas que suas margens e barrancos ofereciam. A quantidade era maior principalmente nos meses de chuva. Nesses períodos, as enxurradas lavavam os morros, levando para dentro dos córregos resíduos de ouro misturados com lama, tornando-se atrativo para os faiscadores⁶⁶. Garimpava-se também no córrego pobre, que recebeu esse nome em decorrência do pouco ouro lá encontrado. O córrego de São Domingos e Santo Antônio também eram explorados por garimpeiros. Como pode ser observado, Paracatu oferecia uma rica região a ser explorada.

Em função da abundância de ouro encontrada no Arraial de Sant’Anna, primeiro nome de Paracatu, o local passou a ter forte influência na região, tornando-se um atrativo para aventureiros. Com a facilidade do garimpo, a notícia espalhou-se rapidamente, fazendo com que o local, até então pouco povoado, passasse a receber homens advindos da própria província e de outras localidades. Conseqüentemente houve aumento do fluxo demográfico que extraía grande quantidade de ouro fazendo com que Paracatu ganhasse nomes como **Paracatu do Príncipe⁶⁷** ou **Princesa do Sertão**. Mais tarde, a pequena vila passou a ocupar o posto de cidade, exercendo importante papel no ciclo da mineração na capitania mineira.

Após a comunicação da descoberta do ouro, essas terras atraíram muitos mineiros. Ricos homens compravam escravos para si, na intenção de intensificar a exploração do metal. A abundância aurífera dessas áreas nos veios dos córregos passaram a exercer um rápido crescimento demográfico no Arraial de São Luiz e em Sant’Anna das Minas do Paracatu. Esse período de espantoso crescimento deu ao arraial a elevação à vila, gozando de prestígios e privilégios a ponto de merecer ser intitulada como Paracatu do Príncipe, em 1798, por um alvará de D. Maria I.

⁶⁶Expressão utilizada por pessoas que garimpam.

⁶⁷ Paracatu passou a ser assim conhecida porque foi um dos últimos locais no Brasil Colônia onde se descobriu o ouro, sendo essa terra presenteada a D. Pedro II por sua mãe, D. Maria I.

Para o trabalho executado na extração de ouro, em serviços domésticos bem como nas lavouras, houve necessidade da importação de mão de obra escrava negra. A partir desse momento, a compra de cativos intensificou-se, aumentando a população negra paracatuense, que passou a ser constituída basicamente de negros. Os mapas a seguir são amostragem da população do século XVIII e XIX; por eles, temos condição de ter uma ideia de como foi a escravidão no ciclo da mineração na Vila de Paracatu. Esse quadro pode ser melhor compreendido nas matrículas de negros na capitania de minas e Paracatu feitas no século XVIII, conforme tabela 1.

Negros e forros de Paracatu, 1º e 2º matrículas (1744 – 1749).

Ano	1ª Matrícula			2ª Matrícula		
	Nº de negros de Paracatu	% de negros sobre o total da capitania	Nº de forros de forros de Paracatu	Nº de negros de Paracatu	% negros sobre o total da capitania	Nº de forros de Paracatu
1.744	-	-	-	5946	6,46	56
1.745	8548	8,96	81	7632	8,26	69
1.746	7581	8,12	74	7203	7,93	71
1.747	6620	7,52	83	6725	7,52	67
1.748	6412	7,15	59	6223	7,17	58
1.749	6019	6,82	62	5521	6,47	60

Fonte: Fundação João Pinheiro, 1999, p. 406-413

Analisando a tabela acima, que retrata o número de negros forros matriculados nos anos de 1744/1749, é possível ter-se uma idéia da importância de Paracatu no contexto da capitania. O número vultoso de escravos que foram deslocados para o sertão e para as lavras não diminui no período em análise; pelo contrário, cresce vertiginosamente. Tendo em vista um possível deslocamento de cativos para as lavras recém-anunciadas, o número de negros do sertão não decai, mas cresce em 1686 negros entre os anos de 1744 e 1745, quando aumenta de forma expressiva em Paracatu. A atração de mão de obra escrava negra acontecia na própria capitania e também em outras. Como pode ser observado no tempo em análise, houve um rápido aumento na quantidade de negros. Posteriormente é possível perceber um declínio na região e na capitania como um todo, sendo a queda mais acentuada em Paracatu. Nos século XIX, a sociedade de Paracatu estava composta da seguinte maneira na tabela 2.

Mapa dos Habitantes existentes dentro da Villa Paracatú do Príncipe no anno de 1800					
Estados	Branços	Mulatos		Pretos	
		Livres	Captivos	Livres	Captivos
Casados	77	147	2	109	10
Solteiros	173	840	23	700	786
Viúvos	16	33	-	15	-
Total 2937	266	1026	25	824	796

Fonte: APM. Ouro Preto. Anno II, ano de 1986, p.365.

Para uma população de 266 brancos na Villa de Paracatu, havia um total de 1051 mulatos, enquanto os pretos perfaziam um total de 1620.

As informações contidas no referido documento possibilitam entender as diferenças na estatística da população branca em relação à negra em Paracatu, no século XIX. Para uma população de 2.937 pessoas dentro da Villa, somente 266 eram brancas.

Os habitantes na Vila de Paracatu do Príncipe, no século XIX, estavam assim distribuídos: brancos, um total de 266; mulatos livres, 1026; mulatos cativos, 25; Pretos livres, 824; Pretos cativos, 796. A informação extraída do documento demonstra claramente a superioridade numérica da população negra em relação à branca.

No segundo mapa, os habitantes em toda a freguesia de Santo Antônio da Manga, Vila do Paracatu do Príncipe Bispo de Pernambuco, também no ano de 1800, nos dá um posicionamento da população negra em relação à população geral de Paracatu e suas freguesias⁶⁸, como nos mostra a próxima tabela 3.

Mapa dos Habitantes de toda a freguesia do Santo Antonio da Manga, Villa do Paracatu do Príncipe Bispo de Pernambuco no anno de 1800					
Estados	Branços	Mulatos		Pretos	
		Livres	Captivos	Livres	Captivos
Casados	610	1608	70	718	83
Solteiros	850	3317	209	1949	4307
Viúvos	209	390	23	146	30
Total	1669	5315	302	2813	4420

Fonte: APM. Ouro Preto. Anno II, ANO DE 1896, p. 365

⁶⁸ Termo utilizado nos documentos que foram analisados no século XVIII e XIX.

A contagem de todos os habitantes na freguesia de brancos soma um total de 1669, enquanto que os mulatos são 5617 e os pretos, 7233. De acordo com a análise feita, a população assim estava distribuída: brancos, 1669; mulatos livres, 5315; mulatos cativos, 302; pretos livres, 281; pretos cativos, 4420. Conforme a primeira fonte consultada, podemos observar que a quantidade de pretos cativos perde em pequeno número em relação à população de pretos livres. Porém, ao analisar a segunda fonte, notamos que o número de pretos cativos na freguesia de Paracatu cresceu vertiginosamente, somando 1607 escravos a mais que os libertos.

Paracatu do Príncipe cresceu significativamente no número de habitantes. A chegada dos negros à Vila e região tinha como uma das maiores finalidades o trabalho escravo no garimpo, seguido dos afazeres domésticos, trabalho no campo e na pecuária. Segundo Mello (2002), a pecuária que surgiu paralela à mineração foi sem dúvida uma dos principais causas do povoamento e desenvolvimento dessa região.

De acordo com Saint-Hilaire (Op, Cit, p. 148): “os mineiros de Paracatu compraram numerosos escravos, e em pouco tempo formou-se no lugar uma nova cidade”. Como pode ser percebido na descrição do autor, observando os mapas acima é possível entender que o número vultoso de escravos, as condições a que eram submetidos, o trabalho forçado principalmente no garimpo, levaram alguns desses escravos a aspirarem à fuga, sendo essa uma das formas de resistência ao sistema opressor.

A formação de quilombo em Paracatu trouxe preocupação às autoridades locais, é o que pode ser percebido no documento do século XVIII, que informava que:

Em 1781, de Paracatu escrevia Antonio José Dias Coelho ao governador informando a inquietação em que se encontravam os moradores locais com relação aos quilombolas, dentre outros motivos, porque estes transitavam à noite pela vizinhança do Arraial, entrando cautelosamente para persuadir à fugida as negras da casa de seus senhores. (SCAPM, códice 223, fl. 7v e 8).

Com uma população numerosa de negros, provavelmente não era muito difícil os quilombolas transitarem passando por livres pelas propriedades e ruas na Vila de Paracatu.

Provavelmente foi nesse período do século XVIII que nasceu São Domingos, às margens do “Córrego de São Domingos”, aproximadamente a 3 km de Paracatu. O local era formado por variações de relevo, impondo dificuldades aos primeiros moradores, sendo também uma maneira de dificultar o acesso. Estrategicamente, as moradias foram construídas na parte alta, próximas ao Morro do Ouro. A altitude favorecia aos quilombolas identificar a

aproximação de estranhos. Dessa maneira, a história de São Domingos está intrinsecamente ligada à mineração e a Paracatu do Príncipe.

A opulência mineral logo se dissipou, e com o declínio do ouro ocorreu à decadência econômica da vila. O cenário do crescimento de Paracatu passou a ser à base da pecuária e agricultura, fatores preponderantes para o desenvolvimento da região. A forma de organizar a cidade e a sociedade deixaram marcas profundas de uma história social, econômica, cultural e religiosa, vivida nos séculos XVIII e XIX, presente nos prédios públicos e nas casas que sobreviveram ao tempo e à ação do homem.

O século XX abriu as cortinas para uma cidade em que convivem o velho e o novo. No decorrer da década de 1960, a cidade passou por significativas transformações com propósitos de modernização, com a construção de Brasília e da BR-040, que passa à margem de Paracatu. Na cidade houve muitas transformações, entre elas crescimento econômico, mudanças de hábitos, troca de informações culturais. Os moradores de Paracatu, percebendo que parte da sua história estava sendo jogada ao chão, assumiram a postura de reclamar junto a órgãos como o Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico, o IEPHA, e o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, o IPHAN, solicitando o tombamento de ruas, casas, prédios e igrejas, valorizando seu patrimônio.

Paracatu passa a investir na agricultura, pecuária intensiva e mantém também o trabalho dos garimpeiros que arriscam faiscar. Nos anos 1980, passa a haver novas expectativas de exploração, dessa vez com presença da multinacional RPM – Rio Paracatu Mineração: reacende a corrida do ouro, dessa vez sob cuidados e exploração estrangeira com um sofisticado aparato tecnológico; o método do garimpo, até então passado de pai para filho, torna-se proibido; máquinas modernas seguem o trabalho retirando toneladas de ouro; a cidade desponta outra vez nacional e internacionalmente.

Nesse capítulo procurei versar importantes reflexões sobre o cenário histórico dos moradores de São Domingos, contextualizando a cidade de Paracatu – MG.

No próximo capítulo, estabeleço diálogos, demonstrando práticas cotidianas, representações e cultura como forma de expressão étnica.

CAPÍTULO II

O COTIDIANO DOS MORADORES E O REPASSE DAS TRADIÇÕES

Os narradores convidados, no emaranhado dos seus relatos, explicitam as lidas diárias de como levar o filho à escola de como ir ao trabalho, plantar o feijão, limpar a roça, temas que fazem parte da vida diária. Entendo que são esses fazeres e esses detalhes da vida diária que conferem sustentação a condição humana. [...] Realça que a história deve ter como solo a vida cotidiana dos homens comuns e anônimos.

Cléria Botelho da Costa⁶⁹

Este capítulo analisa o cotidiano dos moradores de São Domingos, a organização social, a relação com a terra, o quintal, a criação de animais e o trabalho. Para fortalecer o argumento que se desenvolve nesta parte da pesquisa e que, na dinâmica deste trabalho, relaciona-se à questão étnica, cultural e social, visualizo o cotidiano e as representações dos remanescentes acerca da sua cultura e das experiências partilhadas. Segundo Moura.

A cultura, enquanto universo simbólico se atribui significado a experiência de vida, orienta todos os processos de criação do homem, não só no domínio da arte mas também ao que o homem aprende ao logo da sua existência acrescentando se ao que sabe por herança dos antepassados, como uma visão de mundo. Nas comunidades negras rurais, uso das ervas medicinais, o modo de trabalhar a terra, de tirar dela seu sustento, as linguagens gestuais, a música, as festas, o modo de se divertir e morrer, cantar, dançar, e rezar constituem o contexto onde se tecem as teias de significados que recriam incessantemente sua cultura e sua identidade contrativa.(MOURA, 2005, p.78)

Na lida cotidiana as tradições são repassadas contribuindo para a construção da identidade étnica cultural dos moradores de São Domingos. A palavra tradição origina-se do latim “*traditione*” que significa transferir ou entregar. Segundo Friedrich (1974) significa “Um conjunto de valores e crenças” que são repassadas das gerações mais velhas às gerações as mais novas. Ela é importante no repasse dos conhecimentos e na preservação das práticas culturais dos sujeitos históricos. Um recorte importante em relação ao que ouvi contar da

⁶⁹ COSTA, Cléria Botelho da. et. al. (orgs). **Contar História, fazer História: história, cultura e memória**. Brasília: Paralelo 15, 2001.

história e das tradições dos remanescentes de São Domingos relaciona-se à ligação com a terra, à forma de organizar a subsistência e de repassar os seus valores, experiências e costumes, repassados ao longo do tempo pelo trabalho com a terra nas roças e nos quintais.

2.1 As roças: lugar de ensinamento

O sentimento de pertencimento ao lugar, à família, e às práticas culturais é fundamental na preservação das tradições e no fortalecimento das identidades. Esse sentimento de pertença, segundo Maffessoli (1997), brota nos fazeres *comuns e práticas diárias*, os quais contribuem para a preservação dos costumes e fortalecendo os laços. Assim, o território, a lida com a terra, o cultivo dos quintais, o trabalho coletivo e familiar, o repasse dos saberes e fazeres são fundamentais para a sobrevivência das comunidades remanescentes de quilombos. Dessa maneira, território e sentimento de pertença são relacionados enquanto um jeito de viver, ver, fazer e relacionar-se com o mundo. “Um espaço social próprio, específico, com formas singulares de transmissão, de bens materiais para a comunidade. Bens esses que se formarão no legado de uma memória coletiva, um patrimônio simbólico do grupo” (SEPPPIR, op. cit., p.10). Lima ao refletir sobre a relação entre memória, terra, sentimento de pertencimento e reconhecimento de valores escreveu que:

Nessa lida com a terra, o trabalho comunal de plantar e colher em família é atravessado pela partilha da memória. As lembranças vão formulando sobre os “tronco-vei”. Nesse momento, labor e memória se articulam, nutrindo os atores sociais mais jovens com o legado de tradições culturais deixadas pelos antepassados. Desse modo, os sentimentos de pertencimento e de reconhecimento de valores vão se disseminando entre crianças e jovens para perpetuar a base cultural que dá sustentáculo ao modo de vida da comunidade. (LIMA, 2005, p. 52)

A memória perpassa o tempo, seleciona, lembra-se e também se esquece, todavia; os saberes e fazeres, as experiências partilhadas permitem a reinvenção cotidiana do espaço e dos costumes, possibilitando a reconstrução do passado e da forma como se relacionam como meio e a terra.

Nas reminiscências dos moradores de São Domingos foi possível perceber entre as muitas visitas e conversas, muitas delas gravadas em formas de entrevistas, outras tantas contadas em diálogos informais e cafés, a importância da terra para a sobrevivência deles,

demonstrando o sentimento de pertencimento a ela e as relações de trabalho estabelecidas como forma de preservar as tradições familiares.

Nessas conversas, muitas vezes eu os ouvi contar que eles sempre tiveram o costume de plantar roças e quintais, sendo esse trabalho repassado dos pais para os filhos. Afirmam que a terra sempre foi o principal instrumento de sobrevivência familiar predominando no local uma economia doméstica de subsistência. De acordo com Anjos (op. cit., p. 49) “[a] significativa maioria dos territórios quilombolas no Brasil tem uma tradição de agricultura de subsistência”.

Nas lembranças acerca da infância, o Sr. Geraldo Santana Lopes dos Reis, 58 anos⁷⁰, contou que nos anos de 1958, quando tinha seis anos de idade, toda sua família era envolvida no período de plantações. Assim, sob instruções dos pais, os filhos executavam as tarefas que lhe cabiam conforme a idade. Ele narra que o plantio não se limitava somente à roça, mas era feito também no quintal da casa, tradição que eles mantêm ainda hoje. Prossequindo suas reflexões afirma que:

Nós saíamos para a roça com meu pai e minha mãe. Ali nós levávamos pra trabalhar enxada, enxadão, facão e foice. Na roça, nós limpávamos o mato quando ele crescia; na época de colher o que tinha plantado, no caso de milho, mandioca, feijão, amendoim e arroz, a gente carregava de balaio ou de carrinho de mão. Depois que eu casei, continuei a plantar e ensinei para os meus filhos o que tinha aprendido com meus pais. Hoje mudou muito. Os moradores que tinham a terra em tamanho maior foram dividindo com os filhos e eles ainda têm um pedaço grande de terra. As famílias que tinham a terra menor dividiram, e o lote ficou muito pequeno. Por isso não é todo mundo que tem propriedade para plantar roça, mas mesmo assim, todos os moradores plantam uma coisa ou outra no quintal da sua casa.
(Entrevista concedida em 12/03/2006).

Como pode ser observado na narrativa do Sr. Geraldo, o trabalho em lavouras, mesmo que em pequena escala, faz parte da tradição dos moradores. A agricultura é desempenhada da maneira como aprenderam com seus pais. Ressalta o Sr. Geraldo que seus filhos e netos também sabem manusear enxada, enxadão, facão e foice. Aprenderam a manusear estes instrumentos no trabalho familiar. Linhares (1997, p. 165) escreveu que: “Foi agricultura a atividade que congregou homens e mulheres, constituindo-se na principal fonte de vida e de trabalho”. Dessa maneira, a atividade exercida muitas vezes de forma artesanal se recria nas mãos desses homens, mulheres e crianças que procuram na natureza o benefício da terra para dela retirar parte do sustento familiar. Afirmaram os moradores que o plantio de

⁷⁰ Ex garimpeiro, ex comandante da Festa de Caretagem de São Domingos. Trabalhou em roças e vendia produtos cultivados no quintal e roça de seus pais.

agricultura familiar em São Domingos é feito durante todos os meses do ano e com variadas espécies. O trabalho da cultura familiar coletiva torna-se importante, pois estreita os laços de pertencimento e fortifica os vínculos sociais.

É interessante ressaltar que quase todos os moradores, quando falam das atividades que exerceram, reforçam que essas são realizadas em família, afirmando que “*isso ‘tá no sangue*”, mostrando o espírito do trabalho coletivo e a ligação por laços consanguíneos.

A terra demonstra ter um imenso valor para os remanescentes. No decorrer das entrevistas, muitas vezes os moradores, ao falar dos costumes e saberes, relataram com simplicidade os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo acerca da natureza e da sua influência sobre o meio, os quais foram repassados por seus pais e avós. Afirmando ser a natureza o meio pelo qual se orientam para as atividades do dia-a-dia na lida com a terra e no plantio. Segundo eles, o tempo das secas, das águas, a orientação para as atividades na roça, o tempo do plantio de cada espécie cultivada, da capina, das colheitas, do corte de madeira, dentre outras atividades, sofrem influência. Nesse sentido, a natureza é o referencial do seu tempo; ao falar do seu passado, geralmente os narradores o relacionam com o tempo da natureza, que por sua vez está associado à vontade divina.

As referências à lua, sua interferência na natureza e influência em vários aspectos da vida dos narradores foram bem significativas. Relacionam às fases da lua há vários efeitos e interferências, tais como o período indicado para cortar o cabelo, o nascimento de crianças, sinais que eles lêem e interpretam através da lua. Um grupo de moradores em conversa informal relatou que:

O que nós sabemos, não é superstição. Nós aprendemos escutando e vendo o que nossos pais e avós faziam observando os dias de passagem da lua. E sempre dava certo. Hoje, é pela passagem da lua que nós nos orientamos para saber se o animal que vai nascer é macho ou fêmea, se ele vai ser forte ou fraco. O círculo que aparece em torno da lua é um aviso também. Quando ele está perto da lua, é sinal de que a chuva está pra chegar. Quando ele está longe significa que vai demorar a chover. Assim, olhando as fases da lua, nós sabemos quando é a melhor época de fazer o plantio ou colher a plantação.

(Entrevista concedida por um grupo de moradores, dia 05/05/2008).

De acordo com os entrevistados, seguir a tradição é uma maneira de garantir o sucesso no plantio, trabalho e lida diária. Relataram que para o corte de madeira, a fase apropriada é a minguante. Alguns disseram também que a lua influencia nos animais e em sua reprodução. Observam a fase lunar para colocar as galinhas para chocar os ovos, para castrar animais, sendo a fase minguante “boa” para a castração de porcos por ser o

sangramento menor neste período. Ribeiro estudando sobre o cerrado e a cultura dos sertanejos, escreveu que:

As observações das fases da lua não se limitam, porém, ao plantio, mas são observadas também em outras etapas de processo de cultivo. Para a capina da mandioca, baseando-se nos mesmos princípios, é recomendada a fase inversa do período de plantio, para permitir o fortalecimento de sua parte aérea [...] A lua “governa” a colheita e grãos para evitar o ataque do caramujo ou gorgulho durante o armazenamento, sendo recomendada a sua realização na mingunte. (RIBEIRO, 2006, p. 66)

Toda a experiência e conhecimento relacionados à agricultura estão apoiados nos ciclos da natureza, havendo o mês, a lua e o solo adequados para cada cultivo. A cana pode ser plantada em qualquer período, mas quando se faz o plantio nos meses de fevereiro, março ou setembro, ela fica mais doce e succulenta. O plantio de milho e rama mandioca geralmente é feito em Julho. O feijão pode ser plantado em julho, e novembro e o milho em outubro. A batata-doce, quando plantada entre os meses de janeiro e maio, pode ser colhida dentro de três meses, mas se o plantio for realizado em julho, demora seis meses. Esse acervo de conhecimentos populares são adquiridos a partir de experiências e repassados através da oralidade e ensinamentos às gerações mais novas, contribuindo para “driblar” as dificuldades encontradas e melhorar a produção.

Segundo os moradores, na agricultura, o plantio é feito na maioria das vezes de forma individual ou familiar, utilizando técnicas rudimentares de produção, com o uso de enxada e matraca, onde a terra é revolvida e em seguida são jogados os grãos, que germinarão. Anjos (op. cit, p. 66) escreve que “Alguns instrumentos existentes na agricultura tem origens nas técnicas de plantios dos reinos africanos. O arado utilizado para remover a terra e a semeadora, que cava o buraco e insere a semente no solo constituem instrumentos importantes para o sucesso da plantação.” Nas imagens 23 e 24 pode ser observado o trabalho coletivo na roça e os instrumentos utilizados:



Imagens 23 e 24 : Trabalho de capina desenvolvido familiarmente em roças e quintais. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

O trabalho com a terra reúne pais, irmãos, tios e primos, que socializam o saber/fazer no limpar da roça, no plantar e no colher. Como pode ser percebido, o trabalho feito de forma coletiva e familiar possibilita o estreitamento dos laços afetivos, construindo vínculos sociais através da cultura repassada de uma geração a outra.

É interessante ressaltar que duas plantações ocupam posição de destaque no cultivo familiar, a mandioca e o milho. Segundo os narradores desses dois produtos, a mandioca ocupa maior importância por ser uma raiz resistente, de fácil cultivo e resistente aos períodos de estiagem, podendo ser produzida durante a maior parte do ano - salvo nos meses de chuva, período em que, segundo o Sr. Aureliano, ela “fica aguada”. De acordo com os informantes, outro aspecto interessante é que esse arbusto é todo aproveitado. Do caule se produzem novas plantas, a raiz serve para o consumo familiar e sua casca, para alimentação de porcos.

Sendo a mandioca uma contribuição indígena, tornou-se um dos mais formidáveis benefícios nas terras de remanescentes de escravos. Seu cultivo tornou-se um poderoso instrumento para a socialização das famílias no trabalho e um complemento da alimentação na tradição comunitária. Para Anjos:

Desde o início da colonização, a mandioca viria a representar um importante papel também para o escravo africano, tornando base de sua alimentação regulamentada em lei desde os tempos do Conselho Ultramarino que obrigava os grandes canaviais a manterem culturas de subsistência, mormente a mandioca, para a alimentação de escravos e agregado [...] A mandioca, assim, pode ser considerada a maior contribuição indígena a diáspora africana. (ANJOS, Op. it., p. 71).

Anjos ressalta a contribuição da mandioca ao longo da história para a alimentação cotidiana. O trabalho para plantar, colher a raiz e transformá-la em farinha ou polvilho envolve toda a família, o que possibilita a reafirmação dos laços de parentesco, o que Anjos definiu como,

Local de encontro, de divisão de tarefas coletivas, de discussão sobre os assuntos comuns à coletividade e até de namoros e princípio de uniões familiares, a casa de farinha permanece viva nos quilombos, sendo o símbolo de um caminhar junto, o exemplo de que tanto o dia a dia quanto o futuro da comunidade sempre se basearão na sobrevivência desse espaço. (ANJOS, op. cit., p. 71).

Embora os moradores de São Domingos não tenham uma casa de farinha comunitária para a torrefação do produto, ele é feito nas casas, conforme narrativa de D. Cristina:

Quase todo mundo aqui planta mandioca, desde quando eu era menina já se plantava, porque a mandioca pode ser plantada no quintal ou na roça e serve pra comer no dia-a-dia. Se não tiver nada pro café, faz polvilho refogado ou puba; na hora do almoço ou janta, tira-gosto. Também pode ser servida em festa. Em qualquer ocasião ela é bem aceita
(Entrevista concedida dia 05/05/2008).

D. Cristina conta que:

A mandioca sempre fez parte das plantações da comunidade. Plantava mandioca mansa, aqui é aquela aqui agente comi e também mandioca brava. A mandioca brava não servia pra cozinhar, ou prá dá pros porcos. Sua utilidade era só prá fazer farinha, mais num podia cume no dia não, só depois de três dias. Essa mandioca num pode dá porco também não.
(Entrevista concedida em 14/03/2008).

Nos relatos enfatiza que a mandioca brava é mais macia para ser cascada e tem o sabor adocicado, mas não deve ser utilizada quente, obedecendo ao prazo mencionado, do contrário causa a morte. Diz D. Cristina Coutrim: “*sempre foi assim porquê nossos pais e avós, ensino assim*”.

Em quase todas as casas há plantação de “mandioca comum”, utilizada para a torrefação de farinha, polvilho, bejú, goma, jacuba, escaldado de pedra, polvilho refogado, biscoito frito, pão de queijo, bolo de mandioca, pratos do dia a dia e também para dar porcos.

A mandioca é muito utilizada. Você faz de toda forma que você quer. Cê come cozida, faz sopa, faz bolo, bolinhos fritos de mandioca. Tem várias formas de fazer. O ano inteiro utiliza a mandioca, quando num faz de um jeito faz de outro, mas ta sempre usando. E como minha mãe, eu também uso

mandioca prá fazer comida, só que mudei um poço da forma que ela fazia. Na época da minha mãe a gente tinha fábrica de farinha. Fazia muita farinha, beiju, tirava polvilho Até que ela (...) eles falam numa proeira, ralava num ralo e os toquinho que ficava ela colocava prá secar e quando tava sequinho socava num pilão com água e fazia bolo. Era muito gostoso. (Entrevista concedida em 14/03/2008).

Na imagem 25 e 26 é possível observar D. Júlia no quintal plantado de mandioca e D. Silvia Lopes Roquete de 83 anos⁷¹ cascando mandioca para ser usada no prato do dia.



Imagens 25 e 26. Plantação de mandioca em frente a casa. Mandioca sendo preparada para consumo. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Com base nos dados coletados, é possível compreender que a forma de plantar e colher a mandioca é um fator cultural e historicamente construído por esses remanescentes, saber esse que vai sendo repassado entre as gerações. As imagens seguintes 25 e 26 revelam a plantação e o preparo da mandioca.

Outra atividade de destaque na cultura dos remanescentes é a plantação de milho, que segundo alguns narradores encontraram boa adaptação nos quintais e roças do local. O plantio acontece no mês de outubro, produzindo safras que se estendem até o mês de abril. Esse período beneficia o plantio, tendo em vista que são meses chuvosos, o que proporciona de forma satisfatória a germinação das sementes. Herança indígena, o milho contribui de forma significativa para a alimentação dos remanescentes e dos animais domésticos, como porcos, galinhas, patos. Para animais como vacas e cavalos, o milho é passado no desintegrador e misturado em ração, servindo como alimento.

O cultivo do milho é significativo para as famílias de remanescentes; a plantação atende a dois interesses: uma parte, quando granado, é utilizada como complemento

⁷¹ D. Júlia Lopes é mãe de 8 filhos. Todos os anos, ela e as filhas cozinham para a Festa de Caretagem.

alimentar; a outra é preservada para secar, momento em que é colhida e estocada em grãos no paiol⁷² para alimentação de galinhas e porcos são ao longo do ano.

A culinária feita a partir do milho pelos moradores de São Domingos apresenta algumas características consideradas como da culinária mineira, mas que foi o resultado da contribuição de diversos povos. Entre os pratos oriundos do milho preparados em São Domingos, os narradores citaram: bolo de milho, broinha de fubá⁷³, bolo de fubá⁷⁴, bolo de domingo⁷⁵, angu de milho verde. Em pratos mais comuns, é utilizado para ser cozido, assado, ralado para pamonha, etc.

O angu de milho verde geralmente é servido entre os moradores de São Domingos no final de semana. Acompanhado de quiabo. Segundo Abdala (op. cit, p 124) a palavra angu é um termo de origem banto e constitui em “uma invenção local, embora a técnica seja a mesma do angu africano assim como o nome é o mesmo. Feito com água e sem sal, é típico de Minas.”. As próximas imagens 27 e 28 apresentam lavoura de milho e pilão.



Imagens 27 e 28. Lavoura de milho. Pode ser observado que as espigas estão granadas no ponto de serem colhidas para consumo doméstico. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

⁷² Expressão utilizada pelos remanescentes para designar o local onde depositam o milho. Geralmente é construído separado das residências e estocam toda a produção da propriedade.

⁷³ De acordo com Mônica Chaves Abdala (2006, p. 121) “as palavras angu e fubá são de origem africana. Fubá era o nome dado às farinhas, no caso em questão a de milho, conhecida na África desde o século XVI. Já o fubá africano era chamado de milheto. Angu é termo originário dos bantos. Consistia na mistura de água fervente com fubá.”

⁷⁴ Para o bolo de fubá, o milho é socado no pilão e peneirado.

⁷⁵ “Bolo de domingo é uma receita cuja denominação é encontrada apenas em Paracatu. É feito de fubá de arroz e banha. É típica da culinária angolana e massa cozida com água e fubá, farinha de milho, arroz ou mandioca, para ser combinada molhos, guisados de vegetais, como quiabo, muito apreciado pela textura viscosa e espessa que confere aos cozidos.” Instituto de Arqueologia Brasileira. Culinária - Saberes da Cultura Imaterial de Paracatu (MG) CD Room.

Nas imagens 29 e 30 a seguir, pode ser observado o processo de socar o milho no pilão para retirar o fubá grosso, uma prática tradicional em São Domingos.



Imagem 29 e 30. A presença do pilão é algo comum nas casas de São Domingos, sendo um instrumento utilizado para socar milho, café, arroz com casca e para fazer farofa de carne de sol. Na imagem 28 pode ser visualizado o desintegrador, máquina usada para triturar os grãos de milho para serem usados no alimento dos animais ou fazer fubá. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

É possível presenciar também, em quase todas as moradias, hortaliças variadas plantadas em um espaço separado e cercadas por telas de arame para impedir que vacas ou galinhas as comam. É uma prática da tradição local.

2.2 - Os quintais: espaços de aprendizagem do outrora

Em São Domingos, local de uma história de tradição e manutenção de práticas culturais, os quintais revelam aspectos de sua cultura material. Nesses espaços a diversidade de plantas cultivadas possibilita o complemento da alimentação cotidiana, sendo também o lugar da horta, das plantas medicinais e árvores frutíferas, da criação de aves, constituindo-se também como espaço da socialização, de brincadeiras das crianças, da família e nos finais das tardes, muitas vezes, no terreiro da porta da cozinha, sentam-se para conversar e partilhar experiências. Como acontece na casa do Sr. Aureliano cujo terreiro da cozinha possui os bancos grandes de madeira onde a família se reúne para conversar, debaixo das árvores como pode ser observado nas imagens 31 e 32 a seguir.



Imagens 31e 32. Cena cotidiana nas casas de São Domingos. Moradores em conversas informais. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Na cada da Magda e do João, debaixo do pé de manga, no quintal da casa, o cenário também se assemelha ao da casa do seu pai, sendo assim também na maioria das casas de São Domingos. Marim e Castro ao escreverem sobre os quintais em uma comunidade remanescente refletiram que:

Em termos de exploração de espécies, o quintal é o local mais representativo, por ser o espaço privilegiado pelas famílias: é o lugar da sociabilidade, da afirmação, das relações intergeracionais, das brincadeiras, da aprendizagem, do cuidado com as plantas e da demonstração das habilidades. Os cuidados com o quintal redundam em recursos múltiplos usados na alimentação, na saúde e no trabalho artesanal. (MARIM & CASTRO, 1999, p. 90).

A utilização do quintal é importante para os moradores, tanto pela sua proximidade com as residências quanto pelo cultivo dos produtos; o espaço exige dedicação das donas de casa e filhos, que precisam manter o local capinado e o terreiro limpo. A combinação do saber/fazer e o repasse para as novas gerações têm sido um fator primordial para a preservação das práticas culturais dos remanescentes, garantindo a persistência da arte de plantar, pois em grande parte, é das roças e dos quintais e roças que retiram parte do sustento familiar. De acordo com D. Cristina:

Como você pode ver, o quintal é todo plantado. Aqui temos plantado um pouco de cada coisa e o ano todo, nós temos serviço. Quando não é dentro de casa, é mexendo na horta ou nas outras plantas do quintal ou na rocinha. O açafão é nativo como você pode ver. Colher dá muito trabalho, então junta todo mundo e faz um mutirão. E no dia a dia o serviço vai acontecendo
(Entrevista concedida em 12/08/2007).

Durante as inúmeras visitas às casas dos moradores de São Domingos foi possível perceber que todos cultivam os quintais, porém com diferentes finalidades e tamanhos. Cultivam árvores frutíferas diversas, tais como pés de tamarindo, romã, jaboticaba, abacate, manga, caju, acerola, laranja, limão, pinha, goiaba, abacaxi, mamão, cajamanga, café, banana entre outras. No interior dos quintais, encontra-se cultivo de jiló, quiabo, feijão, mandioca, vagem, pimentão, pimenta, cará e abóbora, feijão, entre outras.

O feijão andu, segundo os moradores, é um arbusto cultivado desde seus antepassados em vários quintais de São Domingos, Segundo Abdala,

Na África eram conhecidos vários tipos de feijão. De lá os portugueses trouxeram o andu, muito apreciado no Norte de Minas e Nordeste do Brasil. (...) O feijão era parte da dieta Africana. Misturado ao dendê, cozinhavam-no até virar uma pasta espessa e comiam-no acompanhado de farinha, uma forma de pirão escaldado, como o dos indígenas. Feijão e farinha misturados, utilizando a técnica do cozimento na panela, habitual entre portugueses, provavelmente constituem a origem do tutu, com os acréscimos do alho e toucinho, que eles nos ensinaram. (ABDALA, op. cit, p.121)

O cultivo do feijão andu e o cuidado com o quintal pode ser observado nas imagens 33 e 34 nas quais D. Júlia Lopes exhibe orgulhosa seu quintal e o trabalho realizado por ela na capina.



Imagens 33 e 34. Quintal com variedade de espécies plantada. Pode ser observado nesse pequeno foco da imagem a presença de feijão andu, milho, banana e açafreão. Área plantada como presença de coco de andaiá. Fonte: arquivo do pesquisador, 2008.

A variedade da plantação dessas hortaliças é feita de forma contínua ao longo do ano e têm por objetivo atender às necessidades; age também como alimento complementar, sendo consumido no cotidiano dos remanescentes.

Nesses espaços, são produzidos jiló, quiabo, alface, couve, alho, cebolinha, coentro, salsa, pimentas variadas e ervas medicinais. O cheiro verde é muito utilizado no dia-a-dia e de acordo com D. Cristina “*nós fazemos o tempero retirando o produto da horta na hora de temperar o alimento*” (entrevista concedida 14/10/2009); algumas hortas podem ser vistas nas imagens seguintes 35 e 36:



Imagens 35 e 36. Hortas com diferentes produtos plantados. Fonte arquivo do pesquisador, 2009.

Alguns entrevistados apontam diferentes maneiras para garantir uma boa produção. Explica D. Cristina que ela aprendeu com a mãe a colocar nos pés de jiló, quiabo e pimenta, casca de ovos, restos de verduras e frutas, pois em contato com o solo esses apodrecessem e se transformassem em adubo orgânico. Ainda em suas reflexões conta: “*minha mãe colocava esterco de galinha na cebolinha, na salsa, e no coentro. No alho, alface, couve e outros, ela colocava bosta de vaca e de cavalo sapecado. Toda vez que ela ia fazer isso, ela chamava a gente para ajudar*” (entrevista concedida em 12/08/2007).

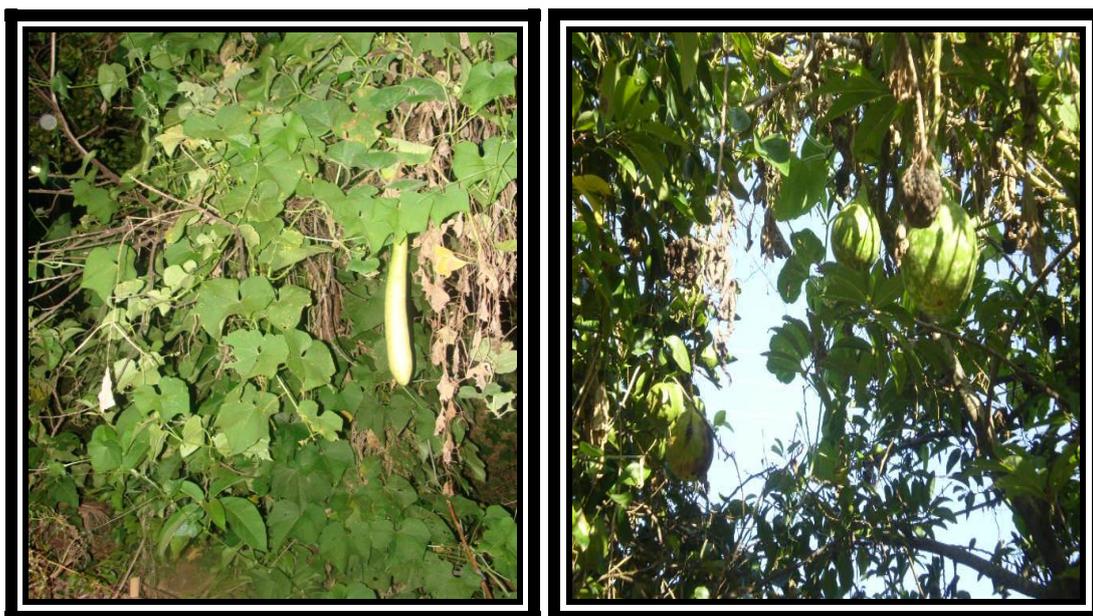
Mesmo diante dos cuidados exercidos pelos moradores, segundo eles, havia e ainda há os inconvenientes com as pragas; por isso, saber lidar com essa situação é fundamental. A proteção das lavouras e das plantas dos quintais é feita através de monitoramento constante, para evitar ataques de formiga, insetos, lagartas e ervas daninhas. Quando é detectada a presença, o combate é feito através de produtos químicos ou utilizando o conhecimento adquirido com os pais e avós. Segundo D. Cristina:

É costume aprendido com os antepassados fazer remédio caseiro preparado com folha de fumo pra acabar com pulgão, colocar cinza da fornalha pra espantar formigas e combater a praga, como ervas; a capina é feita toda vez que o mato cresce. E tem gente que benze pra espantar mau-olhado ou tirar inseto da plantação. Cada pessoa faz o que ela acha que é preciso

(Entrevista concedida dia 05/04/2008).

Como pode ser observado na narrativa, a disposição do recurso utilizado pode variar de acordo com a necessidade e o conhecimento de que as famílias dispõem. Dessa maneira, é comum os remanescentes, para prevenirem os ataques, limparem suas plantações com foice, machado ou facão. De acordo com os narradores, o trabalho preventivo da capina é feito para deixar o ambiente limpo, e de fácil acesso para qualquer situação. Justificam também que capinando e retirando ervas e matos, a plantação fica vigorosa e forte, pois tanto o mato como as ervas retiram a força da planta. Esse trabalho é exercido de forma coletiva ou individual dependendo do tamanho da plantação ou quintal.

É comum em frente às casas ou em volta das mesmas, haver plantação de mandioca ou árvores frutíferas, nas quais se entrelaçam ramos de abóbora d'água ou cabaça, da qual se faz a cuia, objeto muito utilizado cozinha. Anjos (op. cit., p. 141) escreveu que: “de origem africana, a cabaça está presente em muitas manifestações: de instrumento musical usado na capoeira a recipiente para comida sagrada das entidades encantadas da cultura afro-brasileira, ou utensílio doméstico para o trabalho com os grãos”. As imagens 37 e 38 abaixo permitem conhecer um pouco dessa agricultura:



Imagens 37 e 38. Abóboras d'água entrelaçadas em laranjeira. Elas são utilizadas de duas maneiras por eles. Quando verde, é feita batidinha em forma de salada. Seca, ela é utilizada como cabaça onde reservam grãos. Nesta imagem, é possível ver o pé de pinha, conhecido pelos moradores como “ada”, entrelaçado por ramos de cabaças sendo que estas ainda estão verdes. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Além das hortaliças, árvores frutíferas, plantação de mandioca, açafrão, abóbora é muito comum observar a presença de plantas medicinais nos quintais. No decorrer da história os moradores de São Domingos se valiam e valem das plantas que curam. Segundo Dona Carmem, essa é uma tradição seguida de uma geração para outra, mas que exige conhecimentos que são repassados através da oralidade e ensinamentos dos mais velhos. Ribeiro (2006, p198) ao estudar sobre a utilização dessas ervas no noroeste escreveu que “todo acervo de informações sobre as plantas medicinais é transmitido em geral, como parte do processo mais amplo de socialização dentro das famílias e é aperfeiçoado ao longo da vida pelas inúmeras trocas realizadas pelas pessoas, em diferentes situações.” Nas reflexões do pesquisador, esses ensinamentos são repassados e aperfeiçoados ao longo da vida e os portadores desse saber são conhecidos muitas vezes como raizeiros. De acordo com Silva,

Ser raizeiro parece ser um ofício sem segredos, mas requer um conhecimento amplo, não é suficiente saber qual planta é eficaz para curar estes ou aqueles males. É preciso conhecer as dosagens corretas, a forma de utilização dos produtos medicinais, qual a parte da planta a ser usada, se deve ser verde ou seca, bem como as combinações de plantas diferentes a serem empregadas. (SILVA, 2007, p.119)

A preocupação dos remanescentes em repassar esse conhecimento está associada à necessidade e ao fato de, ao longo da história, encontrar dificuldades no acesso aos medicamentos industrializados. Os recursos de que dispunham eram precários, não havia médicos ou posto de saúde no local, somente na cidade de Paracatu. Diante dessa realidade, os moradores recorriam a antigas práticas aprendidas com seus antepassados, utilizando o conhecimento empírico através da utilização de plantas medicinais cultivadas no quintal ou extraídas do cerrado das proximidades. Faziam também uso de benzeções e simpatias. Essas tradições estão presentes contemporaneamente na vivência coletiva. D. Carmem Lopes, 74 anos, diz a esse respeito:

Na comunidade, sempre procuramos usar o que temos. Nós somos pobres e Deus nos deu o recurso da natureza. Pra todos os males, nós usamos de erva ou benzeção, não tem esse negócio de comprar remédio... O que eu sei, eu aprendi com minha mãe, que era parteira. Cada plantinha tem um poder de curar. Aqui no São Domingos, já teve muita dificuldade pra nós; de doença, como o mal de bexiga, que teve na comunidade, e outros males. Por isso que quase todo mundo aqui tem erva no quintal e sabe qual pode utilizar do mato, tudo aprendido com os pais, que aprenderam com os pais deles. Aqui nós sempre usamos isso, pode ser pra criança que nasceu, dor de cabeça, mal do estômago ou outra coisa que a pessoa sente. Tem planta que é de banhar e outras que são de beber. Eu sempre plantei, aprendi com

minha mãe e ensinei pras minhas filhas. Aqui tem marcelinha, marcelão, boldo, camomila, poejo, confrei, favaca e outros. No mato tem muita casca e raiz que pode ser usado. Eu mesma faço mudinha dessas plantas e vendo na cidade.

(Entrevista concedida em 12/03/2004).

Ribeiro destaca a importância desse saber para a manutenção da saúde no sertão ao longo da história:

Benzedores e raizeiros, assim como as parteiras, eram os únicos recursos para as diferentes eventualidades referente à saúde e à doença, para a vida e para a morte, pois no Sertão Mineiro o médico e a medicina oficial são presenças relativamente recentes. Todo acervo de informações sobre plantas medicinais é transmitido, em geral, como parte de processo mais amplo de socialização das famílias e é aperfeiçoado ao longo da vida pelas inúmeras trocas realizadas pelas pessoas em diferentes situações. (RIBEIRO, 2006, p. 198-199)

Outro fator importante é a credibilidade que os moradores atribuem ao valor dessas ervas para a manutenção da saúde, sendo esta confiabilidade adquirida através da experiência e do ensinamento familiar. Ensinar o que seus pais lhes transmitiram foi e ainda é uma maneira de ajudar a manter a saúde no Povoado

Geralmente as ervas medicinais são plantadas perto das hortaliças. Na maioria das casas, são cercadas por tela ou outro tipo de divisória para preservar estas plantas das aves do quintal. Nos quintais, é como visualizar diversas ervas medicinais plantadas, entre elas: arruda, hortelã gordo, hortelã miúdo (hortelãozinho), guiné, alfavaca, tansage, quebra-pedra, gengibre, erva-cidreira, mastruz, alecrim, marcelinha, alfavaquinha, losna, sete-dor, alemanha, carqueijo, confrei, puejo, funcho, sempre-livre, bardama, baço, folha santa, babosa, carquiço, são Caetano dentre outras. A utilização dessas ervas e plantas medicinais faz parte da cultura desses remanescentes que aprenderam a usar suas propriedades medicinais com os mais velhos da localidade e com a família. É uma prática pautada no cultivo e solidariedade, pois sempre partilham e trocam com as pessoas da comunidade quando necessitam de alguma espécie que não possuem em casa.

Em relação ao cultivo dessas plantas medicinais, destaca-se na localidade o trabalho de Dona Carmem. Conta a remanescente que aprendeu com a mãe que era parteira e raizeira a arte de lidar com as ervas. Ela cultivava no quintal da sua casa mudas dessas ervas e revende na feira em Paracatu. Abaixo, imagens 39 e 40 dos remanescentes em suas respectivas hortas.



Imagens 39 e 40. D. Carmem em sua horta, onde faz o plantio de mudas caseiras acompanhada do marido José Ferreira. O Sr. Aureliano em sua horta cuidando do cultivo de plantas medicinais. Fonte: arquivo do pesquisador, 2007.

Esse ofício representa uma forma de repassar os saberes em relação ao uso das plantas para a preservação da saúde e uma forma de completar a renda familiar, sendo esta uma prática historicamente construída, levando em consideração as dificuldades encontradas pelos moradores da localidade em manter a saúde diante das dificuldades e limitações. D. Luísa disse que os moradores recorriam a antigas práticas aprendidas com seus antepassados, procurando remediar com as plantas medicinais ou recorrendo às orações das benzedadeiras. Muitas vezes, essa prática é associada às benzeções, pois muitas vezes utilizam também poções ou banhos com raízes, cascas, flores, ervas do quintal ou do cerrado para recobrir a saúde do doente. D. Carmem Lopes, 74 anos, a esse respeito, informa:

Na comunidade sempre procuramos usar do que temos. Nós somos pobres e Deus nos deu o recurso da natureza. Pra todos os males, nós usamos de erva ou benzeção. Não tinha desse negócio de comprar remédio não. O que eu sei, eu aprendi com minha mãe que era parteira. Cada plantinha tem um poder de curar. Assim, os mais velhos iam passando o conhecimento que tinham pros mais novos. Quase todo mundo aqui tem erva no quintal e sabe qual erva do mato podem usar. Tudo é aprendido com os pais que aprenderam com os pais deles. Aqui nós sempre usamos isso. Pode ser pra criança que nasceu, dor de cabeça, mal do estômago ou outra coisa que a pessoa sente. Tem planta que é de banhar e outras que são de beber. Eu sempre plantei, aprendi com minha mãe e ensinei pra minha filhas. (Entrevista concedida em setembro de 2007).

No decorrer da história, segundo D. Carmem, as pessoas do Povoado se valiam de plantas medicinais. A pobreza descrita pela narradora demonstra que os remanescentes

mantinham a fé na infusão ou inalação de raízes e ervas colhidas na horta ou cerrado. Conta D. Carmem que: *“a morte das pessoas não tirou a fé dos nosso pais em Deus e nas plantas, mas mostrou que as plantas eram um recurso que nós tínhamos pra muitos males, era o remédio dos pobres, dos negros de São Domingos”*. Nas narrativas, pude perceber que horta e cerrado eram espécies de farmácia.

A narradora disse que sempre se preocuparam em repassar para os filhos o nome e a propriedade medicinal da planta, de forma que, na sua ausência, saberia o filho qual delas utilizar e como misturá-la com outras plantas. As explicações de D. Carmem demonstram que, em torno dessa aprendizagem, acontecem rituais que são necessários para o bom andamento da forma de preparar o remédio. De acordo com Silva,

Ser raizeiro parece ser um ofício sem segredos, mas requer um conhecimento amplo; não é suficiente saber qual planta é eficaz para curar estes ou aqueles males. É preciso conhecer as dosagens corretas, a forma de utilização dos produtos medicinais, qual a parte da planta a ser usada, se deve ser verde ou seca, bem como as combinações de plantas diferentes a serem empregadas. (SILVA, op. cit., p. 119)

A preocupação dos remanescentes em repassar esse conhecimento está associada ao fato de não haver nenhum tipo de remédio industrializado ou visita de profissionais da saúde na comunidade. Nesse sentido, a alfabetização da cura através das plantas, cascas, raízes e ervas se fazia necessária no Povoado, sendo ainda hoje uma prática comum; assim, a sabedoria acerca da utilização das ervas, flores, frutos do cerrado e cascas também foi repassada com outra finalidade: utilizá-las.

Conhecer a propriedade e a quantidade de remédios caseiros e cerrado a ser administrados é fundamental. O repasse do conhecimento de raízes e ervas é uma tradição herdada dos antepassados desde o tempo da escravidão. O conhecimento fitoterápico em São Domingos é repassado para homens e mulheres. Desde a mais tenra idade, as crianças falam dos remédios caseiros demonstrando ter prévio conhecimento. Como se percebe, é necessário que os pré-adolescentes “dançantes” saibam a respeito das propriedades medicinais que cada planta ou raiz pode oferecer. Assim, eles aprendem com os pais e avós. Nesse sentido, Costa (2001, p. 83) escreve que: “[o] narrador, ao relatar os acontecimentos, recria para seus ouvintes as crenças, as tradições e os saberes de uma época, nos quais continua acreditando. Ao reconstituir esse imaginário, que também é o de seus ouvintes, ele compartilha memórias”. Para a historiadora, o conciliar de saberes e repasse da tradição tem prosseguimento porque tanto quem fala quanto quem ouve vai reinterpretando,

ressignificando, oportunizando novos sentidos no tecido social do qual emissor e receptor fazem parte. Dessa maneira, ouvir é fundamental para aprender e dar prosseguimento a esse saber/fazer.

2.3 - A Criação de animais e a fabricação de tijolos: formas de aprendizagem de outrora

Faz parte também do cotidiano das famílias remanescentes a atividade de criação de vacas, porcos, galinhas e patos. A criação das aves tem como finalidade oferecer ovos e carne. As aves são abatidas e na embalagem da mesma é colocada a logomarca “produto do quilombo”. Da criação do gado⁷⁶, extrai-se leite, carne e venda de bezerros machos. As duas atividades estão ligadas à importância do complemento alimentar familiar e também como geração de renda, pois parte da produção é destinada ao comércio na feira de Paracatu, que acontece todos os sábados, como pode se observado nas próximas imagens 41e 42:



Imagens 41 e 42: Trabalho desenvolvido familiarmente com criação de frangos, patos. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Para o serviço de campear o gado solteiro⁷⁷ e as vacas leiteiras, é utilizado burro⁷⁸ ou cavalo. Esses animais são também destinados ao transporte de mercadorias de pequena

⁷⁶ É comum o trânsito do gado pelas ruas de São Domingos. Por isso, as famílias utilizam, para cercar suas casas, esticadores de arame, colchete para a entrada ou passa um, ou seja, um corredor enviesado com estacas de madeira, de forma que possa passar somente uma pessoa de cada vez, evitando a entrada de animais.

⁷⁷ Termo utilizado pelos remanescentes quando se referem ao gado que nunca pariu.

distância ou trabalho em charrete. Em finais de semana, são utilizados para lazer, com brincadeiras de crianças que correm pelos pastos ou passeiam em casas de parentes, conforme pode ser observado nas imagens 43, 44 e 45 abaixo.



Imagens 43, 44 e 45. Trabalho de campear o gado feito por adultos e adolescentes. Como pode ser observado na imagem 44, essa ainda é uma forma de lazer praticada em São Domingos Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

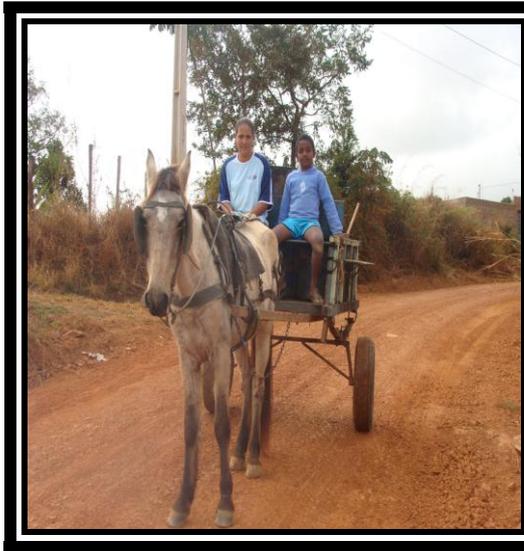
Vale ressaltar a importância do trabalho com charrete para algumas famílias em São Domingos. João Ferreira Solto 59 anos relatou que:

O trabalho com charrete é muito simples, pode ser feito até por menino. O negócio é saber guiar o cavalo com o cabresto. Nós aqui em São Domingos utilizamos a charrete tanto pra trabalho de frete dentro da comunidade como prá Paracatu como é o meu caso. A charrete é um meio de transporte barato e fácil de conduzir. Na charrete trabalho homem, mulher, menino. Nós transportamos de tudo. A charrete também é utilizada pra buscar soro na cooperativa e também lavagem pros porcos.

(Entrevista concedida 11/09/2009).

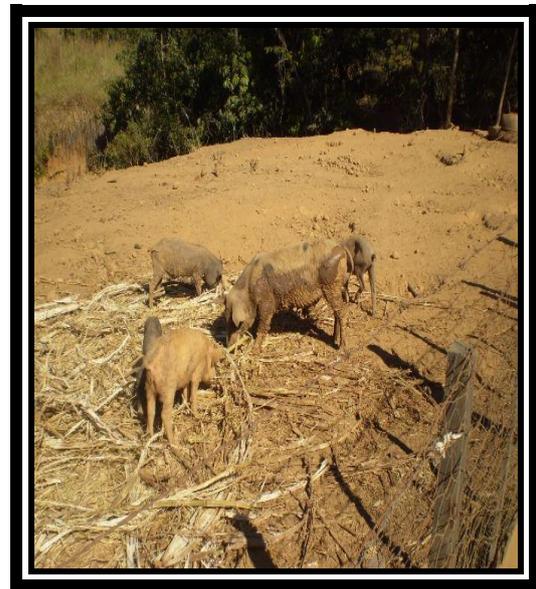
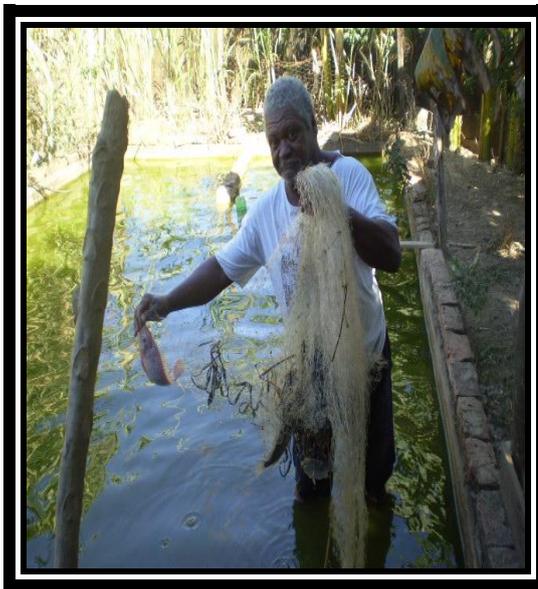
Como pode ser percebido nas palavras de João Solto, o trabalho com charrete é uma prática herdada de seus pais e tem grande importância para eles. Serve para realização transporte de pequenas cargas, denominadas por eles de fretes prática através da qual tiram o sustento familiar, servindo também para transportar os alimentos para porcos. Outro fator relevante, segundo os entrevistados é que dessa forma coordenam a própria jornada de trabalho e não ficam submetidos às ordens dos patrões. Dessa forma, eles têm mais condições de estar presente em casa resguardando o sábado e o domingo. As imagens 46 e 47 mostram cenas do cotidiano com o trabalho com a charrete.

⁷⁸ Animal que consegue adaptar a ambientes acidentados e de grande resistência física.



Imagens 46 e 47. Imagens que representam o trabalho cotidiano desenvolvido familiarmente. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Nos quintais criam-se animais para completar a alimentação, como porcos. No fundo do quintal da casa da Magda há um taque com um criatório de peixes para consumo familiar. Essa realidade pode ser percebida nas imagens 48 e 49 abaixo:



Imagens 48 e 49. João no seu tanque de criar peixes exibindo com orgulho a criação de peixes. Criação de porcos soltou no “mangueiro”. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009

Na maioria dos quintais há a presença de chiqueiros e mangueiros onde são criados os porcos para o consumo doméstico, de onde se retiram a carne e a banha.

Ainda se destaca como fonte de renda a produção de tijolos voltada para o comércio em Paracatu e São Domingos. Embora essa produção seja pouco expressiva no comércio

local, segundo Rumoaldo Antonio de Oliveira⁷⁹, 49 anos: “é um trabalho que nós desenvolvemos em família. Aqui tem pai, tio, primos, sobrinhos e irmãos” (entrevista concedida em 20/01/2009).

O remanescente afirma ainda que o trabalho segue a tradição deixada por seu pai, Nicolau Antonio de Oliveira⁸⁰, 87 anos. As imagens 50 e 51 mostram os trabalhos familiares descritos:



Imagens 50 e 51: Imagens que representam o trabalho cotidiano desenvolvido familiarmente na cerâmica. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Em duas dessas propriedades, as famílias trabalham em engenhos, com produção de rapadura e garapa de forma artesanal. Um dos engenhos pertence ao Sr. Nicolau Antonio de Oliveira⁸¹. Idoso e doente, o remanescente, nos últimos quatro anos, foi ficando impossibilitado de exercer a liderança no trabalho do preparo de rapadura, passando o engenho a ficar a maior parte do ano desativado. Desde 2006, com o afastamento do remanescente, a plantação de cana-de-açúcar ocupa um espaço reduzido. Os filhos, que antes ajudavam a fazer a rapadura em grande produção para comercializar, passaram a fazê-las somente para consumo interno.

⁷⁹ Remanescente proprietário da cerâmica, passou a chefiar os trabalhos após o pai Nicolau Antonio de Oliveira ter adoecido.

⁸⁰ Remanescente que trabalhava com engenho e cerâmica. Atualmente a saúde não lhe permite trabalhar repassando o ofício para o filho.

⁸¹ Remanescente de 87 anos. Dono de uma das maiores propriedades de São Domingos. Em suas terras, presenciei uma considerável plantação de cana-de-açúcar e milho, desde o ano de 2003, quando comecei a pesquisa.

O outro engenho está sob liderança de Ronaldo Lopes da Silva⁸², 50 anos, que segue a tradição coletiva familiar, trabalho herdado do pai, João Mendes da Silva.

Recorda Ronaldo que na propriedade do pai produzia-se rapadura e paralelamente a esse serviço, havia criação de gado de leite. Para executar as duas atividades simultaneamente, seus pais envolviam os filhos com obrigações demarcadas, de acordo com idade e experiência. Nas palavras do narrador:

Meu pai levantava todo mundo três e meia da manhã. O corte começava 4 horas da manhã. Enquanto isso, outro irmão meu ia pra tirar leite. Quando terminava de tirar o leite, um dos mais velhos saía entregar o leite em Paracatu de charrete. Nós ficávamos no engenho fazendo rapadura e depois que meu irmão chegava, as rapaduras estavam prontas, aí nós levávamos pra Paracatu pra vender de charrete.
(Entrevista concedida em 11/08/2008).

Como é possível observar, as tarefas divididas tinham como finalidade envolver os filhos no trabalho. Afirma Ronaldo que à medida que eles cresciam, o pai os deslocava para outras tarefas que exigiam mais concentração e cuidado. Essa atitude era uma maneira de demonstrar que eles estavam se tornando mais experientes e conseqüentemente deveriam ter maiores responsabilidades. Recorda ainda que no ano de 1975, quando estavam em plena produção de rapadura, o pai, mexendo uma das taxas de caldo de cana, foi acometido de um infarto fulminante. Após o sepultamento, a família reunida optou por não fazer inventário da terra, mantendo-a sem divisas. No mesmo dia, alguns de seus irmãos disseram que não participariam mais da produção de rapadura. A partir dessa data Ronaldo assumiu o engenho e seu irmão Arnaldo passou a cuidar do gado.

Ronaldo assumiu o engenho desde essa época, com a ajuda dos filhos, duas irmãs, cunhados e sobrinhos. O trabalho de produção, de acordo com o narrador, tem seguido os ensinamentos do pai, sendo essa uma atividade coletiva, um forte laço de tradição repassado de pai para filho envolvendo toda a família.

Como o saber e o fazer fazem parte de uma tradição mantida pelas pessoas mais velhas, guardiãs que repassam aos jovens aprendizes a arte do trabalho artesanal de rapadura, Ronaldo lidera a sabedoria de todo o processo, sendo respeitado e amado por todos seus colaboradores, que tem nesse senhor um exemplo a seguir.

⁸² Conhecido popularmente como Planeta, esse remanescente é um pequeno produtor de rapadura. As vendas acontecem em São Domingos, destacando-se o comércio na cidade de Paracatu. As terras onde Ronaldo trabalha com o engenho pertencem a ele e seus irmãos. Com a morte do pai, os filhos optaram por dividir em lotes, ficando a propriedade de usufruto de todos. Vale ressaltar que atualmente somente Ronaldo e seu irmão Arnaldo trabalham na propriedade.

Para o trabalho cotidiano que se segue da primeira semana de junho até o mês de outubro⁸³, Ronaldo faz a divisão de trabalho, atribuindo funções para cada membro de sua equipe, seguindo critérios de hierarquia por idade, tempo de trabalho, habilidade e sexo. Os filhos e sobrinhos menores desempenham serviços que, segundo o narrador, são leves e podem ser observados por ele e pelos adultos envolvidos.

No tempo presente, o trabalho acontece da seguinte maneira: na segunda-feira, Ronaldo e os ajudantes, às três e meia da manhã, reúnem-se e saem para o canavial⁸⁴. O trabalho começa por volta de quatro horas da manhã.

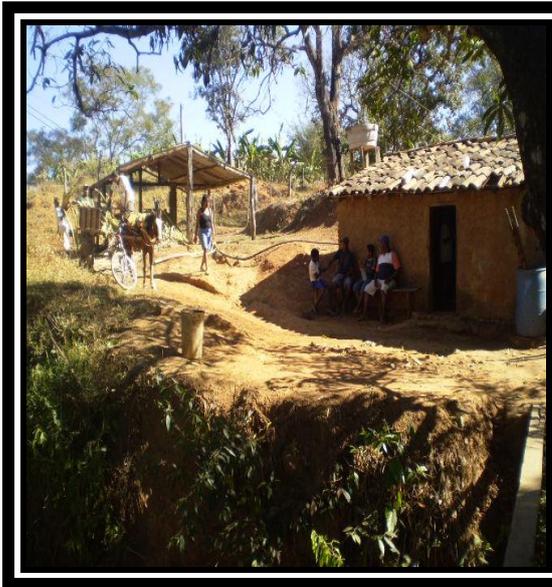
Seguindo a tradição do pai, somente ele corta a cana-de-açúcar, enquanto adultos e adolescentes recolhem e limpam com facão o caule das folhas e raízes⁸⁵. Após a limpeza, as crianças recolhem as folhas, levando-as de charrete para a ciladeira, onde um adulto faz a moagem, transformando-a em ração, que depois é transportada pelos pequenos para alimentar o gado.

Esse trabalho tem essa sequência no canavial até aproximadamente dez horas da manhã, momento em que Ronaldo, juntamente com seus ajudantes, coloca as canas preparadas dentro da charrete seguindo todos para o engenho. A última atividade do dia, que envolve também crianças e adolescentes, é feita transportando madeira para as duas bocas das fornalhas onde será produzida rapadura como pode ser visualizado a seguir nas imagens 52 e 53:

⁸³ Após a última safra de rapadura que acontece no final do mês de outubro, os trabalhadores, homens e mulheres, trabalham como bóia fria. As mulheres trabalham também como diaristas em casas de família em Paracatu. Essas atividades são desenvolvidas até o começo da nova safra.

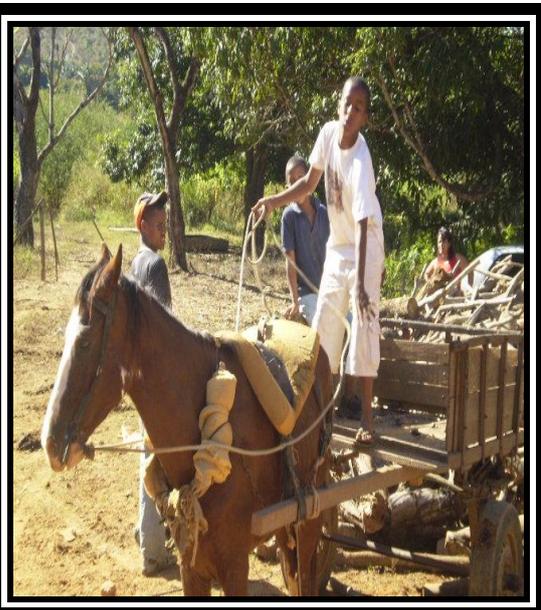
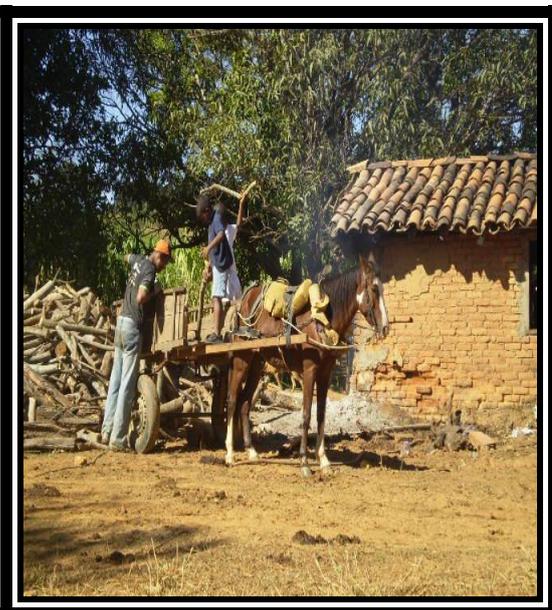
⁸⁴ A comunidade ainda dorme quando eles começam a lida. Para buscar a cana-de-açúcar, eles atrelam o cavalo à charrete. Ferramentas de corte, como podão e facão, são empunhados e organizados dentro da charrete.

⁸⁵ Esse critério é adotado porque também faz parte do ensinamento aprendido com o pai, segundo Ronaldo. Essa atividade é executada somente por adultos e adolescentes com idade superior a treze anos, por ser considerado um instrumento perigoso.



Imagens 52 e 53: Sistema de trabalho coletivo familiar. Local onde acontece a produção de rapadura. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Igualmente nas próximas imagens 54 e 55 pode ser observado o trabalho desenvolvido por adolescentes, carregando madeira para a boca do forno que dá acesso para aquecer as taxas.



Imagens 54 e 55: Trabalho desenvolvido com charrete. Transporte de madeira para as taxas. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Na manhã de terça-feira, os trabalhadores chegam e se direcionam para seus postos. Ronaldo prepara as tachas, adolescentes e crianças se deslocam para colocar madeira nas bocas dos fornos, acendendo-os enquanto os demais moem no engenho a cana-de-açúcar. O

caldo é aparado em baldes e transportado para as tachas, enquanto o bagaço da cana é levado de charrete para o gado, conforme se pode observar pela imagens 56 e 57:



Imagens 56 e 57. Engenho de moagem da cana-de-açúcar. Carregamento do bagaço feito por adulto e adolescente, transportando-o para o gado. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

As imagens 58 e 59 a seguir mostram o cotidiano do transporte do bagaço de cana para fazer a ração para alimentação de vacas:



Imagens 58 e 59. Transporte de bagaço de cana para feito de ração. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

O trabalho no engenho obedece sempre a uma rotatividade das pessoas envolvidas. Isso acontece para dar condições de a equipe interagir com as demais funções. Na pesquisa de campo, observei que duas funções são exclusivamente feitas por Ronaldo: o corte da cana e o momento da prova do melado na água. Segundo o entrevistado, todas as outras funções são compartilhadas, sendo essa uma maneira de garantir o bom andamento do processo, pois

em algumas horas ele precisa se ausentar para o corte da cana. Essa situação, de acordo com o narrador, acontece da seguinte maneira:

Na terça-feira, seis horas da manhã, os ajudantes assumem o engenho e eu vou pro canavial cortar cana. Eu corto cana até nove horas da manhã pra mais quatro taxas pro próximo dia. Aí eu volto pro engenho pra tirar a primeira taxa de rapadura. Então os ajudantes vão limpar a cana. Por volta de dez horas, eles começam a carregar a cana pro engenho. Corta num dia, pra moer no outro.

(Entrevista concedida em 12/07/2009)

Quanto mais velho é o participante, maiores são as responsabilidades, pois na ausência de Ronaldo os trabalhadores mais velhos exercem a função de líder, não permitindo que o trabalho sofra prejuízos. Outro fator importante é que, detendo boa parte do conhecimento, eles ficam atentos aos erros dos menores; assim, enquanto Ronaldo corta a cana, seus ajudantes estão sempre atentos à forma de mexer o caldo da cana nas taxas, para não permitirem que esse forme pregas ou queime, como pode ser visto na imagem 60 e 61:



Imagens 60 e 61. Aprendiz mexendo o caldo de cana e um menino observando os trabalhadores. Fonte arquivo do pesquisador, 2009.

É interessante ressaltar que durante a pesquisa, pude observar que o horário em que Ronaldo chega do corte da cana é também o momento em que o caldo da cana fica no “ponto de puxa,” momento que a garapa engrossa o caldo; dessa maneira, ele vai fazendo a prova na cuia⁸⁶ com água. O teste para saber se a calda está no ponto de ser retirada da taxa é despejando um pouco do melado quente na água. Certificado o ponto exato do doce, Ronaldo despeja o melado no balde e, em seguida, espalha na forma de madeira, na qual é sovada por

⁸⁶ Cabaça cerrada ao meio, muito utilizada pelos moradores de São Domingos para lavar arroz e feijão.

um adolescente. Desse modo, os mais velhos vão repassando para os mais jovens o saber/fazer adquirido pela experiência dos anos de trabalho, o que se configura como uma transmissão cultural. As imagens seguintes 62 e 63 tornam-se representações da realidade narrada por esse remanescente, viabilizando compreender as ações desempenhadas e os lugares onde as atividades são praticadas.



Imagens 62 e 63. Momento em que o melado está no ponto, sendo despejado na forma para ser batido. Crianças observando o melado sendo batido, último processo para o preparo da rapadura. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

A seguir pelas imagens 64 e 65 pode ser observado o trabalho final para o feito da rapadura:



Imagens 64 e 65. Processo final do feito de rapadura por Ronaldo e seus ajudantes. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Certamente que o tempo presente se entrecruza com a memória passada e o narrador aproveita-se desses fios condutores que intercambiam informações entre passado e presente.

É possível observar na narrativa a memória como responsável pelo cultivo dos hábitos através das lembranças, que vão revigorando as forças do trabalho descrito pelo informante. É apoiado nessas lembranças que Ronaldo diz: “*isso é a experiência dos anos do trabalho que aprendi com meu pai. Meu pai ensinou a marcar o tempo que gasta pro ponto da puxa, e eu levo essa experiência comigo pros dia de hoje. É uma tradição que eu sigo*” (entrevista concedida em 12/07/2009). Nesse sentido, escreveu Costa (2001, p. 81) “A função prática da memória seria fazer o indivíduo reproduzir formas de comportamento que já deram certo”. Possibilitando uma melhor compreensão desse processo aprendido com o pai, Ronaldo explica:

Eu vi muitas vezes quando era pequeno o jeito de fazer. Depois eu aprendi fazendo. Eu passei pelas etapas até chegar no ponto final da rapadura. Por isso hoje eu calculo a medida de caldo que põe na tacha e a quantidade de lenha pra manter o calor do fogo nas fornalhas, que sobe pras tachas. No mais, tem que ter atenção no modo de mexer o caldo. Depois que eu vejo que tudo ‘tá em andamento, eu vou pro corte. Esse é o segredo do tempo que gasto pra ir cortar cana e voltar a tempo pra tirar a primeira taxa. (Entrevista concedida em 27/09/2008)

Conforme descrito, a combinação de alguns fatores permite ao narrador ter percepção precisa do tempo que irá gastar para sair e voltar para o preparo das primeiras rapaduras. O entrevistado concilia passado com presente, fazendo disso um meio de conservação da tradição herdada do pai e repassada no tempo presente. A continuidade dessa atividade demonstra que o trabalho coletivo familiar é também uma maneira de manter seus laços mais estreitos de caminharem juntos no dia a dia.

Fabício Rocha da Silva⁸⁷, 23 anos, filho de Ronaldo, recorda que começou a trabalhar com seu pai com oito anos de idade, mas aos três já ia para o engenho tomar garapa e observar os trabalhadores. Rememora o narrador como foi seu primeiro trabalho:

Tratar de animal - galinha, porco; tirar leite de vaca; fazer ração pra vaca; moer a cana no engenho; tirar a espuma. Limpar a tacha de garapa - porque coloca no fogo quente, aí primeiro a garapa ferve. Você tem que tirar todo o processo de limpeza, tirar toda a espuma preta da garapa, porque senão a rapadura não fica branca. Depois, com treze anos, eu comecei a cortar de facão. (Entrevista concedida 22/06/2010).

⁸⁷ Nascido em 30/06/86, começou a trabalhar no engenho com oito anos. Hoje, casado, pai de uma menina de 3 anos, faz questão de levá-la para tomar garapa e participar das atividades da família.

Ressalta Fabrício o valor do trabalho em sua vida, desde criança. Para ele, trabalhar fazendo rapadura é dar continuidade a sua cultura. Afirma ainda que:

Pra mim é muito bom que foi passado do meu avô pra meu pai e agora 'tá sendo passado pra mim. Chega aquela época que se a gente não fizer, a gente fica louco. Parece que seu corpo vai pedindo rapadura, você fica louco pra acordar de madrugada, pra descer pro engenho. Tá no sangue, não tem jeito não! E hoje até minha menina de três anos, todo dia de manhã cedo, tem de levar ela pra lá, pra tomar garapa
(Entrevista concedida 22/06/2010).

As narrativas possibilitam compreender o entrelaçamento familiar. Fazer rapadura é celebrar a aproximação dos familiares expresso no sentido da palavra do narrador como **“tá no sangue, não tem jeito não”** (grifo nosso). De acordo com Fabrício, o primeiro dia de trabalho é um encontro de comemoração e muita alegria, é um momento especial, pois estão reunidos por aproximadamente cinco meses. Pode-se perceber pela entrevista que a vivência diária lhes faz herdeiros não somente da arte de fazer, mas do celebrar o trabalho conjuntamente, um trabalho que tem sido um patrimônio familiar construído ao longo da história, em que as práticas de trabalho são somadas aos costumes como meio de manter a união e a tradição familiar. Esses sentidos podem ser percebidos na forma da organização do trabalho, onde homens e mulheres, com maneira simples de viver, contribuem cada um do seu jeito para a melhoria da vida no espaço familiar coletivo. A própria forma de organizá-lo permite entender os momentos de maior aproximação.

Até então, a confecção de rapadura dava-se de forma mais tradicional; com a chegada das irmãs de Ronaldo, Marília e Edileusa, e da cunhada Lucimeire, nova reinvenção do saber acontece nas taxas. Cada uma dessas mulheres traz consigo ingredientes para acrescentar na calda da cana, dando uma nova consistência aos doces, oferecendo aos consumidores de Paracatu, entre outros compradores, um paladar diferente.

Dessa maneira, a produção de rapadura passa por duas fases: a primeira, da forma tradicional, e a segunda, a partir da criatividade por parte das mulheres, que aproveitam a produção feita no quintal, como o fruto ou o caule de mamão ralado, amendoim torrado e coco de andaiá nativo.

O preparo dos produtos acontece de um dia para o outro. Diz Lucimeire Pereira da Silva⁸⁸, 32 anos: “eu comecei a vender rapadura porque via minhas cunhadas vendendo, aí eu

⁸⁸ Remanescente de 32 anos, cunhada de Ronaldo, mãe de dois filhos, vendedora há 7 anos.

comecei e gostei. Já tem 7 anos que eu saio de São Domingos pra vender em Paracatu” (entrevista concedida 17/08/2008).

As vendas, segundo a narradora, são planejadas de acordo com a procura do dia anterior. Dessa maneira, o produto que teve melhor aceitação e procura é priorizado para o próximo dia. Pela pesquisa de campo, foi possível observar que, mesmo as mulheres estando em seus domicílios, a atenção se volta para a coletividade do trabalho familiar. É em suas casas que o preparo do ingrediente a ser misturado é feito envolvendo mãe, filhas e meninos, quando esses não fazem parte do trabalho do engenho. Afirma Lucimeire Pereira:

A tacha que dá mais trabalho é a do pé de mamão, que tem que descascar, ralar e deixar de molho de um dia pro outro, e a do coco de andaiá, que tem que ser partido com facão, tirar a castanha pra depois torrar. O amendoim é o que dá menos trabalho, é só descascar e torrar na panela, depois tirar a pele dele
(Entrevista concedida 17/08/2008).

A articulação desses espaços, seja dentro de casa ou fora dela, permite compreender a construção das expressões que representam a atividade do trabalho familiar, como processo cognitivo de motivações e projeções, em que afinidades e afetividades vão se entrelaçando na bagagem cultural do trabalho, demonstrando os hábitos, conhecimentos e valores que os remanescentes compartilham no grupo familiar. O comércio não começa na cidade de Paracatu, ele tem seu início no engenho, com o preparo das rapaduras, onde as relações sociais da parentela se unem para o desfecho final do acabamento, embalando e colocando as setenta e duas rapaduras em tabuleiros, que são levados pelas vendedoras para a cidade de Paracatu, como atestam as imagens abaixo 66 e 67:



Imagens 66 e 67. Momento da embalagem da rapadura com papel fio e saída para vendê-las em Paracatu.
Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Finalmente, penso que, através do trabalho familiar coletivo no engenho, os remanescentes constroem um forte laço de pertencimento. Esse laço pode ser entendido na maneira como eles organizam a realidade e a vivem conjuntamente, por isso quando falam da vida cotidiana, de levantarem tão cedo para o trabalho, não demonstram tristeza ou preguiça; pelo contrário: trabalhar no engenho é uma forma de se manterem mais unidos e reafirmarem a identidade à qual pertencem.

Dessa maneira, os quintais, roças, hortas e criação de animais tornam-se espaços de tradição comunitária familiar e vivência coletiva. Acredito que esses espaços, ao serem descritos etnograficamente através da pesquisa de campo, procuram demonstrar como os remanescentes organizam a realidade da qual fazem parte representando os sentidos sociais através da partilha no trabalho de forma coletiva e familiar.

Finalizando este capítulo demonstrei como a organização familiar está relacionada às práticas culturais étnicas como um meio de vivência pautado nos ensinamentos de seus antepassados.

No próximo capítulo, analiso o significado do termo remanescente de quilombo para os moradores de São Domingos e o reconhecimento através da Fundação Cultural Palmares. É proposta também analisar as representações que os moradores constroem sobre Multinacional Kinross.

CAPÍTULO III

IDENTIDADE ÉTNICA DOS MORADORES

A construção de identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados na sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço.

Manuel Castells⁸⁹

O objetivo deste capítulo é analisar as representações dos moradores de São Domingos acerca da percepção de ser negro e remanescente; dessa forma, muitas inquietações nortearam a pesquisa: *Como os moradores de São Domingos se vêem? Qual a importância do título de remanescente para eles? Quais as representações os remanescentes veiculam acerca da sua identidade? Para eles, na concepção de ser negro está incluída a questão da liberdade?* Partindo de uma escuta sensível das narrativas dos moradores de São Domingos, procurei compreender as representações dos mesmos acerca das questões relacionadas às minhas inquietações.

Três gerações permearam esta pesquisa. A primeira geração balizada entre 11 a 20 anos. A segunda, homens e mulheres de 30 a 50 anos. E a terceira geração também homens e mulheres entre 60 a 96 anos. Dessa forma, é possível perceber como as diferentes gerações representam a identidade e de que forma ela tem sido construída/reconstruída pelos moradores de São Domingos.

3.1 - Remanescentes Quilombolas: descendentes de escravos

Segundo os moradores, as terras onde moram sempre pertenceram a eles, sendo herdadas de seus pais. Contam ainda que a mineração era a atividade principal exercida por

⁸⁹ CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. 6ª. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

eles e que paralelamente a essa atividade, faziam o cultivo da terra. Esse cotidiano nas narrativas dos moradores permaneceu até os anos 1980 com a chegada da Multinacional RPM – Rio Paracatu Mineração ou “Kinross”. A chegada dos estrangeiros e as ofertas de compra da terra levou alguns moradores a venderem parte de suas propriedades. Desde sua instalação, a Kinross, tem comprado as terras, chegando ao limite das casas dos remanescentes. Em suas narrativas, dizem que não sabiam que tamanha destruição fosse acontecer, causando impactos ambientais, sociais e culturais. Os remanescentes rememoram que em São Domingos as famílias viviam em paz com a natureza e ela com eles; afirmam ainda que eles garimpavam, mas o faziam de forma totalmente artesanal. Relataram que após a instalação da Kinross, a vida deles mudou muito devido aos problemas causados pela mineradora. O ambiente, segundo eles, é o que mais sofre por causa da exploração do solo. Afirmam que houve represamento das nascentes e desvio da cachoeira; conseqüentemente, o córrego de São Domingos praticamente secou, ocorrendo a morte dos peixes. As dinamites que explodem causando tremores causaram danos às suas moradias. Afirmam que essa é uma realidade presente desde a instalação da RPM, afirmam.

No ano de 2003, com a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva e a política de valorização das terras remanescentes de quilombo, os moradores de São Domingos tomaram conhecimento de que algo poderia ser feito para reparar o prejuízo que segundo eles dizem estar sofrendo. Entraram com o pedido de reconhecimento de quilombolas na FCP – Fundação Cultural Palmares. Posteriormente, solicitaram junto ao INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) a demarcação de suas terras. A visita foi feita por dois antropólogos, Bruno e Roberto, no ano de 2007. Os antropólogos permaneceram hospedados em São Domingos fazendo o levantamento das informações necessárias. Por sorte, pude acompanhar esse levantamento, pois estava também fazendo a pesquisa de campo.

O trabalho executado pelos representantes do INCRA é todo baseado na legislação que rege a questão quilombola. De acordo com os antropólogos o trabalho desenvolvido acontece mediante a abertura de uma petição para que o INCRA trabalhe na área desejada. Explicam os antropólogos que, referente à Paracatu, foi feita uma parceria com a superintendência de Minas Gerais, pois a central para a qual eles trabalham tem sede em Brasília, onde é feita a coordenação desses trabalhos.

Para o início do trabalho, Bruno e Roberto marcaram uma reunião com os moradores. Essa reunião aconteceu na igreja local comum a todas as reuniões feitas pelos moradores. Foi explicado para os remanescentes que eles estariam dentro de dez dias, quando seriam

marcadas novas datas, até alcançarem os objetivos propostos. A reunião não contou com todos os moradores e, mesmo os que participaram, demonstraram estar cheios de dúvidas com relação ao trabalho que seria desempenhado. Os moradores demonstraram maior tranquilidade ao tomarem conhecimento de que os antropólogos fariam visitas às moradias a fim de esclarecerem eventuais dúvidas, conforme pode ser observado nas imagens 68, 69.



Imagens 68, 69: Momentos em que as visitas estavam sendo feitas por Bruno e Roberto nas casas dos remanescentes de São Domingos. Fonte: arquivo do pesquisador, 2007.

Esse trabalho desenvolvido tem por finalidade confeccionar um laudo antropológico que, ao término, torna-se público para os interessados. Observei que à medida em que as visitas aconteciam, várias situações ocorreram. Para a demarcação da terra, estava sendo realizado um relatório técnico, que por sua vez exigia outros procedimentos técnicos, dentre esses, o relatório antropológico. A cada visita feita, havia inquietação por parte dos moradores. O comportamento dos remanescentes apresentava uma espécie de euforia misturada com tensão. Nas portas das casas, os moradores já estavam à espera dos antropólogos e assim sucessivamente. Curiosos, mantinham-se a espera, encostados nas cercas ou sentados nos bancos.

As visitas demonstraram o que estava acontecendo naquelas moradias, levantamento histórico dos moradores através de narrativas orais. Uma planta de um memorial descritivo foi nascendo durante as visitas. Posteriormente às entrevistas, outras fontes⁹⁰ foram levantadas de documentos cartoriais.

⁹⁰ De acordo com os antropólogos, eles trabalham com fontes orais e escritas. Uma não invalida a outra. As fontes orais podem apresentar equívocos uma vez que cada narrador conta seu ponto de vista. Por sua vez os documentos escritos também são manipuláveis, tal como a fonte oral. Dessa maneira, as duas servem como norte diante da similaridade que apresentarem.

O trabalho foi seguido pelo agrimensor, que mediu a área onde foi feita os pontos dos limites de um território com o outro. Depois, foi feito cadastro dos moradores; a finalidade desse cadastro é saber se há moradores que não são remanescentes. Esse levantamento identifica os descendentes de escravos e suas moradias, obrigando os que não são descendentes a sair do território, sendo indenizados conforme o valor e benfeitoria⁹¹.

Vale ressaltar que o trabalho desenvolvido por Bruno e Roberto se diferencia do que foi realizado por Romeu Sabará em 2003. Sabará foi contratado pela Fundação Banco do Brasil para desenvolvimento sustentável. Seus laudos tinham como objetivo trabalhar projetos que seriam aplicados em São Domingos através de tecnologia social. Diferente de Sabará, os antropólogos do INCRA foram solicitados para regularização da terra. O trabalho realizado por esses profissionais é de suma importância, pois através dessa pesquisa eles estão garantindo seu direito a uma dívida social histórica.

Dessa maneira, foram feitos todos os procedimentos legais através das visitas. Terminado o trabalho, Bruno e Roberto retornaram a Brasília. Devido à morosidade com que acontecem os processos brasileiros, só no ano de 2009 os moradores tomaram conhecimento de sua finalização. Esse conhecimento aconteceu devido à insistência da diretoria da Associação de Remanescentes, que procurou sempre estar informada do andamento do processo. De acordo com os representantes da diretoria, eles esperam por nova visita, mas estão confiantes no resultado e a Kinross terá que devolver as terras para eles.

3.2 – Descendentes/remanescentes de escravos: identidade partilhada e o conceito que vem de fora

Segundo alguns moradores mais idosos de São Domingos, como o Sr. Aureliano, D. Cristina e Sr. Geraldo, seus pais contaram que seus antepassados chegaram a Paracatu na condição de cativos para a mineração.

Nenhum dos moradores soube dizer se São Domingos era local de negro fugido, mas afirmam que começou com a chegada de escravos. De acordo com o senhor Aureliano, “*os escravos vieram pra cá pra garimpar; São Domingos nasceu com o garimpo*” (entrevista concedida em 05/08/2008). Nas recordações de D. Cristina, “*quando os escravos chegaram,*

⁹¹ Existe exceção se os moradores quiserem que essas famílias permaneçam. Quando essas famílias já faz parte da vivência, mesmo não sendo quilombola, ela pode se cadastrar como quilombola. Porém isso é uma exceção e não uma regra.

vieram pra cá e garimpavam ali no alto do Morro do Ouro, também conhecido como Morro Cruz das Almas” (entrevista concedida em 05/08/2008). Já para o Sr. Geraldo, “eu acho que esse pessoal veio para cá desde a época dos escravos sabe. E depois que libertou os escravos, eu acho que alguns ficaram e outros foram embora (entrevista concedida em 05/08/2008).

Como pode ser percebido nos relatos dos moradores, eles se vêem como descendentes de escravos, sendo esse um repasse que acontece entre as gerações. Nas entrevistas feitas com os moradores, eles disseram que o termo quilombola é novo para eles. Segundo os narradores, quando alguém perguntava se eles eram remanescentes de quilombo, eles não sabiam responder, pois não tinham ideia do que isso significava. Seus pais e avós nunca haviam se expressado dessa maneira, mas contavam para eles que seus antepassados eram escravos.

Ressaltaram, os entrevistados que a palavra quilombola passou a ser introduzida em São Domingos através de Romeu Sabará e que o mesmo teve que explicar para os moradores o que a palavra significava. Romeu é antropólogo e foi contratado pela agência Banco do Brasil para certificar-se que de fato os moradores de São Domingos eram remanescentes de escravos. Se a pesquisa revelasse que os moradores fossem descendentes de escravos, São Domingos seria contemplado com o primeiro projeto piloto de Minas Gerais do Programa Fome Zero, uma ação desenvolvida através do Governo Federal. Através dos levantamentos feitos pelo antropólogo, ele identificou que os moradores de São Domingos eram de fato descendentes de escravos, dando início ao projeto em março de 2003. De acordo com D. Cristina, a fase inicial da pesquisa durou 11 dias, quando o antropólogo visitou as famílias fazendo um levantamento etnográfico.

Esse projeto teve início com a política de valorização do governo Luis Inácio da Silva⁹², que propôs como uma de suas metas o combate à fome, criando o Gabinete do Ministério de Estado Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome. Em Minas Gerais, representantes da agência do “Banco do Brasil” foram contactados para assumir a liderança do projeto em nível estadual, criando-se o COPO – Comitê Operativo do Programa Fome Zero, que contemplava entre outras populações, comunidades remanescentes de quilombo.

Dessa maneira, o Arraial de São Domingos foi contemplado para fazer parte do projeto piloto intitulado como **Comunidade Negra Rural de São Domingos do Paracatu**, (grifo meu). O levantamento dos dados, relatórios técnicos e projetos ficaram a cargo do

⁹² Embora a questão quilombola já estivesse sendo tramitada antes do governo Lula, a mesma estava engavetada. É a partir de 2003, quando Luiz Inácio Lula da Silva assume o Gabinete Presidencial, que a causa toma novo rumo, voltado para as minorias étnicas que se encontravam, de certa forma, “esquecidas”.

antropólogo Romeu Sabará. A partir da pesquisa em andamento, foi recomendado pelo antropólogo que os moradores eram descendentes de escravos dadas as condições geográficas, históricas e culturais que vinham mantendo no cotidiano e na tradição repassada de geração em geração. Segundo D. Cristina, com o prosseguimento do trabalho, Romeu reuniu-se com o conselho local e os moradores na igreja de São Domingos, na intenção de torná-los conhecedores da situação para que assim reivindicassem o reconhecimento do título de remanescente de quilombo através da FCP – Fundação Cultural Palmares. Descreve a narradora que:

O Romeu explicou o que significava ser quilombola e depois da explicação foi feita votação na presença de todos os moradores que compareceram na reunião. Os membros indicados para fazer parte da Associação Comunitária dos Remanescentes de Escravos e de Quilombolas de São Domingos do Paracatu foram: eu, Romilda, Maria José, Marcos André, Evane, Jane, Francisco e Rogério. (Entrevista concedida em 12/08/2007).

Embora os moradores se reconhecessem como descendentes de escravos, pode ser observado pela narrativa de D. Cristina que a identidade de remanescente de quilombo foi trazida de fora para dentro. É através do antropólogo Sabará que os moradores conhecem e começam a usar o termo quilombola. De acordo com O Sr. João Lopes dos Reis, 42 anos⁹³

Para nós, até então, isso acaba sendo novidade, porque nós vamos ser reconhecidos como quilombolas agora. Até então, ninguém sabia o que era ser quilombola. Por que até então, ninguém sabia o que significava. E hoje não, a gente já tem um reconhecimento, então acaba sendo importante pra gente. Hoje, quando alguém fala: “você é um quilombola”, a gente já tem orgulho de saber que é um quilombola. Hoje eu direi que, pra mim, é muito bom ser quilombola. Dá representação, dá reconhecimento. Então a gente vai tendo um conhecimento de que vem ser quilombola, do que traz pra gente. Entendeu? Então hoje é bom ser. É importante ser quilombola. Nós passamos a ter mais interesse em saber de onde a gente veio, nossa origem. Então você acaba entrando nesses detalhes. (Entrevista concedida em 19/05/2009).

Como pode ser percebido na narrativa de João Lopes dos Reis, houve uma retomada histórica em função do trabalho do antropólogo. A pesquisa contou com fontes documentais, iconográficas e entrevistas orais com os moradores. O trabalho etnográfico, segundo os entrevistados, foi muito importante, pois permitiu aos moradores se perceberem como sujeitos da construção de sua própria história. De acordo com João Lopes, questões que até então não

⁹³ Nascido em 09/11/ 1967. João trabalha como bombeiro em Paracatu. Esse trabalho é feito a partir de reparos hidráulicos. O remanescente é o comandante da Festa de Caretagem, função que herdou de seus antepassados.

eram consideradas tão importantes para eles como: objetos, contos, histórias, ganharam significado positivo; antes não, isso era motivo de vergonha, pois trazia a baila a memória da escravidão. Para o narrador, a partir do momento em que os moradores foram reconhecidos legalmente, houve uma retomada dos valores, costumes, saberes e fazeres e da própria história dos moradores. O que era pouco falado, como as histórias dos antepassados e o sofrimento desses como escravos, passou a ganhar fluência nas narrativas de muitos moradores. O costume anterior, explica João Lopes, não era falar de escravidão, mas os pais e avós tendiam a falar mais das festas e das danças deixadas como legado cultural dos seus antepassados.

A questão identitária de remanescentes, mesmo sendo estimulada por uma pessoa de fora, torna-se de suma importância para os moradores, pois ela passa a ser um elemento que interfere na forma como muitos desses passam a se ver e se representar dentro e fora de São Domingos. Para Hall (2000, pp. 108 - 109) “As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência”.

Prosseguindo a reflexão de João Lopes, ele diz que ser quilombola tem sido motivo de orgulho, o título possibilita representatividade e a sociedade passou a reconhecê-los na esfera Municipal, Estadual e Federal. Concordando com a reflexão de João, Magda Aparecida Lopes ressalta que ser quilombola “*é tudo de bom! Quilombo é tudo de bom! Pra nós é uma honra ser quilombola. A partir desse momento de ser quilombola é que as coisas estão caminhando, porque antes a gente era esquecido*” (entrevista concedida em 12/08/2008).

Magda Aparecida afirma que antes, São Domingos era esquecido pela prefeitura e pelo mundo. As pessoas lembravam-se deles somente para estigmatizá-los, depreciando o seu modo de falar, vestir, comportar-se ou maneira como usam os penteados. Afirma que os moradores ainda são retratados como pretos, pés sujos, buraco doce, pernas de alicate, cabelo enroscado, moradores de casas de pobre feitas de adobe e pau a pique, entre outros estigmas. Rememora a entrevistada que ouviu certa vez de um homem, quando estava a caminho de São Domingos: “*morador de São Domingos não devia andar de carro, somente de carroça*”. (entrevista concedida em 12/08/2008). De acordo com Magda Aparecida, eles não eram respeitados, devido à cor da pele ou ao trabalho que exerciam; acrescenta que essa situação ainda é uma realidade vivenciada por eles.

Magda Aparecida em seu relato, diz que para Paracatu eles nunca foram nada. Agora com o título de reconhecimento da Palmares, eles são convidados a participar de reuniões não somente em Paracatu, mas em Brasília e Belo Horizonte. Reflete que ela sabe que eles

continuarão a sofrer preconceito e discriminação, porém eles agora são vistos de forma diferente: são reconhecidos pelo Governo Federal. A narrativa da remanescente demonstra que ela vê o reconhecimento como algo positivo. Para ela, eles não devem viver da parte ruim do passado; seus antepassados sofreram muito como escravos, mas hoje, a política de valorização do governo Lula é uma maneira de compensar os descendentes pela dívida que a sociedade brasileira tem para com eles. Afirmo Magda Aparecida que os moradores sempre assumiram serem negros e descendentes de escravos, o que é novo, é o termo “remanescentes de escravos”, que chegou com Romeu Sabará. Para a narradora, a titularização veio contribuir para tirá-los do esquecimento. Ao refletir sobre a importância que Magda Aparecida dá ao significado do termo, trocado de descendente por remanescente, interpreto que ela tem consciência de que essa é uma nomenclatura que não vem de seus antepassados, ela é criada por autoridades estrangeiras aos seus conterrâneos, mas tem o poder de trazer benefícios para eles através de Políticas Públicas que os valorizam e os reconhecem. A partir do título afirma: *“muitas pessoas tem feito excursões para conhecer o nosso São Domingos, ver o que nós fazemos, como vivemos, nossa cultura e tradição”* (entrevista concedida em 12/08/2008). As visitas feitas por turistas e jornalistas têm dado visibilidade à sociedade não somente por meios impressos, mas também televisivos, que estão acontecendo desde 2008.

Se o título de remanescente de escravo, para alguns moradores, tem possibilitado respeito e valorização, isso nem sempre foi dessa maneira. Enquanto alguns propagam a idéia de que são remanescentes quilombolas, outros moradores dão pouca importância para o assunto, em especial os jovens resistindo a essa idéia. Situação que será tratada mais adiante. Sobre resistência, Pasquetti (op. cit, p. 187) escreveu que: “[o] exercício da resistência está estreitamente ligado com o conceito de liberdade. Liberdade de manifestar-se, de organizar-se de se reconstruir como sujeito”. Interpreto que a condição de adesão ou rejeição, do ser ou não remanescente, está vinculada à representação e percepção que cada morador assume do papel vivenciado nessa localidade.

Rememorando essas questões, D. Cristina Coutrim dos Reis relata que essa situação é nova para todos eles, sendo normal que alguns tenham resistência quanto à sua aceitação. Afirmo que antes eles desconheciam a palavra “remanescente” e, dada a história dos moradores de São Domingos, muitos demonstram desconfiança quanto a sua existência. Em suas lembranças, conta que para alguns moradores a presença de um homem branco, “Sabará”, fazendo perguntas sobre o passado deles e de seus avós, causou estranheza. Conta D. Cristina Coutrim que eles fizeram reuniões, explicaram que eles iriam ser beneficiados e

que o reconhecimento seria bom para todos eles. A maior resistência, segundo a narradora, foi no momento de colherem as assinaturas. Muitos perguntavam: “*por que eles precisavam assinar o documento? Para onde esse documento iria? O que fariam com suas assinaturas*”? (entrevista concedida em 12/08/2008). Segundo a entrevistada, os moradores demonstravam muitos questionamentos, muita insegurança e tensão. Ressalta que mesmo depois de tantas explicações, de tomarem conhecimento desse processo através das várias reuniões feitas e também através da mídia, a aceitação tem sido lenta. Afirma ainda que esse trabalho não é fácil, há pessoas que não contribuem ajudando, mas causam muitos problemas; porém, mesmo diante das dificuldades ela acredita que valha a pena, porque no final todos são beneficiados. Mesmo diante das dificuldades enfrentadas com relação à adesão dos moradores, acredita D. Cristina Coutrim que:

Hoje é motivo de orgulho, o pessoal está comentando. A raça negra hoje está sendo valorizada. O negro antes era desvalorizado, servia somente para trabalhar na roça fazenda, engenho. Negro não tinha direito de estudar ou fazer faculdade. (...) Com tanta discriminação com o negro, os mais velhos não gostavam muito de falar de escravos. Quando acabou a escravidão, eles disseram: acabou a escravidão, graças a Deus! Então eles falaram: “nós não somos mais escravos! Nós não vamos falar mais de escravos. Nós não vamos falar mais disso. (...) Quilombo é escravo, nós não somos escravos mais.” Eles não queriam mais lembrar esse passado, eles queriam esquecer. Hoje, depois de tanto tempo, eles devem ficar orgulhosos da nossa conquista, porque agora o negro está sendo valorizado, reconhecido na sociedade.

(Entrevista concedida em 19/05/2009).

Como foi relatado por D. Cristina Coutrim, o fato de alguns moradores não se reconhecerem como descendentes de escravos está certamente relacionado ao sofrimento de seus antepassados. Afirma a narradora que a aceitação como remanescente tem sido aderida aos poucos, em um processo lento. Não se aceitar como remanescente, de acordo com a narradora, é uma forma que eles tem de resistir. Nesse sentido, D. Cristina Coutrim afirma que, embora haja quem não se interesse pelo assunto, para ela isso é muito importante, pois desde que passou a fazer parte da frente desses interesses, tem percebido que essa política trará muitos benefícios para eles. Afirma que, uma vez reconhecidos, não precisam estar com a titulação da terra feita pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, mas que sendo reconhecidos, e certificados pela Fundação Cultural Palmares – FCP, o trabalho deles conjunto com a diretoria da Associação de quilombolas possibilita o crescimento de benefícios para São Domingos. Ciente da importância de serem reconhecidos é que ela e sua diretoria empenharam-se em trabalhar na conscientização dos moradores.

Segundo D. Cristina Coutrim, a certificação passa a ser o cartão de crédito de uma comunidade quilombola, e com isso ela pode ir à procura de seus interesses e desejos para serem empregados no local.

Mesmo diante do benefícios que São Domingos possa vir a adquirir, há aqueles que não querem ser reconhecidos como quilombolas e outros que sentem medo quando se fala do assunto. Para Luiz Carlos Lopes Roquete, 41 anos, funcionário da – CEMIG.

A gente sabe que realmente nós somos descendentes e tal. Não com esse nome quilombola, que é um título que saiu agora. Mais esse conhecimento é antigo. O pessoal antigo daqui já falava. Na minha opinião, eu acho complicado, isso particularmente falando. Eu acho que envolve muito “silêncio”, é muita especulação. Para mim, é um orgulho. Tem muitas pessoas jovens aí que não querem o título. Mas por mim, o que tenho a ensinar para minha família e meus filhos é isso: tem que abraçar a origem. Eu não gosto de fugir do que éramos. Eu vejo quilombola igual a essas disputas que tiveram com índios. Outro dia, um rapaz fez um comentário que eu achei até interessante: estão dando muito assunto para pouca coisa. Aqui também tem uma demanda de remanescente de quilombola, com terreno, e pelo que a gente conhece, tiraram eles da terra. Eles ganharam em várias instâncias, mas é meio difícil de acontecer alguma coisa. Particularmente eu fico com medo. No Brasil, aconteceu com os sem terra, aconteceu com luz pra todos. Tipo assim: o governo tem uma intenção, vem uns cara e mudam a história todinha. Então a gente vê isso. O que eu vejo e creio é que a população tem muito receio. Então a dificuldade é essa. Isso deveria acabar no Brasil, sé igual pra todos, por que, um negro é diferente do branco.

(Entrevista concedida em 23/08/2009).

A narrativa de Luiz Carlos aponta duas direções: na primeira, demonstra o orgulho de ser quilombola, reforçando que isto é algo positivo para os moradores. Na segunda, a insegurança por parte dos moradores com relação a essa política que se mostra tão jovem. Sua insegurança toma como exemplo o que tem acontecido com os índios e os sem terra, salientando dificuldades encontradas por esses sujeitos sociais relacionadas à política do Brasil. O narrador reconhece que o título é bom para eles, mas há um envolvimento de terceiros, que fazem parte também dos interesses dos moradores de São Domingos. Essa preocupação do remanescente foi demonstrada por muitos moradores durante a pesquisa de campo.

De acordo com os entrevistados, eles têm algumas dificuldades com as políticas públicas locais com o governo municipal que não lhes oferece apoio necessário. Afirmam os remanescentes que o prefeito da cidade de Paracatu é aliado ao DEM, e que esse tem ligações com a bancada dos proprietários rurais. Em suas narrativas, dizem que os proprietários rurais estão com um projeto de lei para ser votado na Câmara Municipal de Paracatu e no Senado

para eliminar os pedidos de demarcação das terras quilombolas. A preocupação dos moradores se estende para algo que eles vivenciam, que é a briga da família remanescente dos Amaros para restituírem suas terras de volta. Uma parte dessas terras fica nas terras do prefeito municipal de Paracatu. Afirmam que a dificuldade de contarem com o apoio municipal se dá mediante a essa questão: como contar com o governo municipal se ele está em processo com uma família de remanescentes e tenta com todos seus esforços não perder a causa?

É a procura dos direitos que os remanescentes têm por lei nas políticas públicas dos órgãos Estaduais e Federais que Evane Lopes, atual presidente da Associação dos Remanescentes de Quilombo de São Domingos tem desempenhado seu papel juntamente à nova diretoria que assumiu em Setembro de 2008.

Evane Lopes diz que fez parte da primeira diretoria juntamente a D. Cristina, mas que teve que se afastar por problemas que aconteceram por ser curiosa e procurar defender os direitos de seu povo. Segundo a remanescente, ela chegou a sofrer ameaças de morte e, para sua segurança e de sua família, acabou afastando-se da diretoria. Afirmar a narradora que para ela foi uma surpresa chegar o convite para ela assumir a diretoria como presidente da Associação, mas aceitou com muito gosto porque:

Eu tenho o dever de ajudar a conseguir recursos para melhorar a vida da nossa comunidade. Eu nasci aqui, sou casada há 16 anos, tenho três filhas e sinto-me orgulhosa de poder representar e defender como quilombola São Domingos, o local dos meus antepassados. (Entrevista concedida em 08/07/2010).

Como pode ser observado no relato de Evane Lopes, assumir uma diretoria não é fácil, implica mudanças e atitudes que às vezes não agradam a algumas pessoas. Afirmar a remanescente que, desde que ela foi empossada como presidente, as lutas têm sido inúmeras.

Para Evane Lopes, uma das dificuldades que eles, como diretoria, enfrentam é a resistência de alguns moradores. Por representarem os moradores e terem que encabeçar decisões que muitas vezes os levam a viagens, ocorre um certo desconforto. Ressalta que as idas e vindas a Paracatu, Brasília (Fundação Cultural Palmares) e Belo Horizonte possibilitaram que eles estejam contextualizados do processo do conhecimento das Políticas Públicas Remanescentes, tornando-os capazes de tomarem decisões que muitas vezes não agradam a todos os moradores. Essa consciência, afirma a narradora, os torna responsáveis por fiscalizar e agir em prol de todos os moradores, uma vez que ela e sua diretoria são

representantes da Associação Quilombola. O discurso entoado pelos representantes demonstra que a experiência vivenciada no dia a dia trouxe amadurecimento para esses sujeitos sociais. As informações das falas, as experiências adquiridas através das viagens e o conhecimento que vão galgando em reuniões, faz com que os representantes tenham mais cautela e, no momento de repassar para os moradores o que ouviram e aprenderam, usam de diplomacia a fim de não criarem tensão nos que ouvem. Mesmo assim, é inevitável esse incidente.

Para alguns, como presenciei durante as entrevistas, *“todo mundo aqui é igual, mas tem gente que gosta de aparecer”*. O comentário demonstra que o **“poder do cargo”** (grifo meu) causa ciúmes e conseqüentemente atritos. Esses momentos são classificados por Turner (2008) como dramas sociais, ou seja: momentos de tensão vividos em comunidades sendo preciso outro momento para apaziguar as tensões geradas.

Durante a pesquisa de campo, tenho acompanhado o trabalho desenvolvido pela nova presidente. A diretriz seguida por sua diretoria tem procurado nas políticas públicas benefícios que possam contemplar a sociedade de São Domingos. Atentos para os discursos proferidos pelos representantes da Fundação Cultural Palmares e pelo próprio Presidente Lula, os membros da diretoria perceberam que a política pública aplicada para as comunidades quilombolas não é algo particular, mas contempla todo o Brasil e, para que consigam ser beneficiados, é preciso estar atentos e inteirados do processo. Preocupados com a forma de conseguir informações para recursos, eles começaram a procurar por fontes que lhes permitissem entender a dinâmica do processo. Ao procurarem conhecer dos benefícios a que as comunidades remanescentes de quilombo tinham direito, os entrevistados tomaram conhecimento de que muitas ações que trariam benefícios não estavam sendo reivindicadas. Uma delas era que as mães quilombolas tinham direito ao auxílio à maternidade. Foram tomados os devidos procedimentos e, diante do pedido efetuado, segundo Evane Lopes, doze mães de São Domingos foram contempladas com uma média de dois mil reais. Essa política voltada para as mães quilombolas garante o benefício para elas bem como para seus filhos de até 5 anos de idade. Ressalta a presidente que a verba foi muito importante para essas mulheres, tendo em vista que elas ganhavam média de vinte a trinta reais por mês, vendendo doces, biscoitos, farinha ou açafraão para ajudar nas despesas da casa.

Outro conhecimento que trouxe esperança para os moradores é o benefício continuado para homens com 65 anos e mulheres com 55 anos. A aposentadoria para moradores de remanescentes de quilombo entra na mesma modalidade rural. Isso acontece porque os “assentados” foram reconhecidos antes da tramitação das políticas quilombolas. Dessa

maneira, como o assentamento já havia sido reconhecidos pelos órgãos competentes do Governo, muitas leis para os moradores de remanescentes fazem parte do regimento de assentados. Essas questões tornam-se possíveis também pelo fato de os remanescentes, na sua maioria, morarem em zona rural. Em se tratando de São Domingos, esforços têm sido desempenhados para conseguirem esse benefício, pois o mesmo é catalogado como bairro de Paracatu, muito embora fique completamente afastado desse município.

Muitas questões se abrem para os desafios que esses remanescentes têm enfrentado. Em suas narrativas, demonstram que estão dispostos a lutar pelas Políticas Públicas que trazem benefícios a eles para assim viverem junto a suas famílias com dignidade. Relataram que muitos tropeços têm acontecido durante essa caminhada e que às vezes tais tropeços se dão dentro dos domínios de São Domingos. Um dos maiores desafios, segundo os narradores, é a questão da aceitação de alguns adultos e jovens como remanescentes de quilombo, enquanto a política das lideranças trabalha por essa aceitação. Fora de São Domingos, as crianças, jovens e adultos são envolvidas em discursos contraditórios, levando-os a pensar que serão criticados por serem conhecidos como remanescentes de escravos; esse movimento teria por finalidade somente tirar proveito do Governo Federal, usufruindo de algo que não é direito deles. Segundo os narradores, essa corrente negativa consegue influenciar alguns moradores de tal maneira que eles passam a acreditar que as pessoas que aderem ao movimento são preguiçosos que almejam receber verbas sem o esforço do trabalho.

Outro aspecto delicado que tem contribuído para a desconstrução da imagem de ser remanescente de quilombo, segundo alguns narradores, é que algumas escolas estão fazendo excursões a São Domingos. Alegam que professoras mal preparadas e sem conhecimento da política quilombola levam seus alunos e os moradores tornaram-se alvo de especulação. Perguntas sem propósitos construtivos passam a ser feitas, irritando os moradores e expondo-os ao ridículo. Afirmaram alguns adolescentes que se ser quilombola é colocá-los como mostruário para as escolas de Paracatu, eles não querem ser quilombolas. A questão crítica não para por aí. Recorda o adolescente Y⁹⁴ que:

As professoras acham que nós somos diferentes do restante das pessoas de Paracatu, eles chegam aqui e ficam olhando pra gente, procurando um negro escravo. O pior é que, quando nós chegamos na cidade ou na escola, o povo aponta pra gente e fica comentando. Olha aquele ali é do São

⁹⁴ Moradora de São Domingos. O nome verdadeiro foi resguardado em função da ética na pesquisa. O narrador permitiu que sua entrevista fosse utilizada, porém pediu sigilo quanto ao seu nome.

Domingos. Não tem nada pior, todo mundo começa a olhar pra gente como se nós fôssemos diferentes do restante das pessoas.
(Entrevista concedida em 21/03/2008).

São questões como essa que levam os adolescentes a reagirem como Nayane dos Reis Brandão⁹⁵, 19 anos, quando afirma:

Nós já éramos discriminados agora com isso de Ser quilombola, piorou. É um horror! A gente é discriminado na escola em Paracatu. Quando eu e meus colegas chegamos na escola, os meninos já começam a maiar⁹⁶. Chegou os quilombolas! E por aí vai: cabelo duro, buraco doce, roceiro, pé de pombo, morador do fim do mundo que fica no buraco. Eu fico chateada. Nós merecemos respeito. Mas depois eu falo: Sou mesmo! Sou do São Domingos! Vocês 'tão é com inveja! No meu Povoado, não tem briga, não tem roubo! A gente pode andar sem medo e dormir com as janelas abertas. Lá tem muita fruta. É um lugar bom e o mais sossegado que tem. Eu sou quilombola mesmo e com muito orgulho! Nós temos um passado! Ser quilombola é pra poucos!
(Entrevista concedida 21/03/2008).

Interpreto que essas questões conflitivas que acontecem entre os próprios moradores, ou dos moradores para com os paracatuenses não são momentos somente de crise, mas formas nas quais acontece a abertura para a própria reconstrução da identidade local. De acordo com Silva (Op, Cit, p.161) a “identidade não pode ser definida só de uma forma, ela é relacional, construída e percebida a partir da relação com o outro, em relação ao outro. Mesmo que essa relação seja tensa, conflituosa”.

Ser reconhecido como remanescente nem sempre é positivo, como descreve Nayane dos Reis Brandão, entre outros narradores. O título pode possibilitar status e ascensão, mas também provoca o preconceito e a vergonha diante a incompreensão das pessoas com as quais eles convivem na cidade. Para eles, esse é um dos motivos para que alguns jovens não queiram o reconhecimento de remanescente de quilombo. Segundo os narradores, o pagamento para ostentar o título, às vezes, sai caro demais. Ele desconstrói psicologicamente e a gênese da escravidão abre ferida mesmo 122 anos após a abolição.

De acordo com alguns entrevistados, o fato de os narradores sentirem orgulho de serem negros e se reconhecerem como descendentes/remanescentes não quer dizer que se sintam livres. Muitos afirmaram que a liberdade passa pela questão de poder entrar e sair de repartições públicas sem ser alvo de críticas e comentários. O que eles almejam é o respeito

⁹⁵ Estudante do Ensino Médio. Vocalista do coral da igreja de São Domingos.

⁹⁶ Expressão usada pela adolescente referindo-se à gozação e ao preconceito para com eles.

das pessoas. Os maus tratos verbais por apelidos estereotipados, segundo os entrevistados, acorrentam-nos a um passado que não existe mais.

Para outros narradores, ou seja, para aqueles que exercem liderança, eles vêem essas questões mencionadas como desafios que terão de vencer. Interpreto que isso está ligado à forma como eles se vêem e se sentem, pois, como líderes, são “as presidentes” e suas vices da Associação de Remanescente e da comunidade ou conselheiros que saem para representar os moradores. Evidencia-se assim, nas palavras de D. Cristina, que *“a gente tá sendo reconhecido também do lado de fora”*.

3.3 - Os quilombolas e os outros: uma relação de tensão

Identidade e diferença podem ser percebidas dentre outras maneiras na maneira com os sujeitos sociais constroem sua história. De acordo com Silva (2007, p. 79) “A identidade é estreitamente relacionada à história. A história é a maneira pela qual as pessoas criam as identidades”.

Nesse sentido, os historiadores passaram a orientar seus estudos na perspectiva da representação, entendendo que a história, ou melhor dizendo a cultura, é construída por sentidos atribuídos pelos sujeitos sociais. Para fazer jus a esse conceito, procurei dialogar na perspectiva de Pesavento (2004, Op, Cit p. 39), quando escreveu que: “[i]ndivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meios das representações que constroem sobre a realidade”. Ainda para a historiadora (Op, Cit.; 2004, p. 40) as representações perpassam por caminhos que envolvem “processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão” onde, “as representações apresentam múltiplas configurações e pode-se dizer que o mundo é construído de forma contraditória e variada, pelos diferentes grupos do social”.

O processo de construção/reconstrução da identidade em São Domingos está em constante transformação, haja vista que acontecem fatores internos e externos. Interpreto que esse processo de reconstrução de identidade acontece a partir da própria vivência deles e da relação com as pessoas da cidade. Da maneira como eles se representam em relação às pessoas da cidade. Da tensão cotidiana entre eles ou com os paracatuenses.

Nas recordações dos moradores mais idosos de São Domingos, é histórico o preconceito e a discriminação sofrida por eles com pessoas do centro de Paracatu e do bairro Alto do Açude. Afirma D. Luíza Lopes dos Reis, 92 anos, que quando criança, mais ou menos nos idos de 1928, ela ouvia de seus parentes queixas quanto ao tratamento dos

paracatuenses e quando ela passou a frequentar a cidade vendendo produtos cultivados do quintal de sua casa, ela sofreu o preconceito na pele. Em suas memórias, *“era uma dificuldade pra chegar na cidade e tinha gente que chamava nós de negro do cabelo duro, buraco doce, pé de pombo e outras coisas mais”* (Entrevista concedida em 23/07/2007).

O preconceito, segundo a remanescente e outros narradores, está ligado às seguintes questões: cor da pele, baixa escolaridade e moradia afastada da cidade. Alguns disseram que começaram a trabalhar meninos e que isto não era motivo de tristeza, pelo contrário: orgulhavam-se de aprender e dar continuidade ao que os pais faziam. Porém, quando chegavam à cidade, tornavam-se motivo de cochichos, risos e gozações na presença dos pais e de seus parentes. Nas lembranças deles, afirmaram que: *“isso doía na alma”!* (Entrevista concedida 12/07/2008, grupo de moradores de idade entre 17 a 55 anos). Procurando palavras que compensassem o preconceito sofrido, afirmaram: *“ser pobre, preto, negro não é defeito. Defeito é roubar dos outros. Por isso nós costumávamos andar com mais pessoas, para fugir do preconceito”* (entrevista concedida em 12/07/2008; grupo de moradores de idade entre 17 e 55 anos). A situação narrada demonstra que sempre houve entre os remanescentes apoio, solidariedade e companheirismo, o que de certa forma minimizava a tensão vivenciada por eles no contato com os moradores da cidade. Isso contribuiu para o fortalecimento do pertencimento ao grupo. O sentido das expressões dos narradores leva-me a concordar com Pasquetti quando escreveu:

A identidade fornece a coesão e articula a percepção sobre o mundo em que as pessoas vivem. Isso significa que a identidade é sempre uma reconstrução num espaço social em que as intenções, desejos e necessidade de um grupo ou de indivíduos se relacionam, seja pelo próprio olhar que constrói uma imagem própria ou o olhar dos outros, o que faz com que a identidade seja também uma condição atribuída tanto pelo julgamento interno quanto pelo externo. (PASQUETTI, op, cit, p. 102 – 103)

A relação da percepção e participação do indivíduo no meio social, de acordo com o autor, levou-me a refletir que a vivência cotidiana dos moradores dentro e fora de São Domingos contribuiu para eles construírem suas próprias representações de identidade. Dessa maneira, na pesquisa de campo, tive a oportunidade de ouvir dos narradores suas diferentes representações acerca do que significa ser negro para eles. Nesses múltiplos significados estava a forma de ver e sentir sua cor, divergindo as respostas em relação à idade, papel social de cada um dos narradores e o relacionamento deles com os moradores da cidade de Paracatu. Foi possível observar que a cor negra, como um fator negativo, está sempre ligada ao trabalho

pesado e subemprego, o que de certa forma é motivo de vergonha e tristeza para eles. A relação do sentimento exposto pelos recordadores está relacionada à forma como eles convivem com a sociedade de Paracatu. Nesse sentido, é possível observar na narrativa de Marcos André Lopes Ferreira⁹⁷, 35 anos:

A gente era mais acanhado, era pouco instruído. Porque negro, quando alguém falava assim: “você é negro, você só serve para esse tipo de coisa, pra escravidão”... O seu serviço é só esse, só serviço pesado, só serviço que vai fazer força porque você é negro. Quando chegava uma pessoa aqui no bairro que não fosse da nossa cor negra, a gente se escondia, ficava com vergonha. Eu era conhecido com negão, as pessoas me chamavam de negão e eu ficava com vergonha. Vou falar por mim: hoje em dia não, depois que eu aprendi, eu vi o que significa ser negro pro mundo, pro Brasil, eu sinto orgulho; eu perdi aquela vergonha que eu tinha (...) Antes eu não aceitava, eu tinha vergonha eu me escondia. Teve uma vez que eu fui fazer parte da escolinha da consciência e arte em Paracatu. Quando eu cheguei, só tinha eu e mais um negro. Eu olhava assim (...) claro, claro, claro... Aí eu falei: “gente, eu não volto nessa reunião mais não.”
(Entrevista concedida em 17/09/2009)

O relato de Marcos André descreve questões que levam a muitas reflexões, tais como: o local onde mora expressa a segregação espacial e o trabalho do negro é sempre pesado, lembrança que certamente está ligada à cor da pele e à escravidão.

Em suas memórias, Marcos André expressa não ter hábito de sair sem a companhia de amigos de São Domingos, isso lhe trazia desconforto fazendo com que se sentisse perdido na reunião. Tal situação é um reflexo da inferioridade sentida pelo narrador, questões que o afligiam no cotidiano, um processo que culmina no preconceito que ele sofreu tantas vezes. De acordo com o narrador, mesmo diante da presença do adolescente negro, ele se sentia constrangido. Não havia conforto, pois o companheiro de reunião era um negro da cidade e não de São Domingos. Reflete ainda que:

Depois que fui ver: “rapaz, eu vou lá só pra buscar as palestras, pra ouvir e passar pros meninos daqui da comunidade e depois pronto, eu vou ‘tá dentro da minha comunidade.” Aí, eu fui perdendo o medo, porque o que eu queria era voltar rápido pro lugar da minha gente.
(Entrevista concedida em 17/09/2009)

É possível perceber insegurança e apreensão nas palavras de Marcos, por ter que fazer parte de uma reunião mensal cujos membros não são do seu convívio. A experiência inicial de estar junto a outras pessoas, segundo sua narrativa, o fez sofrer a ponto de pensar em desistir e

⁹⁷ Remanescente que participa da Caretagem como tocador de surdo e tambor. Nasceu em 13/07/1975.

não fazer parte mais daquele grupo. Porém, sua permanência era inevitável; caso contrário, as crianças de São Domingos não seriam beneficiadas com materiais de esporte. Segundo o narrador, estar naquela plenária fazia com que ele se sentisse isolado e acuado. A sensação de insegurança foi amenizada a partir do momento em que ele percebeu que sua presença ali seria algo rápido e em seguida voltaria para o convívio dos seus. Essa situação conflitante do entrevistado pode ser melhor refletida no texto de Anjos quando afirma que:

O território é uma condição essencial porque define o grupo humano que o ocupa e justifica sua localização em determinado espaço. A terra, o terreiro, não significam apenas uma dimensão física, mas antes de tudo é um espaço comum, ancestral, de todos que têm os registros da história, da experiência pessoal e coletiva do seu povo, enfim, uma instância do trabalho concreto e das vivências do passado e do presente. (ANJOS, op. cit., p. 49)

Ao se refletir sobre as palavras do autor, é possível perceber a relação de pertencimento que Marcos demonstra ter para com São Domingos e sua gente. Esse sentimento demonstra ser um comportamento de auto-identificação étnica o que o distingue do restante das pessoas que fazem parte da reunião.

Outro aspecto que chama atenção na narrativa é a substituição do nome do narrador pelo estereótipo de “**negão**”. Esse apelido lhe foi dado enquanto criança, marcando sua fase de criança até os dias atuais. Recordo o narrador que esse codinome foi o pontapé inicial para discriminação e sofrimento, que o levou a se esconder das pessoas que chegavam a sua casa quando essas não eram negras. Dessa maneira, o estigma sofrido torna-se sobremaneira tão perverso que leva o negro muitas vezes a rejeitar a própria cor em sinal do sentimento de inferioridade, o que leva à destruição de sua auto-estima.

Embora o narrador assuma a condição de ser negro, o mesmo não aconteceu com todas as pessoas que foram entrevistadas. Assim pôde ser observado que a superação do preconceito enfrentado levava muitas vezes o remanescente a se defender, criando estratégias como se afastar das pessoas para poder se proteger. Rememora Marcos André: “*as crianças e adolescentes evitavam e ainda evitam conversar ou brincar com outras pessoas que não sejam de São Domingos*” (Entrevista concedida em 17/09/2009)”.

Enfrentar o preconceito, como pode ser observado nas palavras do narrador, não é algo fácil: o medo sempre acontecia e continua a acontecer diante das pessoas estranhas, estejam elas dentro de São Domingos ou na cidade. Para Marcos e outros entrevistados, a trajetória da história familiar em São Domingos sempre foi marcada por inúmeros desafios. Como ele narrou, o fato de serem pouco instruídos, uma situação que os moradores têm tentado

minimizar, os leva para Paracatu a fim de darem continuidade aos estudos⁹⁸ nas séries iniciais, ensino fundamental e médio. Esse momento é marcado por novas formas de tensão, discriminação e preconceito.

Embora a escola propicie a idéia de mudança social, muitas vezes ela é um espaço de reprodução da desigualdade e do sofrimento; é o que tem acontecido, historicamente, segundo alguns narradores ao rememorarem o que passaram no dia a dia, ao chegarem à escola. Recorda Evane Lopes que em 1989, após concluir as séries iniciais, necessitou deslocar-se para Paracatu, visando dar prosseguimento aos estudos:

Eu estudei aqui na escola da comunidade até o hoje chamado quinto ano e tive que ir para a cidade. Eu falo que o primeiro impacto como quilombola e como pessoa negra foi esse sofrimento de ter que ir para a cidade, porque começou a perda da nossa identidade. Eu mesma fui uma que acabei perdendo minha identidade de alguma forma, porque eu fui obrigada a mudar a minha forma, a minha estrutura física mais especificamente na questão do cabelo, porque a sociedade não tinha uma boa aceitação das meninas negras que iam estudar e tinha o cabelo afro. Então nós, eu as minhas primas, passávamos por humilhações e, pra evitar maiores transtornos, nós ficávamos juntas, procurando não misturar com os colegas. Eu passei por diversas vezes até que um dia eu cheguei em casa chorando e disse: mãe, eu quero que a senhora alise meu cabelo, porque senão eu não volto para a escola. Eu tive que tirar os cachos com alisamento. Diante disso vinham outras questões.

(Entrevista concedida em 08/07/2010)

Como pode ser percebido na narrativa, sair de São Domingos para a escola tornou-se um momento angustiante; o encontro com os colegas era causa de desânimo, fazendo com que ela e suas primas perdessem a auto-estima e a motivação de estudar. A escola passou a simbolizar um local de medo, repressão e vergonha. Ressalta a narradora que, no momento em que a professora perguntava aos alunos de onde eles vinham, ao se apresentarem dizendo ser de São Domingos, começava o tormento. Seus colegas faziam questão de demonstrar que elas eram diferentes e que por isso não eram bem aceitas. Em função da discriminação

⁹⁸ A única escola de São Domingos era composta de turmas multiseriadas e atendia crianças nas séries iniciais. Essa escola contava com duas professoras e foi fechada em 2009. De acordo com os pais, seus filhos passaram a serem transportadas de “Van” para escolas de Paracatu. Os entrevistados apresentam motivos diferentes para o fechamento da escola. Alguns dizem que seus filhos não estudavam na escola porque ela era atrasada. Outros disseram que as professoras não eram de São Domingos e desconheciam a realidade deles. E por último houve pais que disseram que precisam da escola e que a mesma deve funcionar com profissionais locais, pois seus filhos reclamavam que os professores discriminavam-nos, chamando-os de negro do cabelo duro e macaco fedido. A atual Presidente Evane Lopes juntamente à diretoria e pais, tentam resolver essa situação usando termos legais competentes junto à superintendência para reabrir a escola em São Domingos de forma que as crianças não precisem se deslocar para Paracatu.

sofrida, afirma Evane Lopes que as crianças e adolescentes foram obrigados a mudarem o estilo de conversar, vestir e pentear os cabelos, para se adequarem aos colegas.

Na trajetória da pesquisa de campo foi possível observar a perversidade do sistema de exclusão e discriminação também na atualidade. A experiência de vida dos entrevistados demonstra que a realidade do dia a dia nas escolas nem sempre é agradável, especialmente em se tratando dos variados apelidos pejorativos que ganham. Nayane dos Reis conta de sua experiência cotidiana. Segundo a adolescente.

É meio complicado na escola. A gente sofre muita discriminação, muita malhação. E não é só eu. Aqui, a maioria dos meninos sofrem com isso onde quer que nós vamos. Você vai a algum lugar, as pessoas perguntam assim: “Você mora onde?” “São Domingos”. Aí eles falam: é quilombola, pé rachado, buraco doce, pé vermelho, pé sujo... É o que mais se escuta. Isso é horrível. Aí já cria aquele bloqueio. E se parasse por aí ‘tava bom. Quando nós saímos da escola e entramos no ônibus pra vir pra São Domingos, nesse momento começa a chateação. Tem os engraçadinhos que falam: “chegou os quilombolas, agora nós vamos descer para aquele buraco, o fim do mundo, lugar onde o Judas perdeu a bota, para aquela muinha⁹⁹ de poeira, aquilo parece o inferno.”

(Entrevista concedida em 03/05/2008)

Dois fatores contribuía para o preconceito de acordo com a narradora. O primeiro, a cor da pele. O segundo, morar em São Domingos, o que os classifica como descendentes de escravos. Outro incidente de acordo com os narradores é que o fato de serem descendentes de escravos os fez alvos de comparações feitas pelos professores quando o assunto é escravidão e quilombo. Essa situação às vezes os desencoraja a prosseguir os estudos. Para Nayane dos Reis, a imagem negativa construída pelos paracatuenses os deixa numa posição desconfortável; não há local onde eles possam ir sem serem discriminados, afirmando que o incidente ocorre também no transporte coletivo. De acordo com a narradora, o abuso das pessoas ultrapassa a condição humana, estigmatizando também o local onde moram, ao compararem São Domingos com o inferno. À procura de respostas, Nayane dos Reis faz vários questionamentos:

Eu fico perguntando por que as pessoas discriminam tanto aqui? O que são Domingos tem para ser discriminado? Só porque aqui tem muita árvore? Manga, milho, acerola? Tem diversas coisas para a gente comer? O que tem de diferente? É porque a gente é preto? Porque não temos o cabelo bom?

⁹⁹ Expressão referente à poeira.

Porque aqui é diferente? Aqui não tem pessoas normais? A gente não tem cabelo? Não tem nariz e olho igual os que moram pra lá?
(Entrevista concedida em 25/04/2007).

Muitas são as indagações lançadas pela remanescente numa tentativa de levar a reflexões que demonstrem que eles são normais, iguais às outras pessoas que moram em Paracatu. Silva (2006, p. 125) a esse respeito escreve que: “se o lugar é condenado, o é também quem faz parte dele.” É possível perceber que a remanescente estabelece a existência de “um outro,” para além das fronteiras territoriais. Torna-se o local refletido por ela palco da própria representação, do confronto, do estranhamento/diferença e do reconhecimento de uma identidade étnica.

Nas palavras de João Ferreira Souto¹⁰⁰, 59 anos ser negro é um orgulho, apesar da discriminação sofrida. De acordo com o narrador:

É um orgulho pra gente ser negro! Mas só que por a gente ser negro, a gente é muito discriminado e recusado dos brancos. Por que, os brancos hoje são a maioria e no ser a maioria, eles recusam a raça negra hoje. Mas pra mim é uma honra, porque o Brasil começou de quê? Dos negros! Do trabalho dos negros! [...] Então a imagem de negro pra mim é uma honra. É uma honra ser negro. Eu respeito muito a cor dos brancos, mas eu acho que os brancos deveriam respeitar a cor dos negros, igual os negros respeita a dos brancos. É isso aí que a gente sente.
(Entrevista concedida em 08/07/2009).

Reconhecendo-se como negro, afirma ter orgulho da história de seus antepassados no Brasil, evidenciando o que representa ser negro para ele. Porém, mesmo demonstrando ter orgulho de sua cor, João não esconde o sentimento de discriminação sofrido. O remanescente de 59 anos trabalha com charrete, fazendo pequenos fretes, e sua relação com a cidade de Paracatu é constante, o que o torna mais exposto e vulnerável à discriminação. A saída do narrador para o trabalho na cidade significa para ele e sua família o complemento de renda, indispensável à sobrevivência. O trabalho aparece na narrativa de João como algo que constrói o Brasil. Para ele, trabalhar está ligado ao significado de honestidade, dignidade de saber reconhecer e respeitar as pessoas que não são negras.

Para outros, como o Sr Aureliano, ser negro está ligado à questão de raça e sangue, que ele define como “*sangue forte*”¹⁰¹. Mesmo com 97 anos, faz questão de trabalhar em sua

¹⁰⁰ Morador de São Domingos desde o seu nascimento. Aposentado, charreteiro. Nascido em 18/06/ 1951.

¹⁰¹ Segundo o Sr. Aureliano, ele perdeu o pai com seis meses e foi criado pela mãe e o avô materno. Foi criado em São Domingos; na década de 1960, foi trabalhar em Brasília e deixou a família no Arraial. Sempre viveu em São Domingos. Todas as vezes que fui ao seu encontro, esteve sempre aberto para conversarmos.

horta e vende pessoalmente os produtos colhidos em Paracatu. Em suas narrativas, reforçou as dificuldades vividas desde criança e sua persistência no trabalho. Segundo ele:

Meu pai era escuro, era negro. Eu não conheci. Quando ele morreu, eu 'tava com seis meses. Mas ele era escuro, e aí, é como se diz: plantou, tem que nascer (risos). Eu acho que é importante ser negro, porque Deus já deixou assim. O sangue é mais forte, porque já vem de raça.
(Entrevista concedida em 11/09/2009).

As questões de cor, raça e sangue estiveram presentes em quase todas as entrevistas. Para o senhor Aureliano, esses quesitos fazem parte do “ser negro”. O fato de ter a pele escura é uma atribuição divina, tornando-os mais resistentes ao tempo e às dificuldades da vida. Acrescenta ainda que a cor da pele negra contribui para a longevidade e a mocidade. Segundo o narrador, muitas pessoas de São Domingos, mesmo com idade avançada, preservam a aparência física e a expressão facial jovem e com mais disposição que em relação aos que não são negros. Em seu relato ele acrescenta:

Conforme a cor nossa, pela idade, a gente parece mais novo. Vamos supor, minha filha Isabel, com 55 anos - se fosse outra pessoa, 'tava mais acabada. Ela trabalha no serviço pesado. Ela trabalha com água, luz, capina, pega no machado, pega na foice, todo serviço ela faz. Ser negro é ser forte! Se fosse uma pessoa branca, caía logo. Ser negro, ser escuro, é ser forte. A cor dela, nem é a cor, é o sangue, é forte! Então a pessoa sendo negro, é mais forte. A cor forte representa muito! Eu não tenho vergonha de ser negro, não tenho mesmo. A cor que Deus mandou foi essa!
(Entrevista concedida em 11/09/2009).

O orgulho de ser negro associado à questão da raça, para o Sr. Aureliano é uma demonstração de força. Exemplifica através de sua filha, que trabalha no Arraial fazendo serviço de cobrança de luz, ajudando nos afazeres da família em trabalhos domésticos e braçais; na sua concepção, se ela não fosse negra, teria uma aparência mais idosa e cansada. Ele salienta ainda as virtudes e resistência do negro em relação ao trabalho. Afirma que o branco, ao fazer essas atividades ao longo da vida, envelhece mais rápido.

As representações construídas pelos narradores permitiram compreender visões diferenciadas acerca do que é ser negro para cada um e como esta identificação está associada à memória e à história local. Os estereótipos que vão se formando ao longo das narrativas demonstraram que a diferença é o que possibilita a construção/reconstrução da identidade étnica local. Assim sendo, esse conceito torna-se central nessa discussão, pois cabe pensar, como afirma Woodward (2000, p. 9), que a “[a] identidade é, assim, marcada pela diferença”.

Essa diferença pode ser percebida nas narrativas, quando os remanescentes ilustram o preconceito do branco para com o negro, mas tornam-se visíveis também na construção discursiva, quando eles mostram o que é ser negro, emergindo novas formas de ver e pensar a identidade. Nesse sentido, Woodward (op. cit., 2000, p. 39) escreve: “[a] identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença”. Assim, para D. Cristina Coutrim dos Reis:

*É motivo de ter orgulho de ser negra! Uma que a gente não pode negar a raça de ser negro. Ser negro **hoje** pra mim é motivo de alegria. Porque a gente está sendo **reconhecido**. O negro está sendo reconhecido porque até então ficava naquela, sem saber se o negro ia ser da sociedade como **era**. O negro não podia participar das coisas da sociedade que o branco participava. Você já deve ter ouvido falar que até as igrejas eram separadas. Tinha a igreja dos brancos e a igreja dos negros. Hoje já não é assim. Então o negro hoje já tem direito ao estudo, entrar e sair de qualquer lugar. Então acho que hoje a gente não tem motivo de ficar com diferença. Eu graças a Deus, toda vida, nunca sofri preconceito, as pessoas me trataram bem. Trabalhei em casa de família, eles me consideraram, não tive negócio de racismo, mas tem muita gente que sofria.*
(Entrevista concedida em 11/09/2009. Grifo meu).

Ao partilhar do sentimento de ser negra, a narradora diz que não sofreu preconceitos como outras pessoas de São Domingos e orgulha-se de sua cor. Sua narrativa aponta para as transformações que houve na sociedade contemporânea em relação às conquistas do negro no decorrer da história. Analisando a segregação social no campo educacional e religioso, diz que o negro hoje pode entrar e sair de qualquer repartição pública, situação que causava desconforto para os negros, que não sabiam se poderiam participar da sociedade ou não. Dessa maneira, sua reflexão se reporta à memória do que ouviu dos pais em relação a essa exclusão histórica, mas também localiza-se no tempo presente: “o vivido por ela”. Assim, nos dias de festas e novenas para São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, conta D. Cristina que seus pais e familiares se deslocavam para a cidade de Paracatu, onde prestavam homenagens aos santos protetores dos negros. Recorda que: “quando a gente chegava na cidade, ia direto pra igreja dos negros, a igreja de Nossa Senhora do Rosário. Pouco na frente, tinha a igreja dos brancos. Meus pais participavam das irmandades do Rosário e de São Benedito” (Entrevista concedida em 11/09/2009). Percebe-se dessa maneira que os pais sociabilizavam os filhos para participarem do espaço social atribuído historicamente aos negros.

A diplomacia que D. Cristina Coutrim compartilha do sentimento de ser negra demonstra polidez e preocupação. Como uma líder comunitária, baliza as fronteiras tentando não provocar tensão ou tornar a imagem do negro estereotipada e vulnerável, dizendo que

hoje não há motivo para diferença, pois o direito de estudar entrar e sair em qualquer lugar é uma conquista do negro.

Com base nas entrevistas realizadas com os remanescentes de São Domingos, procurei desvelar o sentido de ser negro para eles, o significado da titularização, como se vêem e as representações que eles veiculam acerca do preconceito sofrido. Nesse sentido, percebi que a identidade é construída/reconstruída a partir da diferença e da relação com o outro. Corroboro com Campelo (2006, p. 143) quando afirma: “[a] identidade negra é inevitavelmente marcada pelo confronto com o outro e pelo próprio reconhecimento da diferença”.

A seguir analiso a tradição da Festa de Caretagem em homenagem a São João Batista como uma das formas de manutenção da identidade étnica.

CAPÍTULO IV

A FESTA DE CARETAGEM: REAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA

Em relação ao universo das políticas de patrimônio cultural, as identidades que estão sob foco são as coletivas, ou seja, de pequenos grupos, segmentos sociais, comunidades, povo ou nações que se definem em relação a outros, tendo como base suas experiências e expressões *sui generis*

João Gabriel Lima Cruz Teixeira

Letícia Viana C. R.¹⁰²

O objetivo deste capítulo é apresentar a Festa de Caretagem, uma homenagem dançante a São João Batista realizada no dia 23 para 24 de junho. Organizada por homens e mulheres “negros”, nascidos em São Domingos e que dançam na festa, essa tradição tem sido, segundo os entrevistados, repassada de geração em geração. Pretende-se analisar a Festa como uma das maneiras como os remanescentes expressam a identidade étnica. É objetivo também descrever três momentos que interpreto serem momentos nos quais dançantes, tocadores e moradores reafirmam sua identidade étnica, ligada à história e à memória de seus antepassados.

4.1 – Etnografando a Festa de Caretagem em São Domingos

Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas em palavras os registros da memória no tempo. São caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir o importante como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram a História da humanidade. São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo.

*Lucília de Almeida Neves Delgado*¹⁰³

¹⁰² TEIXEIRA, João Gabriel L.C & VIANA, Letícia C.R. **Patrimônio Imaterial, performance e identidade**. In: TEIXEIRA, João Gabriel L.C & VIANA, Letícia C.R. (organizadores). **As artes populares no Planalto Central: Performance e identidade**. Brasília: Verbis, 2010.

¹⁰³ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral – Memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

São Domingos é uma comunidade que procura manter tradições e cultura. No povoado, são realizadas muitas festas, sendo a mais expressiva a Festa dos Caretas, que acontece no mês de junho. A festa, dedicada a São João Batista, começa no dia 23 e termina dia 24. O festejo acontece da seguinte maneira: os preparativos para a homenagem começam no primeiro domingo do mês de junho estendendo-se até a tarde do dia 24 de junho. Durante os preparativos, são feitos ensaios todos os domingos na porta da casa do Sr. Aureliano Lopes dos Reis¹⁰⁴.

Na Festa de Caretagem, somente os homens podem dançar. O grupo é composto por aproximadamente 30 membros, sendo que a metade deles se veste de cavalheiro e a outra de dama. Nos ensaios, com exceção dos instrumentos musicais, tudo é improvisado. Os homens que se fantasiam de cavalheiros utilizam cabos de vassouras, rodos ou pedaços de paus que são por eles nomeados de cajados¹⁰⁵; já os homens que irão dançar fantasiados de damas simulam durante o ensaio estar segurando na barra do vestido.

O grupo conta com a participação da comunidade que se reúne para assisti-los. Os homens, mulheres e crianças ficam atentos às instruções dadas pelo comandante¹⁰⁶ da Caretagem. É comum as crianças assistirem aos rituais dos adultos, dançando, tocando ou repetindo os gestos dos atores. A comunidade participa dessa experiência coletivamente sob o som da cornetinha, do tambor, da caixa, da sanfona, do xique-xique e do pandeiro. A soma dos sons desses instrumentos proporciona aos participantes da comunidade um clima de folia agitação e gritos. É comum ouvir algum morador de São Domingos dizer: *“está no sangue, ninguém gosta da festa como nós”!* O espaço do ensaio reitera laços de afeto e emoção, contribuindo para a reconstrução da identidade étnica da comunidade de São Domingos, no repassar da Festa em cada geração.

Os dançarinos são conhecidos como caretas, porque utilizam com parte do ritual máscaras confeccionadas com papel, pele de animal ou borracha. Um careta nunca começa a dançar de cavalheiro, devendo exercer primeiro o papel de dama. As máscaras são produzidas

¹⁰⁴ Remanescente de 98 anos. É o morador mais idoso da comunidade e tocador de “xique-xique” na Festa de Caretagem. Participa do grupo dos caretas desde os 15 anos. Em suas narrativas, diz que o pai e o avô eram também participantes da Festa dos Caretagem.

¹⁰⁵ Cajado é um instrumento feito de pau. Somente os cavalheiros utilizam cajados. A utilidade desse objeto demonstra a superioridade dos cavalheiros em relação as damas. No momento da mudança de passos, as damas devem tocar no cajado do companheiro.

¹⁰⁶ No arraial de São Domingos a função de comandante é repassada tradicionalmente na família dos Lopes. João está no comando há 2 anos: 2008 e 2009.

pelos próprios dançantes ou pela artesã da comunidade, dona Cristina Coutrim dos Reis¹⁰⁷. As máscaras masculinas e femininas feitas de papel são pintadas na cor bege; porém, as dos cavalheiros possuem barba e bigode, enquanto as das damas recebem a cor rosa nas “faces” e vermelho nos lábios.

Nas festas mais recentes, os caretas mais jovens têm optado por comprar, em Paracatu, máscaras de borracha personalizadas de monstros, demônio, bruxa ou “capeta¹⁰⁸”. A introdução desse produto industrializado pelos jovens tem tornado conflituoso o momento festivo. Dançarinos e pessoas mais velhas da comunidade não veem essa máscara com “bons olhos”; dizem que os jovens estão tirando a característica tradicional da festa. Porém, os jovens resistem, dizendo que gostam da máscara de borracha, afirmando que a de papel é dos antigos.

Os caretas confeccionam suas próprias fantasias ou recebem ajuda dos membros da família. Os adereços utilizados compõem-se de camisa e calça enfeitadas com fitas coloridas ou de plástico costuradas ou pregadas com cola. Na cabeça, eles utilizam chapéu decorado de várias tonalidades, confeccionados com papel crepom e fitas coloridas. Nos tornozelos, os cavalheiros prendem guisos¹⁰⁹, latas de cerveja ou de óleo com chumbada e chumbinho dentro. Na cintura, alguns dançarinos prendem polacos¹¹⁰. A intenção é fazer bastante barulho durante os movimentos da dança. Cada cavalheiro deve portar um cajado, confeccionado de madeira, o qual é decorado de acordo com sua criatividade. Os cajados são feitos de cabos de vassoura e pintados com cores diversificadas com fitas presas na ponta.

Para compor os pares com os cavalheiros, homens vestem-se de damas simbolizando caretas femininas e caracterizando seu figurino de acordo com sua inspiração. Na cabeça, as damas usam chapéu decorado de papel crepom, tranças presas na aba ou cabeleiras soltas de material sintético colorido. O vestido bem rodado é feito de chitão florido. Algumas damas

¹⁰⁷ O comando da bandeira de São João Batista fica sob responsabilidade de sua família. O bisavô de D. Cristina era festeiro, passando-a para o avô, que repassou anos mais tarde para seu pai João. O pai, após a velhice e doença, repassou a festa para o sogro e hoje a festa segue sob comando de João, filho de D. Cristina.

¹⁰⁸ O nome “capeta” será mantido na redação por ser esta a forma com que os remanescentes e dançarinos mais velhos referem-se a algumas máscaras de borracha. Explicam essas pessoas que capeta, monstro e demônio não combinam com a festa religiosa. Dizem que isso não é coisa de Deus. Também, ao longo da minha participação na festa de caretagem, percebi que “capeta” é um dançante mascarado de dama. Assim capeta e bruxa são fantasias que expressam o feminino, enquanto que as máscaras de “monstros e demônios” são representações masculinas.

¹⁰⁹ Nome que os dançantes dão aos pequenos sinos que são presos nas pernas com a função de decorar e fazer barulho.

¹¹⁰ Expressão utilizada pelos caretas. Esses objetos são também utilizados por donos de animais que os prendem no pescoço da criação para identificá-los a longa distância.

têm optado por roupas mais sensuais, como vestidos de cigana, blusas coladas de malha e calça de coton. Todas as damas usam sutiã para realçar sua roupa. Porém algumas procuram destacar o enchimento para realçar o vestido e a blusa, demonstrando seios volumosos e fartos. Como adereços, usam colares, bolsa, cinto, pulseiras, tiara e prendedores de cabelo. O figurino feminino completa-se com meias ou meia colorida, meia calça de telinha, botina, tênis ou sandália.

Na manhã do dia 23 de junho, a movimentação para o festejo é acentuada. As famílias distribuem interinamente as tarefas em três setores: alguns ficam encarregados da construção da fogueira; outros do preparo da comida e o terceiro grupo é responsável pela ornamentação do terreiro com bandeirolas e retoques nas fantasias e cajados. Os homens adultos e as crianças saem para o cerrado à procura de madeira com o objetivo de construir a fogueira, símbolo do convite para os caretas dançarem nas casas durante a peregrinação. Símbolo é aqui entendido como definiu Turner (2005, p. 49): “Símbolo é uma coisa encarada pelo consenso geral como tipificando ou representando ou relembrando algo através da posse de qualidades análogas ou por meio de associações, em fatos ou pensamentos”. Na pesquisa de campo os símbolos observados foram diversos, sendo esses fogueira, mastro, bandeira, comidas, danças, gestos e instrumentos de toques.

No preparo da Festa, as mulheres com as filhas preparam os pratos típicos. A comida é farta: alimentará comandantes, tocadores, dançarinos e todos os acompanhantes da Caretagem. Os pratos servidos variam de local para local, sendo: farofa de feijão andu, frango, sarapatel, caldo de galinha engrossado com mingau de milho verde, quibebe de mandioca, vaca atolada, costela de vaca ou pedaços de carne. Também fazem parte do cardápio caldo de mocotó engrossado com milho verde, pão de queijo, broinha de fubá, canjica, esfirra caseira, pipoca, arroz, tutu de feijão, salada, café, refrigerante, quentão, pinga com raízes e catuaba, que segundo ele, é afrodisíaca..

Como parte dos preparativos da festa, os terreiros são limpos e aguados com o objetivo é deixar o local da dança bem úmido e compactado, no intuito de não levantar poeira. Postes de madeira são erguidos para estender fios com as bandeirolas coloridas. Algumas famílias iluminam o local para o festejo com lâmpadas, outras são iluminadas apenas pela claridade da fogueira.

Para os tocadores, são construídos bancos rústicos com tábuas, ou então são colocados cadeiras e tamboretas para acomodá-los. Os anfitriões planejam a disposição dos assentos, os quais devem estar de acordo com as filas que os caretas formarão no momento da dança. É

costume os tocadores estarem na posição vertical enquanto os dançantes ocupam duas filas horizontais.

Na Igreja, o coral composto por adolescentes ensaia os últimos ajustes para o momento litúrgico sob liderança de Romilda Silva Oliveira¹¹¹.

Conforme a tradição, a festa tem início oficialmente com a celebração da missa para São João Batista às 19 horas na igreja do arraial. Reunidos comunidade e visitantes, o padre sinaliza sua homilia, chamando a atenção dos participantes para a vida santa e obediente do profeta. O momento litúrgico tem prosseguimento com leituras e preces que contemplam a alegria da festa, tendo como princípio a celebração. Quando a bênção final vai ser ministrada pelo padre, uma pessoa previamente escolhida sai da igreja e dispara foguetes, simbolizando o encerramento da missa. A queima de fogos é o sinal para os caretas reunirem-se na casa de D. Júlia¹¹². Pouco depois, o comandante toca a cornetinha repetidas vezes e, rapidamente, a rua é tomada por caretas que procuram exibir suas fantasias coloridas, chamando a atenção das pessoas que se fazem presentes.

O cenário torna-se exótico diante dos cavalheiros e damas que exibem suas fantasias tradicionais, ao mesmo tempo que acontece a entrada do “novo”, ou seja, dançantes com máscaras de borracha de capeta, monstros e bruxas. Algumas pessoas mais velhas tecem comentários, insatisfeitas com esse comportamento da juventude, pois acreditam que ela está tirando a característica tradicional da festa. O figurino de monstro causa impacto, porém ainda há casais que dançam personalizados, outros que o cavalheiro usa máscara de papel e a dama, máscara de borracha, outros que vice-versa. O contorno da discussão é intensificado quando alguns pais chegam com crianças entre três a cinco anos de idade fantasiadas de monstros ou fantasias tradicionais. O velho e o novo demonstram coexistir no mesmo espaço.

Mesmo diante dos comentários, os caretas não se intimidam e prosseguem em seu papel de dançarinos com muita arte, girando, pulando pela rua, fazendo com que sua fantasia fique mais vistosa. A exuberância completa-se sob a agitação das indumentárias, guisos, polacos, latinhas presas nos tornozelos, provocando grande barulho. Essa folia aumenta no

¹¹¹Vice-Presidente da Associação dos moradores quilombolas de São Domingos. Cozinheira da festa, mãe de dois dançantes da caretagem e esposa de um instrumentista do grupo. Responsável pelos pedidos de intercessão junto a Deus e aos santos no início da festa de caretagem.

¹¹² Viúva de Antônio Lopes do Reis, “ex-comandante”. Festeira de Santo Antônio, Santos Reis e guardiã da caixeta com o menino Jesus.

momento em que João Lopes dos Reis¹¹³ sai de sua casa e vai ao encontro dos caretas, subindo a rua com a parca luz dos postes, repicando sons com a cornetinha. A resposta desse rito, é feita com toques do tambor. O som imponente do tambor é respondido pela sanfona, pelo pandeiro e pelo xique-xique, fazendo com que os caretas fiquem mais agitados. Os dançarinos eufóricos pulam, sapateiam, giram e insinuam umbigada. A rua fica repleta de pessoas, havendo uma socialização de cores, agitação, cumprimentos entre os participantes da caretagem, comunidade e visitantes. “Causos” e histórias começam a ser entoados pelos moradores.

Com a reunião do grupo dançante, todos os presentes seguem os caretas para a casa de dona Júlia e, ao calor da fogueira, tem início o ritual festivo. Os tocadores se acomodam enquanto os caretas formam duas filas, sendo uma de cavalheiros e outra de damas. O casal de caretas deve sempre estar um de frente para o outro, na posição horizontal dos instrumentistas. Posicionados, Romilda, anda entre os dançarinos pedindo silêncio e diz:

Pedimos a todos os presentes um minuto de silêncio pelos antepassados falecidos que com certeza estão no céu. Solicitamos a intercessão deles junto a Jesus Cristo e a Virgem Maria, que comandam toda nossa festa, que ela possa começar em paz e terminar em paz na graça de Deus. (Entrevista concedida 11/09/2009).

As orações do pai-nosso e da ave-maria são feitas e, ao término, o barulho de instrumentos toma conta do local. O comandante chama a atenção dos caretas e dos tocadores para que cada um faça sua parte. A abertura do festejo é feita sob toque do batuquim¹¹⁴. Há pouca luz no terreiro, mas é grande a animação. Cavalheiros e damas entrecruzam os passos, em forma de caracol, roda e círculo duplo, formando as duas filas, de cavalheiros e de damas. Ao sinal para o início da dança, há a junção dos caretas; toques musicais, fantasias, foguetes, guisos, polacos e fogueira tornam o clima contagiante. Não há participante que consiga ficar sem dar uma “mexidinha”¹¹⁵.

Alguns desafios são feitos entre os cavalheiros, que exibem seus cajados como forma de imposição em relação a outro cavalheiro. Nesse momento é que se compreende o motivo da existência do cajado: com ele o cavalheiro defende sua dama de outros. Em certos

¹¹³ Comandante atual, 41 anos, filho de dona Cristina. Responsável pelo bom desempenho da festa e guardião da cornetinha de bronze, seu nome segue a tradição da família, sendo também uma homenagem a São João Batista.

¹¹⁴ Nome de uma das danças dos caretas.

¹¹⁵ Expressão utilizada na comunidade para expressar a inquietação durante a dança e os toques dos instrumentos.

momentos, travam-se lutas em plena dança, e os cavalheiros duelam como se seus cajados fossem espadas. Essa disputa acontece porque algumas damas se enfeitam ou gingam mais, tornando-se cobiçadas e cortejadas por outros cavalheiros, fazendo com que seja necessário seu par defendê-la.

No decorrer das danças, as damas devem sempre tocar no cajado do cavalheiro no momento das evoluções. São sete passos diferentes, conhecidos como: batuquim, umbigada, contradança, cadeia grande, passagem de lenço, versos e marcha¹¹⁶. Nas danças apresentadas, a umbigada está presente em cinco delas.

Durante toda a festa, as crianças procuram ficar próximas dos caretas e observam os passos e encenam damas e cavalheiros. Com o encerramento das apresentações, os caretas cantam a marcha de São João Batista, sendo acompanhados pela comunidade. A “marcha” contém os seguintes versos¹¹⁷:

São João, batizou Cristo, (bis) (01)
Cristo batizou João,

Onde foram batizados (bis) (02)
Lá no rio de Jordão

Arê. Arê, rua.
Toma conta da bandeira (bis) (03)
Derradeiro capitão!

Marcha, marcha companheiros (bis) (04)
Todos com Muita alegria.

Vamos festejar São João, (bis) (05)
Na capela de Maria.

Arê. Arê, rua.
Toma conta da bandeira (bis) (06)
Derradeiro capitão!
Meu senhor e a senhora até (bis) (07)
Pro ano que vem

Se São João nos der vida, (bis) (08)

¹¹⁶ A música de São João Batista é conhecida pelos integrantes do grupo como “marcha”. De acordo com o comandante, tocadores e caretas não há livro ou caderno com a letra escrita dessa música na comunidade. O senhor Aureliano de 98 anos relatou que a “marcha” é repassada oralmente de geração em geração e que ele aprendeu com seu avô.

¹¹⁷ A música cantada pelos caretas. Segundo o Sr. Aureliano Lopes dos Reis, 96 anos, quando seu avô participava do grupo de caretas ele já catava essa música. Não há conhecimento da autoria da melodia, segundo o narrador ela é repassada de geração em geração.

Deus querendo e nós também.

Arê. Arê, rua

Toma conta da bandeira (bis) (09)

Derradeiro capitão.

Os caretas demonstram profundo sentimento ao cantar a marcha de São João Batista, contribuindo para a manutenção da tradição da Festa de Caretagem. Ela consiste em momentos de alegria para todos os negros da comunidade, unindo-os em seus costumes, sua história e sua memória, constituindo-se como vetor identitário étnico. A marcha, entoada pelos caretas e por toda a comunidade que os acompanham, é uma evocação para que preservem a tradição, sendo também uma aclamação ao capitão para ser guardião da bandeira até o próximo festejo.

De acordo com os caretas, a marcha vem sendo repassada entre as gerações e todas as vezes em que essa canção é entoada, as lembranças afloram, pois aprenderam a arte de dançar tocar e cantar com seus antepassados.

O momento do canto é também o momento de chorar pelos companheiros que faleceram. Essa reflexão pode ser compreendida através das palavras de Joaquim Lopes dos Reis¹¹⁸: “*Nós temos que cantar. Porque ninguém de nós sabe se vai estar aqui no ano que vem*”. O narrador demonstra o forte sentimento de pertencimento entre os integrantes do grupo, sendo extensiva também à comunidade, pois a música é acompanhada pelos presentes. Diante do clima, saudações são feitas: “viva São João Batista e também nossos irmãos falecidos!”. Dor e alegria misturam-se nesse momento. O rememorar puxa sob o fio da memória os nomes dos avôs, compadres, tios e irmãos, companheiros que faziam parte da tradição, na fé, na folia e também dos goles de bebidas quentes tomados durante a noite fria nos momentos da peregrinação. Bebidas que, de acordo com os narradores eram escondidas nas moitas¹¹⁹, no percurso da andança, por causa da proibição do comandante. Rememorar é presentificar o significado que cada careta demonstra ao participar da Festa de Caretagem. Esse sentimento é também demonstrado pela comunidade durante todo festejo. A esse respeito Delgado escreve:

¹¹⁸ Morador da comunidade, 71 anos de idade. Tocador de tambor no grupo de caretagem desde 15 anos. Também é o capitão de folia de Reis e tocador de cavaquinho. Embora seja aposentado, trabalha na roça para tirar parte do sustento da família.

¹¹⁹ Expressão usada pelos narradores quando se referem a arbustos ou gramíneas mais altas.

No processar da recordação estão presentes diferentes dimensões de tempo, que constituem a dinâmica das trajetórias individuais e coletivas dos sujeitos da História. São chamados tempos vivos, que comportam em si referenciais identitários. (DELGADO , op. cit., p. 46)

Segundo as palavras da autora, as experiências compartilhadas apontam para atitudes de solidariedade, fazendo do passado uma ponte para o vivido na reatualização do presente. A história da comunidade de São Domingos e da Festa de Caretagem em homenagem a São João Batista é contada e revivida pelos seus atores sociais. Desta maneira, os remanescentes vão dando prosseguimento na reconstrução da identidade étnica.

Em todas as casas, logo após a cantoria, os caretas, o comandante e os tocadores são convidados a participar da mesa preparada especialmente para a festa. Posteriormente, os demais presentes fazem a refeição. Conversas, sorrisos, histórias e contos, nesse intervalo, vão dando prosseguimento à festa. As histórias que são narradas durante o percurso envolvem os antepassados e a forma como o festejo acontecia. O momento transforma-se em troca de experiências de como eram as fantasias, a acolhida nas casas da comunidade, o oferecimento de pratos típicos, a quantidade de passos desenvolvidos em cada casa e a dificuldade diante da escuridão antes da energia elétrica. Nesse clima de lembrança, contos começam a ser evocados. Do casarão demolido no morro em que se ouvem gemidos, barulhos de correntes, colares de ferro e chaves encontradas no local. Falam de pessoas estranhas à comunidade, que aparecem e desaparecem misteriosamente na ponte de madeira. Nas mangueiras, o fenômeno também se repete. Na mata, a presença do *pé-pé* que vem da mata, passando por cima da água, para encontrar as crianças que desobedecem¹²⁰. Por último, uma história religiosa. Contam sobre a visita de Maria a sua Prima Isabel que estava grávida de seis meses. Estendem o conto dizendo que, após a visita, as primas combinaram que no momento do nascimento de João Batista, Isabel, sua mãe, acenderia uma fogueira em sinal de aviso. Nessa última história é que a comunidade e caretas justificam para os mais jovens a importância da fogueira como símbolo nos quintais, que são acesas pelos moradores. Sob contos populares, Costa comenta-se que:

Os contos populares são forma de reconstituição do coletivo anônimo, que atestam detalhes de ambientes, frases, hábitos desaparecidos ou mentalidade de uma determinada época, que faz despertar o poder da imaginação

¹²⁰ De acordo com a descrição de uma narradora, entendi que *pé-pé* é o mesmo que *saci-pêrêrê*, pois ao perguntar como ele era, disse que ele está presente nos ventos fortes, que formam rodãozinho.

adormecida em cada um de nós, levando-nos a vínculos afetivos com o passado. (COSTA, 2001, p.77)

Nas narrações desses contos, realizadas durante a festividade, são transmitidas histórias e tradições da comunidade, contribuindo para a reconstrução da identidade étnica. Findo o intervalo, a festa é retomada; após a apresentação do grupo, é servida uma farta mesa. Com o término da “comilança¹²¹”, a cornetinha e o tambor repicam, em sinal de retirada. A peregrinação começa pelas casas do povoado. O convite para os caretas dançarem está sinalizado nas fogueiras que são acesas nos quintais.

Durante a peregrinação, são apresentados os rituais completos, com todos os passos e danças, em três locais: na porta da casa de Dona Cristina, na porta da igreja e na casa do Sr. Nicolau Antônio de Oliveira¹²². Observa-se que nesses três locais o espaço é amplo, permitindo uma maior locomoção dos caretas. Do início ao final da festa, acontecem dois levantamentos de mastro.

O primeiro ocorre por volta de meia noite na casa de Dona Cristina: cavalheiros e damas formam duas filas, uma ao lado da outra, em frente à porta da sala; a festeira sai com a bandeira de São João Batista ao encontro do grupo, sendo acompanhada de uma menina que leva uma vela acesa; o comandante beija a bandeira e, como que imitando tal gesto, um casal de careta de cada vez faz o mesmo. Após o ritual, a festeira vai para o centro do terreiro¹²³, seguida do comandante. Tocadores e caretas seguem o casal que hasteia a bandeira. Começa um novo ritual com toques e danças, dando-se voltas em torno do mastro. Logo após a dança, em torno do mastro, caretas, tocadores, comandante e comunidade voltam para a porta da sala onde tem prosseguimento a festa. Ao término do ritual, são servidos pratos típicos, sempre obedecendo à hierarquia dos convivas: o comandante primeiro, seguido dos caretas e dos instrumentistas, logo após os demais participantes. Após os “comes e bebes”, o giro continua normalmente nas casas.

Às seis horas da manhã, o mesmo ritual acontece na porta da igreja. Nesse mesmo local concentram-se o cemitério, o cruzeiro e a praça. O toque do tambor e dos demais instrumentos quebra o silêncio do local sagrado. Os caretas começam a dançar. De acordo

¹²¹ Expressão utilizada na comunidade. Esta forma indica que a pessoa alimenta-se em excesso.

¹²² Ex-dançarino, 72 anos. Dono da casa onde se faz o almoço para o término da festa.

¹²³ Expressão utilizada por pessoas que moram na zona rural ao se referirem ao quintal.

com Rumoaldo Antônio Oliveira¹²⁴, “*os antepassado estão presentes nesse momento! A gente sente! Dá pra arrepiar*”.

A peregrinação termina ao meio dia na casa do senhor Nicolau. Essa é a casa mais afastada da comunidade. A estrada poeirenta é percorrida por caretas, instrumentistas e comandante, seguidos da comunidade. Os fogos anunciam o último ritual da festa. Mesmo demonstrando cansaço, os caretas desempenham a dança com muito entusiasmo. São realizados seis tipos de dança, finalizando com os versos rimados. Os caretas fazem um corredor e os casais, embalados pelos toques do tambor direcionam-se aos instrumentistas para recitarem versos. Cada casal de careta deve improvisar sua narrativa, se não conseguirem, são vaiados pelos companheiros.

A literatura oral, improvisada nos versos rimados, é declamada com gozações a respeito dos companheiros, declarações de amor, dedicatórias aos familiares, previsão para a festa do ano seguinte, agradecimento a São João Batista ou lembrança da história do Arraial. Ao concluírem esses rituais, todos vão para dentro da casa do Sr. Nicolau, cantam a marcha de São João, agradecem e saem pela porta da cozinha, onde será servido o “arremate”¹²⁵. Após almoçarem, toda a comunidade recolhe-se para descansar.

Mikhail Bakhtin (1987) afirma ser a festividade, qualquer que seja o seu tipo, uma forma primordial, marcante da civilização humana. A vinculação com os fins superiores da existência humana, com o mundo dos ideais, é condição essencial para que aconteça um clima de festa. Essa relação, contudo, só se realiza plenamente nas festas populares e públicas. Em se tratando da Festa de Caretagem, preparada para São João Batista, somente os negros da comunidade dançam, mantendo historicamente a tradição, valorizando e participando da festa como forma da manutenção da identidade étnica. De acordo com Soihet.

A festa se constitui num cenário privilegiado para a observação desses pressupostos. Em medida diversa, de acordo com a modalidade, estão presentes na festa aspectos expressivos do universo cultural dominante; por outro lado, aí se encontram imbricados elementos próprios da cultura popular, com suas tradições, seus símbolos, suas práticas. A festa é local de encontro e lazer desses grupos, nela ocorrendo uma influência recíproca entre ambos os segmentos. (SOIHET, 1992, p. 04)

Essa realidade social é percebida nas histórias e nos contos repassados durante a festa pelos mais velhos aos filhos e netos. As histórias narradas tornam-se lugar de encontro entre

¹²⁴ Tocador de tambor, sanfona e pandeiro, 49 anos. Entrevista gravada no dia 20 de janeiro de 2009.

¹²⁵ Expressão utilizada pelos moradores de São Domingos quando vão referir-se ao “almoço” oferecido ao término da “Festa de Caretagem” para caretas, comandante, tocadores e todos os presentes.

passado e presente, possibilitando o conhecimento do outrora, fazendo com que as novas gerações valorizem a festa como meio de perpetuar a sua identidade étnica.

Enfim, a dança dos caretas, com toda sua magia e encanto, promove a entrega dos moradores de São Domingos a uma comunhão de pensamentos e de gratidão. Assim, o prazer mistura-se à manifestação das emoções contidas no âmago da fé, culminado com uma festividade de cantorias de fundo religioso, entremeada de comilanças e danças típicas e ao som de instrumentos esplendidamente tocados. A Festa de Caretagem torna-se, portanto, um dos meios de análise da manutenção da identidade étnica dos moradores de São Domingos.

4.2 - A Festa como espaço de memória

No dia do Festejo, os parentes que moram fora, como em Paracatu ou Brasília, deslocam para São Domingos para ajudar na organização. Alguns vêm para dançar como Careta, outros para tocar instrumentos e há aqueles que somente ajudam na organização.

A Festa de Caretagem em homenagem as São João Batista é um marco no passado e no presente dos moradores, possibilitando o diálogo entre diferentes gerações. Dançar é uma forma de reconstruir a tradição, relembrar os primeiros dançarinos e a sociedade da qual fazem parte. Nas lembranças de D.Cristina Coutrim, ela conta:

Eu nasci em 1940 e quando eu tinha seis anos, eu me lembro de que meu pai contava para nós da Festa dos Caretas, que eles faziam em homenagem a São João Batista. Meu pai contava que meu avô já era festeiro. Aqui ninguém sabe ao certo quando a Festa começou, mas eu acho que vem desde o período da escravidão. Ela é uma tradição antiga, que vai sendo passada de geração em geração. Nela, temos as danças e algumas tiveram origem aqui mesmo.

(Entrevista concedida em 19/07/2007).

Como pode ser percebido no relato de D. Cristina Coutrim, os moradores desconhecem quando essa festividade começou, mas seguem a tradição afirmando que ela faz parte da cultura deles. Segundo a narradora, a Caretagem também é conhecida em São Domingos como Caretada, sendo essa uma Festa que os faz relembrar seus antepassados, por isso, eles gostam tanto. Lembra a narradora que os Caretas, desde sua infância, percorrem quase todas as casas. Neste sentido, Passos afirma que:

As festas marcam o tempo. O eco das vozes arrasta pessoas, temas, lugares. Memória, esquecimento, perdão vão sendo recortados na moldura da festa. Diligências de busca e procura. “Relembraimentos” da vida. De vidas. Entre a dureza do presente e o sonho de um futuro melhor, as festas ajudam a entender os arranjos do sentir, do viver e do agir. (PASSOS, op. cit., p.10)

Dançar sempre foi um ponto forte na cultura negra. As literaturas quase sempre apontam o gosto dos negros para esse elemento lúdico. Anjos afirma a importância da dança na África:

Ela acentua a unidade entre seus membros, por isso é quase sempre uma atividade grupal. Todos os acontecimentos da vida africana, nascimento, morte, plantio, são comemorados com dança [...] as danças africanas variam de região para região, mas a maioria delas tem certas características em comum. Os participantes geralmente dançam em fila ou círculo raramente sozinhos ou em pares. Em sua maioria, todos os homens, mulheres e crianças participam batendo palmas ao redor dos dançarinos. As danças chegam a apresentar algumas vezes até seis ritmos ao mesmo tempo e seus dançarinos podem usar máscaras ou enfeitar o corpo com tinta para tornar seus movimentos expressivos. No Brasil foram preservadas e recriadas tradições coreógrafas de origem africana, especialmente quando transferidas do sagrado para o profano. (ANJOS, op. cit., p. 78)

A Caretagem herdada dos antepassados preserva e reconstrói alguns traços da cultura dos moradores de São Domingos que vão sendo repassados de geração em geração por meio da oralidade. Foi possível perceber na pesquisa de campo que, ao falarem sobre a Festa, está muito presente entre os entrevistados a memória herdada dos antepassados, tornando-se esta uma ligação entre passado e presente. Compartilho com Perez (2002, p. 19) sua definição sobre festa “[é], antes de mais nada e acima de tudo um ato coletivo extraordinário, extratemporal e extralógico”. É nesse sentido que vejo a Festa dos Caretas, uma manifestação cultural seguida de tradição, apoiada no sentimento de pertencimento e repassada de geração em geração.

No clima de folia e alegria, todos os anos os moradores de São Domingos se dedicam à Festa de forma coletiva, acontecendo uma efervescência em seu comportamento. Nesse momento, as pessoas se libertam, desaparecendo as amarras da discriminação e do preconceito na instauração do sentimento de inteiração e sociabilidade. Acredito que esse comportamento acontece pelo fato de a Festa ser pensada e organizada para os moradores. Alguns visitantes de Paracatu participam no período inicial do Festejo, mas poucas horas depois se retiram.

O sentido da Festa de Caretagem pode ser melhor compreendido nas falas desses sujeitos sociais. Na reminiscência do passado, retomaram a infância e com ela a adolescência, chegando até a velhice. Neste sentido foi que o Sr. Aureliano narrou:

Eu, desde pequeno comecei a dançar. Esses com quem eu aprendi, todos já morreram. Eu via o pessoal tocando e inventei também de tocar. Meus irmãos também dançavam, Manuel Lopes, Agostinho tocava viola... Eles dançavam muito. Eu gostava de dançar. Todo ano eu dançava. Todo ano ensaiava e reunia a comunidade. Eu acho que ser um careta é estar sempre alegre. A Festa de Caretagem está dentro de nós. Se não tiver Caretagem, o povo fica triste. É por isso que sempre tem a Caretagem. Hoje só alguns dos mais velhos dançam, a maioria dos dançarinos de hoje é uma menina, tudo rapazinho pequeno, mas passam a noite inteira dançando. Mas isso aí é uma alegria pro pessoal.
(Entrevista concedida em 26/06/2008).

O gosto pela Festa está presente em todas as entrevistas e o incentivo vem das pessoas mais velhas e dos pais. De acordo com o Sr. Aureliano, a renovação de tocadores e dançantes vai dando prosseguimento à Festa de São João. Muitas vezes o observador de hoje será o dançante ou tocador da próxima Festa.

O envolvimento e a participação dos adolescentes garantirão a manutenção da Festa e a reconstrução da identidade étnica. São eles que representam a continuidade quando substituem os idosos. No espaço Festivo acontece a união dos moradores e nele os sujeitos sociais compartilham do que seus antepassados faziam. Cada geração tem uma maneira de fazer isso acontecer, o que torna a Festa mais atraente e bonita. Para o Sr. Geraldo Santana dos Reis¹²⁶, 55 anos: “o que tem de alegria pra esse lugar é esse dia assim de festa e seguir a tradição da Festa de São João que faz lembrar nossos pais, nossos avôs” (entrevista concedida 26/06/2008).

A Festa, como pude perceber na entrevista, é um reviver, uma forma étnica de partilhar a comunicação entre passado e presente, tornando-se patrimônio dos moradores. É um comungar que acontece de forma coletiva através da organização da Festa, dos preparativos dos enfeites, da fogueiras, das comidas, dos toques e instrumentos e da dança de Caretagem. Esses rituais revitalizam a união dos moradores todos os anos, sendo uma herança cultural deixada pelos antepassados. A Festa é o momento de se recriar, em constante mudança e reinvenção, pois é na própria estrutura do rito e da Festa que as transformações ocorrem todo ano.

¹²⁶ Nascido em 1952. Ex-comandante da Caretagem, lavrador, servente de pedreiro.

A homenagem feita a São João Batista não existe somente pelo fato de divertir os moradores, ela é responsável também pelo repasse da história e da memória que vão reconstruindo a identidade étnica dos moradores de São Domingos. Ela marca o sensível, visível, corporal e mental, transforma as ações e indumentárias utilizadas em signos que vão sendo apropriados/reapropriados de geração em geração. Participar desse momento é estar em sintonia com o que os antepassados faziam. Neste sentido, José Maria, 54 anos¹²⁷, diz.

Eu aprendi tocar, olhando. Eu era moleque. Eu e a meninada da minha época ficávamos doidos pra dançar e tocar. Então nós prestávamos atenção em tudo. Era os pais, irmãos, tios, mães, os parentes, tudo ali vendo os caretas dançarem, na casa da gente e na casa dos parentes. Era uma animação, parece até que tinha formiga nas pernas, nós sacudíamos sem parar. Então eu fui crescendo e nunca parei de participar. Essa Festa vem dos ancestrais e mexe com a gente. Acaba hoje, a gente já fica esperando o ano que vem. A festa faz parte da gente. É bom demais. Tem gente que vem para assistir nossa apresentação, mas não dá conta de ficar como nós, a noite toda. Também isso é uma coisa nossa! Vem de sangue, está no nosso sangue, é de tradição. Nossos antepassados faziam assim, dançavam a noite toda, só paravam no outro dia, meio dia.
(Entrevista concedida em 26/06/2008).

Conforme narra José Maria, a Festa une os moradores que mantém laços de parentela e compadrio. Celebram com alegria os ensinamentos deixados por seus antepassados. Acolhem amigos, parentes e visitantes. O Festejar, de acordo com o narrador, tem sentido para os festeiros porque não é uma Festa comum: vem sendo repassada por meio da tradição. E assim vão dando prosseguimento ao que os antigos faziam.

É interessante como se pontua a sociabilidade entre os parentes que se reúnem para juntos participarem da homenagem a São João Batista. Sociabilidade e solidariedade vão entrelaçando os moradores, celebrando o velho no novo. Agullon (1994) relaciona sociabilidade ao entendimento da habilidade das pessoas viverem em grupos e de fortalecerem laços de convivência.

Na Festa, partilham comidas, bebidas, músicas, danças, casas, quintais, fogueiras e enfeites. O privado torna-se público. Em cada casa onde há apresentação dos Caretas, o espaço do quintal, que é algo privado, torna-se público, rompendo com essas fronteiras e recebendo a todos num ambiente festivo e familiar. A Festa é o local da reunião da fé, diversão e sociabilidade entre os moradores de São Domingos.

É nesse clima festivo que crescem os meninos: assistindo ao ritual da dança, e testemunhando a fé de seus pais e avós, aguardando a vez de comporem ao grupo como

¹²⁷ Nascido em 1954. Sanfoneiro, tocador de violão, pandeirista. Trabalhador rural.

Caretas ou tocadores, sendo que cada um vê a festividade do seu jeito. Assim, a cada ano, a Festa é sempre outra, a ela são agregados novos elementos no refazer contínuo dos seus dançantes, que a cada ano procuram inovar sua performance, acontecendo também a inserção de novos Caretas. A entrada dos novos sujeitos sociais que fazem a história da Festa pode ser compreendida como escreveu Perez (op. cit., 2002); com os jovens, a Festa vai se recriando e rejuvenescendo seu sistema social. Manter-se acordado e ativo durante o festejo é justificado pelo fato de gostarem, de estar no sangue, ser “algo deles”, herdado de seus antepassados.

A Festa de São João Batista dançada pelos Caretas é a mais popular de São Domingos. Tendo caráter religioso, encontra adesão desde a criança de colo até o idoso. Arnaldo Lopes da Silva, 42 anos¹²⁸, diz que a Festa de São João supera não somente a do Padroeiro do Arraial que é São Domingos, mas todas as demais organizadas na localidade. A explicação, segundo ele, dá-se porque:

A existência da festa é muito antiga. Quando essa festa começou, ninguém sabe dizer. Nós sabemos que essa festa vem dos mais velhos, das gerações antigas. É o que eu ouvi do meu pai, é o que meu pai ouviu do pai dele, e vai passando. Mas ela aproxima a comunidade e é um dia de grande alegria pra nós festejar o dia 23 para 24 de junho. A música, a dança e os instrumentos fazem a comunidade se reunir. O barulho dos instrumentos dos gritos e risos dos moradores, de longe a gente escuta. Assim, a gente sabe que a Festa vai começar. Não tem idade pra brincar. Velhos, crianças, rapaziada, todo mundo dança. É incrível como isso mexe com a gente. É a marca da nossa comunidade. É nossa identidade. Falou de Caretagem, falou de São Domingos.

(Entrevista concedida em 26/06/2008).

Como pode ser percebido no relato do Sr. Arnaldo Lopes, a festa é para eles um marco no calendário festivo religioso e um vetor de identidade. Está na mente e no coração dos moradores de São Domingos, sendo lembrada e esperada com alegria pelos remanescentes de diferentes faixas etárias.

O universo simbólico que gira em torno da Festa é riquíssimo e produto de uma linguagem social. Os caretas se utilizam de símbolos como máscara, roupas com fitas, polacos, guisos, fogueiras, mastros, bandeiras de São João e culinárias variadas. Todos esses elementos são produzidos coletivamente dentro das famílias o que contribui para o sentimento de pertencimento étnico.

¹²⁸ Nascido em 1965. Tocador de sanfona, pandeiro e caixa, tambor. Ex-dançante. Entrevista gravada em 23/10/2007.

A paisagem da Festa, como foi narrada por Arnaldo Lopes, é feita essencialmente a partir de uma multiplicidade, formando nos espaços da dança, uma diversidade cultural. Isso acontece em função do tecido social com que a Festa é constituída: diferentes sujeitos sociais, diferentes gerações. Festejar é, portanto, o momento em que os moradores religam o passado ao presente, reúnem os moradores que relembram seus antepassados com saudosismo, agitação e movimento. Dito de outra maneira por Romualdo Antônio de Oliveira, 49 anos¹²⁹:

Tudo é Festa pra nós. Não tem momento ruim. E dançar todos os anos, significa que nós estamos mantendo a tradição dos antepassados. A hora que começa a dança, dá um arrepio na gente. A dança corre solta, vem a lembrança dos nossos pais, dos parentes e parece que dá mais vontade de dançar ainda. Ninguém fica parado, todo mundo dança. O agito é geral, dançam os Caretas, os tocadores mexem nem que seja com os pés. E os que 'tão do lado de fora assistindo também balançam.
(Entrevista concedida em 26/06/2008).

Nos relatos de Romualdo Antônio, os momentos de aprendizagem passam primeiro pelos pais, que mantêm a tradição através da oralidade, na produção da roupa em casa, estendendo-se então para os locais onde a dança se realiza, ou seja, nas casas dos parentes ou amigos. O entrevistado conta ainda que desde menino fora incentivado pelo pai e que hoje faz o mesmo com os dois filhos, que também participam da Festa. A dança, segundo ele, é algo que faz parte dos moradores, é uma história que deve ser seguida; assim como o aprender com os pais a arte de enfeitar a roupa; com o comandante, dançar sem cometer erros, manter a alegria durante toda a noite. Tudo isso é possível em função de uma dinâmica que acontece, interpelando o espetáculo das mudanças que acontecem durante as apresentações.

Esses são registros presentes tanto nos tocadores, quanto nos dançantes ou cozinheiras, símbolos que vão sendo demonstrados no decorrer da Festa. Neste misto de festividade sagrada/profana, os moradores vão comemorando o dia de São João Batista por meio das encenações de música e dança, tonalizando passado e presente.

Cada ano em que participei da Festa, presenciei um reinventar sorrisos de encantamentos – seja nas roupas, nas máscaras, na coreografia ou na culinária. Esses elementos vão tonificando a cultura da qual os dançantes, tocadores e moradores fazem parte, tornando o evento uma novidade a cada organização. Um espaço de encantamento. Nas palavras de Perez (op. cit., p. 48), “A festa expressa uma concepção do mundo, na qual a

¹²⁹ Nascido em 1961. Ex-dançante. Tocador de tambor, sanfona, pandeiro, caixa e ajuda quando necessário no comando da Caretagem.

‘forma efetiva da vida é ao mesmo tempo sua forma ideal ressuscitada’. O princípio do riso e a sensação carnavalesca do mundo”.

A habilidade de incorporar essa plasticidade entre o que faziam os antepassados e o que fazem os dançantes e tocadores atualmente é explicado por Robson Lopes dos Reis 38 anos¹³⁰:

Quando eu era menino, eu prestava atenção nos passos, nas músicas, na batida dos instrumentos. Tudo isso entrou dentro de mim e não só de mim, mas dos menino que eram do meu tempo. Está dentro de nós. A Festa de São João acaba sendo uma brincadeira igual ao carnaval. Muito barulho dos enfeites no corpo, máscara, música, gritos, risos. A gente esquece de tudo, é só folia. Mas uma coisa vai ligando à outra quando juntam tocadores e Caretas. Os Caretas mais velhos simbolizam pros jovens a experiência do que aprendeu com os antigos. Também tem os tocadores que significam a mesma coisa. E tem os instrumentos que nem os tocadores e nem os Caretas mais velhos sabem a idade. Mas o que interessa é que nós mantemos a tradição. Essa dança é uma dança que eu gosto muito e acredito muito.
(Entrevista concedida em 12/08/2007).

Como disse o narrador, a presença constante na festividade desde a infância permite a apreciação e incorporação dos sentidos da Festa. Durante a pesquisa, foi possível observar que os moradores foram unânimes em afirmar que “ela está dentro de nós”, respaldando-se na ação da memória e da própria história, repassando esse “saber que aprenderam com os antigos”, como afirmou Robson Lopes, fazendo com que continue a existir, preservando e recriando a tradição.

É interessante observar como Robson Lopes delimita o olhar como ponto essencial da aprendizagem. Ele é a leitura que permite ao aprendiz criar sua personagem quando vai dançar pela primeira vez como Careta. Não considero essa ação uma mimese, ou seja, uma cópia fidedigna do passado, mas algo reconstruído, reinventado, dadas tantas vezes que presenciei o fazer e refazer da Festa. A cada ano, o novo aparece. Não há personagens idênticos no espaço Festivo, mas sim Caretas, que se diferenciam no esplendor da criatividade da fantasia e dança quando apresentam.

Em relação à religiosidade, mesmo que a Festa seja em homenagem a São João Batista, o espírito carnavalesco está sempre presente durante a comemoração, relacionando sagrado e profano. A forma como os meninos vão encarando o ato festivo revela a atenção que eles têm nos dançantes mais velhos. Esses são espelho de sabedoria e experiência para os jovens, que se tornarão tocadores e dançarinos no futuro. Nas lembranças de Leonardo Gomes

¹³⁰ Nascido em 1969. Ex-dançante. Tocador de pandeiro, caixa.

da Silva¹³¹, 15 anos, a Festa é motivo de alegria, ele sempre participou assistindo aos caretas dançarem com seus pais. Conforme ele conta:

Eu via e falava: um dia eu vou dançar de Careta. Até que um dia meu irmão, que dança há 5 anos, me ensinou a dançar. Aí eu comecei a dançar de dama. Eu acho muito bom. No início, quando começa a dançar, é uma emoção, tem um clima muito bom, a gente vai dançando e pulando. Eu gosto mais das danças de passagem de lenço e contradança, elas dão mais emoção e alegria! A gente pula mais. Mas no final é muito triste, porque acaba a Festa. A gente vai ter que esperar só no outro ano pra dançar de novo a Festa dos Caretas

(Entrevista concedida em 23/06/2007).

De acordo com Leonardo Gomes, o gosto que ele e os garotos de sua idade têm pela Festa é fruto do ensinamento dos pais, parentes e moradores, que sempre os envolvem desde criança na comemoração festiva. Essa é uma experiência vivenciada de forma coletiva. Em seu relato afirma que antes de se tornar um Careta, ele tinha um conhecimento razoável de como dançar e cantar a música para São João. Mas reconhece que se tornou conhecedor e disciplinado das regras e do comportamento durante as apresentações somente quando passou a fazer parte do grupo.

Outro fator importante mencionado por Leonardo Gomes, é que os pais e as pessoas mais velhas sempre contam “histórias da Festa de Caretagem”, a forma como ela acontecia e como era a participação dos antepassados; conforme relata: “*eu sempre ouvi histórias da Festa, e minha madrinha Cristina também me incentiva muito. Do jeito que ela conta que era a Festa antigamente, era um pouco diferente de hoje, mas eu acho que a alegria é a mesma!*” Nesse sentido, a experiência compartilhada é um fator importante para a preservação dessa tradição. Costa (2001, p. 82) escreve que: “é nesse ato de reinterpretação constante dos fatos de outrora no presente que narrador e ouvinte vão tecendo os fios da narrativa como memória compartilhada”. Essa inteiração de sentido, pode ser compreendida na reflexão do entrevistado ao dizer: “*então, eu considero a Festa muito importante para nós, porque ela faz parte da tradição dos antepassados, e nós vamos dando seguimento*”. Como pode ser percebido na narrativa, esse momento torna-se o de reconhecimento da tradição.

Na entrevista com Bruno Coutrim dos Reis, 13 anos¹³², ele disse que entre os adolescentes de São Domingos, a vontade de ser um careta é grande e mesmo quando se torna membro do grupo a ansiedade não deixa de existir. Em suas reflexões, ele relata que essa é

¹³¹ Estudante, trabalhador no feitiço de rapadura. Começou a dançar com 11 anos.

¹³² Nascido 1998. Filho do comandante e dançante de dama desde 2006.

uma experiência que vem de família, cujo envolvimento se revela nas primeiras lembranças de sua infância.

Eu participo há muito tempo. Meu pai hoje é o comandante da Festa de São João e vem seguindo a tradição do meu bisavô. O que eu sei é ensinamento do meu pai e de outros antepassados que passaram para ele! Eu gosto da Festa. Acho bom porque distrai a mente, é uma maneira de se divertir. Para mim, a Festa podia durar o resto da vida. Tem vez que a gente fica com dor de barriga de tanta ansiedade. Você fica esperando, esperando, esperando, quando chega o dia, você está tão alegre, que até doente fica. Dá dor de barriga. Eu acredito que aprendendo o que meu pai e os outros adultos estão fazendo, a tradição não vai morrer.

(Entrevista concedida em 12/08/2009).

O relato da experiência vivenciada por Bruno demonstra que tanto ele como outros garotos de sua idade tem interesse em aprender os rituais da Festa para manter a tradição. A aprendizagem é um processo contínuo “Os papéis, bem como os valores e as tradições que por meio deles se encarnam, vão sendo definidos com o passar dos anos, e por isso, a aprendizagem é constante”. O papel da família e da memória é fundamental no repasse e na preservação dessa manifestação cultural. De acordo com Costa (2001), “o rememorador individualiza, paulatinamente, a memória comum e, no que lembra e como lembra, dá significação ao fato”. Ao reportar-se à Festa, Bruno demonstra que a festividade em homenagem a São João Batista para ele e seus companheiros da mesma idade torna-se também momento de distração, o que se reflete em suas palavras quando diz : **“para mim a Festa podia durar o resto da vida”** (grifo meu).

Em todas as entrevistas, os narradores demonstram que, da infância à idade adulta, as lembranças da Festa são compartilhadas. Assim as gerações mais novas vão aprendendo os passos com o comandante, os toques com os tocadores experientes e os versos cantados ou rimados com todo grupo.

A música cantada pelos Caretas é uma forma poética, entoada ao som do tambor, violão, sanfona, xique-xique, pandeiro e caixa. O cruzamento dos sons de instrumentos e vozes de dançarinos e tocadores ecoam rimas à comunidade, rogando que São João Batista dê vida aos donos da casa, assim como para eles. Essa é uma forma romântica expressa durante toda noite e parte do dia, cantada aos moradores que os acolhem e os alimentam.

Os versos feitos sob a forma de repente são também uma maneira de honrar os donos da casa com “sentidos familiares, gracejos” e “contar a história do Povoado”, onde passado e presente, se imbricam na voz dos Caretas. A natureza dos versos é às vezes provocativa,

direcionada a algum companheiro do grupo, instigando o careta a responder o desafio. Em cada apresentação, o casal de Careta deve ir à frente dos tocadores para responder o desafio feito a ele. A linguagem utilizada envolve palavras simples do cotidiano, sem preocupação com a presença de pessoas de fora. Tais versos serão analisados em um momento específico do trabalho mais adiante; por hora a intenção foi tornar possível a leitura da história da Festa de Caretagem na memória, dos sujeitos sócios de São Domingos.

4.3 - Momentos de afirmação da identidade étnica : primeiros sinais

Durante o Festejo acontecem vários momentos significativos, mas em especial três desses, entendo como forma de reafirmação da identidade étnica sendo eles:

- 1º - Os ensaios de preparação para a Festa de São João;
- 2º - O levantamento do mastro e dança na casa de D. Cristina Coutrim dos Reis;
- 3º - Arremate na casa do Sr. Nicolau Antonio de Oliveira.

4.3.1 - Os ensaios de preparação para a Festa de São João

Os preparativos para a homenagem começam no primeiro domingo do mês de junho estendendo-se até o momento do festejo, na noite de 23 de junho.

Durante os três domingos que antecedem a Festa, reúnem-se comandante, tocadores e dançantes para ensaiar a apresentação que faz parte do festejo na noite de São João Batista 23/24 de junho.

No primeiro ensaio, o comandante (re)passa para os Caretas as regras que devem ser cumpridas pedindo obediência de todos e cuidado com a performance no momento da apresentação. A dança dos Caretas geralmente é composta por 24 homens e aproximadamente 6 tocadores. O grupo se posiciona formando duas filas de dançadores nas laterais, sendo que os tocadores formam outra na horizontal. Os tocadores quase sempre ficam em frente aos Caretas, quando isso não é possível devido ao espaço, eles ficam na lateral mas de frente para os dançarinos. O tocador de tambor tem mais responsabilidade em relação aos demais, pois é

ele que faz a marcação dos passos. O comandante fica sempre andando entre as filas para assegurar o bom andamento da apresentação. Durante os ensaios e no dia da apresentação o grupo obedece à seguinte disposição como pode ser visualizado na ilustração 1.

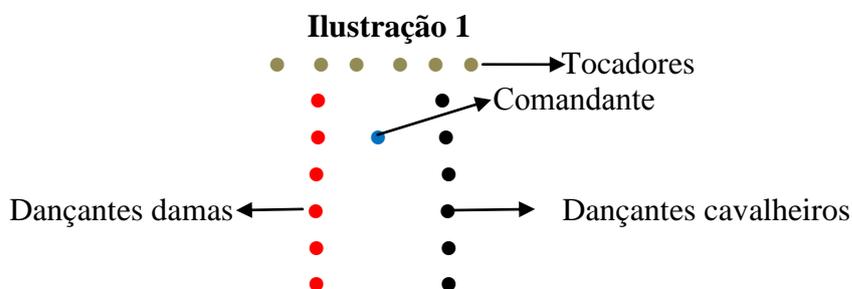
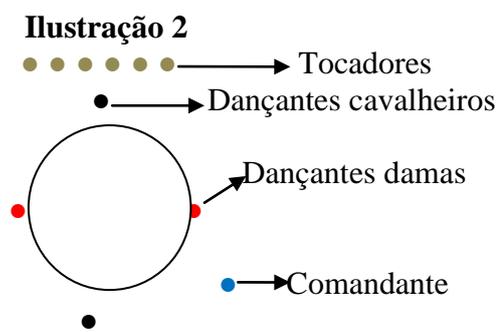
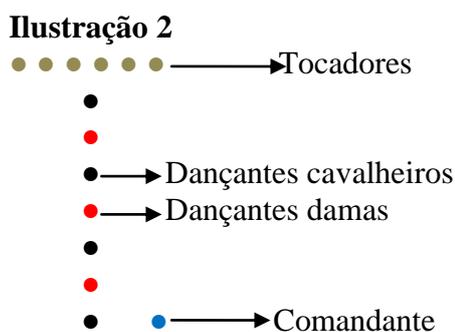


Ilustração 1: Posicionamento inicial do grupo de Caretas, tocadores e comandante. A identificação dos atuantes foi disposta em cores para melhor compreensão. Assim, a cor verde musgo representa os tocadores. A cor preta os cavalheiros. A vermelha as damas e a azul o comandante.

Como pode ser observado no alinhamento, Caretas e tocadores devem estar sempre em posicionamento; isso ajuda o comandante a se deslocar de um lado para outro.

A coreografia desempenhada nas danças é composta de posições e movimentos variados que fazem lembrar figuras geométricas. Durante o desempenho dos Caretas, as posições demonstram a seguinte ordem: formato de cruz, círculo, semicírculo, costura¹³³, troca de lados e movimentos giratórios como pode ser observado nas ilustrações 2 e 3.



Ilustrações: 2 e 3: A primeira ilustração permite ter uma idéia da formação da fila feita pelos dançarinos para o semicírculo. A mesma formação também é utilizado para a dança em formato de caracol. Na segunda ilustração o posicionamento que o grupo de dançantes assumem para darem as mãos. De mãos dadas eles abrem e fecham a roda simultaneamente.

Esse posicionamento permite ter uma idéia da marcação dos passos e da disposição do grupo de Caretas. A responsabilidade pelo sucesso dos movimentos executados pelos

¹³³ Em círculo, os cavalheiros, deslocam-se passando por dentro e por fora das damas, como em um movimento de costura.

dançarinos, do início ao fim da apresentação, recai muitas vezes sobre os guias¹³⁴, ou seja, o cavalheiro e a dama que ficam à frente da fila direcionando os companheiros; são eles os responsáveis por todos os movimentos e deslocamentos coreográficos. O que eles começam é seguido pelo grupo. Nas lembranças de Robson Lopes, ele diz que, quando criança, prestava muita atenção nos guias das filas e ao começar a dançar com 15 anos, em 1984, seu fascínio não deixou de existir; ao contrário, como dançante, ele tinha mais consciência das obrigações e responsabilidades que os guias deveriam desempenhar. Acrescenta ainda que desde menino até o tempo presente (2010), esse comportamento é direcionado pelos guias. Segundo Robson Lopes, o papel do guia:

Não é para qualquer cavalheiro ou qualquer dama. Tem que ser um cavalheiro específico que conhece e tem que ser uma dama que também conhece. Porque se inicia todas as danças através da guia. A guia tem que saber qual que é a dança e como que inicia. Os movimentos todinhos são em torno da guia. A guia simboliza aquele que está na frente. Então o guia vai levar o grupo de sua fila. Se ele errar, vai o grupo todinho errando. O guia tem a função de conduzir. Se ele começar certo, termina certo. Se ele começar errado, termina errado. Dificilmente acha outros para essa função, porque foram treinados.
(Entrevista concedida em 12/08/2007).

A descrição da atuação dos guias feita por Robson Lopes é uma maneira de explicar a importância desses para o sucesso do grupo dançante. Pode ser percebido também em sua narrativa as diferentes etapas que ele tem vivenciado no momento do ensaio, ao longo desses anos. Nas ilustrações 4 e 5 podem ser observados outros movimentos desempenhados pelo grupo.

Ilustração 4

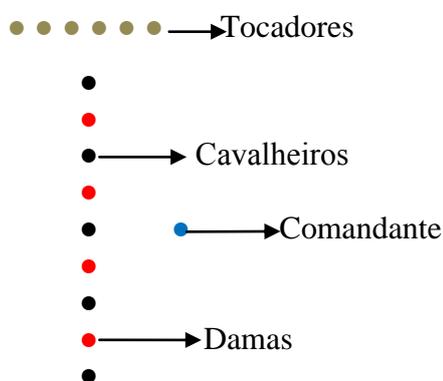
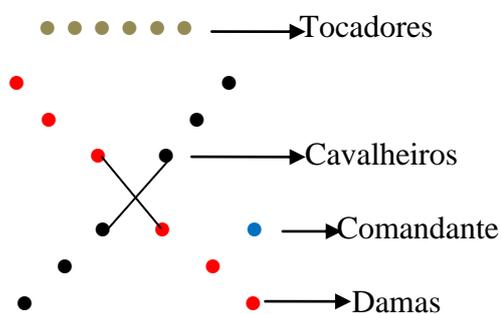


Ilustração 5



Ilustrações 4 e 5: As ilustrações demonstram as posições que os dançantes e tocadores ocupam durante a apresentação.

¹³⁴ Nome dado aos dois caretas que dançam puxando o grupo. Os guias, cavalheiro e dama, são dançarinos que tem o conhecimento de todos os passos, do início ao final da dança.

A intenção de especificar a organização do grupo através das ilustrações acima tem por objetivo tornar possível a leitura de como os movimentos das danças acontecem. Durante todo o momento de apresentação, o grupo de caretas movimentam-se de formas variadas passando uns pelos outros, trocando de lado em movimentos que vão da direita para a esquerda, ou vice-versa. É importante ressaltar que todos os posicionamentos beneficiam os dançantes que ficam bem próximos um do outro.

Os ensaios geralmente são feitos na casa do comandante e são assistidos pelos moradores de São Domingos. Os presentes ficam atentos às instruções dadas pelo comandante¹³⁵ da Caretagem que utiliza, como auxílio para organizar o ensaio, uma cornetinha de sopro em bronze de idade desconhecida pelo grupo, e pode ser visualizada nas imagens abaixo 70 e 71:



Imagens 70 e 71: Cornetinha utilizada pelo comandante. Sua utilidade é reunir os caretas através dos apitos que o comandante emite. Segundo os dois últimos comandantes, Geraldo e João, a cornetinha sempre foi utilizada e eles desconhecem a idade da mesma. Fonte: arquivo do pesquisador, 2008.

Essa cornetinha ajuda a sinalizar os momentos de evoluções nos toques das músicas e mudanças de passos dos dançarinos. Os ensaios são repetidos várias vezes e o comandante fica sempre atento aos erros, tanto nos toques musicais como nos passos dos dançarinos. Durante todo o ensaio, o comandante apita a cornetinha para chamar a atenção dos caretas e tocadores. De acordo com o Sr. Aurelino esse comportamento acontece desde a época que ele era criança. Rememora o remanescente, que sentia muita vontade de ensaiar para dançar na Festa em homenagem a São João, porém havia idade mínima estabelecida pelo comandante. Conta o narrador que:

Eu era menino e tinha muita vontade de fazer parte do grupo de Careta. Todo ano no mês de junho tinha os preparativos para a homenagem de São

¹³⁵ No arraial de São Domingos a função de comandante é repassada tradicionalmente na família dos Lopes. João está no comando há dois anos 2008/2009.

João. A gente já ficava esperando na vontade de que junho chegasse logo, porque os mais velhos sempre comentavam que era o dia da festa mais alegre e a gente via isso! Eles ensinavam a gente a gostar da Festa. Então era uma alegria ver o preparo das máscaras, das roupas, dos guisos, das comidas, bebidas e dos cajados. Nós vivíamos isso no mês junho até o dia da Festa. Os mais velhos comentavam que essa Festa sempre foi a que todo mundo mais gostou. As outras festas nós gostamos também, elas reúnem a comunidade, mas a Festa dos Caretas 'tá no sangue. Quando eu era menino, meu avô participava e eu ficava prestando atenção, mas não podia participar, porque não tinha idade. Só quando eu fiz 15 anos foi que eu participei pela primeira vez. Foi uma emoção pra mim! Eu estava seguindo a tradição dos antepassados. É a festa mais esperada, reúne os velhos, os jovens e as crianças. Eu acho que por participar todo mundo, cada qual do seu jeito, os Caretas dançando, os tocadores trazendo a música nos instrumentos e as mulheres fazendo a comida pra Festa. Tudo isso junto com a fé traz mais gosto e alegria. O ensaio e a Festa vêm desse jeito desde a época em que eu era menino sendo repassada até os dias de hoje. Essa Festa envolve mais os moradores, ela traz alegria. Identifica os moradores de São Domingos.

(Entrevista concedida em 12/08/2009).

A reflexão feita pelo narrador é uma incursão ao ano de 1927. Segundo ele, a organização do ensaio, desde sua infância até os dias de hoje, tem como propósito reunir os moradores para a celebração festiva, uma experiência que é partilhada conjuntamente. De acordo com o Sr. Aureliano, a festividade organizada para São João Batista tem por objetivo rezar associando a fé à alegria de tocar, dançar, comer e beber, o que é um costume praticado desde antes de ele se tornar um Careta. Pode ser observado em suas lembranças que o ensaio é um momento importante no repasse desse conhecimento: constitui uma ocasião em que os mais velhos, portadores do saber fazer, transmitem através da oralidade a tradição aprendida/ensinada ao longo do tempo. De acordo com o Sr. Geraldo Santana Lopes dos Reis, seu pai lhe contou que o ensaio sempre aconteceu, em seguida afirma que nos anos de 1960, quando tinha seis anos de idade, ele acompanhava os pais. Para ele a tradição se mantém viva porque:

*Nós acreditamos no que fazemos que é seguir a tradição da Festa passada desde nossos antepassados. **A Festa está no nosso sangue.** No ensaio com a comunidade reunida ele se torna motivo das lembranças daqueles que já morreram, mas que ensinaram pra nós que comemorar a Festa de São João é **manter nossa raiz e nossa identidade de morador de São Domingos.** Tudo na Festa é importante pra nós. Como o senhor já viu, A Festa é motivo de alegria pra comunidade. E pra alegrar a Festa, nós utilizamos de instrumentos que são tocados pra dar candência.¹³⁶*

(Entrevista concedida em 23/10/2008. Grifo meu.)

¹³⁶ Expressão utilizada pelos Caretas para designar harmonia e alegria na Festa.

Na fala do Sr Geraldo Santana, é possível apreender que o ensinamento dos pais e moradores mais idosos de São Domingos ao se reunirem para os ensaios exerce um papel fundamental para manutenção da tradição festiva. O narrador, ao falar do ensaio, demonstra que é uma maneira de transmitir também a história dos seus antepassados. Para o repasse dessa tradição, buscam nas lembranças as experiências vivenciadas. Nesse momento, os mais velhos contam histórias dos moradores para crianças e adolescentes, reportando-se aos séculos XIX, XX e XXI. Concordo com Costa (2001, p. 77) quando escreve que: “[a] narrativa caracteriza-se assim como manifestação e expressão cultural”. Entendo dessa maneira que a tradição da Festa de Caretagem está associada às histórias que são repassadas no momento do ensaio, levando os presentes a reconhecerem e identificarem-se a partir do conhecimento de sua própria história.

Nas reflexões dos Sr. Geraldo Santana, ele afirma que o ensaio aproxima os moradores por ser uma experiência vivenciada coletivamente; além disso, os tocadores sensibilizam os presentes, pois cada um de seus instrumentos¹³⁷ (cornetinha, tambor, caixa, sanfona, xique-xique e pandeiro) pertenceram a um parente que já faleceu sendo tocado contemporaneamente por um filho neto ou bisneto, como mostram as imagens 72, 73 e 74.



Imagens 72, 73 e 74: Pode ser observado nas imagens a presença de jovens tocando junto com os tocadores mais idosos. Fonte: acervo do pesquisador, 2008.

A harmonia dos sons desses instrumentos proporciona aos participantes da comunidade um clima de folia agitação e gritos. É possível visualizar nas imagens o espírito festivo dos tocadores. Muitas vezes, quando acontece revezamento de tocadores, os que cedem os instrumentos tomam posse de latas e panelas, entre outros objetos, e continuam a tocar seguindo o ritmo dos companheiros, como pode ser observado na imagem central.

¹³⁷ Os instrumentos para os moradores tem sentido de objetos biográficos. Por passarem de uma geração para outra, tornam-se objetos de sentimentos e recordações.

O espaço do ensaio reitera laços de afeto e emoção. De acordo com os instrumentistas, os finais de semana que antecedem a Festa são importantes, pois preparam tocadores e dançantes para não cometerem erros no dia oficial da Festa, uma vez que todos os anos há entrada de adolescentes e jovens para o grupo, como pode ser observado nas imagens a seguir 75, 76 e 77:



Imagens 75, 76 e 77: Nas imagens pode ser visualizado um número significativo de adolescentes que ensaiam para a Festa de Caretagem em homenagem a São João Batista. Fonte: arquivo do pesquisador, 2008.

De acordo com os Caretas veteranos, os novos componentes sempre trazem para o grupo um constante processo de mudança e recriação no espaço do ensaio e posteriormente isso acontece também no dia oficial da Festa. Apreendo que isso acontece porque tudo que se transmite muda, adaptando e reordenando novos sentidos. Dessa maneira, acontecem construções e reconstruções na forma de se comportar dos novos integrantes nos ensaios. Eles trazem inovações, recriando a forma de gingar ou de se comportar diante dos companheiros. Essas atitudes muitas vezes são repreendidas sob os olhares dos dançantes mais velhos, guardiões dessa tradição, que aprenderam a ser Careta diante de disciplina e rigidez.

A transmissão dos ensinamentos através dos ensaios pode ser compreendida dessa maneira como forma de dar sentido social e cultural à história e à memória dos moradores de São Domingos. Neles encontram-se os Caretas, que representam as práticas mais velhas ou tradicionais, e no mesmo espaço os principiantes, que recebem orientações e ensinamentos, recriam os antigos saberes, traduzindo para sua forma de ver e sentir o mundo.

Nas lembranças do Sr Aureliano Lopes, por volta dos anos de 1919/1920 ele conta:

Eu era menino, tinha uns seis a sete anos, e me lembro da comunidade reunida pra ensaiar. Os pais levavam os filhos pra assistir e falavam que era uma tradição dos antepassados. A gente prestava muita atenção e se divertia também com as músicas tocadas e dançadas. Sempre tinha uns Caretas que eram maiores que os outros. Hoje, a comunidade continua

dando importância. Os pais vão e levam os filhos pra assistir o ensaio, e falam da importância de ensaiar pra não errar no dia da Festa.
(Entrevista concedida 14/07/2008).

Pela narrativa do Sr. Aureliano Lopes é possível perceber a importância que as famílias dão ao ensaio. Estar presente é uma maneira de compartilhar com os convivas as experiências dessa manifestação cultural que é considerada por eles a identidade dos moradores.

Pode ser percebido ainda no relato do Sr. Aureliano que são as crianças e os jovens que asseguram a preservação dessa tradição. Vejam-se as imagens 78, 79 e 80 do ensaio em que as crianças, pré-adolescentes e adolescentes estão sempre atentas aos músicos ou aos dançarinos.



Imagens 78, 79 e 80: Pode ser visualizado durante o ensaio a presença das crianças sempre atentas aos tocadores e dançantes. Dessa maneira elas participam dos rituais praticados pelos adultos. De acordo com moradores, a participação das crianças no ensaio faz com que eles tomem gosto pela tradição, garante boa parte da aprendizagem facilitando o conhecimento final quando esses possuem idade para tornarem-se membros do grupo. Fonte arquivo do pesquisador, 2008.

De acordo com moradores, a participação das crianças no ensaio faz com que eles tomem gosto pela tradição e garante boa parte da aprendizagem, facilitando o conhecimento final, quando chegarem à idade de tornarem-se membros do grupo. A participação das crianças e adolescentes pode ser percebida através dos relatos dos entrevistados como uma forma de manter o próprio sentido da cultura local. As imagens abaixo 81, 82 e 83 ajudam a compreender melhor a sociabilidade que acontece entre dançantes, tocadores e moradores.



Imagem 81, 82 e 83: Tocadores e dançantes socializando o momento do ensaio com os moradores. Fonte: arquivo do pesquisador, 2008.

As crianças que passam pelo ritual da aprendizagem e tornam-se posteriormente novos mestres, dando continuidade à tradição. Para Anjos (op. cit., p. 93). “Em uma cultura que transfere seus valores oralmente, são eles (jovens) os responsáveis pela circulação das tradições e pela condução das questões estruturais”. Essa é uma tradição imemorial e de grande relevância; o ritual praticado pelos moradores reforça a identidade étnica, pois a Festa é tocada, dançada e cantada somente pelos negros moradores de São Domingos.

É possível também, diante das imagens, observar a alegria de estarem reunidos celebrando mais uma vez o momento que é tão importante para eles. É nesse colorido de sorrisos e sons que é possível observar porque os moradores dedicam-se à preservação da Festa de Caretagem, manifestando prazer em participar dos ensaios. Eles são os primeiros momentos para a grande Festa do dia 23/24 de junho. Esses burburinhos que compõem o ensaio demonstram que a cultura expressa pelos dançantes, tocadores e moradores em geral não é frágil, pelo contrário: demonstram ser robusta e dinâmica, incorporando elementos e a esses atribuindo sentidos muitas vezes particulares.

A participação dos moradores durante os ensaios é importante, uma vez que acontece uma interação entre os Caretas e os moradores, que assistem atentamente todo o momento do ensaio. Os praticantes da dança preocupam-se com seu desempenho, pois são avaliados constantemente pelos companheiros e participantes mais velhos¹³⁸, que reprovam os “erros” cometidos durante o ensaio. As próximas imagens 84 a 86 possibilitam visualizar os moradores na varanda da casa do Sr. Aureliano assistindo ao ensaio atentamente.

¹³⁸ Quando refiro-me aos mais “velhos”, estou falando de dançantes, ex-dançantes e demais moradores com idade superior a 30 anos.



Imagens 84 a 86: Ensaio assistido pelos moradores. É comum quando acontecem erros por parte dos dançantes haver comentários e pedidos de atenção pelas pessoas que observam. Fonte: arquivo do pesquisador (2008).

O momento do ensaio retratado nas imagens acima permite visualizar a socialização da dança e da maneira de tocar os instrumentos. A ocasião não é de toda ordeira. Diante da animação é que surgem os primeiros conflitos, pois acontecem as censuras diante das inovações feitas pelos dançarinos mais jovens, que acrescentam um giro ou brincadeira nos passos durante a dança. As regras impostas antes de começar o ensaio vão sendo descumpridas pelos dançantes jovens em tom de brincadeiras, motivo que leva o comandante a repreendê-los. Essas brincadeiras podem ser entendidas a princípio como sendo momento do ensaio, mas elas permanecem durante os três finais de semanas, desdobrando-se para o dia oficial da Festa.

Na percepção de alguns membros mais velhos da Caretagem, mesmo diante das transgressões feitas pelos jovens, eles dizem que elas servem como momentos de troca de experiência, contribuindo para o fortalecimento do grupo. Nesse sentido, João Lopes dos Reis, 41 anos, Comandante Caretagem contou:

Antigamente dançavam só os homens mais velhos ou acima de 15 anos. Eu comecei a dançar com 15 anos no ano de 1983, eu acho. Hoje os mais velhos quase não dançam mais, só uns poucos. Aí, entrou a meninada. Nós devemos ter paciência com os jovens. Não podemos querer que eles vejam o ensaio e a Festa do nosso jeito, porque nós já somos adultos. Mas tem gente que não gosta do comportamento dos meninos, querem que eles levem a sério como eles o ensaio. Como comandante da Caretagem, eu penso que, se eu ficar brigando, proibindo tudo que eles fazem, chega um ponto que eles não vão querer participar mais. As brincadeiras não passando do limite até que ajudam a divertir quem está assistindo. Por isso eu não sou tão rígido a ponto de proibir tudo. É claro que eu repreendo quando a brincadeira 'tá demais. Mas os jovens é que serão os Caretas de amanhã. E o que nós queremos é que a tradição da caretagem não acabe. Ela é uma missão que a gente tem, que os antepassados deixaram pra gente.

(Entrevista concedida 15/04/2009).

O Sr. João Lopes demonstra em seu relato que a permissão de jovens de idade inferior a 15 anos tem por finalidade dar prosseguimento à tradição herdada de seus antepassados,

uma vez que boa parte dos Caretas adultos deixaram de dançar devido a vínculo empregatício fora de São Domingos. Diante dessa dificuldade, afirmaram alguns Caretas que eles negociam com seus patrões esse dia. Segundo os narradores, anteriormente era mais fácil participar de todo ritual da Festa de Caretagem, pois eles trabalhavam na própria terra ou garimpando, havendo por isso flexibilidade em relação ao dia e horário de trabalho. Dessa forma, planejavam seus afazeres para “guardarem esse dia santo”. Pode ser percebido que o mundo do trabalho exerce interferência na tradição.

Retomando as reflexões de João Lopes, a inserção do Careta jovem, além de ser um elemento de manutenção da tradição, possibilita também que a mesma seja recriada a partir da participação, forma de ver e de pensar desse novo membro, atribuindo significados diversos à arte de dançar. Para o narrador, respeitar a visão dos Caretas jovens e ter paciência com eles significa assegurar o prosseguimento da tradição, criando rede de relações e possibilidades de coexistência do velho e do novo. Pode ser percebido ainda na narrativa de João Lopes que, como Comandante, ele tem consciência do valor da Festa enquanto tradição religiosa para os adultos, embora para os jovens ela esteja mais relacionada à diversão e à brincadeira. O momento de tensão demonstra que os jovens estão recriando diante do ensinamento dos mais velhos. Dessa maneira, vai se (re)criando uma nova identidade. Para Hall (2000, p. 108) “[a]s identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação”.

Existe diferença entre os dançantes tais como: idades, forma de ver a dança, por isso os sentidos são diferentes. O que pode ser percebido diante dessa dinâmica investida dos jovens é que eles gostam e querem seguir a tradição, mas recriada, ressignificada por eles. Postura diferente pode ser observada nos Caretas mais velhos, que procuram preservar a ordem e a disciplina na performance, ficando atentos às orientações do comandante.

Isso possibilita múltiplas identidades entre os caretas, embora a identidade étnica seja o suporte das demais. Segundo Delgado (op. cit., p. 61- 62) “As identidades, que são também representações, constituem-se através da polaridade eu/outro”.

O grupo de Caretas demonstra partilhar valores e ancestralidade, associados à noção de raça e cor, o que permite perceber a preocupação em manter a proximidade entre os dançantes como forma de identificar e definir o pertencimento de quem é de dentro das terras dos remanescentes distinguindo-os dos que são de fora. Como escreve Bhabha (2005, p. 81), “[o] que se interroga não é simplesmente a imagem da pessoa, mas o lugar discursivo e disciplinar de onde as questões de identidade são estratégica e institucionalmente colocadas”.

Observei durante a pesquisa de campo que, embora o ensaio para a festa seja uma forma de reafirmação da identidade étnica, ele passa despercebido aos olhos dos visitantes, que veem na manifestação somente um ensaio. São nesses ensaios que emerge o que os olhos dos “estrangeiros”¹³⁹ não conseguem ver.

Os traços identitários aparecem sob forma quase invisível; está presente na tradição de reunir o grupo de Caretas e reviverem os costumes dos antepassados. Nesses momentos surgem práticas de sociabilidade vinculadas ao passado e à tradição herdada. São as lembranças acionadas que vão interligando passado e presente, fortalecendo os laços identitários dos participantes do ensaio.

Dessa maneira, a memória é constantemente reatualizada a partir da Festa que acontece anualmente. Da preparação da Festa ao momento da ritualização, festar é reverenciar os antepassados e fortalecer laços de pertencimento dos moradores que demonstram ter em comum o interesse na manutenção do ensaio para a realização da Festa de Caretagem.

4.3.2 - Levantamento do mastro: segundo momento de afirmação e ritualização da identidade étnica

O levantamento do mastro é um momento importante na festa de São João. Segundo Cascudo (2001) de norte a sul do Brasil há a tradição do levantamento do mastro de São João, como um dos elementos das festas juninas. Segundo o autor, o mastro de São João diferencia-se de região para região simbolizando as colheitas e a fecundação vegetal.

Nas lembranças dos moradores de São Domingos, eles afirmam que sempre houve dois levantamentos de mastro na noite de São João. O primeiro acontece na casa de D. Cristina e o segundo na porta da igreja. O propósito de levantar o mastro, segundo alguns entrevistados, é demonstrar a divindade de São João Batista nas alturas e a pequenez do homem na terra. Para eles, o momento de levantar o mastro representa também laços de união entre céu e terra. Magda Aparecida conta que esse é um momento muito especial. Recorda a remanescente que desde menina ela participa do hasteamento, sendo esse um marco muito importante para eles. De acordo com ela, hastear a bandeira significa manter continuidade com o passado; reviver, relembrar, trazer aos dias atuais as práticas realizadas todos os anos como meio de fortalecer a organização familiar e a tradição da qual fazem parte. Ela relata que: *“quando levanta o mastro na casa da D. Cristina todos os anos significa que nós*

¹³⁹ Considero estrangeiros pessoas presentes no dia da Festa, mas não moradores de São Domingos.

estamos reunidos e falando com o santo que está nas alturas muito acima de nós” (entrevista concedida 20/06/2008). É possível perceber a relação que se estabelece nessa simbologia que a narradora relaciona entre o plano espiritual e o terrestre.

Na Festa de São João, Caretas e moradores compartilham sentimentos e experiências no levantamento do mastro. Esse momento reúne e aproxima os moradores e pode ser compreendido como uma forma de preservação da crença e dos valores que foram transmitidos de forma oral de uma geração para outra.

O erguimento do mastro consiste em um ritual que se define como traço da cultura desses moradores compartilhada estrategicamente através de ações simbólicas. Como escreve Turner:

Por “ritual”, entendo o comportamento formal prescrito para ocasiões não devotadas à tecnologia, tendo como referência a crença em seres ou poderes místicos. O símbolo é a menor unidade do ritual que ainda mantém as propriedades específicas do comportamento ritual; é a unidade última de estrutura específica em um contexto ritual. (TURNER, 2005, p. 49)

De acordo com o autor, ritual e símbolo estão inter-relacionados nas práticas culturais desenvolvidas pelos sujeitos sociais. Elas acontecem demonstrando a importância da crença de uma sociedade em suas divindades e rituais. Nas recordações de D. Cristina ela contou que:

No tempo do meu pai e da minha mãe, eles organizavam tudo, com a ajuda dos filhos. Eu era pequena, mas lembro de ajudar a varrer o terreiro no lugar onde ia se levantar o mastro de São João. Eram feitos enfeites como bandeirinhas, a bandeira de São João e o mastro, que era preparado para levantar a bandeira. Os anos foram passando e toda dia de São João nós fazemos as mesmas coisas.
(Entrevista gravada em 12/08/2007).

O ritual que a narradora descreve acontece segundo suas lembranças desde os anos de 1945, quando tinha cinco anos de idade. Ao lembrar-se das reminiscências do passado afirma que não se lembra do horário que o levantamento da bandeira acontecia, mas depois da morte de seu pai, ela passou a ser a festeira e o mastro desde então é hasteado por volta de meia noite. No tempo presente (2010) os rituais na casa de D. Cristina continuam a ser preparados coletivamente, como pode ser observado nas imagens 87, 88 e 89 que seguem:



Imagens 87, 88 e 89: Confeção dos ornamentos. Segundo as floristas, fazer flores de papel crepom e bandeirolas é uma maneira de colorir o ambiente e torná-lo mais harmonioso. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Na sequência dos preparativos para a Festa, a família de D. Cristina se mobiliza e juntos limpam, molham o terreiro, constroem fogueira, furam buraco para o levantamento do mastro e decoram o quintal com bandeirolas coloridas, conforme se confere nas próximas imagens 90 a 92:



Imagens 90 a 92: Preparativos do terreiro para receber Caretas, moradores e visitantes para homenagear São João Batista. Fonte arquivo do pesquisador, 2009.

Nas imagens pode-se observar o cuidado no preparo do terreiro harmonizando o espaço para levantamento do mastro que será feito pelos caretas ao som de toques de instrumentos envolvendo os moradores na virada do dia 23 para 24.

Rememora Iraci Lopes dos Reis¹⁴⁰, 45 anos, filha da festeira, que a organização da Festa tem um grande sentido para eles. Significa o momento em que os parentes que moram em outras cidades ou em Paracatu vêm para São Domingos para ajudar nos preparativos e homenagear São João, uma experiência que, segundo os moradores, é vivenciada todos os anos. Em suas lembranças ela conta:

Desde menina, eu sempre ajudei minha mãe a fazer os preparativos. A gente ficava naquela alegria esperando os irmãos que moravam fora ou os primos, era motivo de alegria para todo mundo. Hoje eu tenho meus filhos e o sentido de ajudar a preparar a Festa é diferente, porque eu cresci e hoje sou mãe. A gente compreende mais do porquê da Festa. Ela reúne os

¹⁴⁰ Dona de casa, filha de D. Cristina, ajuda nos preparativos para a Festa.

parentes e amigos para celebrar São João na reunião dos familiares e amigos. Por isso hoje, quando eu vou ajudar a fazer flores, bandeira de São João, bandeirinha, comida, fogueira ou limpar o terreiro para receber os Caretas e os moradores, eu sinto ser esse dia uma data muito especial, tanto para mim como para os moradores daqui. A Festa é o momento que nós reunimos. Por isso para nós tem sentido trabalhar tanto fazendo os enfeites e as outras coisas.

(Entrevista concedida 14/07/2008).

A narrativa de Iraci sinaliza alguns aspectos significativos da Festa, relembra as experiências vividas na Caretagem e o envolvimento familiar em relação à mesma.

De acordo com D. Cristina, para tantos preparativos é necessário a ajuda dos familiares, irmãos, filhos, genros, noras e netos. O trabalho é dividido de acordo com o talento de cada pessoa. Para a Festeira, “*nós devemos preparar tudo, pra de noite levantar o mastro de São João Batista*” (Entrevista concedida 21/06/2009). Todo cuidado está ligado à preocupação do ápice festivo: reunir os moradores para erguer no mastro a bandeira de São João Batista.

Para Rangel (2002), esse ritual de erguimento do mastro é um ato simbólico. Segundo o autor (2002, p.89), “no topo do mastro que possui aproximadamente cindo a seis metros de altura fica a bandeira do santo padroeiro, símbolo de sua presença durante a festividade”. Nesse sentido, Cascudo (2001, p. 372) escreve que: “[o] preparo do mastro é feito com cerimônias especiais, desde a “buscada do mastro” e seus preparativos, até a fincada do mastro no chão. A bandeira do Santo, no alto do mastro, informa que ele está presente na sua festa e aguarda o concurso de seus fieis”. Assim, segundo os narradores de São Domingos, o mastro recebe um tratamento especial, pois é nele que será hasteada a bandeira de São João, sendo devidamente enfeitada.

A preparação do mastro não inclui pintura, mas é envolvido com fitas em cores diversificadas em papel rococó¹⁴¹, enquanto a bandeira recebe cuidados, com pinceladas de tinta retocando a imagem santo. Esse ritual é feito todos os anos. Mastro e bandeira vão sendo artisticamente tonalizados de cores diferentes. Rememora D. Cristina que seus pais preparavam o terreiro também dessa maneira, por isso ela segue o ensinamento. Afirma também que o conjunto de enfeites e cores utilizadas alegam o ambiente, criando um clima de festa. Esse momento de trabalho coletivo familiar pode ser percebido nas imagens a seguir 93, 94 e 95:

¹⁴¹ Papel trabalhado em corte de tesoura, de forma que fique cheio de ondulações.



Imagens 93, 94 e 95: Momento do preparo e ornamentação do mastro com tiras de fitas coloridas. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

A bandeira de São João, símbolo da devoção a esse santo é cuidadosamente retocada e enfeitada todos os anos para o hasteamento na ponta do mastro. Rangel (op.cit; p.89) escreve que a bandeira de São João representa “uma criança de cabelos encaracolados que tem um carneinho no colo, simbolizando Jesus Cristo, apontado por São João Batista como o verdadeiro cordeiro de Deus”, como se visualiza pelas imagens 96 a 98:



Imagens de São João 96 a 98: Momento em que a bandeira é retocada. Ao término, a imagem fosca torna-se colorida, atraindo a atenção das pessoas que se aproximam para admirá-la. Fonte: arquivo do pesquisador. (2009).

Após um mês de quando a bandeira foi hasteada, ela é descida pela família de D. Cristina e, em seguida, é guardada para ser utilizada novamente no próximo ano. De acordo com D. Cristina, esse comportamento é também uma tradição herdada de seu avô. Afirma a narradora que esse ritual nunca foi rompido, pois segundo seus antepassados, se o festeiro retirar a bandeira fora do tempo estipulado, atrai azar para a família. Para explicar essa tradição, ela disse:

Foi também uma coisa que veio da minha família dos meus antepassados. Eu me lembro do meu avô. Quando eu nasci, meu avô morreu, mas todo mundo aqui, os mais velhos todos lembram o Sr. Aureliano. O meu avô fazia a Festa com muita alegria, e levantava o mastro. Meu pai era do dia de São João Batista. Então meu avô fazia Festa, fazia muita coisa no dia de São João. Meu avô morreu, meu pai assumiu. Depois passou para meu sogro Manuel Lopes e ficou muito tempo. Depois passou para seu filho Antônio

Lopes; aí Antônio Lopes passou para o meu filho. Mas meu filho trabalhava em Brasília e passou para o primo dele, que é Geraldo Lopes. E agora meu filho mora aqui e assumiu. Ele agora é o comandante da Caretagem. Então vem passando o comando da Caretagem em família até hoje. Para mim, ser a festeira, levantar a bandeira, é tudo.

(Entrevista concedida 13/08/2009).

Conforme pode ser percebido pelas palavras de D. Cristina Coutrim, o levantamento do mastro em sua casa é uma tradição de família e um dos momentos mais significativos da Festa, uma vez que só há dois levantamentos de mastro do início ao final da festividade. O primeiro deles acontece na residência da narradora e o segundo na porta da igreja, todavia, a pesquisa de campo revelou que o hasteamento na porta da casa de D. Cristina é mais prestigiado pelos moradores e visitantes. De acordo com Leonardo Gomes da Silva¹⁴², 15 anos:

A cobertura maior da Festa de São João é na casa da D. Cristina. Lá é que dança mais. O foco é lá. Canta parabéns pra menina dela que completa anos e quando começa a dançar, só vê gente pulando de alegria. É bom demais essa hora! O coração fica disparado de tanta alegria!

(Entrevista concedida em 14/08/2009)

Conforme se pode observar pela fala de Leonardo e de outros Caretas, há muita alegria em participarem da Festa. A casa da festeira é um dos locais de maior expectativa pelo fato de ser lá que o grupo faz a apresentação completa das danças.

4.3.2 - Caretagem e o hasteamento do mastro na casa de D. Cristina

Os Caretas iniciam a peregrinação pelas casas do arraial de São Domingos por volta das 20 horas do dia 23, após a realização da missa. O tempo de apresentação em cada casa não é medido pelo relógio, mas segue um ritmo próprio, podendo estender-se ou reduzir-se conforme a residência. Na casa de Dona Cristina, remanescente que exerce um papel importante na liderança da comunidade e em cuja casa é ocorre um dos momentos mais esperados da Festa, os caretas chegam por volta uma hora da manhã do dia 24.

¹⁴² Estudante nascido em 12/03/1995. Careta que faz o papel de dama desde 2007. Entrevista concedida em 18/04/2008. Trabalha na confecção de rapadura.

A chegada dos Caretas e moradores é comemorada com fogos e, em seguida, a fogueira é acesa. D. Cristina e seus familiares recebem a todos com alegria e grande entusiasmo. O espaço festivo demonstra a todos que chegam que seu preparo foi feito com muito amor e carinho para receber a todos. Altar improvisado na sala com bandeira, velas para acenderem em sinal de espera para o ritual da cerimônia que irá acontecer. Cascudo (1978, p. 349) escreve que esse comportamento é típico do século XVI; nesse sentido ele afirma. “Frei Vicente do Salvador (438) informa: - “só acodem a todos com muita vontade nas festas em que há alguma cerimônia, porque são mui amigos de novidades, como dia de São João Batista, por causa das fogueiras e capelas”. Dando prosseguimento ao ritual de acolhimento, fogos são disparados. As boas vindas são respondidas pelo comandante e tocadores com repicos de instrumentos; os dançantes penetram no quintal pulando, rodando, sapateando e insinuando umbigadas. Ocorre nesse momento total inteiração entre presentes, Caretas e tocadores. Sem regras de comportamento a cumprir inicialmente, os Caretas brincam com os presentes exibindo seus gingados e fantasias.

Após essa encenação, repicados da cornetinha e do tambor são emitidos como sinal de agrupamento para os dançantes, simbolizando pedido de atenção. Os Caretas posicionam-se formando duas filas paralelas em frente à porta da sala da festeira, enquanto os tocadores assumem seus lugares ao lado. O comandante se posiciona à frente das duas filas. Todos demonstram respeito; cessando o barulho, D. Cristina sai da porta da sala com a bandeira de São João, acompanhada de uma menina com uma vela acesa e para em frente aos Caretas. O momento é de devoção como pode ser observando nas próximas imagens 99, 100 e 101:



Imagens 99, 100 e 101: Momento da chegada da bandeira portada por D. Cristina; a remanescente saindo de sua casa portando a bandeira de São João Batista é recebida por comandante, Caretas, instrumentistas, uma criança com uma vela na mão e os moradores de São Domingos. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Segundo o Sr. João Lopes, comandante da Caretagem, esse comportamento tem por finalidade aproximar os moradores, envolvendo-os desde os mais velhos aos mais novos. É possível perceber que esse comportamento demonstra a manutenção de práticas culturais. Para João Lopes, essa é uma forma de defini-los e diferenciá-los de povoados e bairros

próximos. Em suas lembranças, ele afirma que: “*Nós celebramos outras festas, mas a Festa para São João Batista é seguida de pai para filho é uma marca da nossa comunidade que nós fazemos questão de seguir não deixando a tradição dos antepassados morrer.*” (entrevista concedida 13/08/2009). É possível perceber em suas palavras que seguir a tradição da Festa em homenagem a São João Batista é também entender que se trata de uma escolha feita como processo de auto-identificação.

Em seguida os caretas dão as mãos rezando a oração o pai-nosso e a ave-maria em louvor a São João Batista. Em seguida, o comandante caminha em direção à bandeira e, prostrando-se sobre a mesma, coloca-a sobre o rosto agradecendo em voz baixa e beijando a imagem. A seguir, um casal de Careta por vez, a exemplo do comandante, faz o mesmo ritual, retornando para a fila de origem como pode ser observado nas seguintes imagens 102 a 104:



Imagens 102 a 104: A abertura da Festa em homenagem a São João é feita através de rituais. Nesse momento, os Caretas de par em par direcionam-se para a bandeira e a reverenciam. Pedidos e agradecimentos são feitos, seguidos pelos moradores. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

A homenagem prossegue no mesmo ritmo por tocadores, crianças, adultos e idosos. De acordo com João Lopes:

Nós fazemos isso porque aprendemos com nossos pais e antepassados. Nesse momento, todo mundo está concentrado, é um momento que une a atenção dos Caretas, dos tocadores, dos parentes e amigos. A comunidade fica unida. Nós fazemos o que nossos antepassados faziam, é uma tradição passada dos antepassados
(Entrevista concedida 13/08/2009).

Ao finalizarem esse ritual, os repicos de tambor são acionados junto aos demais instrumentos, e as vozes dos moradores formam um coro cantando a “marcha¹⁴³ de São João Batista. A festeira, acompanhada da criança, do comandante e dos tocadores direcionam-se para o terreiro, sendo seguidos pelos Caretas e moradores. A música é importante para o “ritual”: ela estabelece relações de comportamento, numa estrutura rítmica mais suave.

É nesse contexto que há necessidade de se compreender a transição da canção e o que ela significa para os moradores. Como escreveu Geertz (1989), a cultura é como um

¹⁴³ Nome dado a música cantada em homenagem a São João Batista.

conjunto de textos e deve ser lida sobre os ombros dos nativos. Dessa maneira, a marcha de São João torna-se um discurso social e linguístico, praticado como meio de valorizar e repassar o sentimento dos moradores, o que pode ser percebido na afirmativa de João Lopes: “quando nós cantamos a marcha, você começa a analisar: poxa, vai ser daqui a mais um ano, será que o ano que vem eu vou estar aqui? A gente já fica com saudade e tal”. (Entrevista concedida 13/08/2009).

O ritmo e a música levam os sujeitos sociais a refletirem sobre a vida e a morte. Cantar segundo os narradores é uma maneira de ensinar a importância dessa tradição, é assegurar através do lúdico que os ensinamentos terão continuidade na memória coletiva. Assim, a música está ligada como processo de reconhecimento e reafirmação através da expressão estética que vai sendo transmitida de geração em geração. Na narrativa de João Lopes, ele deixa entrever a importância da marcha cantada a ponto de os fazer refletir sobre a mesma. Nas lembranças, o entrevistado diz:

Eu era molecote e ficava vendo meu pai comandando a caretagem; no momento que ia cantar a marcha de São João eu via que ele fazia com muito orgulho e eu cantava junto. Eu via a emoção do meu pai e sabia que aquela música era importante para ele e para os outros caretas, porque a música era cantada com emoção. Agora hoje eu sei o que os caretas sentem. Quando a gente canta e diz “meu senhor e a senhora até que para o ano que vem se São João nos der vida Deus querendo nós também”, isso dá um sentimento de tristeza, porque nós não sabemos se estaremos aqui para o ano que vem. Por isso quando a letra da música fala “tome conta da bandeira derradeiro capitão”, nós ficamos emocionados por não saber se estaremos vivos

(Entrevista concedida 13/08/2009. Grifo meu).

De acordo com o entrevistado, a aclamação “tome conta da bandeira derradeiro capitão” torna-se um pedido para o portador da mesma ser um guardião da tradição e, mesmo com a ausência de algum membro, que eles deem prosseguimento a esta prática dos antepassados como forma de resistência cultural. Atendendo a essa aclamação cantada com fervor em cada casa onde há apresentação, comandante, dançantes e pessoas mais velhas de São Domingos procuram envolver os jovens no ritual da Festa, incentivando-os a crer e valorizar e resguardar a Festa e a dança, pois serão eles os responsáveis para dar prosseguimento à tradição. Nesse sentido Geertz (op. cit., p. 213) afirma que: “as sociedades, como as vidas, contêm suas próprias interpretações. É preciso apenas descobrir o acesso a elas”. Nesse contexto, o repasse da tradição é a mola propulsora que garante a comunicação, estabelecendo relações sociais entre as gerações. As trocas vão criando significados entre as

peessoas mais velhas e os jovens uma perspectiva de cultura que atribui sentido e importância para quem transmite e para quem recebe a tradição.

Toda a apresentação da Caretagem é assistida com muita atenção pelos presentes. A fusão de sons dos instrumentos musicais e as danças como a umbigada, entre outras, no terreiro de D. Cristina vai definindo estratégias como melhor envolver o grupo e moradores.

O ápice da Festa é o hasteamento da bandeira. Para levantar o mastro, seguem todos os presentes, cantando, rezando, pedindo, agradecendo. As múltiplas vozes se misturam com a entoação da marcha de São João pelos Caretas e o público presente. Nesse momento rompe-se com o rigor e o ritual direcionado pelo comandante e sua cornetinha, os Caretas têm liberdade para criar sua própria performance. A sociabilidade acontece, mastro e bandeira são encaixados por diferentes praticantes e participantes da Festa promovendo uma fusão entre os presentes no ritual. Uma explosão de sentimentos acontece provocando choro e risos em alguns moradores, enquanto o mastro é levantado ao som de disparos de fogos de artifício e gritos de “viva São João”. As próximas imagens 105, 106 e 107 permitem captar a sequência dos rituais apresentados no momento em que acontecerá o levantamento do mastro.



Imagens 105, 106 e 107: Saída da bandeira da porta da sala de D. Cristina. Caretas e moradores demonstram diferentes reações emocionais. Alguns não contendo a emoção choram enquanto outros demonstram prazer através de sorrisos. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

É possível observar que a Festa tem diferentes sentidos para os moradores. Na lembranças de D. Cristina, em 1946, quando tinha seis anos de idade, havia mais respeito por parte de todos os participantes. Seu pai, sendo o festeiro de São João, ensinava para os filhos o sentido da festa como um seguimento da tradição dos antepassados, momento de fé, alegria e brincadeiras dançantes. Conta ainda que:

A festa era muito boa, era momento de reunir as famílias e o ensinamento para nós meninos, de ter na Festa muito respeito. Esse ensinamento nos acompanhou até mais ou menos o ano de 2000. De lá para cá, os jovens estão mudando o sentido da Festa só para brincadeiras. Hoje a gente vê a diferença acontecendo! Para os moradores e caretas mais velhos, a Festa tem sentido religioso ainda e nós seguimos a tradição dos nossos antepassados. Já os jovens, sabem da importância da Festa para a

comunidade e que ela é uma herança deixado pelos bisavós, avós e pais e que ela está sendo repassada para eles. Eles demonstram ter respeito e amor. Eles ficam doidos para chegar o dia da Festa para arrumar as fantasias, mas levam muito na brincadeira
(Entrevista concedida em 27/07/2010).

D. Cristina busca na reminiscência do passado os ensinamentos que foram repassados por seu pai e reflete acerca do comportamento que eles deveriam ter em relação a Festa de São João, enfocando em suas lembranças que mesmo o momento sendo festivo, de brincadeiras e alegria, eles deveriam ter acima de tudo o compromisso com a fé. Pode ser percebido ainda que, ao fazer a comparação entre os dançantes de seu tempo de menina e os do tempo presente (2010) ela afirma que os dançantes tem amor pela tradição e querem continuar a Festa; porém, acontecem muitas brincadeiras. Pode ser percebido diante da fala da entrevistada que a Festa de São João está ganhando um novo sentido para os dançantes. Eles gostam da festa e a querem, mas com um novo sentido, por isso vai acontecendo a diferença à qual D. Cristina se refere.

Retomando os rituais, a bandeira vai sendo encaminhada para o centro do terreiro onde é hasteada próxima à fogueira pelo comandante, D.Cristina e Caretas como pode ser conferido nas imagens seguintes 108 a 110:



Imagens 108 a 110: Momento em que D. Cristina e João, o comandante da Caretagem, fixam a bandeira no mastro. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

O erguimento do mastro com a bandeira é aguardado com grande expectativa, sendo acompanhado pelos participantes que demonstram muita agitação como pode se perceber pelas imagens abaixo 111, 12 e 113:



Imagens 111, 12 e 113: Caretas hasteando a bandeira no mastro. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Com o hasteamento da bandeira, Caretas ritualizam dançando e cantando emocionados em volta do mastro, fazem promessas, batizam as crianças na fogueira, um ato simbólico comum na noite de São João entre os moradores. Nas lembranças de D. Cristina:

Esse sempre foi um momento muito especial para a comunidade. Quando eu era menina as pessoas demonstravam alegria de participar do levantamento do mastro como hoje. Antigamente, como hoje, a comunidade dançava com os caretas em torno do mastro e era comum as pessoas fazerem promessas, batizarem na fogueira, e hoje a gente ainda pode ver que essa tradição não acabou.

(Entrevista concedida em 27/07/2008).

Nas imagens 114 a 116 que seguem é possível observar as velas ao pé do mastro os Caretas dançando em volta dele. De acordo com os moradores, a vela pode significar agradecimentos por graças alcançadas, pedidos feitos ou expressar luz em seus caminhos.



Imagens 114 a 116 : Momentos de alegria, choro e fé. Caretas, tocadores e moradores misturados dando voltas em torno do mastro. A vela é o indício da crença e fé que os moradores têm para com o santo de devoção. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Esse espetáculo comovente é uma característica repassada tradicionalmente como narrou D. Cristina, fazendo-os refletir a cerca do passado todas as vezes em que acontece.

A ocasião é um momento de interagir crianças, jovens e adultos nesse espaço. A música torna-se um elemento de iniciação, um ingresso para o grupo, momento em que crianças e jovens comungam no espaço da Festa a linguagem da representação étnica. Os

movimentos das pessoas promovem um espetáculo de cor, música e passos. É nesse ritmo que experiências e lembranças vão sendo compartilhadas e repassadas.

Durante a apresentação, praticantes e participantes se interagem no mesmo espaço, vivenciam seus papéis como atuantes e não como meros expectadores. A relação os faz mais próximos, eles sentem e assumem seus papéis. A devoção ritualizada através da tradição permite nessa dinâmica a reafirmação da identidade étnica que de acordo com João Lopes:

É um momento que eu acho que é de identificação. Se dançar Caretagem e não levantar o mastro é mesma coisa de não ter dançado. Falta alguma coisa. É um momento que identifica muito na levantada do mastro. Aqui é um lugar de gente muito religiosa. Então é onde se identifica muito com a população - não só com os Caretas, mais com a população também. Não sei se você já percebeu que não só os Caretas, mais também os outros, o pessoal que 'tá assistindo, vai e volta e fica, dança, rodeia com a gente e tal... Ajudam a levatagem do mastro, que é onde muito gente agradece por graça recebida e pede. Então, é onde se identifica mais e lembra os antepassados.

(Entrevista concedida 13/08/2009).

Nas palavras do comandante, a produção desse espaço é pensada pelos seus sujeitos sociais como forma de fé e diversão entrelaçada na convivência, em que os valores vão sendo repassados. Participar do hasteamento da bandeira é compartilhar do sentimento comunitário, tornando possível o ensinar/aprender da tradição (re)afirmando os laços de pertencimento. Ele afirma que o levantar do mastro é tão significativo quanto a própria dança e o festar, numa mescla de sagrado e profano, devoção e festividade, constituído-se, conforme disse o comandante, num “momento de identificação”.

Na narrativa de João Lopes, fica claro que esse momento é singular para os moradores. Através da oralidade e da música, pedidos e agradecimentos, acontece o fortalecimento da tradição e nela vai sendo ensinado aos jovens o significado de estarem reunidos. A dedicação que os mais velhos devotam ao momento envolve crianças e jovens, que vão assimilando essa manifestação da cultura remanescente em um processo natural e dinâmico. Constantemente é reinventada uma forma de saudar tanto o santo como os companheiros que dançam, mas isso faz parte da forma alegre que os Caretas ou moradores encontram para se expressarem no ritual.

Os jovens incorporam o momento como uma tradição que não deve acabar, como expressou Gustavo Reis dos Santos¹⁴⁴, 12 anos.

¹⁴⁴ Estudante nascido em 03/02/1998, faz o papel de dama desde 2008. Entrevista concedida ao pesquisador em 20/04/2009.

É uma coisa que vem de tradição, dos antepassados. Eu acho muito bom. No momento da marcha cantada em volta do mastro, todo mundo 'tá ali se divertindo e brincando, é um momento que nós ficamos mais perto dos parentes, dos amigos. A alegria é demais, é uma maneira de se divertir. Se deixar, eu danço dois dia seguidos

(Entrevista concedida em 14/08/2009)

Para Breno Reis de Oliveira¹⁴⁵, 13 anos, o momento da marcha em torno do mastro é:

Um momento de louvar a São João e nessa hora tem muita batida de pé pra fazer barulho. Nós abraçamos os companheiros. Não tem fila, não tem que obedecer a cornetinha, a gente fica solto pra fazer o que quiser nessa hora. O que a cabeça da gente e o coração mandar nós fazemos. É uma hora em que a gente pode dançar sem ter medo de errar.

(Entrevista concedida em 14/08/2009).

Pode-se perceber na narrativa dos adolescentes que a dança possui diversos momentos com significações diferentes. Há momentos em que precisam ficar atentos às orientações do comandante e sons da cornetinha, que coordenam os passos e o desempenho dos Caretas, preocupando-se em desenvolver os movimentos conforme os ensaios e os ensinamentos. Todavia, há os momentos em que podem dar asas à imaginação e criar novos passos, movimentos e ritmos, que são criados segundo o jeito e a performance de cada Careta, possibilitando o recriar e renovar da dança a cada nova Festa. O festar nesse sentido torna-se um mosaico de cores e movimentos que ganham novos sentidos, agregando o velho e o novo, a tradição e a ressignificação, numa reatualização da arte devocional de dançar para São João, mantendo a antiga tradição dos moradores de São Domingos.

De acordo com Gustavo Reis e Breno Reis, a prática dessa tradição tem sentido para eles, pois cresceram vendo os pais fazerem essa atividade e dela participaram desde pequenos. Assim, a tradição ganha significado porque na brincadeira dançante acontece a rede de sociabilidade e nela os jovens aprendem com os mais velhos a valorizar a Festa como uma tradição deixada pelos seus antepassados.

Após a cerimônia ritualística em torno do mastro, a Festa vai prosseguindo, intercambiando informações. Comandante e Caretas voltam para a porta da sala, retomando a posição que fizeram para receber a festeira. O clima agora é outro. Muita agitação por parte dos dançantes e toques de instrumentos sem que se obedeça a uma sequência de ritmos. Brincadeiras de Caretas acontecem com as pessoas presentes. Para recomeçar a dança, o apito

¹⁴⁵ Estudante nascido em 13/05/1997. Careta que faz o papel de dama desde 2008. Entrevista concedida em 20/04/2009.

da cornetinha sinaliza ordem nas filas. A vitalidade da tradição entra em cena outra vez e nela novas tessituras simbólicas começam a ser desempenhadas pelos dançantes. A união dos dançarinos demonstra que a Festa de Caretagem é o ponto forte dos moradores. Ela representa força, vitalidade reafirmando a identidade no fazer e desfazer dos rituais. A performance dos dançarinos e tocadores sob ordens do comandante compactua a experiência do saber entre os moradores, possibilitando aos atuantes e observadores a sensação de bem estar e prazer.

Dessa maneira, as experiências vividas pelos Caretas e moradores transformam-se em sentimentos que vão sendo reforçados anualmente. Como escreve Tuan (1930, p. 10), “Experienciar é aprender”. Assim, sob o toque da cornetinha e execução dos instrumentos musicais, os Caretas iniciam as danças intituladas por eles como “batuquim, umbigada, marimbondo, contra-dança, passagem de lenço, cadeia grande, verso e marcha de São João”. Como pode ser percebido, o empenho que os moradores fazem para organizar e manter a Festa, demonstra que eles a escolheram como meio de afirmarem a identidade étnica através da homenagem feita a São João. A ligação com o passado festivo e as práticas mantidas por eles coletivamente todos os anos, como relataram os moradores, demonstra que eles definem a própria identidade sendo esse um resultado que vem sendo repassado também nesses momentos finais na casa de D. Cristina, o que marca a intensidade do momento vivido pelos Caretas e moradores. Nesse sentido, escreveu Tuan (op. cit., p. 203): “A importância dos acontecimentos na vida de qualquer pessoa está mais diretamente relacionada com a sua intensidade do que com a sua extensão”.

Os Caretas ficam aproximadamente duas horas na casa de D. Cristina para realizar os rituais dançantes; revezam os tocadores, cantam e dançam junto aos moradores. O levantamento do mastro, as seis danças e a marcha de São João aparecem como segunda forma de reafirmar a identidade étnica dos remanescentes. O nome de cada dança é compreendido no momento da atuação dos dançarinos. A expressão corporal demonstra sensualidade, o que profana o momento sagrado da homenagem a São João Batista. Mas isso não incomoda dançarinos e moradores mais velhos. O momento é de dança e quanto mais os Caretas gesticulam, mais a dança se torna atraente e envolvente. Os Caretas fazem questão de fazer de seu corpo um elemento de ação e expressão.

Cada marcação de música orientada pelo comandante através do toque da cornetinha é obedecida pelos tocadores, que rapidamente mudam os toques dos instrumentos. Embora haja diferentes passos para as danças, os Caretas criam alegorias, enfeitando os passos, mantendo diálogos com a tradição, mas recriando-a para a atualidade. É nessa fantástica condição de se

adequar que os Caretas se relacionam com os companheiros mais velhos e com seus observadores.

As danças se iniciam sempre com duas filas paralelas e, sob o comando da cornetinha, os Caretas formam círculo de mãos dadas, caracol, encontros de casais no centro das filas onde serão dadas as mãos, cavalheiro com cavalheiro e dama com dama. Ao término dessa passagem, todos os cavalheiros darão as mãos entre si e a da mesma maneira as damas. Os cavalheiros irão costurar as damas, ou seja, passarão entre uma dama e outra em ziguezague. Em seguida, as damas repetem o mesmo ritual. Após cada dança, acontece uma pausa e os Caretas se sociabilizam, andando entre os moradores e brincando com os mesmos através de danças e insinuações.

Nas expressões corporais, os dançantes demonstram interatividade com os presentes. De acordo com João Lopes: *“isso faz parte da tradição, deixar os Caretas descansar um pouco e andar no meio dos presentes”* (Entrevista concedida 13/08/2009). Mesmo cessando a música em sinal de pausa para descansar e tomar água, os Caretas continuam a exibição de movimentos alegres permeando os presentes com insinuações de umbigada, samba, gingas aceleradas, danças que demonstram origem afro. A energia vai sendo despreendida através das variações dos gestos que são apresentados, ora de forma individual ou de forma coletiva. Para Cascudo (1978, p. 46), essas são heranças da cultura africana. *“O negro trouxe a dança com a movimentação independente. Mantém-se o círculo, mas cada dançador é livre para as posições e mesmo para o ritmo”*. Ainda para o autor (1978, p. 47), *“A linha coreográfica deixa sempre margem à criação ou renovação individual do dançarino, com novos passos ou ressuscitando passos esquecidos”*.

Ao toque da cornetinha e tambor, a performance é retomada pelos Caretas. Foi possível perceber, durante as apresentações, cumplicidade e envolvimento dos companheiros que procuraram desempenhar seu papel como dançantes da melhor maneira possível. De acordo com a observação, percebi também que houve momentos em que um Careta saía rapidamente da sua posição de origem, avançando contra os participantes tocando-os, dando voltas, envolvendo-as nas danças. Esse comportamento provocava reações no participante, que reagia acompanhando o estímulo do Careta, dançando, mas sem segui-lo para o espaço do grupo.

Temporariamente, Caretas e participantes formavam par, combinando giros e impulsionando passos. Nesse momento, a distância deixava de existir entre dançantes e moradores que assistiam a apresentação. Dessa maneira, dançarinos mais entusiastas como

pode ser visualizado nas imagens 117 a 119 vão demonstrando através da sincronia desempenhada o prazer de participar com outras pessoas, parentes e amigos, compartilhando o espaço da Festa.



Imagens 117 a 119: Caretas interagindo com os moradores no momento da apresentação. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Nas figuras acima, pode-se perceber o envolvimento constante dos Caretas com as crianças. Esse ritual é muito comum e pode ser entendido pelo fato de ser uma maneira de estimular os pequenos, que serão os futuros dançantes. O contato entre Caretas e crianças é importante, pois é nele que os pequenos perdem a timidez e manifestam interesse de dançar, repetindo o que os dançantes fazem. No estímulo, as crianças vão aprendendo através da observação e participação, experiências que são compartilhadas desde a mais tenra idade. Essa comunicação vai aproximando Caretas e moradores que compartilham o espetáculo da dança de Caretagem como reafirmação da identidade étnica.

4.3.3 - Momentos finais da Festa: A reafirmação da identidade étnica no arremate

Após a peregrinação feita por toda noite do dia 23 em São Domingos, acontece o arremate na casa do Sr. Nicolau Antônio de Oliveira, 87 anos¹⁴⁶, por volta das doze horas do dia 24.

Nas lembranças dos moradores, eles dizem que o arremate é uma maneira de finalizar a Festa e que acontece todos os anos na propriedade do Sr Nicolau Antonio. Essa residência é afastada em relação às demais moradias. Seu acesso é feito por uma estrada estreita, íngreme e poeirenta, mas os moradores seguem os Caretas como pode ser visualizado nas imagens 120 a 122 seguir:

¹⁴⁶ Ex- dançante. Atualmente cuida de suas terras e recebe os Caretas para o arremate.



Imagens 120 a 122: Peregrinação feita em direção a casa do Sr. Nicolau Antonio, onde acontecerá a última apresentação e o arremate com versos improvisados. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

A recepção é feita com disparos de foguetes. Os Caretas demonstram cansaço, mas não perdem a dedicação de outrora. Prosseguem a última dança sob orientações do comandante superando o limite físico. A cornetinha é tocada repetidas vezes, motivo que leva os dançarinos a alinharem-se em duas filas, uma de cavalheiros a outra de damas, ficando sempre uma em frente à outra. É momento de arrematar a Festa. Todo esse esforço e dedicação após exaustiva jornada de dança que dura aproximadamente 16 horas, termina com versos rimados e improvisados. Essa é a maneira como os Caretas compartilham com os moradores os momentos finais de sua tradição e nela reafirmam sua identidade étnica.

Sobre a história desse último momento da Festa, Sr. Aureliano Lopes, 97 anos, contou-me que: *“quando era menino já tinha os versos. Eles eram rimados para os companheiros na hora de arrematar a Festa!”* (Entrevista concedida 24/06/2009). Disse o narrador que não se sabe por que ou quando os versos começaram, mas é um momento muito esperado pelos moradores. De acordo com Cascudo (1978, p. 350) formas amplas populares vieram da Europa em forma de poética musicada. Essa expressão popular, segundo ele, mantinha em seu seio “cantos de trabalho, entoados em uníssono, cadenciando as tarefas feitas em conjunto.” Escreve ainda, que “[v]ieram os desafios (439), as canções de mesa, as rondas infantis, os bailes cantados, muitos elementos de fundo oriental, disperso no continente pela permanência árabe”. Na tentativa de compreender se o Sr Aureliano Lopes tinha conhecimento da origem dos versos improvisados, perguntei-lhe sobre seu surgimento. Ele disse que não sabia responder, mas afirmou: “para mim, os versos são uma maneira de falar da nossa história e homenagear os companheiros” (Entrevista concedida 24/06/2009).

A apresentação na casa do Sr. Nicolau Antonio se inicia com a organização dos Caretas em duas filas e tocadores devidamente acomodados. Embalados pelos instrumentos, o grupo apresenta pela última vez do dia 24 todas as danças. O momento do ritual final se

aproxima. Nesse instante, somente o tambor, sanfona e xique-xique são entoados. Os moradores procuram se aproximar dos tocadores para ter condições de ouvir os versos que os Caretas declamarão de improviso. Enfileirados, cada casal de careta ao toque de tambor e xique-xique, combinado com a música da sanfona, deslocam-se abraçados, param em frente aos tocadores e fazem reverência. Esse comportamento pode ser visualizado nas imagens abaixo 123, 124 e 125:



Imagem 123, 124 e 125: Caretas em duas filas para o ritual dos versos rimados. Na horizontal, tocadores sentados. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Nesse momento acontece o primeiro verso, sendo ele criado e rimado de acordo com a imaginação do Careta, com o objetivo de homenagear e agradecer a hospitalidade o Sr. Nicolau Antônio, anfitrião da casa.

*Chaleira que não tem asa,
Chaleira que não tem bico,
Nós fomos em todas as casa,
Arrematamos no tio Nico¹⁴⁷
(Cavalheiro de 54 anos)*

O verso declamado para o anfitrião no ano de 2009 relaciona um objeto do cotidiano e a peregrinação na noite de São João. Como ex-dançante e tocador, Nicolau Antônio faz questão de ter o arremate em sua casa. É interessante ressaltar que a literatura aponta quase sempre o gosto dos versos rimados pelos cordelistas, sendo esses homens normalmente da região nordeste do Brasil. Em São Domingos, de acordo com os moradores, eles nunca tiveram acesso a essa região brasileira, porém há uma semelhança no que tange ao declamar. Os versos criados pelos Caretas se diferenciam dos cordelistas, pois não há registros escritos onde possam se apoiar: é uma atividade pautada no improviso, na criatividade e na oralidade. Ao

¹⁴⁷ Segundo os moradores esse apelido é uma forma carinhosa de demonstrar o quanto eles gostam do Sr. Nicolau.

final do verso, o casal de Careta se abraça e se retira para o final da fila, como mostra as imagens 126 a 128:



Imagens 126 a 128: Cenas finais do ritual dançante. Caretas em pares vão até os tocadores e fazem improvisos de versos para os companheiros. Caretas seguindo em direção aos tocadores para recitar versos. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

O verso seguinte também contempla o anfitrião que assiste atento:

*Advera Nicolau,
É um cordão de ouro bom.
Seu cordão 'ta no pescoço
Sua filha no meu coração!
(Cavalheiro, 20 anos).*

Diante da exposição, o cavalheiro recita seu verso recorrendo à atividade mais desempenhada por eles até os anos de 1980 do século XX, que era o garimpo. O ouro significou para os remanescentes fonte direta de troca por dinheiro e mercadorias como sal, querosene e tecido em Paracatu. Ainda nessa perspectiva, o Careta relaciona o Sr. Nicolau Antonio com a qualidade e preciosidade do ouro. Por fim ele demonstra a importância do remanescente para os moradores quando diz que ele é um “cordão de ouro bom”, em sinal de respeito e gracejando confiança para chegar até a filha.

Percebi durante a pesquisa de campo que essa tradição oral é um fluxo de um constante reinventar e é recriada a cada instante.

O arremate mostra, em sua essência, diferença em relação aos demais rituais, pois vai nutrindo esse momento não somente com palavras, mas com os gestos desenhados pela performance do corpo. Esse comportamento lembra-me Cascudo (1978, p. 13) ao escrever “todos sabiam contar histórias. Contavam à noite, devagar, com gestos de evocação e lindos desenhos mímicos com as mãos”. O autor reforça ainda que “Com as mãos amarradas não há criatura vivente para contar uma estória”. A arte da oratória vai dando seu prosseguimento, transformando sentimentos de saudade e lembranças em literatura oral. A esse respeito, Cascudo escreve que:

Essa literatura, que seria limitada aos provérbios, adivinhações, contos, frases-feitas, orações, cantos, ampliou-se alcançando horizontes maiores. Sua característica é a persistência pela oralidade. [...] Com ou sem fixação tipográfica, essa matéria pertence à literatura oral. Foi feita para o canto, para a declamação, para a leitura em voz alta. Serão depressa absorvidos nas águas da improvisação popular, assimilados na poética dos desafios, dos versos, nome vulgar da quadra nos sertões do Brasil. (CASCUDO, op. cit., p. 22)

Conforme expressa o autor, uma rima pede outra e no ritmo do tambor, o casal de Careta expressa:

*Minha tia Andresa foi embora pra longe daqui.
Deus levo ela de nós,
Mas lá no céu ela viu nós dançar
A dança de São João.
(cavalheiro, 54 anos)*

Na sequência seu par expõe:

*A festa de São Batista do começo ao fim é uma beleza,
Pra mim faltou só duas pessoas:
Minha avó Benedita
E minha avó Andresa
(dama, 14 anos).*

Percebo a partir dos versos declamados pelos dois Caretas que esse é um momento significativo. O primeiro Careta ao versar exalta em tom de admiração a Festa de Caretagem; em seguida, reflete a ausência da tia “Andresa” e o sentimento de saudade a partir de sua morte. Reforça que mesmo não estando presente, do céu ela os prestigia assistindo à dança em homenagem a São João. O segundo Careta, a exemplo do mais velho, também presta homenagem à memória de suas avós. Essa ação permitiu-me compreender que o jovem Careta utilizou-se da experiência do mais velho para construir seu verso. Foi possível dessa maneira, na pesquisa de campo, aprender que o ato de versar é significativo para adultos e crianças, pois correspondem às experiências sociais vivenciadas no cotidiano e podem ser dialogadas em forma de improvisos, representando seus sentimentos ou devoções.

*Quem comanda o nosso corpo
É o cérebro e o coração
Estou muito feliz por estar aqui
Homenageando São João.
(cavalheiro, 36 anos).*

O verso faz refletir acerca do domínio que os homens devem ter sobre seus sentidos e ações. A manifestação de felicidade está relacionada pelo fato de alguns dos dançantes não morarem em São Domingos. Seguindo a tradição Festiva, mesmo aqueles que moram fora, como em Paracatu ou Brasília, retornam no dia 24 para festejar junto aos parentes a noite de São João. Pode ser percebido pela forma com que o verso foi construído que ele não mora em São Domingos.

Ao longo desse ritual, é comum os casais de Caretas passarem a disputar com os companheiros versos mais originais e criativos. Para cada improvisação que cause satisfação nos presentes, os observadores respondem com aplausos e fazem muito barulho em sinal de que o verso os agradou. A curiosidade dos moradores em aproximar-se o mais perto possível dos repentistas nesse momento está ligada ao ouvir, como disse São Paulo na Carta aos Romanos: “logo a fé é pelo ouvido, e o ouvido pela palavra” (cf. Tradução de P. Antônio Pereira de Figueiredo).

Os Caretas transformam o arremate em momento espetacular. Os improvisos cativam, a atenção dos presentes. Em tom de brincadeiras ou chamados de atenção, os versos rimados e improvisos envolvem crianças, adultos e idosos desafiando-os a compreenderem a natureza do que está sendo declamado pelo casal de caretas. Prosseguindo a brincadeira, o cavalheiro adolescente recita:

*Bartolomeu com sua espada
conquistou uma nação,
a menina da letra “V”,
conquistou meu coração
(Cavalheiro, 16 anos).*

Muitas vezes, os versos preservam a identidade para quem está sendo emitida a mensagem. No improviso acima, aprendo que a espada significa o pai da moça de letra “v”. Esse, não permitindo que a filha namore, a protege dos galanteios. Outro momento típico é a forma que alguns Caretas forçam o público a tentar adivinhar quem está atrás da máscara

*Naquele pé de roseira
Solta flor, solta botão
Minha dama desse ano
Tem um bocão!
(Cavalheiro, 20)*

Pelo verso declamado, o repentista dá características físicas de quem é sua dama levando os presentes a arriscarem palpites de quem seja o Careta mascarado.

A sabedoria com que cada Careta procura transmitir seus versos leva o participante a pensar seus hábitos e o ambiente e a tradição cultural da qual fazem parte.

Esses versos rimados produzidos pelos Caretas, demonstram a forma como os dançarinos envolvem os participantes durante todos os anos em um costume que reflete a reconstrução da sociedade da qual fazem parte. Nesse sentido, Costa (op. cit., p. 83) afirma que “[o] narrador, ao relatar os acontecimentos, recria para seus ouvintes as crenças, as tradições e os saberes de uma época, nos quais continua acreditando. Ao reconstruir esse imaginário, que também é o de seus ouvintes, ele compartilha memórias”.

É nesse recriar, como escreve a autora, que os Caretas vão dando continuidade à tradição da Festa dos Caretas (re)criando em seus versos improvisados, mostrando através de palavras simples, improvisadas, o valor de sua cultura local revivida a cada ano na tradição da Festa dos Caretas. Ao apagar das luzes da Festa, quando os versos terminam, Caretas e tocadores levantam e entram na casa do Sr. Nicolau; ali eles cantam pela última vez a marcha de São João. Os momentos de alegria e prazer que foram desfrutados durante toda noite e parte do dia são embalados em agradecimentos finais a São João Batista.

A conexão entre as lembranças dos acontecimentos do passado revividos no presente demonstra que a tradição vai sendo recriada. Para os caretas, a Festa é o reviver intenso desse ritual que vai construindo/reconstruindo a realidade da identidade étnica deles por meio da Festa em homenagem a São João Batista.

Todavia, o momento dos versos é algo que está contido na memória coletiva dos moradores e vai sendo emanado através da literatura oral como um dos recursos de afirmar a identidade étnica. Como narrou o Sr. Aureliano Lopes dos Reis, 97 anos, “*os versos são antigos e a dança também. Os mais velhos falavam que já tinha essa dança lá na escravatura*”. Desse modo foi possível na pesquisa de campo compreender que os versos compõem um dos elementos de reafirmação étnica, e preservá-lo no contexto da Festa, é manter a tradição dos antepassados. De acordo com Barth (1997, p. 196), “grupos étnicos persistem como unidades significativas apenas se implicarem marcações diferenças no comportamento, isto é, diferenças culturais persistentes”.

Como foi possível observar na pesquisa de campo, a Festa é seguida de muitos rituais finalizando com o arremate. Nele não há preocupação por parte dos Caretas em expressar palavras bonitas ou seguidas de concordância exigidas pela norma culta da língua. A intenção dos improvisadores é de chamar a atenção de todos os participantes declamando em seus versos na linguagem simples as experiências cotidianas. É nesse retratar oral que os

sentimentos vão fluindo com espontaneidade, jorrando como maná, construindo e reconstruindo a identidade étnica por meio da Festa de Caretagem.

4.4 - O papel da mulher na festa de Caretagem e a culinária

Com base no material recolhido na pesquisa de campo foi possível perceber que mesmo sendo a Caretagem uma dança eminentemente masculina, as mulheres exercem um papel muito importante na realização da Festa em São Domingos. De acordo com Romilda de Fátima:

Somos nós que ficamos à frente, lembrando os homens. Quando vai chegando à época da Festa, no final do mês de maio, nós começamos a falar em casa: “Olha, está chegando o dia da Festa de Caretagem, está na hora de marcar os ensaios.” Nós ajudamos os Caretas a enfeitarem as roupas e preparamos a comida pra ser servida depois da dança dos Caretas.

(Entrevista concedida 24/06/2009).

Na narrativa de Romilda de Fátima, é possível perceber o papel de liderança exercida pelas mulheres na organização da Festa. Essa liderança feminina acontece em diversos aspectos da vida cotidiana e na realização/preservação dessa tradição elas atuam no estímulo aos Caretas e tocadores para que realizem os ensaios, ajudam a confeccionar as fantasias e são responsáveis pelo preparo dos pratos que serão servidos após as apresentações.

Relembrando a culinária servida na Festa de São João por suas mães, por volta dos anos de 1940, as atuais cozinheiras afirmam ser uma tradição as mulheres da família se reunirem para fazer a comida e servi-la após a apresentação dos Caretas. Ao incursionar no tempo, rememoram que, quando crianças, elas não mexiam nas panelas, nem amassavam os biscoitos e bolos, porque essas tarefas eram executadas somente pelas mulheres adultas; mas ajudavam enrolar biscoitos, lavar vasilhas, buscar e cortar cheiro verde na horta, colocar lenha na boca do forno e acendê-lo para aquecer.

Com base nas informações das narradoras, o ato de cozinhar e fazer o preparo das quitandas e biscoitos era tarefa para as cozinheiras experientes, portadoras do saber fazer, um conhecimento adquirido com a prática e aprendido com as mães e avós. Nos dias de hoje (2010), as crianças dedicam-se a auxiliar nas tarefas da cozinha, onde observam atentamente o preparo e o tempero da comida, possibilitando assim a aprendizagem do ofício. Isso é possível

porque os olhares das meninas presenciaram os gestos, as palavras, o cheiro e o sentido que cada comida tem quando preparadas pelas adultas. Essa realidade pode ser percebida nas imagens 129 e 130.



Imagens 129 e 130: Netas e filhas de acordo com a idade sempre auxiliam as cozinheiras em diferentes trabalhos. A ajuda mesmo em tarefas aparentemente simples despertam meninas e adolescentes o gosto pela arte de cozinhar. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

É a partir da experiência vivida e concebida no local da cozinha, que as lembranças se tornarão necessárias quando atingirem a fase adulta. Isso faz-me lembrar de Giard (2005, p.215) quando escreve: “Enquanto uma de nós conservar os saberes nutricionais de vocês, enquanto de mão em mão e de geração em geração se transmitem as receitas da terna paciência de vocês, subsistirá uma memória fragmentária e obstinada da própria vida de vocês”.

Nas reminiscências da infância de D. Cristina, ela relata que:

Naquele tempo, nós saíamos para o quintal para cortar folha de bananeira e trazíamos aquele feixe de folha, era aquela meninada... Depois, nós rasgávamos no tamanho certo pra pôr o bolo em cima. Tudo virava alegria. Nós vivíamos a festa desde seu preparo. Minha mãe era ótima para fazer essas coisas. Ela fazia muita quitanda, porque era muita gente e os biscoitos não podiam faltar, dizia ela. O tempo foi passando e nós fomos aprendendo e passamos a ajudar a fazer também os biscoitos e bolos de mandioca e milho. Depois nós, os filhos, casamos e as mulheres continuaram a fazer o que aprenderam.

(Entrevista concedida em 14/07/2008).

As lembranças das cozinheiras servem como ponte entre passado e presente, intercambiando, pelo fio da memória, o que vivenciou e aprendeu.

O sentido da tradição cultural não é simplesmente a comida, mas como a comida é preparada. Na festividade, o alimento servido faz parte da culinária mineira, mas o que há de especial é o saber fazer e a habilidade de preparar quantidades maiores de forma a servir com abundância a todos os participantes da Festa como pode ser visualizada nas imagens 131 a 133.



Imagens 131 a 133. Cozinheiras que trabalham em mutirão. A grande quantidade de comida tem por finalidade garantir que todos os presentes possam servir. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

As cozinheiras primam quase sempre por quantidade, qualidade e variedade. Segunda elas, também deve-se servir a comida bem quente após a apresentação da dança. Relembrem que os pratos servidos por suas mães eram um pouco diferentes do que elas servem atualmente, variando o tipo de comida e bebida e inserindo novos elementos.

Em conversa com as cozinheiras, elas afirmam que o saber/fazer é socializado entre mulheres adultas e crianças. Contam que esse trabalho é feito com sucesso por elas, sendo que a participação masculina é restrita à construção de fornalhas improvisadas, de forma que caibam panelas e taxas maiores, e ao suprimento de lenhas, que são buscadas no cerrado da redondeza.

De acordo com Cascudo (2001, p.148), “[a] cozinha sempre foi considerada o compartimento mais importante da casa, uma espécie de posto avançado para controle de tabus e restrições religiosa relacionadas aos alimentos”. Pensando nas palavras do autor, reflito que de fato a cozinha é o local dos segredos culinários e da intimidade familiar. Talvez seja por isso que quase sempre ouvia uma ou outra cozinheira dizer: *“isso é receita de família, não tem escrito nos livros”*. Essa questão é percebida na alimentação tradicional servida na casa de D. Cristina e do Sr. Aureliano.

A cozinha sempre está ligada a simbolismos e rituais de preparo de alimento, é o momento de intimidade entre a cozinheira e os ingredientes de que se utiliza. Na arte de preparar o alimento, a cozinheira sabe como deve ser o controle do fogo, a quantidade de cada ingrediente, a forma de mexer a panela e o momento de retirar o alimento do fogo. Esse

conhecimento decorre das experiências e regras que vão aprendendo/ensinando ao longo da vida, através das experiências e da memória. Não é por acaso que ouvi mais de uma vez as pessoas pedirem a receita do que comeram e as cozinheiras responderem: “*não tenho anotado*”, “*aprendi com minha mãe*” ou “*está anotado na cabeça*”. Como pode ser observado nessa afirmativa, a importância da oralidade e da memória no repasse desses saberes é uma maneira de preservar a história e as tradições. Como escreveu Delgado:

História, tempo e memória são processos interligados. Todavia, o tempo da memória ultrapassa o tempo de vida individual e encontra-se como o tempo da História, visto que se nutre de lembranças de família, músicas e filmes do passado, de tradições, de histórias escutadas e registradas. A memória ativa é um recurso importante para transmissão de experiências consolidadas ao longo de diferentes temporalidades. (DELGADO, op., cit. p. 17)

Com base nas palavras da autora, pode-se perceber como a memória torna-se fundamental para o seguimento de uma tradição. Ao falarem dos seus pratos, as cozinheiras ressaltam que “*a comida deve ser forte, deve sustentar*”. Interpreto que elas fazem essa afirmação pelo fato de que os Caretas e tocadores peregrinam toda a noite do dia 23 estendendo-se até 12:00 do dia 24. Outro fator que está ligado à expressão dá-se em decorrência da forma com que os Caretas fazem suas apresentações. Os diversos ritmos da dança faz com que os Caretas desprendam grande quantidade de energia.

Segundo as cozinheiras, um dos fatores que facilita o preparo da comida a ser servida na Festa é o fato de as casas serem próximas umas das outras, e de as mulheres da família, tanto as da localidade quanto as parentes que moram fora, se reunirem para o trabalho de cozinhar e servir.

Em todas as casas onde presenciei o preparo da comida durante os anos de pesquisa, notei alegria e satisfação das cozinheiras, sendo um momento de confraternizar, compartilhar experiências, sorrir, cantar, contar histórias e causos. Por isso, para Irene dos Reis de Oliveira, 48 anos, mesmo tendo morado 20 anos em Brasília, a distância nunca foi empecilho para a família estar presente junto aos parentes na noite de São João. Segundo Irene: “*nesse dia junta todo mundo. E na cozinha, me sinto útil, é bom, é agradável, é uma diversão: um mexe uma panela, outro mexe com outra, lava uma louça. Aí, quando é a noite, vai servir o pessoal.* (Entrevista concedida 24/06/2009).

Diante das palavras da narradora, é possível compreender que a cozinha não é um local de silêncio ou tristeza, mas onde se estreitam laços entre mãe, filhas, netas e noras, confraternizando a experiência no preparo da alimentação. Nesse sentido, Giard escreve:

As boas cozinheiras jamais são pessoas tristes ou desocupadas. Elas trabalham para dar forma ao mundo, para fazer nascer a alegria do efêmero; nunca deixam de celebrar as festas dos grande e dos pequenos, dos sensatos e dos insanos, as maravilhosas descobertas dos homens e das mulheres que compartilham o viver (no mundo) e o couvet (à mesa). Gestos de mulheres, vozes de mulheres que tornam a Terra mais habitável. (GIARD, op. cit., p. 296)

Nas palavras da autora, é possível perceber a importância do trabalho das cozinheiras e como elas forjam ao longo do tempo os sabores da tradição, reinventando hábitos e costumes alimentares.

De acordo com as entrevistadas, com o passar do tempo houve algumas modificações nos pratos servidos, porém elas mantiveram a base inicial da aprendizagem de suas ancestrais: mandioca, milho e feijão andu. D.Cristina Coutrim contou que procura servir a comida que aprendeu em família, mas “*com o tempo eu mudei algumas coisinhas*” (entrevista concedida 14/07/2008). Dessa maneira a Festa continua ganhando novos pratos a partir da inventividade das cozinheiras.

Essas reconstruções acontecem nas cozinhas na noite de São João porque as mulheres pensam e sentem uma história do seu tempo, mas sem perder o vínculo com o passado. Nesse sentido, D. Cristina afirma que:

Farofa é tradição. Pra fazer eu utilizo tempero caseiro, alho, hortelã gordo, favaquinha, pimenta de cheiro, cebola de cabeça, pimentão e no final, passo farinha. Eu também sirvo caldo de galinha, pipoca e o quentão. O quentão eu faço como se fosse um chá. Ele é temperado. 'Cê coloca cravo, gengibre, canela, erva cidreira de capim. Aí você deixa ferver bastante, põe açúcar. Adoça. Aí, depois pra servir, coloca pinga, porque se colocar antes ela evapora, então coloca na hora de se servir.
(Entrevista concedida em 18/06/2008).

Na tentativa de conseguir uma refeição diferente e com mais sabor, as mulheres sempre inventam um preparo diferente. A expectativa da aprovação das cozinheiras está no momento em que Caretas, tocadores, comandante e participantes da festa tecem elogios, o que leva as cozinheiras a procurar cada vez mais a perfeição no que estão oferecendo. Nas palavras de D. Cristina Coutrim:

Para mim, é uma alegria muito grande, é uma satisfação. A gente já fica esperando o dia da Festa de São João. Quando vai ficando próximo do dia, a gente já sabe que está chegando São João, a gente fica naquela expectativa para fazer a comemoração. É uma Festa que vem da tradição

dos meus avós. O meu bisavô era o festeiro, passou para meu avô, o meu avô passou para meu pai, o meu pai adoeceu, ficou doente, e passou pra mim. E nessa época eles faziam muita quitanda. Minha mãe fazia naquela época, bolo de mandioca, fazia pão de queijo com mandioca. Era muito gostoso! Ela fazia bolo de fubá com coco de andaiá, que era muito bom. O bolo era enrolado na folha de banana. Eu me lembro muito de vê-la fazer essas coisa e café. Ela era festeira. E hoje eu sou a festeira e vou levando a tradição. Eu também comecei como a minha mãe, com os biscoitos; depois, um ano eu inventei de mudar, fazer a farofa, e o pessoal gostou e eles não gostam que mude! Até os menino aqui já falam: “não mãe, já é a tradição da senhora, não muda não.”

(Entrevista concedida em 18/06/2008).

De acordo com as cozinheiras, desde o tempo em que eram crianças, sempre foi uma prática comum os moradores colocarem nas fogueiras batata doce, milho e mandioca para assar. Relataram que, em cada casa, os pratos servidos variam sendo farofa de feijão andu, frango, sarapatel, caldo de galinha engrossado com mingau de milho verde, quibebe feito com mandioca, vaca atolada, costela de vaca ou pedaços de carne. Fazem parte do cardápio também, caldo de mocotó engrossado com milho verde, carnes, de frango, vaca, mocotó de vaca¹⁴⁸, feijão andu, farofas variadas, vaca atolada, quibebe, pão de queijo, broinha de fubá, canjica, esfirra caseira, pipoca, arroz, tutu de feijão, salada, café, refrigerante, quentão, pinga com raízes¹⁴⁹ e catuaba.

Cada morador tem o costume de servir um tipo de comida para os caretas, tocadores e participantes da Festa. Os diferentes ambientes, as práticas a que recorre cada cozinheira, não tem sentido de competição entre as famílias, uma vez que cada família oferece o que tem de melhor para a Festa de São João. De acordo com D. Luisa Lopes, a comida que eles servem na sua casa é uma tradição que vem sendo passada de mãe para filha e quando essas casam, continuam o cardápio, ou reinventam de acordo com sua criatividade. A narradora diz ainda que:

Aqui em casa, nós sempre damos de comer farofa de feijão andu e café, mas o Aureliano serve uma pinga com raiz. Nós temos um pé de café e um de feijão andu no quintal, que é só pro dia de São João. Na véspera do dia de São João, a gente apanha o café, põe pra secar e guarda; no dia 23 nós torraramos e moemos o café. Aqui casa, os Caretas dançam mais ou menos de quatro a quatro e meia da manhã, por isso quando o barulho tá se aproximando daqui de casa, a gente coa o café. Pra servir com o café, nós fazemos farofa de feijão andu. O feijão andu também é só pro dia de São

¹⁴⁸ Caldo feito da pata de vaca.

¹⁴⁹ Segundo os moradores, a pinga servida na casa do senhor Aureliano é feita com raízes afrodisíacas.

João. Mas nós fazemos também chá, porque o sanfoneiro não bebe café. Só que hoje em dia eu fico só olhando, porque minha saúde não 'tá boa.
(Entrevista concedida em 12/07/2007).

O pé de café e de feijão andu, de acordo com os moradores da casa, são especiais, pois cultivados; seus frutos são colhidos especificamente para serem servidos na Festa de São João. A apresentação da Caretagem acontece na casa do Sr. Aureliano na madrugada; por isso, a filha Isabel, é quem cuida atualmente dos preparativos da comida e bebida; recorre às irmãs mais velhas para ajudá-la, através do disparo de foguete, servindo a farofa de feijão andu, o café torrado e moído na hora. Após a apresentação da dança, o Sr. Aureliano serve para os Caretas e tocadores a pinga curtida com raízes e ervas, preparada especialmente para este dia, recebendo a aprovação do Comandante para a degustação da bebida. Famosa é a farofa de feijão andu preparada sempre na casa do Sr. Aureliano para servir na madrugada fria, sendo esperada pela maior parte dos Caretas por ser considerada afrodisíaca. Nas palavras do Sr. Aureliano:

Desde muito anos, desde menino, a gente faz farofa de andu. Ele é bom pra homem; ele é quente, dá sustância pra nós. Em outras casas não se faz farofa de andu pro dia de São João, só aqui casa. Na minha casa é tradição servir farofa de andu; os Caretas já ficam esperando. E pra acompanhar a farofa, um café forte e uma pinga preparada pra esquentar o frio. Na pinga eu ponho carquejo, casca de laranja, catuaba, jiló, raiz e deixo curtir. Isso é feito pra temperar.
(Entrevista concedida em 12/07/2007).

Isabel conta como é a maneira de se preparar a farofa ensinada por sua mãe, Dona Luiza Lopes, 92 anos.

O feijão é colhido e debulhado da vagem. Depois de limpo. Ele dá uns 10 litros. Nós guardamos todo o feijão para a festa de Caretagem. No dia 23 à tarde eu cozinho o feijão no fogão de lenha. Quando ele 'tá cozido, eu escorro a água pra ele secar. Depois cozinho de 5 a 6 kilos de carne de vaca moída ou de pedaço. Tem vez que eu frito linguiça e faço pururuca pra misturar também. Pra temperar, eu ponho cebola de cabeça, pimenta, alho, açafraão, cebolinha de folha. Tem que ter esse tempero, porque o andu tem um gosto muito forte. Por isso eu cozinho e depois lavo, escorrendo a água, e deixo secar. Tudo fica pronto pra eu misturar na hora que os Careta chegar pra dançar aqui em casa. Quando os Caretas 'tão se aproximando, eu solto foguete pra Beré e Magna virem me ajudar. O último trabalho pra fazer a farofa é passar a farinha. Essa nós só passa na hora em que os Caretas 'tão chegando aqui em casa, porque senão a farofa fica fria e o bom é comer ela quentinha. A farinha que nós passamos no andu, é feita por nós mesmos. Depois de pronta, a farofa de andu fica parecendo feijão tropeiro. Tudo isso é feito no taxo da mamãe.
(Entrevista concedida em 12/09/2007).

O mundo sensível, do conhecimento e a delicadeza ritualística desempenhada na cozinha por Isabel e suas irmãs foram repassadas através da oralidade e dos ensinamentos da mãe quando ainda liderava a cozinha.

A diversificação de comida torna interessante o processo de aceitação pelos Caretas. Dificilmente eles deixam de comer em alguma casa. Mas pelo fato de ter essa diversidade e por quase sempre ser uma comida da tradição local, os dançantes sabem o que vai ser servido, por isso há momentos que reduzem na alimentação em uma casa, para comerem em outra o que é de sua preferência. Nas imagens seguintes 134 a 136 pode ser observado parte da variedade servida.



Imagens 134 a 136: Cozinheiras: diferentes comidas oferecida na noite de São João. Farofa de frango preparado por D. Cristina Coutrim e sua filhas. Caldo do mocotó preparado por Romida de Fátima. Pão de sal e mortadela. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Nas imagens 137, 138 e 139 pode ser visualizado o preparo do feijão andu. A forofa é acrescida de outros ingredientes para tornálo mais saboroso.



Imagens 137, 138 e 139: Farofa de feijão andu. Isabe, Mágda, Benedita, filhas do Sr. Aureliano Lopes e D. Luiza. O preparo tem seu início no fogão a lenha e o toque final no fogão a gás. As irmãs de Isabel a ajuda nos preparativos finais. Fonte: arquivo do pesquisador, 2009.

Mandioca, milho e feijão andu em São Domingos deixam de ser elementos complementares para se tornarem “pratos culturais”. Acredito que o fato de ter esses ingredientes em abundância durante o ano como alimento cotidiano é o que possibilita o despertar da criatividade e da reinvenção da cozinheira para cozer no dia de São João.

Se os pratos vão sofrendo modificações, vão sendo reinventados os temperos também. A diversificação alimenta o desejo dos consumidores experimentarem que novidade há para o novo ano em que se comemora a Festa. Por isso não há uma receita fixa entre as cozinheiras, elas inventam em um ano e reinventam no ano seguinte.

Por volta de doze horas, termina a última apresentação de Caretagem na casa do Sr. Nicolau. É na cozinha desse remanescente viúvo que as mulheres de São Domingos se reúnem para preparar o almoço a ser servido para todas as pessoas que participam da Festa. A comida é feita a partir de doações dos moradores, geralmente composta de carne bovina ou suína com mandioca, tutu de feijão, arroz, macarrão e salada, podendo sofrer variações de um ano para outro.

De acordo com as cozinheiras, esse é um hábito que elas seguem como uma tradição. As mulheres se reúnem ao amanhecer e fazem mutirão para preparar o almoço que geralmente é servido aos moradores de São Domingos e visitantes. Elas trabalham porque acreditam no que fazem: servir ao outro. Como descreve Romilda de Fátima:

Eu fico feliz de repartir o pão. A alegria toma conta da gente, quando vai festejar São João. 'Tá no sangue. A negrada toda gosta. Eu cozinho no dia de São João e me sinto muito feliz, porque estou ajudando a manter a tradição da Festa, fazendo meu papel na cozinha. Na minha casa eu dou caldo de mocotó; aprendi com minha mãe e dou continuação. Na casa do Nicolau, eu ajudo no que for preciso. É um momento muito forte o da união das mulheres na cozinha. E o que preparamos é comida forte, que alimenta, porque os homens dançam a noite toda.

(Entrevista concedida em 22/07/2007).

A narrativa de Romilda expõe contentamento no trabalho que realiza e expressa: “*é um momento muito forte o da união das mulheres na cozinha*”. (Entrevista concedida 22/07/2007). Essa é uma grande tarefa, sem dúvida.

Interpreto pela narrativa dos remanescentes que os preparativos e a culinária da Festa estão ligados à história, às tradições e à identidade étnica dos remanescentes quilombolas de São Domingos. Foi a partir do trabalho desempenhado pelas cozinheiras e na elaboração dos pratos oferecidos que enxerguei na Festa a relação da culinária como um dos vetores de identidade étnica. Segundo Anjos.

A alimentação, a culinária, os utensílios e a forma de cozinhar são reflexos das matrizes culturais e religiosas de um povo. A composição dos alimentos dos povos quilombolas se reflete no universo amplo das influências e adaptações das referências africanas, processadas de forma secular no Brasil. (ANJOS, op. cit., p. 39)

Como afirma o autor, os remanescentes de quilombo, ao longo dos séculos, procuram manter traços de referência com seus antepassados.

Através da pesquisa de campo, é possível observar que os sabores tradicionais das comidas servidas na Festa são receitas antigas, que fortalecem o sentimento de pertencimento e continuidade. Receitas recriadas a partir da criatividade e das mãos ágeis das cozinheiras que, através dos seus temperos e do saber/fazer, dão um toque especial às comidas saboreadas durante toda a noite de São João.

CONCLUSÃO

Ao final deste exercício de reflexões, a pesquisa de campo realizada com os moradores de São Domingos permitiu-me perceber que a visão de mundo desses remanescentes é expressa através do cotidiano, tradições, festas, trabalho e do saber fazer, por meio dos quais eles afirmam/reafirmam sua identidade étnica.

Diante do exposto, o que me interpelou a avançar na construção deste trabalho, foi o anseio de pesquisar a respeito da história desses sujeitos sociais, analisando através das práticas cotidianas o serviço com o quintais/roças e a Festa de Caretagem e que relação essas situações têm com seus antepassados.

Dessa maneira, ao longo desses anos de pesquisa, muitas inquietações foram surgindo neste percurso. Retomo neste momento algumas dessas indagações para fazer um balanço e perceber os resultados no curso da pesquisa.

A proposta inicial deste trabalho era pesquisar a Festa de Caretagem como vetor identitário, mas, à medida que fui dialogando com os narradores, percebi que a Festa de Caretagem e o cotidiano é um meio de repasse dos costumes, saberes e fazeres, constituindo-se dessa forma em vetores de afirmação da identidade étnica dos moradores de São Domingos. No decorrer da construção do texto, ele foi permeado com a história/memória e o cotidiano dos moradores. Assim, a identidade étnica constitui-se como o fio condutor dessa dissertação.

O objetivo primordial dessa pesquisa foi analisar de que forma “a reconstrução da identidade étnica dos remanescentes do quilombo de São Domingos acontece através da sua história, de seu cotidiano e da Festa de Caretagem”.

Ao longo da pesquisa percebi que a construção/reconstrução da identidade étnica dos moradores de São Domingos se dá a partir da própria história, do cotidiano e das práticas culturais, em particular a Festa, repassadas de geração em geração, permeadas muitas vezes por conflitos e interesses que se diversificam, pois não há uma identidade única, homogênea, mas diferentes identidades que emergem sob posicionamentos, possibilitando que a própria realidade seja problematizada.

Percebo que ao falar em identidade étnica, analiso os vetores identitários e traços culturais desses remanescentes que buscaram o reconhecimento através da Fundação Cultural

Palmares como descendentes de escravos. Ao longo da pesquisa, foi possível perceber que o reconhecimento não trouxe satisfação para todos os moradores, em especial para alguns jovens, que resistem em serem reconhecidos como remanescentes. Essa resistência acontece por tornarem-se vítimas muitas vezes do preconceito e da discriminação na cidade de Paracatu ou nas escolas onde estudam.

Outro aspecto que a pesquisa revelou foi o quanto a chegada da Mineradora Rio Paracatu Mineração - RPM, ou Kinross, tem interferido na vivência social e cultural dos moradores. A partir de sua instalação nos anos 1980, os moradores foram proibidos de garimpar, forçando os remanescentes a procurarem trabalho fora de São Domingos. A pesquisa também revelou que a empresa tem se tornado um elemento de discórdia entre as duas associações que representam os moradores de São Domingos. Diante dessa situação, criou-se uma tensão entre a diretoria da Associação dos Remanescentes e Associação dos Moradores.

Retomando o fluxo da tradição exercida pelos remanescentes, foi possível constatar que a prática cotidiana vivenciada por eles na lida com o quintal, as roças e os engenhos mostrou ser um segmento da tradição de seus antepassados. Dessa maneira, foi possível perceber que a forma com que eles trabalham a terra, plantando e colhendo, é uma experiência herdada dos pais e avós, uma identidade étnica cultural, que tem sido repassada como forma de manter esses ensinamentos.

Procurei observar em São Domingos os usos e os costumes dos remanescentes, a criação/ressignificação da cultura local, pensando sobre a atribuição de sentidos e a contribuição da Festa de Caretagem como um dos elementos de transmissão de saberes e valores que possibilitam a reconstrução da identidade étnica.

A pesquisa revelou o valor da Festa no processo ensino/aprendizado, crenças e tradições, sendo também um momento de afirmação identitária. Como escreveu Moura (op. cit., p. 71) “Passar a noite toda cantando e dançando é investir na vida, é se embrenhar em uma outra dimensão que poderá ser a força que nutre a vida”. Todos os moradores de São Domingos se envolvem de uma forma ou de outra na festividade a São João, sendo a comemoração festivo-religiosa a mais esperada. Homens, mulheres e crianças exercem diferentes papéis para a realização da mesma, desde os ensaios, limpeza, decoração dos quintais, roupas, máscaras, guisos, adereços, preparativos das fogueiras, celebração religiosa e pratos a serem servidos no momento da Festa. Esses momentos se estendem até mesmo quando, em um só coro, moradores, Caretas e tocadores entoam emocionados, a marcha de

São João, conclamando que a tradição seja resguardada e preservada, zelando pela Bandeira até a próxima festividade. “Toma conta da Bandeira o derradeiro capitão!”

Constatai que a Festa e a devoção a São João são a manifestação cultural mais importante de São Domingos e que possui como característica o anonimato e a imprecisão no tempo, por não saberem exatamente quem ou quando começou essa tradição, pois segundo os narradores mais velhos ela é muito antiga. O Sr. Aureliano Lopes conta que ela existe desde o tempo da escravidão. Outra característica dessa manifestação é sua permanência como parte da tradição religiosa/festiva do remanescentes a oralidade como forma de transmissão.

Percebi ao longo da pesquisa o valor do significado da Festa para os moradores: ela liga o passado ao presente deles. Os entrevistados afirmaram ser a festividade o que os identifica e os diferencia dos bairros de Paracatu.

A pesquisa demonstrou que diferentes realidades têm sido compartilhadas entre as gerações. A Festa, que outrora poderia ser dançada somente por adolescentes de quinze anos, tem hoje possibilitado a pré-adolescentes de 11/12 anos participem como Caretas. Essa abertura tem sido permitida porque os dançadores mais velhos nem sempre conseguem dispensa do trabalho. No entanto, a participação desses muitas vezes têm criado conflitos entre dançantes e pessoas mais velhas, que reprovam o comportamento dos mais novos. Por outro lado, a criatividade dos jovens atribui sentidos diferentes a essa prática ancestral. A tradição é viva, renova-se e recria-se a cada nova dança e apresentação. A geração mais nova ainda preserva o valor religioso e a devoção a São João Batista, sabem cantar todas as músicas entoadas durante a peregrinação e obedecem aos ensinamentos do Comandante, mas buscam incorporar à Caretagem novos gestos, gingados, ritmos, ornamentos, frutos da criatividade e entusiasmo individuais; no entanto, fazem-no sem menosprezar os ensinamentos dos antepassados e a tradição. Nesse recriar, sentidos diferentes se mesclam, conflitos emergem, a tradição se renova e mesmo com o passar do tempo e as mudanças oriundas da modernidade, a homenagem dançante a São João Batista ainda é a maior festividade de São Domingos, mantendo vivo o fervor religioso, onde sagrado e profano fazem parte do mesmo contexto. A oração do Pai Nosso e os cantos em homenagem a São João Batista são seguidos de danças, como a umbigada, entre outras, acompanhadas de comidas e bebida, como pinga com raiz.

Compreendi que e entender a Festa de Caretagem e seus múltiplos sentidos é um desafio: significa permear pelos caminhos do outro, sempre pautados na identidade e diferença. Compreender essa prática cultural - seus elementos, vestimentas multicores, máscaras e adereços, instrumentos musicais, a própria dança - é permear o universo simbólico

dessa manifestação popular e sincrética. Os jovens querem que a Festa continue, mas do jeito deles. Percebi desta maneira que essas práticas continuam presentes, porque encontram adesão, credibilidade e fé por parte dos moradores, sendo repassadas através dos ensinamentos, exemplos dos mais velhos, transmitidas através da oralidade para as gerações mais novas, em um aprendizado contínuo. Assim sendo, a história e a memória possuem um papel preponderante.

Entendi ao longo da pesquisa que a Festa de Caretagem é uma das maneiras que os remanescentes utilizam para afirmar a identidade étnica. Ela constitui-se como um dos momentos de transmissão de valores e viabiliza o fortalecimento identitário, também expressão da diferença, o que me leva a concordar com Hall (2006, p. 110) quando afirma que “as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela”.

Outro aspecto que a pesquisa revelou foi a compreensão do sentido de ser negro para os remanescentes. De acordo com a pesquisa de campo, ser negro está relacionado à rememoração do passado e ao conhecimento da história, e, através da oralidade, há o repasse das tradições e práticas cotidianas que vão sendo repassadas de geração em geração, afirmando/reafirmando a identidade étnica. Moura (2006, p. 201) afirma que: “O passado subsidia o presente para construir o futuro”. Nesse sentido, percebo a importância da memória e da história para a construção/reconstrução das identidades. É nessa memória individual e coletiva que os moradores intercambiam suas práticas.

Ao refletir sobre os dados da pesquisa de campo, a questão identitária dos remanescentes de São Domingos e a maneira como eles se vêem e como são vistos, percebi que ser negro tem significados diferentes para eles. Alguns falam da condição de ser negro como algo positivo, em que se repassam o trabalho, as tradições, as festividades e as crenças religiosas. Para outros, ainda que comunguem da ideia dos repasses, a cor da pele tem valor negativo, pois à medida que intercambiam social, cultural ou economicamente com moradores de Paracatu, sofrem preconceito e discriminação pela cor da pele.

Mesmo este estudo tendo sido finalizado por hora, dado o tempo determinado para cumpri-lo, muitas indagações ficaram. Posso dizer que, nesta dissertação, talvez tenham ficado mais inquietações do que respostas. Como escreveu Mello (2002, p.38) “A inescrutabilidade do real coloca limites a qualquer aspiração de captá-lo em sua totalidade, o que nos leva a convir que, em nossos discursos, veiculamos fragmentos de um real que nos é dado perceber”. Despojado da vaidade de ter conseguido eliminar todas as perguntas, reflito que entre, os moradores de São Domingos, existem várias possibilidades de novos olhares e

percepções para pesquisadores que tenham curiosidade de saber mais a respeito de descendentes de escravos. A vivência que pude desfrutar nesses 8 anos com os moradores de São Domingos foi uma oportunidade de aprender e ter uma dimensão mais humana da vida. Neste intercâmbio entre pesquisador e pesquisados, como escreve Moura aprendi que:

Eles sabem quem são e sabem o que querem. Viver sua cultura, manter sua integridade de seres humanos e de cidadãos capazes de lutar com todas as forças para dignificar sua vida, recriando sua cultura, seja lutando para manter sua terra, seja tocando seus tambores, respeitando a tradição de seus antepassados, dançando e cantando, e fazendo da festa negra a alegria de festejar a vida. (MOURA, 2006, p.81)

É desta maneira que aprendi uma outra história, uma história feita a partir de uma realidade, uma história contada pelos próprios sujeitos que a constroem.

NARRADORES

- 1º- Ana Bela (Trabalhador rural)
- 2º- Arnaldo Lopes da Silva - 42 anos (Trabalhador rural)
- 3º- Aureliano Lopes dos Reis - 98 anos – (Aposentado)
- 4º- Benedita Lopes Ferreira - 68 anos – (Do lar)
- 5º- Breno Reis de Oliveira – (Estudante)
- 6º- Bruno Coutrim dos Reis -13 anos (Estudante)
- 7º- Carmem Lopes - 74 anos (Do lar)
- 8º- Cristina Coutrim dos Reis, 70 anos (Do lar)
- 9º- Evane Lopes Dias da Silva - 34 anos (Funcionária Pública)
- 10º- Fabrício Rocha da Silva 23 anos (Diarista)
- 11º- Geraldo Santana Lopes dos Reis - 58 anos (Aposentado)
- 12º- Gustavo Reis dos Santos - 12 anos (Estudante)
- 13º- Iraci Lopes dos Reis - 45 – anos (Do lar)
- 14º- Irene dos Reis de Oliveira - 48 anos (Do lar)
- 15º- Isabel Lopes dos Reis, 55 anos (Do lar)
- 16º- José Ferreira Lopes - 75 anos (Faleceu 2009)
- 17º- João Ferreira Solto 59 anos – (Diarista)
- 18º- João Lopes do Reis - 41 anos (Encanador hidráulico)
- 19º- Joaquim Lopes dos Reis - 71 anos (Diarista)
- 20º- Leonardo Gomes da Silva - 15 anos (Estudante)
- 21º- Lucimeire Pereira da Silva - 32 anos (Diarista)
- 22º- Luiz Carlos Lopes Roquete - 41 anos (Funcionário Público)
- 23º- Luíza Lopes dos Reis - 92 anos (Do lar)
- 24º- Magda Aparecida Lopes - 52 anos (Do lar)
- 25º- Marcos André Lopes Ferreira - 35 anos (Diarista)
- 26º- Nayane dos Reis Brandão 19 anos (Trabalha em comércio de Paracatu)
- 27º- Nicolau Antonio de Oliveira, 87 anos (Aposentado)
- 28º- Pedro Silva Silva – (Pseudo nome)
- 29º- Ricardo Costa e Costa – (Pseudo nome)
- 30º- Robson Lopes dos Reis – 38 anos (Diarista)

- 31º- Romilda de Fátima Silva Oliveira – 47 anos (Do lar)
- 32 º- Ronaldo Lopes da Silva - 50 anos (Comerciante de rapadura e proprietário de bar/restaurante)
- 33º- Rumaldo Antonio de Oliveira - 49 anos (Dono da cerâmica de tijolos)
- 34º- Silvia Lopes Roquete - 83 anos (Do lar)
- 35º- Valdete de Fátima dos Reis Brandão – 48 anos
- 36º- Valéria Lopes dos Reis – 42 anos (Do lar)

REFERÊNCIAS

- ABDALA, Mônica Chaves. **Sabores da tradição.** IN: Revista do Arquivo Público Mineiro. APM. Ano XLII. Nº 2. Julho-Dezembro de 2006.
- AGULHON, Maurice. **História vagabunda.** México DF: Instituto Mora, 1994.
- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo. **Quilombolas: Tradições e cultura da resistência.** São Paulo: Aori Comunicação, 2.006.
- ALVES, Antonio Frederico de Castro. **Os santos de cada dia.** Obra Completa. 3ª -1990.
- AMORIN, S. Maria Costa de. **Carnaval e Máscaras: A Magia da Cena Brincante da cidade de Rio de Contas.** Salvador: Ed. Autor, 2006.
- BANDEIRA, Lourdes; e COSTA, Arthur T. Maranhão. **Apresentação.** In: Sociedade e Estado: **Inovações no campo da Metodologia das Ciências Sociais.** Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. V.I, N.1(1986) - Brasília. O Departamento, 1986.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Dicionário geográfico de Minas Gerais.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.
- BARROSO, Oswaldo. **Incorporação e Memória na Perform Bance do Ator Brincante.** In: TEIXEIRA, João Gabriel L.C., et al (org). **Patrimônio Imaterial, Performance Cultura e (re)tradicionalização.** Brasília: ICS-UnB, 2004.
- BAKHTIN, M. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais. 5ª ed., São Paulo/ Brasília: Hucitec/UNB, 1987.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In.: POUTINGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade.** UNESP: São Paulo, 1997
- BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas No Brasil.** Primeiro Volume. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.
- BASTIDE, Roger. **Brasil: terra de contrastes.** São Paulo: Difel, 1959.
- BENJAMIM, Walter. ‘Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura, in, *Obras escolhidas.* 3. ed., Vol.1, São Paulo, Brasiliense, 1987.
- BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura.** 3ª ed. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2005.
- BEZERRA, Holien Gonçalves. **Ensino de História: Conteúdos e Conceitos Básicos.** In: KARNAL, Leandro (Org). **História na sala de aula: Conceitos, práticas e propostas.** 5ª ed. 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade – Lembrança de Velhos**. 5ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BOSI, Ecléa. **O Tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre, **O Poder Simbólico** - 4ª ed. Rio de Janeiro, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. – Campinas, SP : Papyrus, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Festa do Santo Preto**. Rio de Janeiro; FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore, Goiânia; UFG, 1985.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 05 de outubro de 1988. São Paulo. Saraiva, 2000.

BRITO, Eleonora Zicari Costa de. **Corpo, sexualidade e gênero: A construção do desvio na justiça de menores – Brasília (1960/1990)**. Tese de doutorado. Brasília: UnB, 2001.

BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

CAMPELO, Marilu Márcia. **Cultura, Religiosidade Afro-brasileira e Educação formal no Pará – Os Valores Culturais Afro-brasileiros Chegam às Salas de Aula?** In: Braga, Maria Lúcia de Santana; SOUZA, Edileusa Penha de; PINTO, Ana Flávia Magalhães (Org). **Dimensão da Inclusão no Ensino Médio: Mercado de trabalho, Religiosidade e Educado Quilombola**. – Brasília: Ministério da Educação Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11ª. ed. ilustrada – São Paulo: Global, 2001.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. 6ª. Ed.São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. **Da Literatura Oral no Brasil**. 3ªed. Belo Horizonte: Itatiaia São Paulo, 1978.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. - 4ªed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. 1 - **Artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 13ª Ed., 2007.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. 2 – **Morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 13ª Ed., 2007.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand do Brasil S/A, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Janela da alma, espelho do mundo**. In: NOVAES, Adauto (org). **O Olhar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

COSTA, Cléria Botelho da. et. al. (orgs). **Contar História, fazer História: história, cultura e memória**. Brasília: Paralelo 15, 2001.

COSTA, Cléria Botelho da. *et alii*. **Um passeio com Clio**. Brasília: Paralelo 15, 2002.

CUNHA, M.C. **Ecos da Folia: Uma História Social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2001.

DARNTON. Robert. **O Grande Massacre de Gatos E Outros Episódios da História Cultural Francesa**. 2º Rio de Janeiro Graal 1986;

DELGADO, Lucilia. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 136 p.

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e utopias no Brasil Colonial** - São Paulo: Brasiliense, 2000.

FRIEDRICH, Carl J. **Tradição e alteridade em ciência política**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. **A arqueologia de Palmares – Sua contribuição para o conhecimento da história da cultura afro-americana**. In: REIS, João José. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil** – São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

FUNES, Eurípedes. **“Nasci nas matas, nunca tive senhor”, História e memória dos mocambos do baixo Amazonas**. In REIS, João José. (org) **Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil**. - São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GIARD, Luce. **Cozinhar**. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. Morar e cozinhar**. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo, Editora Atlas S.A. 2006.

GINSBURG, C. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1990.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In: Ginzburg, Carlo. **Mitos emblemas e sinais: Morfologia e história**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GOMES, Flávio dos Santos. **Sonhando com a terra, construindo a cidadania**. In: MOURA, Glória. **Direito a diferença**. In. MUNANGA, Kabengele. (Org) **Superando o racismo na escola**: Brasília: Ministério da Educação, Secretaria De Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GOMES, Flávio dos Santos. **Aprendizado nas Comunidades Quilombolas: Currículo invisível.** In: Braga, Maria Lúcia de Santana; SOUZA, Edileusa Penha de PINTO; Ana Flávia Magalhães (Org). **Dimensão da Inclusão no Ensino Médio: Mercado de trabalho, Religiosidade e Educado Quilombola.** – Brasília: Ministério da Educação Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

GOMES, Flávio dos Santos. **Sonhando com a terra, construindo a cidadania.** In: PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi. (Orgs). **História da Cidadania.** São Paulo: Editora Contexto. 2008.

GONÇALVES, Maria Célia da Silva. **Folias de Reis: o eco da memória na (re) construção da performance e identidade dos foliões em João Pinheiro, estado de Minas Gerais.** IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 28 a 30 de maio de 2008 - Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador - Bahia-Brasil.

GONZAGA, Olimpio. **Memória Histórica de Paracatu** - Uberaba- Typ. Jardim e Cia. 1910.

GUIMARÃES, Carlos Magno. **Mineração, quilombos em Minas Gerais no século XVIII.** In: REIS. João José. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil** – São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro Editora, 2006.

HALL, Stuart. **Da Diáspora a Identidades E Mediações Culturais.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org): **Identidade e diferença.** Petrópolis, RJ: Vozes. 2.000

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro -11^a. Ed. - Rio de Janeiro. DP&A, 2.006.

HUNT, Lynn. **Nova História Cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF. Jaques (org.) **Documento Monumento.** In: Einaudi, História: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

LIMA, Ronei Carlos. **Tradição e Território no Fio da Espada. Os Bernardos de Santana do Tabuleiro – MG (1970 – 2005).** Dissertação (mestrado em História) – UnB, Brasília. 2005.

LINHARES, Luiz Fernando do rosário. **“Terras de preto”. Formas de territorialidades específicas.** Vitória: Anais Reunião da Associação Brasileira de Antropologia. 2004.

LINHARES, Maria Yeda. **História agrária.** In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org). **Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro. -Rio de Janeiro: Campus, 1997.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente.** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

- MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político**. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- MAGALHÃES, Nancy Aléssio e Marta Litwinczik Sinoti. **Memória e direitos: Moradias e abrigos em Brasília**: - NECOIM, 2.001.
- MAGALHÃES, Nancy Aléssio. **Narradores: Vozes e poderes de diferentes pensadores** In: COSTA, Cléria Botelho et al. **Contar História, Fazer História - História Cultura e Memória**. Brasília: Paralelo 15
- MARIM, Rosa Elizabeth, acevedo, CASTRO, *Edna Maria Ramos de*. **No caminho de Pedras de Abacatal: Experiência social de grupos negros no Pará**. Belém: NAEA/UFPA, 2ª. Ed.2.004
- MARTINS, José Tarcísio. **Quilombo do Campo Grande. A história de Minas Roubada do povo**. São Paulo: A Gazeta Maçônica, 1995.
- MELLO, Antônio de Oliveira. **As minas reveladas (Paracatu no tempo)**. Ed. da Prefeitura Municipal de Paracatu, 2.002. 2ª ed. revista, ampliada, atualizada. 2.002.
- _____. **Minha Terra: suas lendas e seu folclore**. Minas Gerais: Academia Patense de Letras - Patos de Minas – 1ª ed. 1970.
- _____. **A Igreja de Paracatu nos caminhos da História**. Paracatu: Edição da Mitra Diocesana de Paracatu, 2005.
- MELLO Rosa Virgínia. Cerimônias comemorativas e Corumbá de Goiás. In: (org) MELLO, T. Negrão Ferraz de. In: **Entorno que Transborda**. Brasília, 2006
- MELLO, Maria T. Ferraz Negrão de. **Clio, a musa da História e sua presença entre nós**. In: COSTA, Cléria Botelho da . *et alii*. **Um passeio com Clio**. Brasília: Paralelo 15, 2002.
- MOURA, Glória. **O direito a diferença**. In: MUNANGA, Kabengele (Org) **Superando o Racismo na escola**. - [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade, 2005.
- MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a rebelião negra**. Coleção: Tudo é História. São Paulo. Editora Brasiliense 1981.
- MOURA, Clóvis. **Quilombos: Resistência ao Escravismo**. Editora Ática. São Paulo. 1.993.
- MOURA, Clóvis. **Dicionário d escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Editora da USP, 2004.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

O'DWER, Eliane Catarino (org). **Quilombos: Identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

PAIVA, Eduardo França. **História e Imagens**. Autêntica. Belo Horizonte 2002.

PASQUETTI, Luis Antônio. **Terra ocupada: Identidades reconstruídas 1984 – 2004**. Tese de Doutorado – Universidade de Brasília-UnB, Brasília-DF. 2007

PASSOS, Mauro. (organizador). **A festa na vida. Significado e Imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PEREZ, Léa Freitas. (in) **Antropologia das efervescências coletivas**. Passos, Mauro. (organizador). **A festa na vida. Significado e Imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PESAVENTO, Sandra. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PIMENTEL, Helen Ulhôa. **A construção das diferenças: casamento e sexualidade em Paracatu, MG, no século XVIII**. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação – em História. Brasília, 2000.

RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. **Festas Juninas, origens, tradições e história. Festa de São João**. São Paulo: Casa do Editor: 2002.

REIS, João José. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil** – São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

REVISTA PALMARES. **Cultura afro-brasileira**. ISSN. 1808- 7280. Ano IV – número 4. Outubro, 2008.

RIBEIRO, Matilde. **Diretrizes curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-Raciais e para o ensino de História da Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília. DF, 2.005.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. **Sertão: Lugar desertado. Cerrado Na Cultura De Minas Gerais**, BH: Autêntica, 2006.

_____. **Florestas Anãs do Sertão – o Cerrado na História de Minas Gerais** – Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: Métodos e Técnicas**. São Paulo. Atlas, 1999.

SAINT-HILAIRE Auguste. **Viagem às nascentes do Rio São Francisco**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1944.

SEPPPIR, - Programa Brasil Quilombola. Brasília, 2005.

SILVA, Giselda Shirley. **Um cotidiano partilhado. Entre práticas e representações de benzedeiros e raizeiros. (Remanescente de Quilombo de Santana da Caatinga- 1999-2007)** Dissertação (mestrado em história – PPGH HIS) – UnB, Brasília. 2007.

SILVA, Maria Nilza da. **Nem para todos é a cidade. Segregação urbana e racial em São Paulo**. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org) HALL Stuart, WOODWARD, Kathryn **Identidade e diferença a perspectiva dos Estudos Culturais**. -Petrópolis RJ: Vozes, 2000.

SILVA, Rubens Alves da. **Performances congadeiras e atualização das tradições afro-brasileiras em Minas Gerais**. 2005. 217 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SOUZA, Laura de Mello. **Violência e práticas culturais no cotidiano de uma expedição contra quilombolas. – Minas Gerais 1769. Os quilombos e os fazendeiros da fronteira**. In: REIS, João José. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil** – São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

STORT, Eliana V.R. **Cultura, imaginação e conhecimento: a educação e a formalização da experiência**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993

SUNDFELD, Carlos Ari (Org.). **Comunidades Quilombolas: Direito a Terra**. Brasília: Fundação Cultural Palmares/Min C/ Editorial Abaré. 2002

WOODWARD, Kathrgrn. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org) HALL Stuart, WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. -Petrópolis RJ: Vozes, 2000.

WOORTMANN, Hellen. F. **O sítio camponês**. In: Anuário antropológico. 81. UFC / Tempo Brasileiro. Fortaleza/Rio de Janeiro. 1983

YI-FU, Tuan. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Líva de Oliveira – São Paulo: Difel, 1983

TEIXEIRA, João Gabriel L.C., et al (org). **Patrimônio Imaterial, performance Cultural e (re) tradicionalização**. Brasília: ICS – UnB, 2004.

TEIXEIRA, João Gabriel L.C & VIANA, Letícia C.R. **Patrimônio Imaterial, performance e identidade**. In: TEIXEIRA, João Gabriel L.C & VIANA, Letícia C.R. (organizadores). **As artes populares no Planalto Central: Performance e identidade**. Brasília: Verbis, 2010.

TURNER, Victor. **Floresta de Símbolos – aspectos do ritual Ndembu**. Tradução de Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto – Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense. 2005

_____. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana**; Tradução de Fabiano de Moraes. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

_____. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAINFAS, Ronaldo, **Dicionário do Brasil Colonial**. Objetiva LTDA. Rio de Janeiro. 2000.

SITES DA INTERNET

Imagem 3 : (Página 42): Município de Paracatu, inserido no Estado de Minas Gerais e no Brasil. Fonte: <http://www.ada.com.br/paracatu/htm/aspfisic.htm>; acesso, 20 de Janeiro de 2009.

Imagem: Localização da Mina do Morro de Ouro em Paracatu. Fonte: Disponível em <http://www.rioparacatumineracao.com.br/site/imagens/localizacao.jpg>. Acesso em 22/11/2009.

Imagem 4: (Página 42): Divisão urbana da cidade de Paracatu em bairros. O mapa permite identificar São Domingos e o Morro do Ouro. Fonte: <http://www.ada.com.br/paracatu/htm/aspfisic.htm>. Acesso, 20 de Janeiro de 2009.

Imagem 18: (Página 57): Localização da Mina do Morro de Ouro em Paracatu. Fonte: Disponível em <http://www.rioparacatumineracao.com.br/site/imagens/localizacao.jpg>. Acesso em 22/11/2009

Imagem 21: (Página 78): Mapa do Estado de Minas Gerais demonstrando o Rio Paracatu e afluentes desaguando no Rio São Francisco. Fonte: <http://www.Rio+S%A30+Francisco+%2B+Rio+Paracatu>. Acesso em 19/05/2010

Imagem 22: (Página 79): Mapa com visão mais nítida dos Estados cortados pelo Rio São Francisco. Fonte. <http://www.Rio+S%C3%A3o+Francisco+%2B+Rio+Paracatu>. Acesso em 19/05/2010.

http://Correio_Brasilense_www.correio_braziliense.com.br/cbonline/economia/pri-eco_184.htm?. Acesso em. 22/12/2009

SOIHET, Rachel. **O Drama da conquista da festa: reflexões sobre resistência indígena e circularidade cultural**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 9, 1992, p. 44-59 Disponível em <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/93.pdf>. > Acessado em 12/09/2009

FONTES DOCUMENTAIS :

Relatórios feitos pelo antropólogo Romeu Sabará - 2003
Panfletos com noticiários locais
Jornais locais
Revista Fundação Palmares (2008)
Atas de criação da Associação dos quilombolas
Jornal Correio Brasiliense
Vídeos com entrevista feitas com narradores de São Domingos

